

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

VALNEY DIAS RIGONATO



**POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO: R-EXISTÊNCIA E
(RE) HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ,
SÃO DESIDÉRIO, BA**

GOIÂNIA-GO

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: **Valney Dias Rigonato**

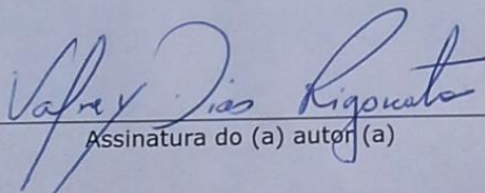
Título do trabalho:

Por uma Geografia de/em Transição: R-existência e (Re) Habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 05 / 04 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

**POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO: R-EXISTÊNCIA E
(RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ,
SÃO DESIDÉRIO, BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Orientadora: Prof. Dra. Maria Geralda de Almeida

GOIÂNIA-GO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Biblioteca da UFG

Rigonato, Valney Dias

Por uma geografia de/em transição: r-existência e (re)habitação dos
geraizeiros no médio vale do rio guará, São Desidério, BA. [manuscrito]/

Valney Dias Rigonato

Orientador: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida;

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos
Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia,
2017. p.311

Inclui siglas, lista de figuras, lista de tabelas.

Geraizeiros. 2. Cerrado. 3 Geografia de/em Transição. 4. Almeida,
Maria Geralda de. Orientadora. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DE DEFESA DA TESE DE DOUTORADO DE
VALNEY DIAS RIGONATO**

Aos seis dias do mês de maio do ano de dois mil e dezessete (2017), a partir das 09h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de VALNEY DIAS RIGONATO, intitulada **“POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO: R-EXISTÊNCIA E (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ, SÃO DESIDÉRIO, BA”**. A Banca examinadora foi composta, conforme Portaria nº 049/2017 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Prof.ª Dr.ª Maria Geralda de Almeida** (Presidente), **Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro** (membro titular interno), **Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira** (membro titular interno), **Prof. Dr. Agustín Avila Romero** (membro titular interno), **Prof.ª Dr.ª Geisa Flores Mendes** (membro titular externo) e **Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 14 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof.ª Dr.ª Maria Geralda de Almeida (Presidente) – Ass. Maria Geralda
Aprovada Reprovada ()
Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – Ass. Eguimar
Aprovada Reprovada ()
Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira – Ass. Adriano
Aprovada Reprovada ()
Prof. Dr. Agustín Avila Romero – Ass. AVILA
Aprovada Reprovada ()
Prof.ª Dr.ª Geisa Flores Mendes – Ass. Geisa
Aprovada Reprovada ()
Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza – Ass. Murilo Souza
Aprovada Reprovada ()
Resultado final: Aprovada Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim () Não

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: Recomenda-se publicar

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria.....

Aos meus pais Elson e Onice, que na sua forma camponesa de ser, motivaram-me à aventura no mundo dos estudos. E à minha companheira Isabel e ao meu filho Icaro de quem subtraí horas de convívio em favor desta tese.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu itinerário formativo, conheci várias pessoas as quais, direta e indiretamente, influenciaram-me a procurar e tentar ser um profissional melhor e uma pessoa mais humana. Essa trajetória não foi fácil, e chegar ao final da escrita da tese, trabalhando como docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia, tornou-se um desafio profissional imenso. Não teria conseguido se, nesta trajetória, faltasse-me as valiosas ajudas, conversas de incentivos de colegas, amigos (as) e companheiros (as). Desse modo, mesmo correndo o risco de cometer injustiças, esquecendo de alguns nomes, quero e preciso agradecer às pessoas e instituições que me auxiliaram neste itinerário formativo.

A todos os Geraizeiros (as) da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, especialmente, às famílias Geraizeiras do médio vale do rio Guará pelo apoio, acolhimento, contribuições e permissões para que eu pudesse analisar/traduzir um pouco da geoecologia dos seus saberes nos Cerrados baianos.

À professora e orientadora Maria Geralda de Almeida, que, desde quando a conheci, no terceiro ano do curso de Geografia, vem me influenciando positivamente na minha carreira profissional. A sua postura de professora/pesquisadora me motiva e motivará sempre a não desistir diante dos enfrentamentos da vida acadêmica e do mundo da vida. Agradeço de coração a confiança, o apoio, o incentivo em continuar no itinerário do ensino, da pesquisa e da extensão geográfica. Ao longo dessa jornada, desde a graduação, passando pelo mestrado e agora no doutorado, você, Maria Geralda, foi a minha mãe acadêmica!

Ao colega/amigo Eliseu P. Brito, da UFT - *Campus* de Araguaína pelo apoio, troca de ideias, leituras, bibliografias e parcerias estabelecidas ao longo do nosso convívio na pós-graduação.

Aos colegas de orientação e dos grupos estudos do/no LABOTER Marcos Moura, Isabela, Luana, Rosiane, Luiz Fernando, Géssyca, Leonardo, Lívia e Sara, pelos quais, devido à dedicação e carinho, tive a oportunidade de participar de várias reuniões presenciais de orientação e participar do grupo de estudo, *online* via *Skype*.

Aos colegas do Laboter: Lara Cristina, Denis Cartilho, Adriano, Eguimar, Romualdo pelas informações, oportunidades de debate, apoio e acolhimento calorosos de sempre.

Aos professores da Universidade Federal de Goiás, especialmente do IESA/UFG pelas reflexões, contribuições e fontes bibliográficas durante esse processo de doutoramento.

Ao meu amigo e geógrafo Ivonaldo Duarte, que sempre me abordou no IESA com falas acolhedoras diante do meu cansaço das viagens de ônibus entre Barreiras, Bahia e Goiânia, Goiás, durante todo esse processo de doutoramento.

Aos meus amigos geográficos Sergio Loiola, Helaine, Marcileia, Isis Lustosa, Claudia Romano, Mary Anney, que me motivaram a continuar estudando; sempre aprendi muito com eles.

Aos colegas Constâncio Machanguana, Isidro Chemane, Joana Matusse e todos de Chibuto-Moçambique, que, durante o doutorado-sanduíche, no ano de 2015, acolheram-me na realização das pesquisas e na busca pela compreensão das manifestações pós-colonialistas em seu país.

Aos colegas Mario, Gisele, José Yure, Evanildo, Ricardo, Rodrigo, Paulo, Robson, Janes, Elvis e Rúbio de Curso de Geografia da UFOB pelo apoio e convívio geográfico.

Aos colegas do Centro de Humanidades pelo apoio, incentivo e troca de experiências durante a realização dessa pesquisa; à Prudente, Anatólia, Kelly, Tiago, Cleildes, Cláudio pelos diálogos interdisciplinares sobre o século XIX no Oeste da Bahia.

Aos colegas Gilson Brandão, Flavio Dantas, Bruno e Rafael Sanches do curso de História da UFOB pelo empréstimo de livros, dicas de bibliografias relacionadas à história dos Cerrados baianos.

Ao meu amigo e colega Mario Alberto dos Santos pelo apoio nos trabalhos de campo, pelos diálogos e reflexões profundas acerca da fenomenologia, do existencialismo e da hermenêutica e, sobretudo, dos diálogos de saberes nos diversos trabalhos de campo e estágio de vivência que desenvolvemos na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

À Eumara Maciel dos Santos pelas conversas, indicação de bibliografias que tornaram muitas das minhas ideias mais evidentes nesta tese.

Aos estudantes Karla, Gércica, Rose Hermes, Bianca, Catarina, Aline pela oportunidade de apreender mais sobre a Etnogeografia, as identidades, as representações socioculturais em seus trabalhos monográficos, os quais tive o privilégio de ser orientador.

Ao colega Pablo Santos pela disponibilização dos mosaicos das imagens de satélite *Landsat* da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, que muito me auxiliaram na análise das paisagens dos Cerrados Baianos.

Aos colegas Plínio da Ascom/UFOB e a colega Wanessa pelas conversas e apoio na instalação de *software Corel Draw* para produzir parte dos produtos cartográficos desta pesquisa.

À Diandra e Tiago, estudantes da UFOB, pelos auxílios na elaboração dos mapas e produtos cartográficos.

A todos os colegas do PIBID que, mesmo sabendo que estava compromissado com a elaboração da tese, sempre apoiaram e acreditaram no meu papel de orientador do subprojeto de Geografia.

À Edite, Martin e Abner da Agência10Envolvimento pelo apoio, convites, diálogos, oportunidades e confiança, a qual possibilitou, neste itinerário de pesquisar, atuar, envolver e internalizar o mundo vivido dos Geraizeiros diante das territorialidades do agro-energias-negócios das áreas dos Cerrados baianos.

Ao colega Tássio baiano, doutor pela Unesp, pela amizade geográfica, discussões e troca de informações durante a elaboração da tese dele e da minha tese.

A toda equipe da Escola Municipal e, em especial, à diretora Jaqueline que nunca mediu esforços em nos acolher para o desenvolvimento desta tese e dos trabalhos relacionados ao projeto Saberes Ambientais no médio vale do rio Guará.

A todos os interlocutores desta pesquisa pelo apoio, conversas que me permitiram mergulhar no universo vivido do Geraizeiros e das pessoas que habitam os Cerrados baianos.

Aos meus pais que, mesmo de longe, sempre se preocuparam, cobraram e incentivaram-me a continuar estudando.

À minha irmã Vanessa, meu Cunhado Ueder e Sobrinha Kelly Vitória que, mesmo lá de Heitorai, GO, sempre me enviaram fluídos positivos para alcançar os meus propósitos.

À minha avó e madrinha Maria José Rigonato que, no seu jeito simples de ser, sempre me motivou a continuar no caminho dos estudos.

À minha comadre Mary, à Wiliam, à Ironides pelas conversas confortáveis, caronas do bairro Goiá à rodoviária de Goiânia, durante a realização das disciplinas e atividades do doutorado em Goiânia.

Ao Irone e Adriene pelos empréstimos da *internet* nas minhas estadas no Bairro Goiá para envio de materiais para o programa de Pós-Graduação e trabalhos das disciplinas.

Aos sobrinhos Yure, Yasmim, Isabela, Yohana que sempre demonstraram carinho e atenção com as minhas conversas geográficas.

Ao meu sogro Irani e sogra Terezinha que tanto me acolheram na casa deles, durante a realização dessa pós-graduação.

Sei que esqueci de várias pessoas aqui, mas todos sabem que ninguém aprende a caminhar sozinho, pois, nesse itinerário formativo, aprendi com muitas almas boas na universidade da vida. Então, aquele que ler este agradecimento e não encontrar o nome dele aqui, já sabe: você me auxiliou a trilhar o meu itinerário, portanto, continue auxiliando outras pessoas.

RESUMO

A tese busca produzir uma Geografia de/em Transição das populações subalternizadas pela modernidade do território brasileiro nos Cerrados baianos. Para isso, o diálogo empírico desenvolveu com os Geraizeiros do médio vale do rio Guará no município de São Desidério, BA. Esse grupo de Geraizeiros habita oito povoados: Ponte de Mateus, Larga, Cera, Pedras, Currais, Riacho do Fogo, Contagem e Vereda Grande. Eles estão cercados pelas territorialidades do agro-energias-negócios. Os seus territórios vividos se encontram na confluência das duas principais bacias hidrográficas e, mormente dos limítrofes do Território de Identidade da Bacia do rio Grande e do rio Corrente (BAHIA, 2016). Neste médio vale, há a presença de várias territorialidades derivadas da inserção de novos saberes, erosão da biodiversidade, disputa, grilagem e especulação de terras, novas relações de trabalho, sobretudo assalariadas, cavalgadas e inserção de novas religiões e outras. Diante disto, procurei desenvolver análise e tradução das formas de r-existência e de (re)habitação dos Geraizeiros dos Cerrados baianos tendo o apoio dos espaços de representações, as representações socioculturais, as práticas espaciais e suas territorialidades em seus territórios vividos. Assim, a metodologia foi subsidiada nos princípios das ciências humanas, especialmente da Geografia Humanista Cultural, na qual balizei as elaborações teórica/prática, da Geografia de/em Transição. Uma Geografia de interface da modernidade com a pós-modernidade apontada em Hissa (2002) ou do “estruturalismo com o pós-funcionalista” de Claval (2009), do “pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro”, Boaventura Santos (2012). E também nos procedimentos da “descrição densa” de Geertz (2008), da Etnogeografia (1999) e na pesquisa participante proposta por Brandão (1986; 2006), Thiollent (1994); Streck (2006). Cabe frisar aqui, que utilizei as orientações do guia do “Diagnostico Rural Participativo” (VERDEJO, 2006) como possibilidade de melhor descrever, interpretar e analisar a geoecologia dos saberes das paisagens vividas dos Geraizeiros nos Cerrados baianos. Em síntese, a tese revela que os Geraizeiros diante do agro-energias-negócios promovem a existência das formas de r-existência e de (re) habitação sociocultural, com base nas suas espacialidades, práticas espaciais, representações socioculturais e territorialidades próximas e distantes. Enfim, a Geografia de/em transição me permitiu adentrar nas geoecologias de saberes para a análise e tradução das imagens, signos, significados, símbolos dos lugares vividos pelos Geraizeiros baianos.

Palavras chaves: Geraizeiros, Cerrado, Geografia de/em Transição.

RESUMEN

La tesis busca producir una Geografía de/en Transición de las poblaciones subalternizadas por la modernidades del territorio brasileño en los Cerrados Baianos. Para ello, el diálogo empírico se desarrolló con los Geraizeiros del valle medio del río Guará en el municipio de San Desiderio, BA. Este grupo denominado geraizeiros habita ocho pueblos: Ponte de Mateus, Larga, Cera, Pedras, Currais, Riacho do Fogo Contagem e Vereda Grande. Están rodeados por la territorialidad de la agro-energía-negocio. Sus territorios son experimentados en la confluencia de las dos cuencas principales y en especial la identidad del vecino territorio de la cuenca del Río Bravo y el río Corriente (Bahia, 2016). En este valle hay la presencia de varias territorialidades construidas por la inserción de nuevos saberes, la erosión de la biodiversidad, las disputas, el despojo y especulación de tierras, las nuevas relaciones de trabajo, en particular las asalariadas, las cabalgatas y la inserción de nuevas religiones y otros. Teniendo en cuenta esto, he intentado desarrollar el análisis y la traducción de las formas de r-existencia y de (re) habitación del Cerrado por parte de los Geraizeiros de Bahía teniendo como apoyo para el análisis, los espacios de las representaciones, representaciones socioculturales, prácticas espaciales y la territorialidad viva en sus territorios. Por lo tanto, la metodología fue apoyada en los principios de las ciencias humanas, especialmente en la Geografía Cultural Humanista, con base en la cual propuse elaboraciones teóricas y prácticas de la Geografía de/en Transición. Una Geografía de interface de la modernidad con la pos-modernidad apuntada en Hissa (2002) o en el "estructuralismo con el post-funcionalista" de Claval (2009), el "post-colonial post-moderno y la aportación de Boaventura Santos (2012). Y también con los procedimientos de "descripción densa" de Geertz, (2008), la Etnogeografía, (1999) y la investigación participativa propuestas por Brandão (1986; 2006), Thiollent (1994); Streck (2006). Se debe enfatizar aquí que en las directrices de este trabajo de investigación utilice el "Diagnóstico Rural Participativo" – DRP - (VERDEJO, 2006) como una posibilidad para describir mejor, interpretar y analizar la geología del conocimiento de los paisajes de los Geraizeiros que viven en el Cerrado de Bahía. En resumen, la tesis muestra que los Geraizeiros antes de los agroenergéticos-negocios promueven la existencia de formas de r-existencia y la (re) habitación Sociocultural. Todo ello en función de su espacialidad, prácticas espaciales, representaciones socioculturales y de la territorialidad. De todos modos, la Geografía de/en transición me permitió entrar en los geologías de conocimiento para el análisis y la traducción de imágenes, signos, símbolos y significados de los lugares vividos por Geraizeiros de Bahía.

Palabras claves: Geraizeiros, Cerrado, Geografía de/en Transición

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ascendência dos Geraizeiros Baianos.....	27
Figura 2: Passos metodológicos básicos da Geografia de/em Transição	38
Figura 3: A) Desenvolvimento dos mapas mentais em sala de aula; B) passeio de jumento no povoado de Ponte de Mateus; C) Desenvolvimento de árvores de problemas com jovens e os professores da Escola Ovídio Francelino de Souza; D) Jovens Geraizeiros dos povoados elaborando saquinhos para o plantio de mudas nativas do Cerrado.....	41
Figura 4: Travessia com os estudantes Jovens Geraizeiros em uma vereda do rio Guará. A) Estudante artesã demonstrando como se colhe o capim dourado; B) Professora apontando para o capim de coloração adequada; C) Estudantes e professores na travessia ao lado do rego que abastece o povoado de Ponte de Mateus, São Desidério, BA.	42
Figura 5: Elaboração da cartografia falada com participação direta dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará. A) Transcrevendo as informações do grupo para o papel papelão; B) Reunião coletiva para construção do primeiro mapa falado; C) Geraizeira apontando os lugares de conflitos de Terra; D) Geraizeiros do povoado de Vereda Grande desenhando na areia do seu quintal a desterritorialização das terras de sua família no referido médio vale.....	49
Figura 6: Esquema para elaboração dos mapas mentais	50
Figura 7: Esquema representativo das relações internas e externas no campo epistemológico das ciências humanas	70
Figura 8: Os passos entre as representações e não representações da Geografia de/em Transição	78
Figura 9: A) Corredor (beco) no povoado de Larga que o interliga com a roça de rego e com o rio Guará; B) Área de banho no povoado de Currais do rio Guará; C) Vista Panorâmica do rio Guará entre veredas (Buritizais); D) Paisagem do médio vale ocupadas pelas pequenas posses dos Geraizeiros; E) Pequenas roças dos Geraizeiros nas proximidades da mata galeria do rio Guará; F) Prática do fogo controlado nas roças de rego com área de pousio às margens do rio Guará.	94
Figura 10: Extração de borracha de mangaba no início o século XX nos Cerrados baianos...	106
Figura 11: As primeiras mudanças na ocupação das paisagens pelos Geraizeiros Baianos com a modernização da agricultura	116
Figura 12: Outdoor às margens da BR-020 no distrito de Roda Velha, com destaque do agro-energias-negócios de São Desidério, BA.	125
Figura 13: A) Outdoor da Termoelétrica Bolt Energia em áreas preparada para o plantio de Eucalipto; B) Imagens do mapa da Fazenda Cerrado com o planejamento das áreas de plantio, São Desidério, BA.....	127
Figura 14: Esquema Explicativo dos Valores Socioculturais dos Cerrados Baianos	130
Figura 15: Municípios com remanescente do Cerrado sob intensa pressão de desmatamento entre 2002 a 2008	133
Figura 16: Localização das áreas de maior vulnerabilidade da água subterrânea à contaminação nos Cerrados.....	135
Figura 17: Distribuição dos pivôs Centrais nas áreas dos Cerrados baianos, ANA, 2014.....	136
Figura 18: A) B) C) Vários ângulos de visão de uma área de remanescente de Cerrado em litígio territorial entre o povoado de Currais e o povoado Pedras no médio vale do rio Guará.	140
Figura 19: A) Reserva Legal de Fazenda do Grupo Estadunidense; B) Reserva Legal da Fazenda Cerrado; C) Fazenda São Carlos ao Lado do Povoado de Ponte de Mateus; D) Condomínio de Reservas Legais em áreas dos territórios tradicionais dos Geraizeiros	142
Figura 20: Unidades das paisagens dos Cerrados baiano utilizadas pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2016.....	145

Figura 21: A) Mantega de Sucuri utilizada pelos Geraizeiros no povoado de Pedras; b) Raiz de manacá utilizada na medicina popular no povoado de Pedras; C) Árvore de barbatimão com entrecascas retiradas para medicina popular no povoado de Larga.	148
Figura 22: Ciclo do trabalho diário das famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará, 2013 - 2016.....	154
Figura 23: Trabalho e lazer dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2013-2016	156
Figura 24: A e B) Pintura rupestre na Gruta das Pedras Brilhantes, Morro dos Tapuias; C e D) Supermercado Cerrado na Praça Juarez de Souza, Centro da cidade e Comercial Cerrado, Rua Bento Alves da Neves, São Desidério, BA.	162
Figura 25: Geraizeiros nos Cerrados no médio vale do rio Guará e suas manifestações, 2016	171
Figura 26: Tríade para tradução das representações socioculturais dos cerrados baianos.....	173
Figura 27: A) Capa da Cartilha Natureza a Bordo; B) Recorte da página 04 da mesma cartilha.	175
Figura 28: Página do Jornal online Repórter Brasil com entrevista de moradores do povoado de Ponte de Mateus, São Desidério, BA	177
Figura 29: A) Cartaz de divulgação do Troféu Soja de Ouro; B) Promoção do Troféu Pequi de Ouro.....	179
Figura 30: A) Slogan da Bahia Farm Show; B) Espaço físico da feira no ano de 2016	183
Figura 31: Síntese das explicações verbais dos jovens Geraizeiros dos mapas mentais.....	194
Figura 32: Signos do passado sem a presença humana, 2014.....	195
Figura 33: Ruralidades em transformações classificadas pelos estudantes, 2014	195
Figura 34: Signos da Verticalização e urbanização classificado pelos Estudantes, 2014	196
Figura 35: Signos da industrialização das paisagens dos Cerrados no futuro, 2014.....	196
Figura 36: Signos da destruição e desertificação dos Cerrados presente e futuro, 2014.....	197
Figura 37: Signos dos lugares idílicos, preservados/conservados e sossegados classificados pelos estudantes, 2014.....	198
Figura 38: Mapas mentais dos jovens Geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério	199
Figura 39: A) Cartão da Empresa local Geraldo Belfort-Indústria e Comércio LTDA, sediada na época em Barreiras, B) Folder as SUDHEVEA (Superintência da Borracha);	207
Figura 40: Mapa mental da grilagem de terras da antiga Fazenda Vereda Grande	209
Figura 41: Croqui dos Municípios dos Territórios Próximos e Distantes dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará, 2013 a 2016.	217
Figura 42: A) O ato de fazer a barba nas águas do rio Guará; B) Lavadeiras de Roupas do povoado de Currais; C) Jovem Geraizeiros tomando banhos a tarde no rio Guará; D) Vereda com área de coleta de capim dourado nas proximidades do povoado de Ponte de Mateus.	227
Figura 43: Sala típica de uma família Geraizeira que ainda reside em casas de palha de buriti.	229
Figura 44: Momentos do percurso da “Cavalada dos Geraiseira: rasto dos tropeiros” Ponte de Mateus no ano de 2015.....	231
Figura 45: Principais elementos de r-existência e reurbanização dos Geraizeiros no baixo vale do rio Guará.....	245
Figura 46: Cartazes das Três Semanas dos Cerrados da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia	247

Figura 47: Presidente da Associação da Comunidade Geraizeira de Ponte de Mateus (COMGEPOM) em passeata ostentando os produtos do artesanato de capim dourado na 2ª Romaria do Cerrado em Correntina, BA.....	248
Figura 48: Cartaz do Encontro Regional dos Povos e Comunidades do Cerrado.....	250
Figura 49: (A). Evidência da presença de espécie macaúba um dos indicadores para os Geraizeiros abrirem uma roça de rego. E, também de drenos no plantio consorciado de mandioca, feijão, banana e cana-de-açúcar. (B). Destaque para o trabalho familiar e o plantio de milho e feijão. (C) Dreno ou rego maior feito pelos Geraizeiros tanto para drenar quanto para irrigar as lavouras de rego. (D) Conservação do buriti nas lavouras de rego.....	257
Figura 50: Calendário Agrícola dos principais produtos produzidos pelos Geraizeiros baianos, 2013 – 2016.....	260
Figura 51 Aspectos paisagísticos dos Geraizeiros no baixo vale do rio Guará. A) Cozinha típica Geraizeira no povoado de Pedras; B) Máquina de ralar mandioca feita com madeira local e com motor elétrico; C) Carro de boi com pneus de automóveis e madeira local; D) Casa de enchimento e folhas trançadas de buriti com antena parabólica no povoado de Pedras.	263
Figura 52: A) Ninhos suspensos para galinhas com ponta de talo de folha de buriti; B) Galinheiros suspensos para proteger dos animais silvestres; C) Chiqueiro para porcos com casca do caule do buriti; D) Sanitário e banheiro extra da residência cercado com folhas de buriti e bambu;.....	264

LISTA DE QUADROS

Quadro 2: Significado topônimos das localidades segundo os habitantes do médio vale do rio Guará, BA	28
---	----

Quadro 3: Registros acadêmicos das Ocorrências de Secas na região do Semiárido de 1952-1998.....	92
Quadro 4: Relatos dos Geraizeiros de melhor idade do médio vale do rio Guará, São Desidério, BA sobre o passado vivido no Médio vale do rio Guará.....	100
Quadro 5: Resultados próximos e distantes no/do território dos Cerrados baianos oriundos da ação do Estado.....	103
Quadro 6: Municipalização nas áreas dos Cerrados Baianos	105
Quadro 7: Síntese da Evolução da quantidade de propriedades rurais no São Desidério, BA e na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia de 1975 a 2006.....	111
Quadro 08: Área total desmatada por período de 2002 a 2011	132
Quadro 9: Evolução das áreas cultivadas nos Cerrados Baianos de 2002/03 a 2015/16	134
Quadro 10: Depoimento dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará sobre Grilagem de terras	144
Quadro 11: Atividades socioeconômicas da geração de renda de das famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará, 2013-2016.....	149
Quadro 12: Representações socioculturais dos imigrantes em relação aos Geraizeiros, 2013-2016.....	166
Quadro 13: Representações socioculturais dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2013 – 2016.....	166
Quadro 14: Quadro das Premiações de personalidades e ações desenvolvidas pela conservação dos Cerrados e Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia	181
Quadro 15: Esquema de tradução/análise dos mapas mentais dos estudantes Geraizeiros do médio vale do rio Guará.....	191
Quadro 16: Síntese das três constelações de signos nos mapas mentais dos estudantes Geraizeiros, 2013-2016	193
Quadro 17: Dimensões dos territórios vividos pelos Geraizeiros São Desidério, BA -2016 ..	214
Quadro 18: Quadro de materialidades da paisagem nos territórios próximos dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.....	223

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Municípios Baianos Vivenciados pelo Pesquisador entre 2011-2017	22
Mapa 2: Croqui da distribuição espacial dos aglomerados, vilas e povoados rurais na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia	23

LISTA DE SIGLAS

ABAPA – Associação Baiana dos Produtores de Algodão
ADABA- Associação dos Artesãos da Bahia
Agência 10 Envolvimento - Associação de Promoção do Desenvolvimento Solidário e Sustentável.
AIBA - Associação dos Irrigantes da Bahia
ANA- Agência Nacional de Águas
ANEEL- Agência Nacional de Energia Elétrica
BASENBANCO- Banco de Desenvolvimento do Estado da Bahia
4º BEC – 4º Batalhão de Engenharia e Construção
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
COACERAL - Cooperativa Agrícola dos cerrados do Brasil central Ltda.
CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
COTIA- Cooperativa Agrícola de Cotia
CPAC - Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado.
EBDA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FIOL- Ferrovia de Integração Oeste-Leste
GITE- Grupo de Inteligência Territorial Estratégica
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF-Instituto Brasileiro de Defesa Florestal
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPF- Integração Lavoura Pecuária Floresta
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISFAC -Instituto São Francisco de Arte e Cultura.
MMA - Ministério do Meio Ambiente
OCEPAR - Organização das Cooperativas do Paraná.
PAC- Programa de Aceleração do Crescimento
PAFEF-DF - Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal
PIB - Produto Interno Bruto.
PRODECER - Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do
RADAR S/A Propriedades Agrícolas S.A
SEMA- Secretaria do Meio Ambiente
SMS -Sistema Municipal de Saúde.
SPD - Sistema de Plantio Direto.
SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFG - Universidade Federal de Goiás
VALEC - Engenharia, Construções e Ferrovias S.A

SUMÁRIO

À GUIA DA INTRODUÇÃO: itinerários vividos.....	20
ITINERÁRIOS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA TESE	37
1. POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO	54
1.1 INTERFACES DA MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE TRANSMODERNIDADE	68
1.2 GEOECOLOGIA DE SABERES	77
1.3 ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DO LUGAR: ONTEM, HOJE E O AMANHÃ.....	83
2. OS CERRADOS BAIANOS: as espacialidades vividas nas paisagens	90
2.1 Os cerrados baianos no passado	91
2.2 OS CERRADOS BAIANOS NO PRESENTE: “estamos encurralados novamente” .	118
3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS CERRADOS	160
3.1 ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DOS CERRADOS BAIANOS	160
3.2 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS ÀS PRÁTICAS ESPACIAIS	168
3.3 OS MAPAS MENTAIS: REPRESENTAÇÕES, SIGNOS E SIGNIFICADOS	189
4. OS TERRITÓRIOS VIVIDOS E AS TERRITORIALIDADES EM REDE DOS GERAIZEIROS BAIANOS DO MEDIO VALE DO RIO GUARÁ	204
4.1 OS TERRITÓRIOS E AS TERRITORIALIDADES EM REDE DOS GERAIZEIROS	205
4.2 TERRITÓRIOS PRÓXIMOS DOS GERAIZEIROS	222
4.3 TERRITÓRIOS DISTANTES DOS GERAIZEIROS	233
5. AS R-EXISTÊNCIAS E A (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ.....	241
5.1 R-EXISTÊNCIA E (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS DIANTE DO AGRO- ENERGIAS-NEGÓCIOS.....	242
5.2 A LAVOURA DE REGO, O EXTRATIVISMO E O ARTESANATO: elementos de r- existência dos(as) geraizeiros(as).....	252
5.3 AS PRÁTICAS ESPACIAIS DE (RE) HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS.....	269
REFERÊNCIAS	288

À GUIZA DA INTRODUÇÃO: itinerários vividos

Há seis anos estou residindo em Barreiras devido a minha aprovação e convocação no concurso público para professor no Curso de Geografia do *campus* avançado ICADS/UFBA em 2008. Recentemente, a referida unidade acadêmica se transformou na Universidade Federal do Oeste da Bahia em 2013.

A escolha em fazer o concurso aqui se deu a partir da notícia e depois de uma olhada na localização no mapa do Brasil. Pensei: “lá tem muito cerrado e deve ter muitas populações ainda nessas áreas”. Entretanto, as notícias e as conversas com os colegas no âmbito apareciam apenas “lá há muito desenvolvimento”, é a região da Bahia “que mais produz riqueza”.

Diante dessas falas e dessas representações estereotipadas, confesso que conhecia o chamado “Oeste da Bahia”, mas a partir das leituras dos textos e palestras do geógrafo Rogério Haesbaert, dos livros do geógrafo Aziz Ab’Saber e das leituras do clássico livro “Geografia da Fome” do médico e geógrafo Josué de Castro. Neste livro, há uma parte muito interessante que enfatiza a importância das espécies nativas do Cerrado no equilíbrio nutricional nas bordas do semiárido nordestino.

Empiricamente, até então, tinha apenas trafegado pelas rodovias federais indo para SBPC em Salvador, no ano de 2000, para o Encontro Nacional de Geografia em João Pessoa, no ano 2002 e depois no concurso do IFBA, em 2006, em Salvador. Neste ínterim, confesso que conheci o colega Evanildo Cardoso no grupo de estudos e, cursando o doutorado no Instituto de Estudos Socioambientais, o qual me falou da nova universidade e que no futuro esta teria necessidade de professores em seu departamento de Geografia.

Além disso, recordo-me que, durante a graduação, realizava debates com o meu colega Marcondes (Baiano) do Oeste da Bahia, e tive oportunidade de ler o seu trabalho monográfico, orientado pelo professor Manuel Calaça. Nestas leituras, debates e conversas, as desigualdades sociais, as questões fundiárias e os conflitos que, inclusive assolavam a família dele e os Geraizeiros já me impressionavam nos idos anos de 2002.

Diante deste conhecimento geográfico superficial, confesso que inicialmente foi uma escolha profissional difícil, pois já estava concursado e aprovado em Goiás. Teria de ficar longe da família para buscar consolidar uma carreira profissional dentro das possibilidades colocadas pela expansão das universidades públicas pelo Reuni.

Neste momento, procurei a orientação acadêmica por meio de um e-mail¹ da professora Maria Geralda de Almeida, salientando se deveria me aventurar ou não. No outro dia, recebi uma mensagem que me encheu de coragem dizendo que “eu tinha perfil e que deveria sim tentar ser um pesquisador, pois já tinha conquistado o posto de bom professor, mas ainda tinha esse desafio no meu itinerário profissional e talvez essa seria a minha oportunidade nesta recém-criada universidade”. Destaco que esta fala e sua orientação me motivaram a trilhar esse itinerário geográfico. Pedi demissão de um Serviço Público Federal no norte de Goiás para me aventurar nas franjas dos Cerrados² baianos.

No final do verão de 2011, passei a residir em Barreiras e lecionar na Universidade Federal da Bahia. Uma experiência incrível! Trabalhar com a formação de professores e ao mesmo tempo orientar os estudantes do curso de Geografia na disciplina responsável pela organização dos trabalhos de final de curso. Inicialmente, aproveitei desta condição para ler todos os trabalhos e conhecer a realidade geográfica local e regional dos Cerrados baianos. Ao mesmo tempo iniciei as pesquisas bibliográficas, a conversar e conhecer pessoas nascidas nesta região e migrantes de diversas outras regiões do Brasil e até de outros países.

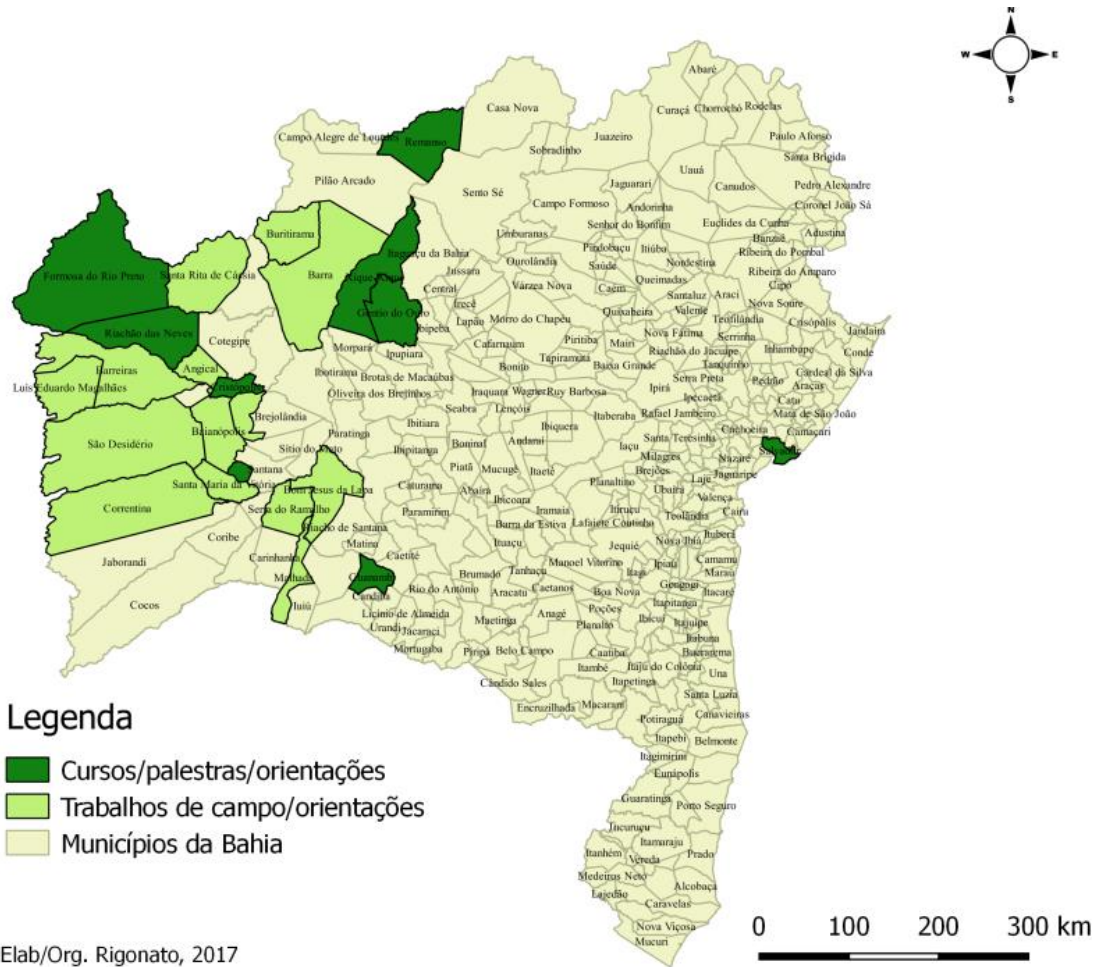
Neste período, tinha o meu colega geógrafo Marcos Mondardo, orientando do Rogério Haesbaert, que me emprestou uma cópia da tese de doutorado de seu orientador. Depois, descobri que havia um livro produzido em 1989 por Milton Santos Filho “O processo de Urbanização no Oeste Baiano”, embora fosse economista, muito me auxiliou a desvelar geograficamente os Cerrados baianos do passado e do presente.

Com essas obras, comecei a desvendar e empiricizar o passado e o presente dos Cerrados baianos. Ao mesmo tempo em que realizava leituras procurei conhecer os lugares e também a participar de trabalhos de campo com os colegas professores para descobrir empiricamente a geograficidade dos lugares.

¹ Mensagem de e-mail enviado no final de janeiro de 2011.

² Áreas com remanescentes de vegetação de Cerrado com gente (pessoas habitando-as);

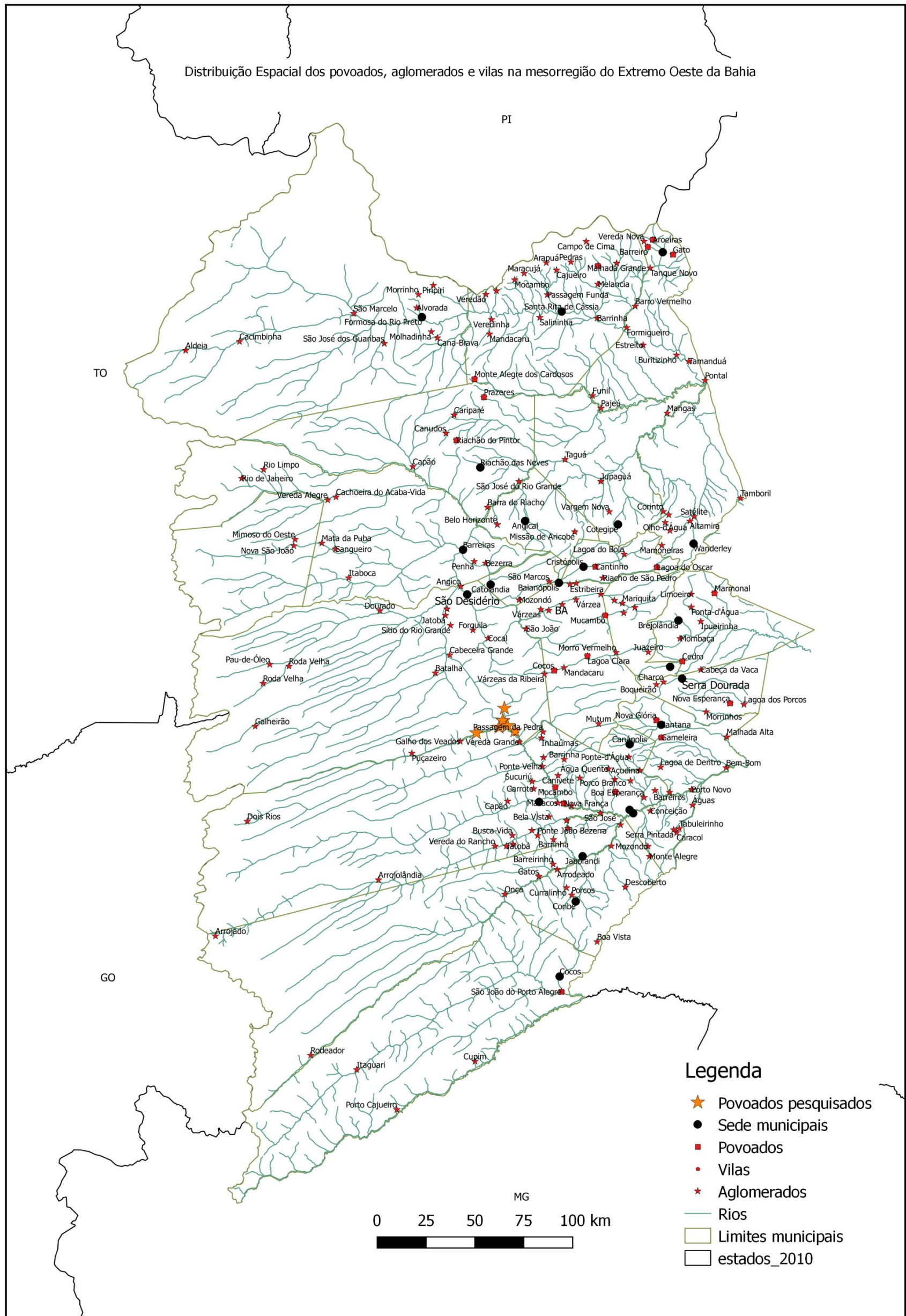
Mapa 1: Municípios Baianos Vivenciados pelo Pesquisador entre 2011-2017



Entre 2011 e 2017, tive oportunidade de orientar diversos trabalhos de conclusão de curso de Geografia. Com eles, a possibilidade de realizar trabalhos de campo em vários municípios e também de ler, conversar e debruçar junto à realidade das populações tradicionais quilombolas, indígenas e Geraizeiros nas áreas dos Cerrados e transição Cerrado/Caatinga.

Gradativamente, fui internalizando que existia Cerrados. Cerrados habitados em distritos, aglomerados rurais e diversas localidades. (Mapa 02).

Mapa 2: Distribuição espacial dos aglomerados, vilas e povoados rurais na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia



Essa presença humana com suas espacialidades, as suas territorialidades e a distribuição geográfica destes aglomerados, distritos, vilas e povoados rurais me inquietou e ainda me inquieta. Sinto angústias em relação à resistência dessas populações rurais em r-existência nos lugares e no espaço banal dos Cerrados – vales, chapadas e terraços – diante dos conflitos territoriais.

Aos poucos, posso dizer que desvendei os Cerrados das existências humanas: do jeito simples do cumprimento, da forma de pronunciar a expressão “boa tarde” somente com “Boa”, das falas curtas e precisas, do significado em tomar o café, da prática da agroecologia das roças de rego, do agroextrativismo, da persistência da medicina popular, da criação do gado a solta, das festas, do Grito das Águas, das Romarias, das Cavalgadas dos Geraizeiros, dos mutirões e do Primeiro Encontro dos Povos Geraizeiros em Formosa, BA. Enfim, os Cerrados dos lugares do acontecer solidário (SANTOS, 1996).

Estes Cerrados, diferentemente do Cerrado, no singular, que se transformou em território-símbolo do agro-energias-negócios³ é arena dos grandes investimentos, contrário daquele no plural da ausência assistida do Estado em relação às populações subalternizadas e da erosão da biodiversidade e dos saberes.

De 2011 a 2013 fiquei envolvido com essas temáticas na interface com o trabalho didático e pedagógico em sala de aula. Elas me levaram a leitura do texto do geógrafo Genilton Rocha que retrata as representações sociais da/na Amazônia pela população amazônica, também da geógrafa Salette Kozel sobre os mapas mentais e as representações socioculturais da cidade de Curitiba e das representações do sertão e do sertanejo no diálogo com os textos da geógrafa Maria Geralda de Almeida. Com base nestas leituras, nasce a possibilidade de ensinar e apreender por meio dos signos e dos significados expressos nos mapas mentais e, por sua vez, nas representações sociocultural: passado, presente e futuro.

Neste interim, mergulhei nas leituras da Geografia Cultural brasileira, nas leituras das Geografias Pós-coloniais, Outras Geografias, Neogeografias. Embora, desde o mestrado venho me dedicando nas (re)leituras da Etnogeografia (CLAVAL, 1999;

³ Devido à diversificação e presença da agricultura moderna com a inserção de projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas, de Termoeletricas e de usinas Fotovoltaicas na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, uma vez que há hibridização desses empreendimentos voltados e incorporando os negócios nas áreas de fronteiras dos Cerrados baianos.

2014, ALMEIDA; RATTS, 2003), (DIEGUES, 1996), (BOAVENTURA SANTOS, 2010) e outros.

Ao mesmo tempo, percorri diversos lugares e espaços para ministrar palestras, minicursos e cursos voltados para a formação de professores. Também meu deslocamento se deu para participar do Grito das águas em Baianópolis, da Romaria das Águas e das Terras, Encontros dos Povos dos Cerrados, encontro de Troca de Experiências Socioambientais desenvolvido pela SEMA/BAHIA. Minha espacialidade ampliou-se politicamente a partir de experiências nas assembleias nas câmeras legislativas do município de Barreiras e São Desidério. Ali, presenciei debates com temáticas relacionadas às questões sociais, econômicas, políticas ambientais e culturais dos Geraizeiros. Dessa maneira, ampliei o olhar e a minha sensibilidade geográfica com os Cerrados baianos.

Uma sensibilidade geográfica que me fez deparar quase duas décadas depois da identificação dos “aglomerados de exclusão” descritos por Rogério Haesbaert com: analfabetismo funcional, violência, grilagem de terras, desapropriações, trabalho escravo, alcoolismo e diversas outras desigualdades sociais, culturais, políticas e culturais. Mas, também resistência, negociações e emergência de ações emancipatórias apoiada pelos movimentos ambientais e sociais contemporâneos na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Nesse itinerário, essas vivências foram se consolidando com o desenvolvimento dessa sensibilidade geográfica feita “de passo a passo, com os pés nos Cerrados”. Minhas inquietações atingiram o campo profissional quando inclusive começo a questionar a minha Geografia e a Geografia que estava ensinando e fazendo!

Concomitantemente, do final de 2012 a 2013, ingresso no doutorado e essas inquietações se avolumam na tentativa de qualificar as leituras, (re)leituras, novas ideias, trabalhos de campo e, principalmente, no desafio da originalidade imposta pelas representações científicas do que venha a ser a tese.

Então, durante esses últimos quatro anos, neste doutoramento, busco trilhar itinerários (re)formativo cursando disciplinas, participando de palestras, grupo de estudo, assistindo defesas de colegas para apreender como fazer uma tese e ampliar os meus conhecimentos. Soma-se a oportunidade de fazer durante o período de um mês o doutorado sanduíche na Universidade Eduardo Mondlane em Chibuto, Moçambique trocando experiências com populações subalternas rurais.

Concomitantemente, tomei a decisão de fazer o doutorado mantendo o trabalho⁴ na Universidade Federal do Oeste da Bahia para continuar no convívio e na militância junto com as populações subalternizadas refletindo o modelo de modernização da agricultura na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, porém focado no pós-desenvolvimento dos Geraizeiros.

Neste bojo de itinerários vividos, emerge a essa proposta argumentativa de Geografia de/em Transição na discussão teórica, conceitual e, ao mesmo tempo, ideológica. Creio que ela reflete um pesquisador social que, diante desta realidade dos Cerrados baianos, começa a perceber e questionar algumas falácias científicas que povoam as mentes dos membros de nossa categoria. Citaria como principais: a) A modernização da agricultura provoca o esvaziamento do campo em todas as áreas do Cerrado; b) A maioria das nossas abordagens e discussões geográficas são no singular e não no plural; c) Modelos de representações cartográficas que pouco demonstram as pessoas, os seus habitats e seus modos de vida nestas áreas de fronteira e/ou *front* agrícola; E, por último, a necessidade de fazer Geografia que possa contribuir com a militância mais próxima do mundo da vida destas pessoas. Ou melhor, sujeitos e grupos sociais subalternizados no território brasileiro.

Em consequência disso, nasce e vai se consolidando a proposta de tese aqui proposta que diante do agro-energias-negócios há existência das formas de r-existência e de (re)habitação sociocultural dos Geraizeiros dos Cerrados baianos.

Com o meu convívio geográfico e das minhas leituras geo-histórias nestes últimos seis anos nos Cerrados baianos é possível dizer que a identidade dos Geraizeiros foi presente no campo literário e científico no início do século XX. Foi praticamente esquecida pela intelectualidade e pela Geografia baiana, porém existente na memória, nas práticas e na arte de fazer do povo dos Cerrados baianos. Talvez isso tenha ocorrido pela força das representações hegemônicas e pelo desconhecimento empírico das entranhas dos Cerrados baiano o qual é visto apenas como “celeiro agrícola da Bahia e do Brasil”, inclusive por alguns geógrafos-educadores.

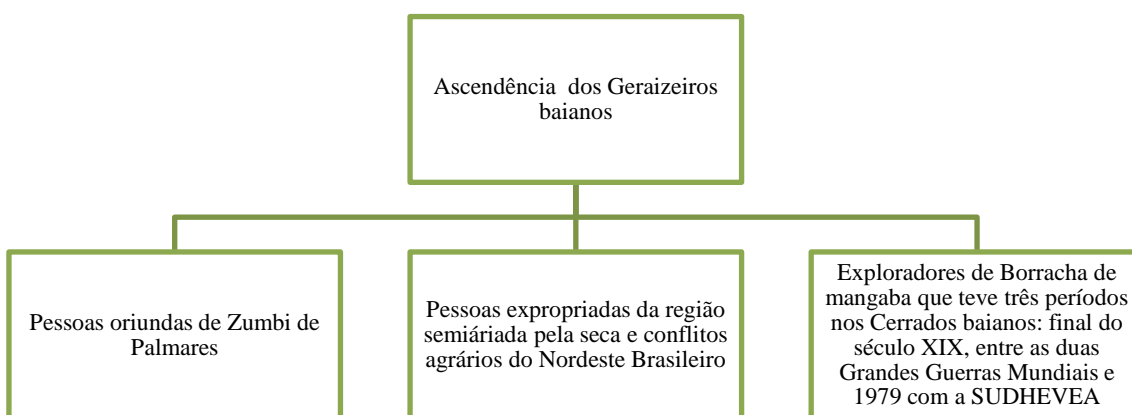
Durante os trabalhos de campo e dos estágios de vivência para esta tese, tive oportunidade de conviver com diversas famílias de Geraizeiros no médio vale do Guará em São Desidério, BA e de outros lugares, como já apontei anteriormente. Devido ao aumento dos conflitos em seus territórios vividos, a conquista da titulação da terra por

⁴ Ressalto que foi um dos maiores desafios da minha vida profissional.

comunidades quilombolas, os movimentos sociais da terra muitos passaram a se autodenominar a partir da autoassimilação de Geraizeiros(as). Ou seja, outro aspecto que pode ter contribuído para isso é a presença do apoio relacionado com suas causas pela Pastoral da Terra, pela Agência 10Envolvimento que de forma direta e indireta os auxiliam na autoassimilação.

Porém, as evidências geo-histórias revelam que eles possuem a seguinte ascendência (Figura 01).

Figura 1: Ascendência dos Geraizeiros Baianos



Fonte: Rigonato, 2013 - 2016

Essas pessoas vieram e/ou passaram habitar “as bocas dos Gerais⁵”, as áreas limítrofes entre as chapadas e os vales, porém tendo os seus territórios vividos nessas duas unidades geocológicas das paisagens dos Cerrados. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, em consonância com as narrativas orais mais convincentes, foram aparecendo nas entrevistas e rodas de diálogos: “eu sou Geraizeiros”.

A população jovem ainda demonstra receio em dizer “eu sou Geraizeiro(a)”. Embora já concordem e alguns até estejam envolvidos com os projetos do Centro de Referência do Cerrado no povoado rural de Ponte de Mateus, no referido vale do rio Guará. Com outras palavras, afirmo que é uma identidade em r-existência que brota diante dos conflitos territórios, das ameaças de minimização dos bens naturais, da

⁵ Áreas que geralmente ficam abaixo das escarpas erosivas que dividem as chapadas que se estendem até a Serra Geral na divisa do estado de Goiás e Tocantins com os vales dos afluentes da margem oeste do rio São Francisco.

erosão dos saberes, da reinvenção das tradições e práticas espaciais, da ressignificação dos seus modos vida e dos cuidados e das ações dos movimentos sociais/ambientais. Também da influência dos projetos de pesquisa e extensão de um pequeno grupo de pesquisadores/professores da Universidade Federal do Oeste da Bahia, da Universidade do Estado da Bahia e do Instituto Federal da Bahia.

Desse modo, posso afirmar, nesta tese, que os Geraizeiros baianos são grupos socioculturais que reexistem ao processo de uso e ocupação pela modernização da agricultura nos Cerrados baianos no século XX, nestes dezessete anos do século XXI. Atualmente, eles habitam os inúmeros distritos, aglomerados e localidades rurais com compartilhamento de práticas “rurbanas”. Eles ainda desenvolvem agricultura de rego, elaboram artesanato e, por serem conhecedores da geocologia de saberes da biodiversidade dos Cerrados, as utilizam para a medicina popular, no agroextrativismo e na alimentação. Além disso, são beneficiados pelos programas de assistência social - Bolsa Família -, Água para Todos, e estão inseridos nos subempregos⁶ ligados à agropecuária local e/ou em outras áreas dos Cerrados.

Aqui, é importante ressaltar que o seu envolvimento com os lugares vividos, que compõem também os seus territórios vividos, são expressos até nos topônimos dos aglomerados rurais e localidades, conforme quadro 01 a seguir:

Quadro 1: Significado dos topônimos das localidades segundo os habitantes do médio vale do rio Guará, BA

Localidades	Significados das Toponímias para os habitantes Geraizeiros desses povoados no médio vale do rio Guará
Cera	Lugar que tinha muito mel de abelha. Sendo um alimento natural muito utilizado pelos habitantes do passado e do presente.
Vereda Grande	Uma grande vereda com presença de água durante todo o ano.
Larga	Áreas extensas de brejos com muita presença de buritis e lugar de passagem para outros lugares.
Contagem	Lugar de passagem do gado onde os Geraizeiros as contavam a quantidade de gado no passado.
Currais	Antigo curral que era construído com cordas ou fibras das árvores do Cerrado para pouso do gado e dos boiadeiros nas antigas estradas de gado que interligavam com Correntina –

⁶ Exceto os que trabalham em contrato temporário nos empregos gerados pela própria prefeitura em São Desidério. A maior ocorrência de empregos são para catar raízes, para doméstica e para trabalhos relacionados a cozinhar nas fazendas dos grandes projetos agropecuários na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, como será melhor detalhando no decorrer da tese.

	BA e Santana-BA;
Riacho do Fogo	Lugar que o fogo do Cerrado não conseguia ultrapassar o rio Guará.
Pedras	Localidade com ocorrência de cascalho, solo pobre e mais quente.
Ponte de Mateus	Referência à antiga ponte da estrada dos boiadeiros que ficava dentro da fazenda do Sr. Mateus (antigo morador dessa região).

Fonte: Rigonato, 2014, 2015 e 2016.

De forma geral, estes povoados são habitados por esses grupos sociais que reexistem ao processo de uso e ocupação pela modernização da agricultura nos Cerrados baianos nas últimas cinco décadas. Além disso, os (re)habitam constantemente diante das contradições do agro-energias-negócios.

Ao longo do desenvolvimento desta tese, as evidências geo-históricas revelam que eles são de ascendência da região semiárida brasileira que vieram e passaram a habitar “as bocas dos Gerais⁷” no início do século XIX, como já demostrei na figura 01. Geralmente, formado por populações negras e mestiça oriundas de Palmares, das sucessivas secas do Nordeste brasileiro e populações migrantes que vieram explorar o látex da mangaba dos Cerrados.

Os Geraizeiros, de acordo com o Decreto nº 13.247/2011, são Povos e Comunidades Tradicionais como:

[...] grupos culturalmente diferenciados que ocupam e/ou reivindicam seus Territórios Tradicionais, de forma permanente ou temporária, tendo como referência sua ancestralidade e reconhecendo-se a partir de seu pertencimento baseado na identidade étnica e na auto definição. Eles também conservam suas próprias instituições sociais, econômicas, culturais e políticas, línguas específicas e relação coletiva com o meio ambiente, que são determinantes na preservação e manutenção de seu patrimônio material e imaterial, através da sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando práticas, inovações e conhecimentos gerados e transmitidos pela tradição.

Neste início do século XXI, as populações que habitam os Cerrados vivem experiências de identificação, autoidentificação e autoassimilação das chamadas populações tradicionais que veem constituídas as múltiplas identidades no contexto das

⁷ Áreas que geralmente ficam abaixo das escarpas erosivas que dividem as chapadas, estendendo-se até a Serra Geral na divisa do estado de Goiás e Tocantins, com os vales dos afluentes da margem Oeste do rio São Francisco.

fronteiras da modernização da agricultura no território brasileiro. A identificação é quando os sujeitos do grupo se identificam e revelam em suas narrativas ou quando os outros sujeitos os identificam Geraizeiros. A autoidentificação ocorre quando a maioria do grupo se autodenomina e luta pelos seus direitos e deveres territoriais. Já a autoassimilação, é quando os sujeitos passam a assimilar na autoidentificação de outros grupos sociais que assumem uma identidade.

Ao observar os Cerrados contemporâneos, percebe-se que há a emergência da pluralidade de identidades: Geraizeiros e/ou Cerradeiros, Sertanejos, Quebradeiras de coco, Areeiros, Vazanteiros ou barranqueiros e outros. Além dos povos indígenas e quilombolas.

A proposta da Geografia de/em Transição, aqui nesta tese, é pensar, entre outras coisas, o desaparecimento das categorias no singulares e genéricas da modernidade científica: o campesinato. E, a emergência das identidades em mobilidade para garantir a condição sertaneja e/ou social camponesa plural no território brasileiro.

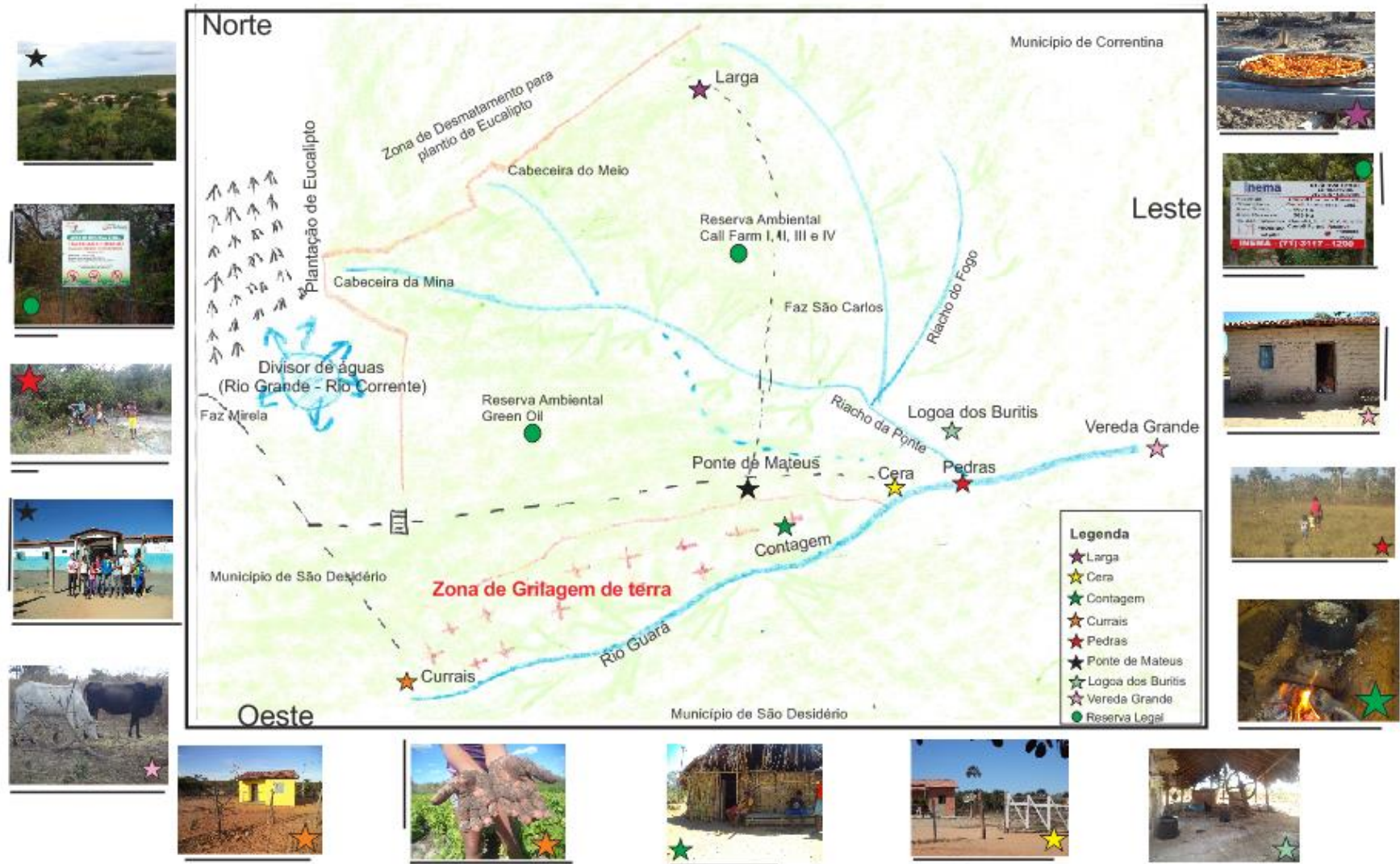
No caso específico dos Geraizeiros baianos, a autoidentificação e/ou autoassimilação ocorre no contexto de degradação das paisagens naturais, da redução dos seus territórios vividos pela grilagem de terras e aumento dos conflitos territoriais ocasionados pela diversificação da modernização da agricultura nos Cerrados baianos.

Neste contexto, nota-se, no médio vale do rio Guará, que os Geraizeiros estão em plena transformação dos seus modos de vida pela influência da modernidade nos Cerrados baianos. Eles passaram a viver em povoados, estreitaram os laços de coesão e de solidariedade nos povoados deste referido vale. Entretanto, suas identidades coletivas de “Geraizeiros baianos” são “redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada, assinalando que as unidades sociais em jogo podem ser interpretadas como unidades de mobilização” (A.W. ALMEIDA, 2004, p. 10). O mesmo autor colabora com os propósitos da Geografia de/em Transição ao afirmar que há emergência de categorias, identidades culturais específicas como as dos Geraizeiros, que ficaram adormecidas nas últimas décadas do século XX, devido à violência, invisibilidade e expropriação dos seus territórios tradicionais, tornam-se testemunho da diversidade do campesinato brasileiro.

Para análise/tradução, a tese aqui proposta é da existência de formas de re-existência e (re)habitação dialoga com a realidade empírica vivida pela Geraizeiros que habitam a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. O recorte espacial é o médio vale do

rio Guará, pois integra oito povoados/comunidades rurais com populaes Geraizeiras, que desenvolvem extrativismo, artesanato, medicina popular e culinária local mas, também estão entremeadas de conflitos devido  expansão do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos, conforme demonstra o Mapa 03.

Mapa 03: Mapa Falado pelos Geraizeiros do Médio Vale do rio Guará, São Desidério, Bahia, 2015



Ao longo desta tese, há o esforço em realizar uma análise/tradução dos Geraizeiros como eles foram, são e almejam ser no futuro dos Cerrados. Em virtude disto, busquei analisar as espacialidades, as práticas espaciais, as suas territorialidades e também os signos de suas representações, imaginário e as imaginações geográficas (MASSEY, 2009).

Os Geraizeiros do médio vale do rio Guará no Município de São Desidério, BA demonstram que, no seio do seu modo de vida, há elementos de r-existência de (re)habitação sociocultural. Isso, diante das pressões sociais, políticas, ambientais e econômicas oriundas da modernização da agricultura, conectando seus lugares, paisagens e territórios vividos, tais como: grilagem de terras, áreas de remanescentes de Cerrados comercializadas para reserva particular das grandes fazendas produtoras de grãos na mesorregião do Extremo Oeste Baiano. Também, por já demonstrarem iniciativas de valorizar os seus saberes socioculturais, suas práticas espaciais com a implementação do primeiro Centro de Referência dos Cerrados.

A saber, os questionamentos que nortearam esta tese foram:

Há, no processo de r-existência dos Geraizeiros, nas paisagens, nos lugares e nos territórios vividos, “imagens desestabilizadoras”, conforme Boaventura Santos (2010)? E essas imagens no campo representacional discutido pela teoria da modernidade ocidental levam essas populações e, especialmente, os jovens Geraizeiros a sub-representar, a sub-codificar o passado, a ressignificações dos valores socioculturais do presente (hoje) e a projetar no futuro (amanhã) enquanto “o fatalismo do futuro”.

Diante deste contexto, há a questão central que auxiliou a caminhar os itinerários desta tese: como as práticas espaciais, as representações socioculturais e as territorialidades dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará emergem face às territorialidades do agro-energias-negócios?

Frente a essa problemática, busquei outros questionamentos que foram balizadores para trilhar esta tese:

- a) De que maneira as práticas espaciais, as representações socioculturais dos Geraizeiros dos Cerrados baianos influenciam a r-existência espacial do modelo de modernização da agricultura nos Cerrados baianos?
- b) De que maneira os Geraizeiros baianos projetam suas territorialidades diante

do agro-energias-negócios?

- c) Quais são as práticas espaciais dos Geraizeiros baianos no médio vale do rio Guará nos Cerrados – passado-presente-futuro?
- d) O extrativismo, o artesanato e a medicina popular colaboram para o processo de r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará?

Assim, a tese buscou analisar/traduzir as formas de r-existência e de (re)habitação sociocultural dos Geraizeiros dos Cerrados baianos diante do agro-energias-negócios com base nas suas espacialidades, práticas espaciais, representações socioculturais e nas territorialidades próximas e distantes.

A tese conclui que, diante do agro-energias-negócios, há a existência das formas de r-existência e de (re)habitação sociocultural dos Geraizeiros dos Cerrados baianos com base nas suas espacialidades, práticas espaciais, representações socioculturais e territorialidades próximas e distantes.

Para análise e tradução, acompanhei os itinerários metodológicos que serão descritos a seguir e apontados no corpo do texto da tese. Dessa forma, o plano de redação desta tese foi organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, **Por uma Geografia de/em Transição**, realizam-se as reflexões teóricas e metodológicas de forma contextualizada com as transformações dos pressupostos teóricos da Geografia mundial e brasileira. Para isso, realizei leituras de geógrafos, filósofos e cientistas sociais que demonstraram preocupações com a virada espacial nas ciências humanas, em especial na Geografia. Em virtude disso, elaborei, apresento e sigo a proposta da geoecologia de saberes para as pesquisas voltadas para populações tradicionais no contexto contemporâneo dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, município de São Desidério, BA. No final deste capítulo, ainda dialoga com as noções de temporalidades e espacialidades integradas nas paisagens, lugares e territórios vividos pelos Geraizeiros. Espacialidades e temporalidades fluídas e não ancoradas, apenas enraizadas.

No segundo capítulo, **Os Cerrados baianos: as espacialidades vividas nas paisagens**, busco analisar e traduzir o processo de uso e ocupação dos Cerrados baianos – passado e presente contextualizando-os com as espacialidades vividas dos Geraizeiros da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, principalmente, com os Geraizeiros do

médio vale do rio Guará. O recorte espacial é múltiplo e fluido: presente, passado e futuro. Aqui, o futuro foi deslocado no plano redacional para as considerações finais devido a importância de suas imaginações geográficas para pensar as espacialidades em constante transição. Para isso, valorizei os relatos dos interlocutores com suas imaginações geográficas dos Cerrados. Neste capítulo, contextualizo o cercamento territorial que os Geraizeiros tiveram com a chegada das cercas das fazendas produtoras de soja na década de 1980 e 1990, e o cercamento dos fundos dos vales e veredas depois do Novo Código Florestal pelas reservas ambientais dos condomínios rurais⁸ neste século XXI. Por último, demonstro que há redefinição do modo de vida dos Geraizeiros diante destes cercamentos com o início da monetarização das relações de trabalho, ressignificação dos valores socioculturais dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

No terceiro capítulo, **As Representações Socioculturais dos Cerrados**, são situadas representações socioculturais dos Geraizeiros dos Cerrados baiano com base em diversos autores. Foram discutidas as representações e os espaços de representações socioculturais com foco na interpretação dos mapas mentais dos adolescentes/jovens que habitam os Cerrados baianos, conforme Lefebvre (2006) e Kozel, (2002, 2008, 2013). Além disso, apresenta as contribuições das “não-representações” (THRIFT, 2008), as quais as espacialidades e as temporalidades expressas no campo representacional constituem signos, práticas e performances nas paisagens, lugares e territórios vividos nos Cerrados do Oeste da Bahia.

No quarto capítulo, **Os territórios e as territorialidades em rede dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará**, discute-se os conceitos de território e territorialidade em rede com base na Geografia de/em Transição. Assim, elucidar, a partir das práticas socioculturais dessas populações rurais, as forças dos lugares e das ações diante das territorialidades da modernização da agricultura. Identificar essas ações de sociabilidade, as relações de poder das instituições nos povoados rurais que consolidam a r-existência e a (re)habitação nos Cerrados baianos. Para isso, retoma o conceito de territorialidades próximas e distantes (RIGONATO, 2005; ALMEIDA, 2009), devido à importância delas para análise e tradução a constelação das relações de poder no campo das áreas dos Cerrados face da multiplicidade de mobilidades que são submetidas nas ruralidades contemporâneas. Finaliza-se com as territorialidades vividas próximas e distantes pelos Geraizeiros diante das territorialidades do agro-energias-

⁸ Grande área de cultivo agrícola de um grupo de pessoas físicas e/ou empresas que são proprietárias ou arrendatárias da terra nas áreas dos Cerrados

negócios dos Cerrados baianos.

No último capítulo, **As r-existências e a (re)habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará**, retomo as discussões dos demais capítulos com o propósito de elucidar a tese a qual as representações, as práticas e os seus signos nas paisagens, lugares e territórios vividos estão sob metamorfoses, interações e intercâmbios com as práticas, as imagens, as ideologias e os simbolismos da modernização da agricultura nos Cerrados baianos. Estas demonstram que materializam nas paisagens, nos lugares e nos territórios vividos repletos de práticas espaciais de r-existência que lhes possibilitam ressignificar o seu modo de vida entre territorialidades próximas e distantes (re)habitando os Cerrados baianos.

Em síntese, as práticas socioculturais, os símbolos, signos e significados do presente sobre forte pressão das representações hegemônicas do agro-energias-negócios na mesorregião do Oeste da Bahia, ao invés de (des)territorializar potencializa as populações rurais a congregar o sentido de comunidade (BAUMAM, 2003; CASTELLS, 2008) em suas espacialidades múltiplas no agroextrativismo, no artesanato e da agricultura familiar, principalmente, da agricultura de rego nas veredas à (re)criação de ações, em redes de relações de poder que (re)habitam os Cerrados baianos.

ITINERÁRIOS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA TESE⁹

Os itinerários da pesquisa foram muitos e diversos. Mas, todos buscaram subsídios nas vivências com os Geraizeiros no médio vale do rio Guará e na Geografia Humanista de abordagem cultural. Obviamente que essa concepção avançou para além daquela apresentada por Gomes (2000). Atualmente, abordagem valoriza o humano nas suas objetividades e, principalmente, suas subjetividades pelas representações socioculturais, suas fantasias, seus anseios e relações com os lugares e territórios vividos.

Esta tese trilhou as abordagens da Etnogeografia (CLAVAL 1999, 2014) na elaboração dos itinerários dessa proposta de Geografia de/em Transição. Para o mesmo autor:

O método etnogeográfico reconstitui primeiramente a percepção que os homens têm do mundo, aprofunda aquilo que pode explorar e para nos valores que norteiam sua ação. O espaço que modelam reflete em parte estes dados simples. Mas é preciso preservar-se da ingenuidade. As convicções, os valores e as aspirações habitualmente não se traduzem diretamente no espaço, isto é verdade para os países desenvolvidos como também para as sociedades tradicionais (CLAVAL, 1999, p. 72)

Juntamente com esse entendimento, utilizei nos itinerários desta proposta de Geografia de/em Transição, os princípios da descrição densa (*thick description*) (GEERTZ, 1989). Para isso, caminhei passo a passo apoiado na pesquisa-ação-participativa (BRANDÃO, 1986, 2006; THIOLENT, 1994), como forma de pesquisa participante, na qual busquei me inserir na trama espacial dos Geraizeiros nos Cerrados baianos, principalmente do médio vale do rio Guará. Para isso, apoiei-me nas técnicas do Diagnóstico Rural Participativo - DRP¹⁰ (VERDEJO, 2006; SOUZA & PESSOA, 2009).

O Diagnóstico Rural Participativo foi utilizado no apoio nas atividades de campo, na interação com os Geraizeiros e também como possibilidade de melhorar a sistematização gráfica dos resultados, dos produtos cartográficos da descrição densa a

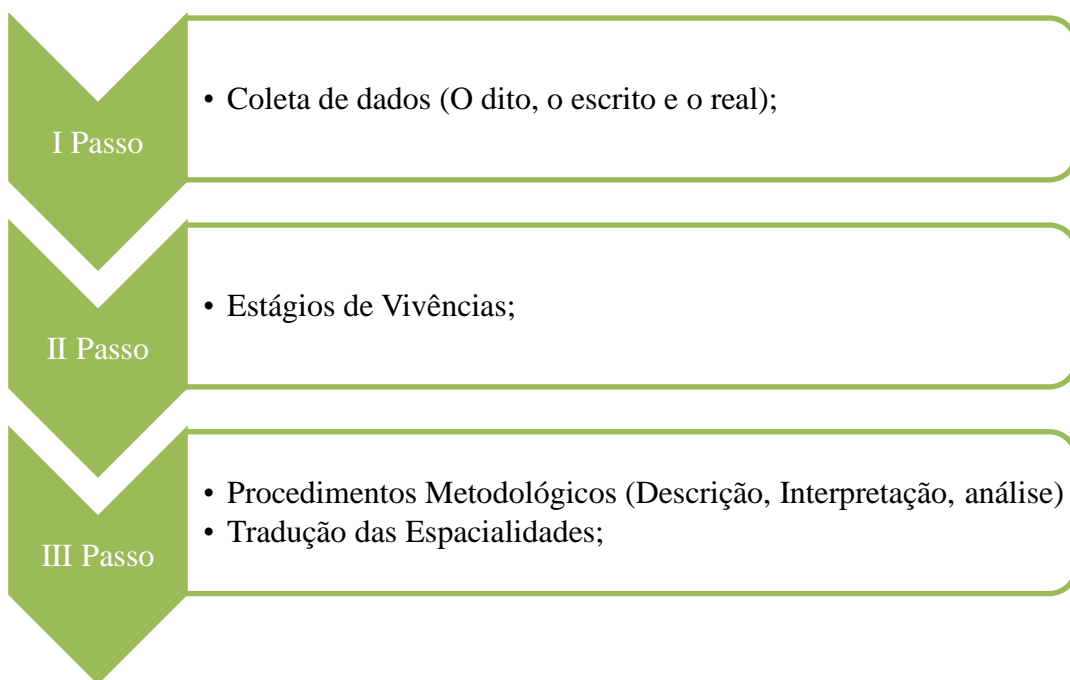
⁹ Esta pesquisa encontra-se dentro da legalidade dos direitos autorais da UFG. Também possui os direitos autorais e de imagem já legalizados pela Secretaria do Meio Ambiente - SEMA/BA, devido ao projeto “Saberes Ambientais” desenvolvido sob minha coordenação pedagógica.

¹⁰ Destaco aqui a importância do meu doutorado Sanduíche na Universidade Eduardo Mondlane na Escola Superior de Negócios e Empreendedorismos de Chibuto, para o meu aprimoramento e troca de saberes com o Diagnóstico Rural Participativo – DRP. As experiências consolidadas geraram o livro “Aprendizado Participativo em Chibuto-Gaza”, em 2016, e foram convocadas para o diagnóstico da realidade vivida dos Geraizeiros baianos.

partir da inserção da pesquisa-ação-participativa junto com as práticas espaciais dos Geraizeiros baianos, no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA. Ressalto que essa combinação de procedimentos metodológicos foi importante para inter-relacionar com a geocologia de saberes dos Geraizeiros, que será apresentada no primeiro capítulo desta tese.

Os procedimentos metodológicos que me guiaram foram os seguintes itinerários e/ou passos (**Figura 2**):

Figura 2: Passos metodológicos básicos da Geografia de/em Transição¹¹



Organização: Rigonato, 2016

Para auxiliar esses meus três passos, busquei desenvolver diversos itinerários metodológicos, alguns já mencionados na figura: levantamento bibliográfico, estágios de vivências, observações participantes, travessias, trabalhos de campo (reuniões/conversas informais), diagnóstico sociocultural, registro fotográfico e elaboração de mapas falados e mentais. Além disso, envolvi-me com os diversos contextos vividos dos Geraizeiros, principalmente, nos movimentos sociais e ambientais os quais eles participam e/ou são representados.

Houve momentos da pesquisa em que precisei acompanhar diretamente os Geraizeiros nas suas rotinas diárias, pousar em suas residências, capinar, ajudar na

¹¹ Tais passos serão mais bem discutidos no Capítulo 01.

coleta de frutos, cavalgar de jumento e/ou andar de motocicleta nas estradas de areia e banhar no rio Guará. Em muitas dessas situações, tive de me colocar na condição de aprendiz. Diante disso, não foram poucas as vezes que eu tive de solicitar: “Por favor, me explique como é mesmo? Desculpe-me por alguma pergunta boba!”

Dentre vários elementos do modo de vida dos Geraizeiros, o que me chamou muito a atenção foi a sua interação nas paisagens dos Cerrados baianos e sua estrutura da linguagem oral. Eles possuem uma comunicação baseada em tópicos frasais curtos e precisos.

Aos poucos, fui adentrando aos itinerários de vida, as suas trajetórias, suas representações socioculturais e práticas espaciais. Como enfatiza Brandão (2006, p 13):

Além disso, a trama faz com que se valorize a individualidade e a subjetividade, mas ao mesmo tempo faz lembrar que o indivíduo não existe por si e nem para si. Ele é sempre o resultado de outras tramas; da complexa inter-relação entre o passado, o futuro e o presente; da confluência de conhecimentos, sonhos e condições históricas. Mas, ele é também um fio único e importante nesta imensa trama que é a sociedade, a história, o saber, enfim, a vida.

Diante desse entendimento, nos itinerários metodológicos centrei-me na análise e tradução das espacialidades e territorialidades das vidas dos Geraizeiros no seu encontro/desencontro com as lógicas e territorialidades do capital nos Cerrados baianos. Assim, as imagens, os signos, os símbolos, os discursos foram incorporados como janelas transparentes. Janelas que não ofuscaram a interação entre o conhecimento científico e a geoeologia de saberes, mas que me auxiliaram a analisar e traduzir os seus modos de vida como “um fluxo que une passado, presente e futuro”, conforme Ploeg (2014, p. 8).

Para melhor desenvolvimento desta tese, adotei os seguintes itinerários:

Itinerário 01: Levantamentos bibliográficos

O levantamento bibliográfico teve início bem antes desta tese: na graduação com os livros *Geografia da Fome*, de Josué de Castro, *Homem e a Terra*, de Manuel Correia de Andrade e a tese de doutorado de Rogério Haesbaert da Costa, *Gaúchos no Nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade*, aprofundi-me no processo

de estudo para o concurso público, que participei como candidato a uma vaga a professor efetivo no ICADS/UFBA em 2009. Fui aprovado.

Depois, já em 2011, quando iniciei a minha atividade docente fui me deparando com outras fontes: o livro do Milton Santos Filho *O processo de Urbanização no Oeste Baiano* e o mais recente livro de Clovis Silva *Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do Além São Francisco*, publicado em 2012, diversas teses e artigos. Dentre eles, um texto do renomado do geógrafo Pedro Pinchas Geiger *Excursão ao Jalapão*: trechos de um relatório inédito, publicado em 2014.

Também me aventurei na literatura de Ozório de Castro e Guimarães Rosa. Ela sempre foi um apoio para amansar a palavra e equilibrar o meu olhar em relação as representações socioculturais e as práticas espaciais socioculturais dos Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, principalmente no médio vale do rio Guará.

Além dessas bibliografias, debrucei-me nos horizontes fenomenológicos, nas leituras pós-colonialistas e nas leituras de artigos e livros atualizados nas áreas das Ciências Humanas e, especialmente de Geografia

Itinerário 02: Estágios de vivências nos Povoados do médio vale do rio Guará

Entre 2013 a 2016, desenvolvi três estágios de vivência¹² no médio vale do rio Guará. Os estágios de vivências tiveram como princípio observar, inserir e participar das práticas espaciais dos Geraizeiros. Nesta tese, os estágios de vivência possuem a especificidade de participar e acompanha-los em suas práticas espaciais: capinar as roças de rego, a coleta do capim dourado, fazer farinha e coletas de plantas medicinais¹³.

Itinerário 03: Observação participante

¹² Fiquei de dois a três dias em cada estágio de vivência.

¹³ Destaco que essa participação foi efêmera em algumas atividades cotidianas. Mas, suficientes para romper com as barreiras simbólicas entre o pesquisador e os sujeitos locais. A título de exemplo: ao pegar a enxada e capinar durante uma hora no povoado de Currais, sentir novamente o que é capinar mas, também eles começaram a me considerar uma pessoa igual a eles. Com isso, passamos o final de uma tarde trabalhando, trocando experiências e os Geraizeiros contando histórias de como era, como é, e um prognóstico para o que será o povoado de Currais.

Foi considerado um dos momentos mais importante das atividades dos trabalhos campo, dos estágios de vivência e da elaboração dos mapas mentais e falados (Figura 03).

A observação participante, sendo uma das modalidades da pesquisa-ação-participante “[...] pode contribuir para a reinvenção do espaço acadêmico, propiciando para que a construção do saber se dê num espaço multifacetado de troca, de partilha e de negociação cultural” (BRANDÃO, 2008, p. 18).

Outro momento da pesquisa muito importante foi a observação participante, a elaboração dos mapas mentais juntos com os estudantes, a mediação do mapa falado da comunidade, esta me fazendo de transcritor das informações, uma vez que os Geraizeiros me disseram: “Vamos falar, mas você passa para o papel aí”. Desse modo, a observação participante esteve presente em quase todos os itinerários aqui descritos e, portanto, demonstrou essencial para a interação com as práticas espaciais vividas pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

Figura 3: A) Desenvolvimento dos mapas mentais em sala de aula; B) passeio de jumento no povoado de Ponte de Mateus; C) Desenvolvimento de árvores de problemas com jovens e os professores da Escola Ovídio Francelino de Souza; D) Jovens Geraizeiros dos povoados elaborando saquinhos para o plantio de mudas nativas do Cerrado.



Itinerário 04: As travessias (caminhadas transversais) nos povoados do médio vale do rio Guará

As travessias são instrumentos metodológicos do DRP. Elas foram nesta pesquisa momentos singulares ao longo da elaboração da tese. Realizei a travessia com o grupo de jovens estudantes Geraizeiros com apoio dos professores(as) da escola Municipal Francelino e também sujeitos e grupos de Geraizeiros nos quintais, nas roças de rego, nas áreas limítrofes de suas propriedades. Como bem apontam Souza e Pessoa (2009 p. 213): “[...] a técnica permite a aproximação dos conhecimentos científicos do pesquisador e os conhecimentos histórico-geográficos da comunidade investigada”.

As travessias revelaram elementos do espaço vivido, percebido e concebido (LEFEBVRE, 2016) que foram essenciais para a tradução/análise dos signos contidos nos mapas mentais, elaborados por esse grupo.

Elas permitiram adentrar mais na dimensão sociocultural vivida dos Geraizeiros e me proporcionaram a análise e tradução das suas práticas espaciais nos Cerrados baianos (Figura 04).

Figura 4: Travessia com os estudantes Jovens Geraizeiros em uma vereda do rio Guará. A) Estudante artesã demonstrando como se colhe o capim dourado; B) Professora apontando para o capim de coloração adequada; C) Estudantes e professores na travessia ao lado do rego que abastece o povoado de Ponte de Mateus, São Desidério, BA.



Fonte: Travessias, 2015-2016 Organizador: Rigonato, 2016

Durante o percurso, foi possível perceber a simbiose deles com essa paisagem ao relatarem saberes relacionados à ocorrência, ao período de floração e coleta do capim dourado. Também demonstraram consciência das causas da degradação ambiental ocasionada pela expansão da modernização da agricultura no referido vale.

Além disso, eles reconhecem que entre eles há pessoas que já não sabem utilizar o fogo controlado nas veredas, provocando indignação local em relação às possibilidades de preservação e conservação do patrimônio. A maior preocupação deles está relacionada à eliminação dos bens naturais: água, vegetação e solos nos últimos anos no referido vale e, no município de São Desidério, BA.

Assim, a travessia tornou-se literalmente de troca de saberes, uma vez que eles apresentaram os seus saberes do espaço vivido e eu apresentava os saberes científicos das fitofisionomias e as imagens de satélite do *Google Earth* na tela do *notebook*. Essa interação de saberes ultrapassa as barreiras das pesquisas tradicionais com novas formas de relações entre sujeitos/objetos para de fato aproximar da inter-relação entre sujeito e objeto.

Desse modo, afirmo que a travessia e/ou caminhada transversal foi uma técnica de pesquisa didática singular que me permitiu dialogar com os Geraizeiros de forma contextualiza no médio vale do rio Guará. Nelas, tivemos várias trocas de saberes os quais me auxiliaram a analisar/traduzir a vida deles nas unidades geológicas de paisagens vividas nos Cerrados. Além disso, ela proporcionou momento de interação os quais os Geraizeiros revelaram os seus saberes espaciais no médio vale do rio Guará diante do *front* do agro-energias-negócios.

Itinerário 05: As entrevistas abertas (semi-estruturadas)

O propósito foi se constituído com o desenrolar dos diálogos junto com os sujeitos locais: Geraizeiros, fazendeiros, representantes de ONGs, representante da secretaria da agricultura, do setor financeiro e outras instituições. Destaco que sempre busquei revelar os objetivos da pesquisa em questão. Mas, também na valorização das frases, gestos e convívios.

Ao longo do desenvolvimento da tese não tive dificuldade em entrevistar e conversar com os interlocutores. Tal fato deve-se também ao fato de residir na

mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e me apresentar como professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia e também doutorando.

Em virtude disso, a dificuldade em realizar as entrevistas foi apenas com os representantes das fazendas limítrofes dos povoados do médio vale do rio Guará. A negação ocorreu, principalmente, da fazenda Cerrado da Bolt Energias. Entretanto, ressalto que consegui apenas uma conversa informal com um dos subgerentes¹⁴ de gestão da empresa gestora do plantio de eucalipto, no final do ano de 2015.

Ao longo das entrevistas, sempre ouvi a família, observei as relações entre gênero, o seu *habitat* nas paisagens dos Cerrados. Houve muitas conversas informais, descontraídas pelas manhãs, tardes e início das noites nos povoados daquele vale do rio Guará com as famílias Geraizeiras. Destaco que nessas conversas, as informações, os fatos e os acontecimentos dos lugares são pronunciados com mais transparência e lucidez.

Mas, também com representantes de instituições e ONGs que desenvolvem ações diretamente e indiretamente com os Geraizeiros no médio vale. Elas revelaram informações fundamentais para análise e tradução dos lugares vividos pelos Geraizeiros e do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos.

Itinerário 06: Trabalhos de Campo (Reuniões/Conversas abertas)

Os trabalhos de campo foram dois a cada ano durante a realização da tese¹⁵. A presença em campo foi significativa para ampliar a minha percepção de como os Geraizeiros ainda estão presentes no contexto da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Como destaca Santos (1999, p. 117):

[...] o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro.

¹⁴ Francisco Aragão - Subgerente da empresa Nova Florestal, no dia 13/07/2015.

¹⁵ Ressalto que estive também no médio vale do rio Guará desenvolvendo 11 oficinas no projeto Saberes ambientais. Essas me permitiram permanecer em contato e ampliar as minhas vivências junto com os jovens e famílias Geraizeiras daquele do rio, durante o período de 2013-2016.

Dessa forma, eles me auxiliaram a compreender com maior profundidade o modo de vida dos Geraizeiros nas territorialidades. Durante os trabalhos de campo tive oportunidade de reunir com eles em vários lugares no médio vale do rio Guará. A minha vivência com os Geraizeiros me leva a afirmar que reunir é uma combinação de silêncios, de falas curtas, algumas maliciosas ou de palavras precisas.

Essas conversas ocorreram após o almoço, na parte da tarde ou no início das noites. Geralmente, eram nos lugares que os Geraizeiros se reúnem para conversar e/ou bater um papo, debaixo dos pés de pequi, nas árvores e buritis nas proximidades dos regos de água. Sempre tinha aglomerado duas, três ou até quatro pessoas de famílias diferentes. Indiretamente, esses momentos foram essenciais para adentar um pouco à essência dos lugares vividos por eles.

Muitas dessas fala, ainda são recheadas de mitos, lendas e símbolos das populações tradicionais relacionadas ao convívio e aos medos (TUAN, 2005) do universo humano com as paisagens. Para melhor exemplificar, relato algumas histórias que marcaram os encontros e reuniões informais ao longo do desenvolvimento desta tese:

“Sucuris, filhotes que, quando há as primeiras chuvas, desce pelas águas dos regos”. Fato acontecido que se transforma em lenda. Essa utilizada pelos familiares para assegurar as crianças no espaço do quintal nos períodos chuvosos. (Estudantes Geraizeiros na Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza, 2014)

“Mãe do ouro no morro encantado em Ponte de Mateus”. Uma luz que aparecia no passado próximo no início das noites no morro próximo ao povoado de Ponte de Mateus. (Dona Iraci e Dona Preta)

“A mãe que morreu”, ressuscitou no mesmo dia. Comeu muito buriti, arroz e carne. Depois disse: “no futuro terá gafanhotos que vão dizimar o povo aqui tudo. E na noite do mesmo dia morreu definitivamente”. Hoje, o gafanhoto, por analogia, são as motocicletas presente na vida dos jovens Geraizeiros e que há muitos acidentes fatais nas estradas vicinais de péssima qualidade, segundo o Sr. Avelino – povoado de Pedras.

Para Claval (2014, p. 239) a paisagem é semeada de símbolos. No caso específico do médio vale do rio Guará, os Geraizeiros os alimentam ainda com as suas percepções, imaginário e imaginações geográficas. Ao longo dos trabalhos de campo, foi possível perceber que as suas paisagens vividas também adquiriram valor simbólico por derivação das transformações colocadas pela modernização da agricultura.

Diante disso, ressalto o trabalho de pesquisa-ação-participante na Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza, no povoado de Ponte de Mateus, a qual atende às crianças, adolescentes e jovens Geraizeiros do médio vale do rio Guará. Ele foi essencial para ultrapassar a barreira do pesquisador desconhecido durante o campo, estranho e/alheio às questões da cultura local.

Tal fato foi comprovado pelas seguintes expressões quando chegava nos povoados do médio vale do rio Guará: “Ah, ele é o professor que estava na escola”, “já conheço ele” ou, simplesmente, “venha pra cá”. Ressalto, diante dessa passagem, que o desenvolvimento do projeto¹⁶ junto à referida escola me auxiliou a ter maior inserção às famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará. Depois dos primeiros contatos na escola, passei a adentar nos demais povoados e a realizar visitas às casas dos pais dos jovens estudantes Geraizeiros os quais já conhecia da referida escola.

Depois desses vínculos, passei a ser convidado para conhecer mais de perto os sistemas de plantio da roça de rego¹⁷. Foi o sinal de minha aceitação e confiança, pois eles não mostram para todas as pessoas que passam pelos povoados. Faz alguns anos eles estão com medo de serem criminalizados pelos técnicos ambientais da SEMA e/ou Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA¹⁸. Assim, o desenvolvimento do projeto “Saberes Ambientais” da UFOB foi o “cartão verde” para adentar no médio vale do rio Guará. Este vale se encontra em área de litígio de terras, grilagem e conflitos ambientais igualmente a outros vales da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

¹⁶ Desenvolvimento de metodologia e materiais pedagógicos sobre saberes ambientais do Cerrado na Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza entre 2013 a 2016. Um projeto Desenvolvimento de Metodologia e Saberes Ambientais do Cerrado na Escola Municipal Francelino Ovídio Souza, do qual sou coordenador até os dias atuais, aqui na tese denominado de “Projeto Saberes Ambientais” aprovado pelo edital FERFA/SEMMA, 2013, e financiado pelo Fundo de Meio Ambiente do Estado da Bahia.

¹⁷ São roças cultivadas nas veredas e nas áreas de mata ciliar e mata galeria com aproveitamento da umidade do solo dessas áreas no período de estiagem dos Cerrados.

¹⁸ Relato de experiência: durante o inverno de 2014 realizando um trabalho de campo no povoado de Larga, adentrei junto com um colega (professor Mario Alberto) na direção da vereda nas nascentes de um pequeno afluente do rio Guará onde ficam as roças de brejo dos Geraizeiros que residem neste povoado. Ao nos aproximar vieram três Geraizeiros com as enxadas empunhadas. De longe gritaram “O que querem aqui”. Aí, quando nos avistaram/reconheceram disseram “Ah, são vocês professores! Pensei que eram outras pessoas. O pessoal das questões ambientais que dizem que somos ilegais!”. Diante disso, fiquei refletindo que se não fosse o nosso contato e trabalho desenvolvido na escola não teria a mesma abertura para entrevistar e fazer os trabalhos de campo nessa área de conflito agrário e ambiental.

Por fim, com os trabalhos de campo percebi que os Geraizeiros possuem saberes detalhados da dinâmica climática, dos solos, da declividade das águas, da biodiversidade dos Cerrados, os quais ainda são capazes de reconhecer e utilizar. Observei que há muita mobilidade, sobretudo da população masculina para outras áreas que lhes oferecem emprego, pois, muitas vezes, os “chefes das famílias” não estavam presentes durante as visitas nos povoados. Além disso, foi possível notar que eles conhecem e possuem consciência espacial das transformações que assolam as paisagens e os seus territórios vividos pelos agro-energias-negócios. E também o sentimento de abandono pelos políticos e, conseqüentemente pela política local e regional. Sobre isto relatam: “os políticos aparecem apenas nos períodos de eleições e outras datas comemorativas. Ou só fazem as coisas para o povoado de Ponte de Mateus”.

Itinerário 06: Diagnóstico sociocultural

Foi desenvolvido a partir da minha imersão juntos aos Geraizeiros no médio vale do rio Guará. Além disso, contou com o auxílio de um questionário (em apêndice) feito com 05 famílias de cada povoado. Seu objetivo era auxiliar nas informações das entrevistas e conversas que tive durante os estágios de vivências e os trabalhos de campo.

O propósito foi realizar levantamento quantitativo/qualitativo dos dados pessoais/mobilidade familiar, relações de trabalho, relações socioculturais e gestão política local. Com esses dados, realizei análise/tradução dos lugares vividos, inclusive da mobilidade dos Geraizeiros nos territórios próximos e distantes. Juntamente com as observações participantes os dados foram importantes para com dados primários o extrativismo, o artesanato e a medicina popular ainda presentes no modo de vida dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará.

Itinerário 07: Registro fotográfico

Esse registro fotográfico foi realizado em todos os momentos que estive no médio vale do rio Guará e na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, para registrar as diversas representações socioculturais relacionados ao desenvolvimento do agro-energias-negócios nas áreas dos Cerrados da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Nesses, busquei registrar os aspectos materiais, as manifestações socioculturais dos Geraizeiros e também a *slogans* e as representações às margens das principais rodovias que evidenciam as imagens do *front* agro-energias-negócios nos Cerrados baianos. Além disso, contei com o apoio do mutirão fotográfico realizado pelos estudantes jovens Geraizeiros de um acervo de 10 mil imagens das práticas cotidianas nos povoados do médio vale do rio Guará do projeto. Destaco que muitas dessas imagens não foram utilizadas na tese, mas permitiram conhecer um pouco mais do cotidiano vivido pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

Itinerário 08: Diagramação e elaboração dos produtos cartográficos

Essa etapa consiste tanto na elaboração contínua da redação quanto da organização e (re)elaboração dos produtos cartográficos (imagens, tabelas, quadros, gráficos croquis, mapas pictóricos, temáticos) desta tese.

A produção dos cartogramas utilizou o *Software Quantum SIG* e as bases cartográficas do IBGE, *shapes* da divisão municipal e imagens de satélite *Landsat*, 2015, disponibilizadas gratuitamente pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), enquanto base cartografia cartesiana. Com essa base, foram elaborado os mapas temáticas desta tese. Além disso, os cartogramas, diagramas e gráficos foram elaborados no *software Corel Draw X8, Office Excel e no Smartart do Power Pointe*, versão 2000.

A elaboração deles foi com base nos princípios do Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2006) de cartografia comunitária e de Geografia Comunitária de Tetamanti (2014). Com os sujeitos da pesquisa construí os mapas falados, os cartogramas e os gráficos juntamente com os Geraizeiros¹⁹. Desse modo, foi possível aproximar dos princípios da cartografia comunitária que inclui as concepções, observações, valores de memória, projetos e gráficos que emergem a partir dos Geraizeiros e implica um esforço organizado, sistematizado, voluntário e decidido aos Geraizeiros como cartógrafos sociais (TETAMANTI, 2014).

Itinerário 09: mapas falados e mapas mentais

¹⁹ Ressalto que os gráficos foram elaborados a partir das informações desses itinerários e depois conferidos com os Geraizeiros nos trabalhos de campo, estágios de campo ou visitas à escola municipal Ovídio Francelino de Souza, durante o ano de 2016.

Na proposta da Geografia de/em Transição a ideia foi construir o mapeamento participativo devido às possibilidades de eliminar os equívocos da cartografia convencional, pois nas leituras da Geografia pós-colonial essa cartografia pouco valoriza as espacialidades humanas diante das representações homogêneas do agro-energias-negócios.

Com base nas contribuições de Joliveau (2008), Tetamanti, (2014), Kozel (2001; 2002; 2008; 2013) busquei os fundamentos metodológicos para produzir os mapas falados e os mapas mentais. Entretanto, acrescentei a leitura integrada passado-presente-futuro (MASSEY, 2009) na perspectiva de analisar e traduzir as espacialidades e as temporalidades do espaço geográfico dos Geraizeiros nos Cerrados baianos. Com base em suas percepções, seus signos, seus símbolos e nos seus saberes e nos conhecimentos geográficos comunitários, foram elaboradas as representações cartográficas participativas (figura 05).

Figura 5: Elaboração da cartografia falada com participação direta dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará. A) Transcrevendo as informações do grupo para o papel papelão; B) Reunião coletiva para construção do primeiro mapa falado; C) Geraizeira apontando os lugares de conflitos de Terra; D) Geraizeiros do povoado de Vereda Grande desenhando na areia do seu quintal a desterritorialização das terras de sua família no referido médio vale



Mapas mentais - Cerrado no passado, no presente e no futuro: foram criadas situações de interação, participação e de diálogo com os jovens Geraizeiros as populações das comunidades envolvidas, sobretudo, de estudantes para que os mesmos pudessem desenhar, ilustrar os signos das paisagens dos Cerrados baianos.

Neste ponto, a autodescrição dos mapas falados foi indispensável para análise e tradução dos discursos contextualizados com as territorialidades no médio vale do rio Guará. Para isso, contei com o apoio de colegas e estudantes da Universidade Federal do Oeste da Bahia que me auxiliaram nos registros e anotações das principais falas, quando eu motivava ou transcrevia no papel as informações espaciais.

Já para os mapas mentais, o apoio dos professores da escola municipal Ovídeo Francelino de Souza foi fundamental para a realização dos mesmos. Foram com os estudantes Geraizeiros no oitavo e nono ano do Ensino Fundamental e com os estudantes do turno noturno do Ensino Médio.

Inicialmente, foi oferecida a folha de papel A4 e uma caixa de lápis de cor para cada estudante. Depois, solicitou-se que desenhassem o Cerrado vivido no passado, presente e futuro (figura 06).

Figura 6: Esquema para elaboração dos mapas mentais



Organização: Rigonato, 2014

O tempo de duas aulas de 45 minutos para desenhar. Depois, mais uma aula para explicação dos significados dos signos representados nos mapas mentais. Com todos os mapas elaborados e comentados em sala foi realizada a classificação de acordo com signos semelhantes no presente, passado e futuro. Depois, reuni novamente com os

estudantes representante dos desenhos de cada grupo selecionado por mim e pela equipe da escola para que eles explicassem novamente o significado daquele conjunto de signos. A análise/tradução deles será apresentada de forma mais contextualizada no Capítulo 3. Durante a realização das exposições orais dos mapas mentais foi possível observar a timidez em falar em público da maioria dos jovens Geraizeiros. Entretanto, eles demonstram em poucas palavras e expressões o que tinham representado nos mapas mentais mais próximo da realidade vivida por eles.

Com os mapas mentais, as classificações e as autoexplicações foram disponibilizadas cinco máquinas fotográficas para a equipe pedagógica da escola para realizar o mutirão de fotografias. Com as imagens, foi possível correlacionar melhor os mapas mentais com as práticas espaciais vividas por eles nos povoados do médio vale do rio Guará. De modo geral, os mapas mentais e o mapa falado dos Cerrados baianos e do médio vale do rio Guará juntamente com as autodescrições (explicações), o mutirão de fotografias foram fundamentais para contextualização das representações socioculturais com as práticas espaciais dos Geraizeiros baianos.

Itinerário 10: qualificação e defesa da tese

Consistiu em apresentar o relatório parcial com os produtos da pesquisa para Banca Examinadora composta pela orientadora professora Dra. Maria Gerada de Almeida, Dr. Eguimar Felício Chaveiro e Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira, conforme exigência do Programa de Pós-graduação de Geografia do IESA/UFG.

Já a defesa consiste em apresentar para uma banca qualificada a tese com objetivo da avaliação para obtenção do título de doutor e também para acolher às contribuições da banca para melhorar o produto final. Dois examinadores externos estarão na banca, além dos internos do exame de qualificação.

Itinerário 11: Apresentação da tese para os Geraizeiros no médio vale do rio Guará

Socializar e compartilhar os resultados da tese com os Geraizeiros na Associação da Comunidade de Geraizeiros de Ponte de Mateus (COMGEPOM). Para isso, depois da defesa e da assimilação das contribuições dos participantes da banca, irei retornar com uma cópia da tese para a biblioteca da Escola Municipal Ovídeo Francelino de Souza e no Centro do Cerrado no povoado de Ponte de Mateus. Também

irei (re)elaborar uma apresentação mais didática para apresentar para as famílias Geraizeiras que participaram como interlocutores (Sujeitos locais) desta tese. Espero, posteriormente a essa apresentação, já pensar coletivamente com os Geraizeiros possíveis projetos que busquem apoiá-los na transição agroecológica²⁰ e outros projetos voltados para a melhoria da qualidade de vida deles diante do cercamento e das ressignificações dos seus modos de vida pelo *front* do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos.

Em síntese, a descrição destes itinerários metodológicos da pesquisa tem apenas o propósito de compartilhar com os leitores os momentos e os passos dados durante e para realizar a pesquisa que resultou nesta tese que será apresentada nos capítulos seguintes, porém ela não se acaba na academia.

²⁰ Devido ao cercamento territorial e a intensificação do plantio nos quintais durante a realização da tese houve várias evidências que o solo exauriu, diminuindo a produção de mandioca, abobora, feijão de árvore e outros.

1. POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO



*A geografia é uma velha dama
que, pelas metamorfoses
sucessivas, não para de
rejuvenescer.*

Paul Claval, (2011)

1. POR UMA GEOGRAFIA DE/EM TRANSIÇÃO

A ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha

Como uma santa em sacrifício,

Com quanto esforço dado ralha!

Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!

Rico é o que alma dá e tem.

[...]

(Fernando Pessoa, 1934)

Parafraseando Fernando Pessoa, a ciência e, principalmente a ciência geográfica, se for desenvolvida apenas pela razão da modernidade pode ser “sacrifício”, “esforço em vão” e empobrecedora do ser pensante. Mas, se for desenvolvida também pela emoção, pela subjetividade e pela “intersubjetividade” há caminhos que a tornam um vício do prazer. Prazer de pensar e repensar e de construir uma transição geográfica possível.

Uma das grandes questões da ciência geográfica é investigar o mundo e/ou as concepções de mundo da sociedade contemporânea. Mundo(s) repleto(s) de adversidades e significados, valores e possibilidades. Há diversas conceituações, visões e abordagens sobre o espaço geográfico. De modo geral, pode-se inferir que desde a Geografia Clássica à Geografia Moderna ou Pós-Moderna como afirmam alguns, há o propósito de dialogar com o mundo vivido²¹.

Ao longo de sua trajetória, enquanto ciência, são notadas aproximações da Geografia com os saberes filosóficos. A Geografia científica possui em sua gênese interfaces com diversas ciências o que lhe atribuiu o caráter interdisciplinar. Com isso, os autores clássicos e modernos da Geografia buscaram descrever, sistematizar, estruturar, analisar e debater as espacialidades da relação homens/mulheres com a natureza.

Fernando Pessoa, poeta, salienta que é preciso superar o medo e a dor do sacrifício para alcançar a essência do ser pensante. Esquecendo o medo, os geógrafos,

²¹ Aqui é importante destacar que o mundo vivido ocorre no espaço geográfico o qual permite os sujeitos e os grupos de sujeitos interrelacionar com os objetos, formar uma consciência espacial, junto e sem negar a sua objetividade.

neste início do século XXI, podem ativar a alma aos movimentos mais simples do espaço geográfico. Eles podem contextualizar o abstrato, o mundo material e imaterial. Também é possível revelar o simples e o complexo. Progressivamente, eles alcançam as barreiras das ciências. Eles ousam discutir o cotidiano e as suas mutações. E, eles se propõem a traduzir as práticas espaciais na superfície terrestre. Tudo isso é apresentado como possibilidades na ciência Geografia desde os anos de 1990.

Como bem aponta Cosgrove (2003, p.104), um dos objetivos da Geografia é “compreender o mundo vivido de grupos humanos”. Nesta tese, considero que o mundo vivido dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará é composto por uma rede de lugares os quais eles situam as suas territorialidades próximas e distantes, suas relações de poder e, mormente, estabelecem os seus signos e significados nas paisagens dos Cerrados.

Nesta perspectiva, é preciso retomar a filosofia de Merleau-Ponty (2004) para as inspirações teóricas. Ele não fala de um lugar, mas de mundo vivido. Entende-se que este mundo vivido são os lugares vividos, habitat dos seres humanos. No entanto, o mesmo Merleau-Ponty (2004) já apontava que é preciso reaprender a ver o mundo. Então, retomando o ver o mundo a Geografia de/em Transição convida aos geógrafos a reaprender a sentir os lugares. Esta aprendizagem se dá pela análise/tradução dos discursos, das representações e das práticas espaciais daqueles que vivem nesses lugares.

Os mundos vividos metamorfosearam-se, pois nas últimas décadas do século passado e, neste século XXI os eventos foram acelerados e houve mais crises financeiras mundiais, conflitos rurais e urbanos, trânsito caótico nas grandes cidades, muita competitividade nas relações humanas, individualidade virtual *versus* solidariedade. Além disso, há alterações ambientais provocadas pelas mudanças climáticas e pela ação desordenada da sociedade contemporânea, tais como: aumento e redução das temperaturas, mudanças dos índices pluviométricos em algumas regiões e locais do planeta Terra que colocam os seres humanos na situação r-existência e de (re)habitação.

Essas transformações são marcantes no mundo vivido das pessoas. No caso específico do Brasil Central já é possível identificar ressignificações da relação homens/mulheres com o meio ecológico/sociocultural devido ao alongamento da estação seca e as transformações espaciais oriundas da modernização da agricultura nos

Cerrados baianos. Carvalho (2010), discutindo as práticas e programas de convivência com o semiárido no Território de Juazeiro, Bahia comprovou em sua tese que juntamente com a ressignificação dos biomas ocorre a reapropriação social da natureza no semiárido baiano.

Neste início do século XXI, tanto na cidade como no campo, há outras formas de comunicação, de contato. Se, de um lado ampliam, por outro lado dificultam e transcendem. Esses meios redimensionam a percepção direta com as coisas, com os objetos, sobretudo, capitaneadas pela intensificação dos meios de comunicação do advento “técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1996).

Com o advento da modernização dos meios de transporte, com a chegada da energia elétrica e com a diversificação e popularização dos meios de comunicação há também mudanças significativas no modo de vida dos Geraizeiros baianos. Assim, há ressignificação dos valores socioculturais quanto às mutações em curso no cotidiano.

Claval (2009, p. 54) elucida sobre a importância da cultura em tal contexto:

As culturas não existem como realidades estáveis. Cada um recebe uma herança diferente de técnicas, atitudes, conhecimentos, porque não vivem nos mesmos lugares e no mesmo tempo que os outros. Culturas mudam com a introdução de tecnologias novas de comunicação, com a difusão dos saberes escolares, com a facilidade menor ou maior de viagens.

Considera-se que não só as culturas dos lugares mudam e mudaram, conforme destaca Claval, mas também a forma de fazer a ciência geográfica, de pesquisar os lugares, as paisagens e os territórios vividos pelas populações rurais brasileiras. No nosso caso, interessa-nos principalmente, os Geraizeiros baianos. Diante deste contexto, propõe-se, neste texto-tese, discutir os princípios da Geografia em/de Transição e, com base nela, enfrentar o pluralismo das relações socioculturais dos Geraizeiros diante da dinâmica espacial que acompanha a modernização da agricultura dos Cerrados baianos.

Entende-se aqui por Geraizeiros grupos de pessoas, famílias que habitam as áreas dos Cerrados²² desde o século XIX. Os relatos orais evidenciam que essas famílias vieram das regiões semiáridas devido às sucessivas secas, conforme será abordado no segundo capítulo desta tese.

²² Aqui nesta tese, preferiu-se utilizar Geraizeiros para evitar denominações que requerem o seu par dentro da lógica adjetiva da ciência moderna, na concepção de Porto-Gonçalves(2006). Destaca-se que, ao longo da pesquisa, notou-se mudanças: na medida em que as territorialidades da modernização da agricultura ocasionam transformações em suas territorialidades e da inserção deles nos movimentos sociais há maiores ocorrências discursivas de autoassimilação da identidade dos Geraizeiros, sobretudo pelos jovens habitantes do médio vale do rio Guará.

Geralmente, em seu mundo vivido eles desenvolvem o extrativismo, as roças de rego e ou de esgoto por meio do trabalho familiar, o artesanato e praticam a medicina popular. Essas populações habitam as áreas com disponibilidade de bens hídricos como as matas ciliares, as galerias e áreas próximas às veredas nos fundos dos vales húmidos dos Cerrados baianos.

Um dos propósitos da Geografia de/em Transição é auxiliar na interpretação do processo de dialogar com o mundo vivido a partir da valorização das representações socioculturais, do imaginário/imaginações geográficas e das suas práticas no espaço vivido, percebido e concebido dos Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

O mundo vivido dessas populações são constituídos de interculturalidade da globalização econômica e cultural, conforme estudam Hall (2003), Burke (2007) e Canclini (2011). Ou como Bhabha (2010) assegura, elas constituem estratégias espaciais de viver próprias das populações subalternizadas no mundo ocidental. Existem, portanto, no cotidiano novos valores e significados sociais, econômicos, políticos, culturais que se confrontam, negociam em novas matrizes culturais.

Todas essas metamorfoses são gestadas no mundo da vida das sociedades urbanas e rurais. Caso Husserl²³ tivesse vivo poderia certificar-se da intensificação da crise da sociedade humana, principalmente, a ocidental. Além disso, ainda assistiria à propagação dos discursos científicos mais interligado com a objetividade da vida.

Existem transformações socioculturais no mundo vivido que carecem de paradigmas contextualizados. Kuhn definiu (1992, p. 35) os paradigmas como “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Assim, diferentemente do passado em que as ciências sociais tinham carência de paradigmas, hoje há vários. Entretanto, há também rupturas, fendas e falhas neles.

Hissa (2002) e Boaventura Santos (2010), diante deste contexto, asseveram que há uma transição paradigmática. Para eles a sociedade ocidental desde o século XVI e XVII se constituiu de um ambicioso paradigma sociocultural, assente numa tensão entre regulação e emancipação sociocultural. Entretanto, as sociedades e suas ciências vivem espacialidades regulatórias que impedem a emancipação. Isso posto, todo novo

²³ Matemático e filósofo considerado o pai da filosofia fenomenológica.

paradigma pressupõe mudança de conhecimento: o conhecimento-regulação e o conhecimento-emancipação.

Diante disto, pode-se afirmar que conhecer é progredir na direção de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito. Ou seja, o sujeito entendido como protagonista e construtor de suas próprias espacialidades no âmbito das relações socioculturais vividas. Para a Geografia de/em Transição as “falhas paradigmáticas” apontam para o conhecimento como também o conhecimento-reconhecimento e esta é que se designa por solidariedade entre as pessoas e as ciências.

Para contextualizar esse momento de crise das ciências, há três reflexões propostas por Boaventura Santos (2010), Lima (2014) e Claval (2014) que são importantes, tais como:

- a) A crise das ciências é representativa da falência da epistemologia moderna, devido ao distanciamento do mundo da vida;
- b) A crise da sociedade ocidental abre possibilidades para novos itinerários de transformação e emancipação socioculturais edificadas a partir de aprendizagens plurais e recíprocas;
- c) Há emergência de epistemologias distintas de outrora as quais elaboram conjunto de iniciativas de produção e validação de conhecimentos baseadas nas experiências das populações injustiça das pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado e, também pelo conhecimento científico hegemônico.

A Geografia de/em Transição é uma proposta dupla porém, unívoca. De transição significa que se encontra aliada com o paradigma de transição, defendido por Boaventura Santos (2010). Já a Geografia em transição é que ancora, espelha e interliga nas contribuições evolutivas metodológicas, das correntes de pensamento geográfico e, dos discursos das neogeografias.

Essas reflexões anteriores serão discutidas ao longo da tese. Aqui elas apenas auxiliam na discussão a respeito do distanciamento das ciências sociais e, principalmente das ciências geográficas das questões vividas no espaço geográfico contemporâneo. Sobretudo, elas são relacionadas aos consensos e aos dissensos geográficos modernos e pós-modernos.

Como admite Godoy (2011, p. 72) “[...]o paradigma é constituído de teorias, regras, metodologias, técnicas, normas e, sobretudo, consenso”. Já para Boaventura Santos (2010, p.144), referindo-se às ciências sociais, ao “[...]assumir a diversidade epistemológica do mundo implica renunciar a uma epistemologia geral.” Diante dessa assertiva, infere-se que há nas ciências uma diversidade epistemológica. Essa diversidade é o combustível para as novas formas de fazer ciência neste século XXI.

Tais premissas e evidências da crise das ciências modernas e pós-modernas diante das transformações espaciais elucidam no âmbito das ciências humanas, tanto as possibilidades, quanto as necessidades de outros consensos e dissensos.

Essas reflexões sugerem à posição ambivalente da própria ciência geográfica em relação ao seu papel na construção dos imaginários geográficos do mundo contemporâneo, nas transformações nos “sistemas de objetos e de ações” e na cristalização e/ou reinvenção das representações sociais, socioculturais e espaciais do mundo e dos lugares (MASSEY, 2009).

Contudo, tem-se a clareza de não respaldar-se em propostas definidas porque tanto as ciências quanto a sociedade estão em permanente mudanças e construções. Então, ao invés de trilhar as certezas, propõe-se partir dos itinerários da reflexão da Geografia de/em Transição para a descoberta das espacialidades e temporalidades pré-existentes, existentes e emergentes.

Para este fazer é importante estabelecer outras relações de equivalência entre o conhecimento científico, as representações e as práticas socioculturais e, mormente, os saberes ditos “populares”. Boaventura Santos (2003; 2010), ao apresentar sua proposta de “ecologia de saberes” dialoga a respeito do papel das ciências e da sua incomensurabilidade em relação ao mundo vivido. Para este autor:

A ciência intervém tanto mais eficazmente no mundo quanto mais independente é dele. A ciência opera autonomamente segundo as suas próprias regras e lógicas para produzir um conhecimento verdadeiro ou tão próximo da verdade quanto é humanamente possível. A verdade consiste na representação fiel ou, pelo menos, mais aproximada possível da realidade que existe, independentemente das formas que assume e dos processos através dos quais é produzido o conhecimento que se tem dela. Uma vez criadas e estabilizadas as condições institucionais que garantem a autonomia da ciência, tal verdade e tal representação não estariam sujeitas ao condicionamento ou à manipulação por parte do mundo não científico. (SANTOS, 2010, p. 138)

Ele avalia de forma concisa o valor da ciência diante do mundo não científico o que parece revelar a cristalização das representações científicas diante do mundo da vida, ou melhor, “não científico” para uma parcela significativa de cientistas modernos e pós-modernos.

Estes autores anteriores citados me auxiliaram nos itinerários da Geografia como ciência de/em Transição diante da crise das ciências modernas e pós-moderna. Contudo, há três questões importantes para balizar as reflexões a cerca deste entendimento:

- a) Qual(is) o(s) papel(is) da(s) ciência(s) nas transformações do mundo da vida das pessoas no lugares vividos?
- b) De que modo a produção científica dinamiza e/ou minimiza as representações socioculturais e as práticas espaciais dos lugares vividos pela sociedade?
- c) De que forma a Geografia de/em Transição situa-se no contexto da “epistemologia de transição” e como contribuirá para conhecimentos e análises dos Geraizeiros nos Cerrados baianos?

Essas questões ganham força diante da própria produção da ciência ocidental e, especialmente brasileira. Neste início do século XXI, nota-se o surgimento de novas formas de fazer as ciências como proposto por Massey (2009) e Boaventura Santos (2010). Essas minimizam com alguns elementos da tradição de Descartes nas ciências modernas que depositam confiança no método único.

Observa-se também que tal credibilidade é questionada pelas ciências denominadas pós-modernas e trans-modernas as quais valorizaram o ecletismo metodológico. Há também questionamentos pelos adeptos à modernidade. Outros autores contemporâneos nas ciências sociais e, nomeadamente, na geografia brasileira deferiram o pluralismo metodológico. Em síntese, esse contexto atual é dominado pelas ideias contraditórias de diversidade, do pluralismo e de globalização, alerta-nos Boaventura Santos (2010).

Aqui, é importante frisar que o pluralismo científico ao invés de minimizar as críticas e a crise, maximiza-os. Por exemplo, Feyerabend (2011), ao se colocar com o método e avesso ao papel da ciência na sociedade. Entretanto, precisa-se retomar a

máxima de Pascal (2002, p. 38) que: “[...]nem todos os problemas requerem o mesmo modo de solucionar”.

Ao refletir esse caminho, o papel e como fazer ciência no contexto atual para aprofundar no entendimento das r-existências e a (re)habitação sociocultural dos Geraizeiros baianos é preciso considerar a ciência geográfica no bojo de constituição dos velhos e dos novos paradigmas.

Para tanto, é preciso valorizar a forma de fazer ciência no seu cerne mais elementar: a relação sujeito e objeto. No campo científico ocidental e, especialmente, adotado na Geografia brasileira identificam-se três vertentes que pautam de forma distinta a relação sujeito e objeto, até o presente: o realismo, o idealismo e o criticismo kantiano.

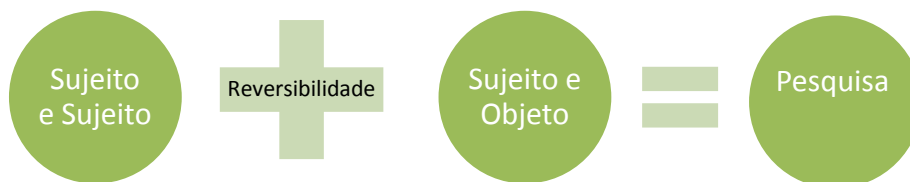
Não discutirei cada uma dessas vertentes já amplamente sistematizadas por Haesbaert (1990), M. Santos (1996) e Spósito (2004), entre outros. Para o estudo dos Geraizeiros, faz-se necessário contextualizar a relação entre os sujeitos e os objetos, a exemplo das pesquisas contemporâneas. Observe a figura 07 a seguir:

Figura 07: A relação sujeito e objeto na Geografia de/em Transição

1ª Momento:



2ª Momento:



Org.: Rigonato, 2013-2016

No caso específico da Geografia de/em Transição, acredita-se que o diagrama do segundo momento é mais representativo, por buscar a vivência profunda entre os sujeitos e os objetos. No entanto, há necessidade de aprofundar o princípio

metodológico da tradução o qual discutirei com detalhamento no item 1.2 deste itinerário, isto é, capítulo. Usarei o princípio da reversibilidade no segundo momento. Para Merleau-Ponty (2004), a reversibilidade é a capacidade, em princípio que nunca é completa, pois se fosse seria “um ser outro ser”.

Pode-se afirmar que a reversibilidade é um dos princípios científicos que o profissional da Geografia atua como ser vidente do visível e, como visível do vidente. Mas, esta é uma relação incompleta, pois tanto os lugares quanto as pessoas que as dinamizam são heterogêneos, multifacetados e dinâmicos.

O mesmo filósofo assevera que na relação sujeito e objeto, mediada pela reversibilidade, o(a) pesquisador(a) pode-se “desapegar” da sua identidade como sujeitos para ser “objetificável” e também para ser “sujetiváveis”.

Como se percebe, a latência da noção de reversibilidade em Merleau-Ponty é, naturalmente, a defesa contra a adequação metafísica: “[...] a reversibilidade não é completa porque a minha existência nunca é completamente substituível ou suficiente para a existência de outro” (2004, p. 45). Portanto, a reversibilidade é apropriada como um dos princípios científico na proposta da Geografia de/em Transição.

A reversibilidade é uma possibilidade de transcender a “imaginação geográfica clássica e moderna” (MASSEY, 2009, p. 231). Uma imaginação a qual a imagem e as ideias se concretizam pela representação do real. Ela é uma possibilidade de desconstruir “conjunto de construções mentais” construída pelos cientistas de diversas áreas do conhecimento e pelos geógrafos.

A Geografia de/em Transição que defendo nesta tese considera as trocas interpessoais manifestadas nas ações, nas práticas e nos discursos sobre influência das relações socioculturais no mundo vivido dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará em São Desidério, BA.

Com isso, neste texto-tese são trilhadas reflexões para romper gradualmente com a cultura representacional estática das ciências, inclusive da Geografia (SEEMANN, 2013). É necessário salientar que não há pretensão de cultivar a “ideia mítica de renovação” (GOMES, 2000, p. 337) da ciência Geográfica neste século XXI. E, muito menos de justificar apenas pela crítica ao racionalismo da modernidade e/ou pela crítica ao subjetivismo exacerbado da pós-modernidade.

No caso especial da Geografia, foram efetuadas também muitas permanências e emergências de abordagens que valorizam as diversas categorias, conceitos e

temáticas. Entretanto, nos anos 1960 tais transformações já eram anunciadas por Foucault. Na Geografia brasileira, desde a década de 1970 houve diversos esforços teóricos e metodológicos dos geógrafos.

O próprio movimento de renovação é o fruto desse desejo epistemológico dentro da Geografia brasileira, em consonância com o mundial. Nesta trajetória, em conformidade com as ciências sociais e especialmente a Geografia não conseguiram adentrar ao circuito da “virada espacial, linguística e cultura”. Para Harvey (2009) foram poucos profissionais da Geografia que de fato conseguiram alcançar tal “giro espacial”, uma vez que parte destes profissionais estava circunscrita pelos dualismos e representações cartesianas, conforme a última premissa apontada anteriormente neste texto. Soja (2008 p. 52) dizia que “[...]enquanto o pensamento espacial florescia fora da geografia, à maioria dos geógrafos continuavam relativamente ignorante ou indiferente a ele.”, embora existissem profissionais da Geografia mais ligados à Geografia Marxista Humanista, Geografia Cultural e da Geografia Humanista Cultural, que conseguiram introduzir os princípios teóricos e metodológicos em suas pesquisas e produções acadêmicas. Há também aqueles da Geografia Crítica menos ortodoxa. Entretanto, foram mais aqueles que atentaram direta e indiretamente para as críticas e as concepções de espaço/espacialidade, espaço e representação e práticas espaciais de Henri Lefebvre (2006), Michel Foucault (2005) e Soja (2008).

Destacaram-se neste movimento: Milton Santos, Anne Buttimer, David Harvey, Doreen Massey, Claval e Denis Cosgrove. Mesmo sendo de correntes diferentes, suas leituras filosóficas buscaram e buscam colocar a ciência geográfica nos atuais patamares contextualizados das ciências sociais.

Suas contribuições apontam para uma ontologia espacial que supera as velhas dualidades - material/mental, objetivo/subjetivo, empírico/conceitual – como também cultiva novos campos do conhecimento prático. Particularmente, o campo da importância das ações sociais nas espacializações humanas.

Claval (2010), ao analisar essa contemporaneidade, afirma que:

A geografia moderna não se assemelha à imagem envelhecida que o grande público ainda se faz. Seu objetivo não é enumerar os lugares e situá-los em um mapa – já faz muito tempo que essas questões não se conformam mais como problemas. Sua ambição é compreender o mundo tal qual os homens o vivem: ela fala da sensibilidade de uns e de outros, das paisagens que eles modelaram, dos patrimônios aos quais estão vinculados, dos enraizamentos ressentidos; ela descreve ao mesmo tempo a mobilidade crescente dos indivíduos, a confrontação

das culturas, as reações de retorno que ela provoca, regionalismos, nacionalismos ou fundamentalismos, mas ela destaca também a exploração dos multiculturalismos e a fecundidade dos contatos renovados (CLAVAL, 2010, p. 379).

De modo geral, pode dizer que há desde os anos de 1980 uma diversificação no seio da Geografia: tendências, títulos, temas, problemáticas e escalas. Há também aqueles que preferiram continuar nas dualidades tradicionais do conhecimento geográfico, ou melhor, suas zonas de conforto. E há também movimentos mais abertos os quais almejam por meio das pesquisas transdisciplinares explorar os significados, os valores, as representações e não representações do espaço e, mormente, das espacialidades humanas.

Dessa forma, a Geografia de/em Transição ao invés de seguir um único caminho metodológico cartesiano, ficar nas bifurcações dos múltiplos itinerários metodológicos “vale tudo”, ou, simplesmente, ficar na crítica banal do pluralismo no pensamento geográfico brasileiro, prefere retomar a máxima de Pascal a qual a cada conjunto de problemas pode exigir métodos distintos, sem perder o compromisso com crítica ao pluralismo dentro da trajetória do pensamento geográfico brasileiro como “delirantes novas geografias” (MONTEIRO, 2012, p. 94).

Ao realizar pesquisas e aprofundar o debate a respeito dos percursos teóricos e metodológicos da Geografia brasileira, Almeida (2013, p. 47) registra este pluralismo ao afirmar que: “o discurso geográfico se alimenta do positivismo, pós-estruturalismo, existencialismo, marxismo, pós-modernismo, sustentando uma emaranhada base conceitual da Geografia moderna e pós-moderna”.

Na produção do conhecimento geográfico há diversas Geografias emergentes: “Outras Geografias” (NOGUÉ; ROMERO, 2006), “Geografias pós-coloniais” (AZEVEDO; SARMENTO, 2008); (LEGG 2013), (BOTELHO, 2013), “Geografias malditas” (SILVA, ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2013) e “Neogeografias” (CLAVAL, 2010). Capel (2013) propôs o retorno do positivismo aliado com as novas técnicas de geoprocessamento para caracterizar as “Neogeografias”.

Desse modo, todos esses adjetivos na ciência geográfica são muito mais do que neologismos no acadêmico e na seara das espacialidades/temporalidades da sociedade atual. São, portanto, trilhas discursivas que colocam aos profissionais destas geografias diante de outras formas de fazer ciência e também da leitura e compreensão das múltiplas espacialidades humanas.

Claval (2010, p. 131), ao analisar esse contexto de produção do conhecimento geográfico neste início do século XXI, observa:

A evolução é empolgante para os geógrafos profissionais, que perdem em parte o seu papel, mas estão mais bem situados para captar como as representações coletivas se constroem como os boatos circulam e como os lugares se impõem à atenção das massas.

O autor considera criticamente as limitações e potencialidades das neogeografias para as pesquisas das práticas, saberes e ações “vernaculares”. E, ao mesmo tempo, de forma indireta, ele aponta para as espacialidades que os sujeitos e grupos possuem com o lugar vivido.

As neogeografias demonstram que estão vinculadas com espacialidades humanas as quais, outrora, no pensamento geográfico foram pouco valorizadas. Já no Brasil, nota-se o crescimento de pesquisadores que intercedem na direção às novas “sensibilidades geográficas e dizeres geográficos” (AMORIM, 2006); (ALMEIDA, 2014); SERPA (2008), MACIEL (2012), MARANDOLA JR (2012), (CHAVEIRO, 2015), entre outros.

Essa tendência torna-se endossada por outros profissionais da geografia e, mais recentemente pelas pesquisas de caráter mais interdisciplinar no território brasileiro. Já para Marandola Jr (2013), a geografia interdisciplinar faz-se mais nítida de transição com novas leituras do lugar “fluido, incerto, teleguiado e das relações interpessoais efêmeras e errantes” (MARANDOLA JR, 2013, p. 57).

Sem dúvida, vive-se um momento ímpar na Geografia (HARVEY, 2010; NOGUÉ; ROMERO, 2006; CLAVAL, 2013; CAPEL, 2013) e, especialmente na Geografia brasileira. Há uma abertura para novas temáticas, além de abordagens e reformulações metodológicas. Assim, almeja-se que a Geografia de/em Transição possa somar-se àquelas existentes e construir os pressupostos teóricos e metodológicos para traduzir as espacialidades/temporalidades dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Nessas Geografias, há contribuições para melhor descrever, interpretar e analisar os modos de vida, os saberes vernaculares, as experiências dos sujeitos sociais e/ou grupos sociais com as paisagens e os territórios fluídos nos lugares vividos diante do advento da globalização.

A maioria das contribuições das neogeografias se distinguem pelo anti-essencialistas e anti-objetivistas e valorizam os discursos espaciais, as imagens, as práticas socioculturais em suas discussões geográficas filosóficas. Essas são geografias

que colaboram e fazem ressonância para o que proponho como denominação de Geografia de/em Transição. Elas predominam, neste século, nos cursos superiores e de pós-graduação em Geografias no Brasil.

Na Geografia brasileira, pode-se inferir que parte do mérito dessas pesquisas se deve à vinculação com as pesquisas da Geografia Marxista Humanista, Geografia Cultural e da Geografia Humanista. Esta amarração foi devido à busca de novas vinculações filosóficas e teóricas e sensibilidades com temáticas mais humanas em suas pesquisas geográficas. Entretanto, há poucas pesquisas desta ciência direcionadas para estudar os Geraizeiros, os lugares vividos do/no campo brasileiro, principalmente dos Cerrados baianos.

Alguns pesquisadores como Doralice Maia (2000); Rosselvelt Santos (2008); Andreia de Paula (2009) Evanildo Santos (2012); Avacir Silva (2014); Vicente Alves (2015); Souza Sobrinho (2012, 2015), na área geográfica, buscaram elucidar as espacialidades da ruralidade brasileiras das populações rurais em seus lugares vividos. Espaços rurais e urbanos marcados a partir das representações socioculturais e pelas territorialidades das instituições colonialistas e pós-colonialistas. Nelas, as relações de poder sempre estiveram amordaçadas pela racionalidade do mundo ocidental.

Tais pesquisas, como já foram mencionadas, são ainda poucas ou inexistentes. E, apesar de serem contribuições significativas são poucas que aprofundam as representações e as práticas espaciais desta ruralidade em transição constante.

No caso específico da produção do Programa de Pesquisa e Pós-graduação do Instituto de Estudos Socioambientais, há diversas teses de doutorado, desde 2006 a 2016. Dentre essas teses, destacam-se duas teses: a de Silva (2014) com a geografia singular que analisou as culturas desviantes das comunidades rurais no Vale do Guaporé na região Amazônica. A outra tese traz na sua “Geografia das Falas” o papel das cosmolocalidade nas discussões acerca das manifestações religiosas de matrizes africanas e suas espacialidades na região metropolitana de Goiânia (SILVA, 2013).

Diante do avanço inovador na produção geográfica, o interesse é situar essa tese no seio dela. O objetivo é, principalmente, contribuir para, de fato, promover essa transição na compreensão da geografia sem perder a nossa identidade: as espacialidades humanas. E, em especial, nesta tese, as espacialidades humanas dos Geraizeiros baianos nos Cerrados.

Com essa compreensão, “Geografia de/em Transição” transcende o movimento de adjetivação e neologismo na procura de caminhos epistemológicos na fronteira do conhecimento neste início do século XXI. Uma retórica discursiva que parte das (re)estruturações discursivas e também das experiências do lugar vivido pelos sujeitos e grupos de sujeitos

No caso específico da trajetória da Geografia de/em Transição, torna-se significativo ultrapassar o campo do visível para melhor escolher, delimitar e definir os problemas e os fenômenos geográficos a serem conhecidos e interpretados. Tal postura parece consolidar com a emergência dessas neogeografias mencionadas e também das geografias pós-coloniais (AZEVEDO; SARMENTO, 2008).

Conforme foi salientado, a trajetória discursiva desta escrita almeja contribuir para superar com as premissas científicas, sobretudo, do conhecimento geográfico que ficou amordaçado. Tal superação foi iniciada com a evolução entre a modernidade e a pós-modernidade do discurso acadêmico, promovida pelos seguintes autores Hissa (2002, 2013); Boaventura Santos (2010); Milton Santos (1999), Claval (2010), Massey (2009). Repito, pois, que são aqueles dominantes no pensamento contemporâneo da Geografia.

E, neste capítulo, pretendo tecer os princípios básicos para a Geografia de/em Transição o que, desde o início, exponho nele. Com isso, procuro adequar, aproximar e testar metodologias que dialoguem com as racionalidades, subjetividades e intersubjetividades do mundo ocidental meridional. No caso aqui específico, desta tese, refiro-me aos lugares vividos pelos Geraizeiros que residem nas áreas de franjas dos Cerrados na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Para fazer este percurso, baseio-me em Boaventura Santos (2010, p.59) que instiga ao lembrar de que há percursos nesta trajetória que podem levar-me nessa aventura discursiva a consolidar ‘um pensamento alternativo de alternativas’”. Assim, diante da diversidade da sociedade contemporânea, das diversas trajetórias da ciência geográfica, suas interfaces, suas fronteiras interdisciplinares proponho a cogitar: Por que não uma Geografia de/em Transição?

Esta é uma Geografia da interface entre os itinerários da modernidade e da pós-modernidade da ciência ocidental. Ela é calcada em uma leitura teórica da diversidade na chamada “epistemologia do sul” cunhada por Boaventura Santos (2010), sem deixar

de vislumbrar as origens das influências das “epistemologias do norte” na construção da ciência, mas, também na produção do espaço geográfico brasileiro.

Antes de tudo, a intenção é apreender a navegar geograficamente com outra bússola. Uma que não só direciona para o Norte, ou seja, uma bússola que poderá não só situar a partir do Sul, como também nos proporcionar os primeiros passos em direção itinerários múltiplos da Geografia de/em Transição.

Como já foi discutido e apresentado neste primeiro itinerário do texto-tese, a Geografia de/em Transição situa sua trajetória discursiva na epistemologia de fronteira (HISSA, 2013). Fronteiras e *fronts* em transe na qual os limites do conhecimento hegemônico ocidental são tencionados pela própria realidade objetiva do conhecimento não-hegemônico.

Em resumo, a Geografia de/em Transição apresenta-se como uma terceira face da moeda. Uma face que rompe com as representações estáticas e que possui traços reveladores das espacialidades vividas. Essa Geografia aposta no enredamento de uma rede integrada de processos econômicos, políticos e culturais em múltiplas lógicas heterogêneas inseridas na mesma realidade geográfica, neste caso, dos Cerrados baianos. Com isso, foi necessário efetuar um mergulho no interior dos processos geopolíticos, geoculturais e geoeconômicos dos sistemas-mundo colonial/moderno e pós-moderno.

Ressalto também que, na trajetória da Geografia brasileira, a Geografia de/ em Transição não a considero como “rainha das ciências”, isto é, ciência de síntese como foi vista por alguns cientistas desde o século XIX, até o XXI.

O propósito desta abordagem é constituir outras trajetórias mais humanista e cultural como possibilidades de analisar e traduzir outras totalidades espaciais. Que a Geografia de/em Transição, pelo diálogo com as Geografias e as Neo-Geografias, conduza ao repensar das ideias cristalizadas e vigentes. E com esta percepção analisar/traduzir as representações socioculturais e as práticas espaciais dos Geraizeiros dos Cerrados baianos. Abordar o sujeito geográfico, tal como Besse (2006, p.91) sugere, como uma geografia que transcende “o visível e o pré-reflexivo”.

1.1 INTERFACES DA MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE TRANSMODERNIDADE

Este trajeto que sinaliza nas interfaces da modernidade, da pós-modernidade e da transmodernidade situa o leitor nas diversas trajetórias das Neogeografias contemporâneas elaboradas sobre o espectro do conhecimento europeu ocidental.

Godoy (2013), ao analisar a produção recente da Geografia brasileira, assevera que:

A geografia, nos últimos dez anos, experimentou mudanças bastantes consideráveis em seu temário de pesquisa e nas formas de abordagem das categorias de análise espacial. As mudanças, no entanto, foram pouco discutidas em sua processualidade prática e teórica. O “novo” temário que se instalou na geografia não promoveu até o momento, a alteração profunda da matriz científica e filosófica herdada dos séculos XIX e XX. Todos os “ismos presentes na geografia contemporânea são, ainda, *corpus theoreticus* forjados pela modernidade. (GODOY, 2013 p. 78)

Em consonância com o autor, pode-se entender que as geografias pós-modernas ainda estão circunscritas à modernidade. Entretanto, o autor concorda que há uma diversidade de temáticas e, a maior parte é oriunda da inserção das leituras da pós-coloniadade do poder nas ciências humanas e, especialmente na Geografia.

Para Grosfoguel (2010, p. 466): “Colonialidade e modernidade constituem duas faces de uma mesma moeda”. O mesmo autor convoca também para despertarmos para a “colonialidade global” e, assevera que a colonialidade compartilha diversas dimensões da existência sociocultural nos países que foram colônia. Com isso, há necessidade de trilhar a diversidade metodológica diante dos “pseudoeclétismo metodológico” de algumas geografias plurais na conquista da autonomia que a transmodernidade pode proporcionar para as ciências contemporâneas.

Para uma maioria de geógrafos essa proposta de percorrer caminhos pelas interfaces da Geografia Moderna e Pós-Moderna levaria a refletir a transição paradigmática. Na visão de Grosfoguel (2010), as leituras apontam para transcender a transição paradigmática, considerando que há necessidade de leituras e elaborações reflexivas para transição do “sistema-mundo-patriarcado-capitalista-moderno”²⁴.

Essa proposta de transição paradigmática possui sua gênese a partir das contribuições teóricas e empíricas de diversos autores comprometidos, sobretudo, com as leituras pós-coloniais, tais como: Wallerstein (2002), Dussel (2002), Quijano (2003),

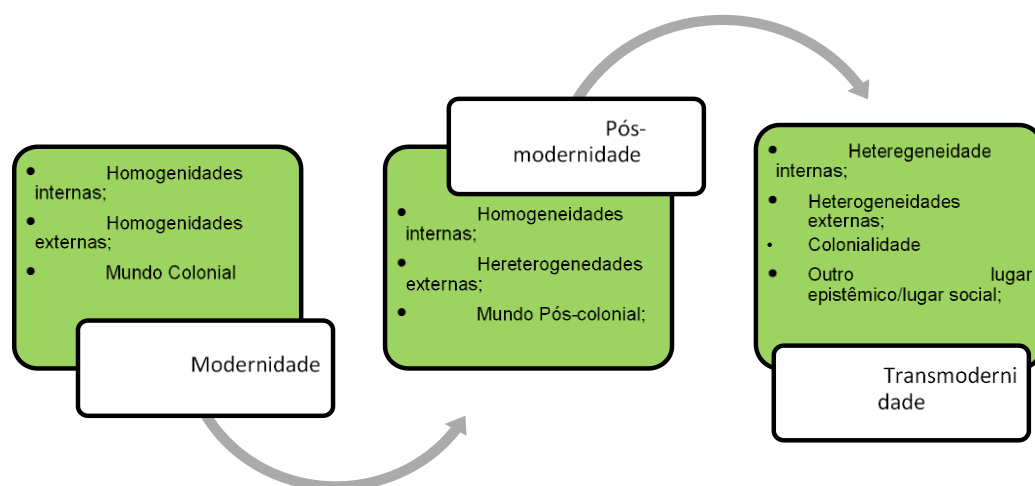
²⁴ Para ele “esse sistema é importante para entender a matriz do poder colonial mas, também é fundamental para compreender no bojo das leituras pós-coloniais que há diversas dimensões que ainda buscam articular os lugares periféricos com a divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global” (GROSFOGUEL, 2010 p. 467).

Grosfoguel(2010); Harvey (2010) Soja (2008) Boaventura Santos (2010) Souza Neto (2008), Hissa (2002, 2011 e 2013), Silva (2014) e Porto-Gonçalves (2006).

Antes de adentrar nas interfaces, é importante salientar que a pós-modernidade, a transmodernidade são reações, construções teóricas à modernidade e, a pós-modernidade mais interligada ao pós-estruturalismo. Já a transmodernidade é um projeto elaborado pela filosofia da libertação que reveste por meio das epistemologias locais subalternas. A transmodernidade almeja transcender a versão eurocêntrica da modernidade, nas palavras Dussel (2002).

De modo geral, observa-se, entre estas duas concepções, diferenças nas abordagens científicas, como sugere a representação da Figura 07.

Figura 7: Esquema representativo das relações internas e externas no campo epistemológico das ciências humanas



Elaboração: Rigonato, 2015.
Modelo criado a partir Dussel (2002), Santos (2010) e Massey (2012).

De forma geral, o caminho que a ciência adentra com a transmodernidade na busca da heterogeneidade dos fenômenos internos e externos para a construção de outras epistemologias e lugares. Mesmo considerando o expressivo vínculo da pluralidade dos saberes, é preciso alcançar suas transcendências, para entender a essência das coisas e das ações nos lugares vividos. Também ultrapassar os essencialismos, os localismos e, mormente, as representações socioculturais estereotipadas e/descontextualizadas com o lugar vivido pelos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Souza Neto (2008), em seu artigo “*Os ventos do norte não movem moinhos*”, posiciona-se na interface entre os que defendem a modernidade e a pós-modernidade.

Mas, também salienta que não podemos apagar os malefícios da modernidade nas populações do Sul como se nada tivesse ocorrido nos últimos séculos. Com isso, o autor salienta a necessidade da Geografia brasileira valorizar as experiências espaciais humanas no território.

Porto Gonçalves (2006, p. 25), discutindo sobre os povos da América Latina, afirma que “[...]a modernidade europeia inventou a colonialidade e a racionalidade (base da escravidão moderna) e, assim, essa tríade – modernidade-colonialidade-racionalidade – continua atravessando, até hoje, as práticas sociais e de poder”. O autor apresenta em sua análise que, mesmo diante dessa tríade, há saberes e práticas das populações rurais que oferecem r-existências no seio de seus modos de vida.

Há movimentos iniciais na Geografia brasileira para traduzir os efeitos da colonialidade diante da modernidade e pós-modernidade em nosso território. A maioria dos lugares não permanece passível e imóvel perante a modernidade e a pós-modernidade. Inclusive, eles são movimentados pela inserção das inovações técnicas e informacionais decorrentes das descobertas científicas que introduzem novos objetos tecnológicos, novas ideias e valores ao mundo da vida das pessoas.

Além disso, no caso da Geografia brasileira ela pouco contribuiu para revelar as representações socioculturais, os discursos espaciais – os falsos regionalismos, os pré-conceitos inter-regional e intra-regionais.

Massey (2009, p. 103) assevera que na reflexão sobre uma nova política da espacialidade:

O que se desenvolveu dentro do projeto da modernidade, em outras palavras, foi o estabelecimento e a (tentativa de) universalização de uma maneira de imaginar o espaço (e a relação sociedade/espaço) que afirmou o constrangimento material de certas formas de organizar o espaço e relação entre sociedade e espaço. E que ainda permanece hoje em dia.

Tal universalização, no âmbito dos Cerrados baianos, primeiro o colocou como representação nos mapas do IBGE como grandes áreas inóspitas, homogêneas e planas. Em segundo lugar, concretizou uma imaginação espacial carregada de discursos regionalistas nos quais os baianos foram e são classificados “preguiçosos”, por não deterem o capital e promoverem o chamado progresso “modernização da agricultura”.

Diante destas constatações, para melhor trilhar outros itinerários contextualizados é preciso considerar os saberes subalternos, constituídos nas práticas e,

consequentemente nos modos de fazer. Saberes estes que estão nas interfaces do conhecimento científico com os saberes autóctones das populações Geraizeiras. Para isso, faz-se necessário evidenciar esses saberes, os conhecimentos, as representações socioculturais e as práticas socioculturais dos lugares vividos.

Cabe ressaltar que, ao valorizar as representações e as não representações do lugar vivido pelos Geraizeiros(as) dos Cerrados baianos, consistiu em assumir posturas metodológicas as quais se situam na interface dos saberes/conhecimentos originários, modernos, pós-modernos. Também permitem formas de traduzir as espacialidades subalternas destas populações.

Grosfoguel (2010, p. 481), ao dialogar com os autores estudiosos de outras concepções de fronteira, afirma que:

Ao invés de rejeitarem a modernidade para se recolherem num absolutismo fundamentalista, as epistemologias de fronteira subsumem/redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado do oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocêntrica. Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/submissão da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e as relações econômicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica. (GROSFOGUEL, 2010, p. 481)

Diante do exposto pelo autor, acredita-se que a Geografia de/em Transição ao trilhar as interfaces do conhecimento moderno, pós-moderno e transmoderno se encontra próxima dessas ideias de elucidar as espacialidades e temporalidades dos sujeitos e grupos subalternizados. Por esse motivo são necessários cuidados relacionados com as espacialidades e temporalidades nos lugares vividos para superar a oscilação entre o perigo do reducionismo econômico e o do culturalismo presentes em algumas das “neogeografias”.

Outra precaução é contextualizar o que denomina-se de colonialidade e o aplico no território brasileiro. As contribuições de Spivak (2010), Bhabha (2010) são fundamentais para o despertar do interesse pelo pós-colonialismo. Boaventura Santos (2010) também destaca as especificidades dos tipos de colonialismo inglês, do asiático e do português. No seu entendimento, este último, sendo colonialismo do colonialismo

permitiu a emergência de diversas relações econômicas, políticas, culturais e religiosas no período colonial brasileiro.

Tal observação destaca indiretamente a importância da análise das teorias mais autóctones, sobretudo, as desenvolvidas por Dussel (2002), Quijano (2003) e Santos (2010), as quais estão mais ligadas às discussões da transmodernidade na ciência contemporânea.

O papel da transmodernidade é instituir novas agendas e práxis científicas que possam transcender os discursos modernos (acríticos) e os pós-modernos (esvaziados do conteúdo político) como também para revelar as alteridades, as identidades mais horizontalizadas no campo dos saberes e, principalmente, das práticas socioculturais do lugar.

De modo geral, a transmodernidade rediscute a modernidade e a pós-modernidade em relação ao lugar de enunciação dos sujeitos. Isso no que tange, sobretudo, a posição sociocultural e das relações de poder as quais as pessoas e grupos socioculturais da sociedade pós-colonialista continuam, muitas vezes, espectadores ou na condição subalterna ou vitimizadas.

Diante disto, Dussel (2002) certifica que a transmodernidade é:

[...]como projeto mundial de libertação em que a Alteridade, que era co-essencial à Modernidade, igualmente se realize. A “realização” não se efetua na passagem da *potência* da Modernidade à *atualidade* dessa Modernidade européia. A “realização” seria agora a passagem transcendente, na qual a Modernidade e sua Alteridade negada (as vítimas) se co-realizariam por mútua fecundidade criadora. O projeto transmoderno é uma co-realização do impossível para a Modernidade; ou seja, é co-realização de solidariedade, que chamamos de analéptica, de: Centro/Periferia, Mulher/Homem, diversas raças, diversas etnias, diversas classes, Humanidade/Terra, Cultura Ocidental/Culturas do mundo periférico ex-colonial, etc.; não por pura negação, mas por *incorporação* partindo da Alteridade. (DUSSEL 2002, p. 06)

A partir dessa colocação, pode-se inferir que a transmodernidade no campo do conhecimento geográfico é fundamental para ultrapassar o plano da pré-reflexão, do visível das relações socioculturais e das representações socioculturais. A mesma, nesta tese, é uma oportunidade para apoiar a Geografia de/em Transição a retomar os princípios da filosofia realista. Isso sem desconsiderar o simbolismo, mas também avançar na análise/tradução das experiências espaciais vividas, percebidas e concebidas na alteridade do lugar.

Saliento que essa trajetória que sigo aqui é apenas uma dentre muitos percursos por um campo de pesquisas geográficas contemporâneas que iniciam o repensar as identidades, as formas de inserção dos grupos sociais nos programas institucionais das esferas administrativas, nos movimentos sociais e em suas próprias práxis do cotidiano vivido. Conforme já foi dito, nesta tese, o foco é para os Geraizeiros do médio vale do rio Guará nos Cerrados do Oeste da Bahia e, sobretudo, do/no território brasileiro.

Outro propósito da análise da interface é evidenciar que nela se encontra muito mais do que formas de fazer as ciências contemporâneas. No caso especial da Geografia nota-se um certo vigor nas pesquisas para releituras políticas as quais podem colaborar para novos caminhos e/ou abordagens dos conhecimentos, dos saberes e de suas interfaces sem rotulação da racionalidade de outrora, como já foi apontado no início deste capítulo. As diversas geografias, já o disse, constituem os discursos geográficos neste início do século XXI.

Muitas dessas geografias consideram que “[...] a modernidade é inseparável da colonialidade” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 49). Tal consideração confirma, sem dúvida, a riqueza das tendências das teorias pós-críticas das ciências e, principalmente na Geografia. Esse conjunto de teorias inclui os estudos pós-estruturais, pós-coloniais, pós-modernos, pós-fundacionais e pós-marxistas (GREGORY, 1996).

Essa compreensão de interfaces é a possibilidade de ultrapassar as falácias acadêmicas como verdades absolutas. Tais falácias, muitas vezes, são propagadas sem a reconstrução dos conhecimentos à luz da realidade e, principalmente das ideias mais contemporâneas. Muito que é discutido nas “delirantes geografias” são construções conceituais amordaçadas pelas ideias da modernidade científica e, ou pelas abordagens pós-modernas. Sem dúvida, há diversos autores que demonstram avanços na produção geográfica, mas há ainda um número significativo deles que pouco avançou em direção à atual virada espacial.

Boaventura Santos (2006, 2010) frisa a importância da diferenciação do pós-moderno do pós-modernismo de oposição. Para ele, este último procura alternativas aos projetos coletivos e a emancipação social ao propor o pluralismo e a reinvenção da emancipação social. A tese principal do autor, com base na trajetória entre regulação social, é a emancipação social. Como aponta Santos (2006, p. 27) “[...] em vez da desconstrução proponho uma teoria crítica pós-moderna, profundamente auto-reflexiva, mas imune à obsessão de descobrir a própria resistência que ela funda”.

Assim, esse conhecimento de interface expõe desafios de compreender os saberes daqueles que perpassaram pela “transmodernidade” e pouco teve oportunidade de sentir o papel do Estado Nação direcionado a emancipação social. No caso em particular, refiro-me aquela percorrida pelos Geraizeiros nos Cerrados detentores(as) da geoeologia de saberes recheada de representações e práticas socioculturais profundas no lugar vivido.

É importante salientar que a transmodernidade proposta por Enrique Dussel (2003) destaca-se como paradigma da vida espacial de cada sujeito ou grupo de sujeitos. Apresenta-se como uma alternativa contextualizada na consciência da prática como uma nova referência teórica desde a pré-modernidade, até a pós-modernidade.

Diante disto, pode-se afirmar que muito do conhecimento produzido pouco proporcionou de rupturas radicais com a modernidade e muito menos com pós-modernidade nas ciências. Admite-se que causou apenas uma subsunção dialética dos dois anteriores. Então, a transmodernidade apresenta-se nos discursos científicos como possibilidade não hegemônica de construção de outros paradigmas a partir da modernidade e da pós-modernidade, com possibilidade de alcançar outras totalidades. Ou, como bem ilustra Boaventura Santos (2010, p. 123) “totalidade da totalidade”.

De modo geral, percebe-se que o projeto da transmodernidade enfrenta o diálogo ainda, com as utopias factíveis, as quais passam a ter sua fonte nas espacialidades humanas menos favorecidas. Além disso, realiza-se a subsunção dos aspectos instrumentais dos paradigmas científicos vigentes.

De acordo com Dussel:

[...] a partir da intersubjetividade crítica das vítimas, é realizada pela razão crítico-instrumental e pela razão estratégica subsumidos dentro do horizonte ético-material e formal moral crítico. Trata-se do âmbito da “factibilidade antecipatória”, como construção formulada, explícita, da utopia possível como programa de ação. Aqui nos encontramos no aspecto positivo do princípio. A comunidade, a intersubjetividade crítica das vítimas começa a imaginar a utopia. É uma imaginação transcendental ao sistema: se o “atual” não permite que se viva, é preciso imaginar um “mundo onde seja possível viver”. A “esperança” como motivação (instinto de vida, do prazer, o dionisíaco de Nietzsche, corrigido como “desejo metafísico” de Lévinas, etc) diante do futuro possível. (2002, p.476)

Como pode ser observado, com a transmodernidade, este autor procura situar a produção das ciências, sobretudo, diante das espacialidades da América Latina. Com

isso, agrega-se com outras propostas, inclusive com a de Paulo Freire (1996), ao demonstrar fortes vínculos com a teoria da libertação.

Tal reflexão soma muito com a nossa proposta de refletir a Geografia de/em Transição. Esta considera que a geocologia de saberes, sendo metodologia, pressupõe, principalmente, a valorização dos saberes e das práticas dos Geraizeiros baianos, muitas vezes apenas, idealizadas pelas ciências modernas e pós-modernas de outrora. Além disso, elas apontam para o caráter intersubjetivo das espacialidades humanas as quais o transcendental pode ser a fonte para traduzir as intencionalidades das ações espaciais.

Ao considerar a importância da transmodernidade para a Geografia de/em Transição a geocologia dos saberes, assenta-se na ideia paradigmática de que é preciso fazer uma reavaliação das relações sociais concretas na sociedade e da sociedade com a natureza, para caminhar para a análise e tradução dos geosaberes.

Considerando essas reflexões, pode-se afirmar que uma Geografia de/em Transição distingue-se por questionar as noções hierarquizadas e verticalizadas entre colonizador/colonizado nas ciências humanas e sociais. Também transcende a concepção simplista de cultura apenas efeito da opressão colonizadora. E ela ainda tende a valorizar o dinamismo do lugar, o hibridismo e a coexistência da negociação mesmo nas relações assimétricas de poder.

Em síntese, a Geografia de/em Transição eficiente deve ser capaz de levar em conta uma nova ontologia do espaço, tanto conceitual quanto metodológica. Se não formos capazes de fazê-lo, a geografia não somente perderá seu potencial da modernidade, mas também pode continuar proporcionando apenas “delirantes novas geografias”, na concepção de Monteiro (2012), conforme já o disse. O que se propõe aqui e é desejável, uma abordagem científica que ultrapasse a interpretação das formas de vida na atitude natural, sobretudo, das populações rurais dos Cerrados.

Afinal, apreender as geografias do presente é o propósito da Geografia de/em Transição como ciência social.

Vale frisar, mesmo de passagem, a necessidade de transcender a esfera consensual de que, para que haja a evolução do conhecimento geográfico, é preciso valorizar as outras geografias, as neogeografias e uma geografia de/em transição independente da constatação das deficiências teóricas e metodológicas nas interfaces da – modernidade, pós-modernidade e transmodernidade – e, em especial da Geografia moderna clássica ou pós-moderna.

De acordo com Kuhn (1992), cada metamorfose científica revolucionária na ciência necessita reescrever e reestabelecer a sua própria história, repensar suas práticas científicas, seus instrumentos e seus objetivos. Partindo desse pressuposto, acredita-se que as possibilidades de validade de uma Geografia de/em Transição serão a sua própria aplicabilidade na descrição, análise, interpretação e, principalmente, tradução das múltiplas práticas sociais fluidas nos lugares neste início do século XXI.

1.2 GEOECOLOGIA DE SABERES

Antes de abordar este assunto vale esclarecer o termo, os traços que o caracteriza e as relações que o envolvem. Essa consideração é necessária na medida em que o termo “Geoecologia de saberes” é uma criação proposta pelo autor desta tese. Esse termo foi inspirado em Boaventura Santos (2010), a partir da “ecologia de saberes” e Leff (2004), que apresenta o diálogo dos saberes. Santos assevera que há necessidade da diversidade epistemológica, a valorização dos saberes diante da homogeneização dos conhecimentos científicos e Leff (2004 p. 69), do diálogo de saberes entre o saber racional e os saberes ambientais arraigados culturalmente nos sujeitos dos diversos lugares do planeta terra.

Ao mesmo tempo, busco valorizar nos saberes dos Geraizeiros a “geoecologia das paisagens” defendida por Rodriguez (2010).

Em virtude disto, não há pretensão de explorar o conjunto das ideias teóricas relacionadas à “ecologia de saberes” apresentada por Boaventura Santos (2010). No entanto, há a intenção de promover a transposição, sobretudo, da noção que as práticas socioculturais são saberes à luz dos saberes espaciais da Geografia de/em Transição. Assim, os meus passos metodológicos serão enredados na interface discursiva da modernidade, pós-modernidade e transmodernidade já discutidos e o repito para que o leitor tenha clareza do itinerário adotado.

O desenvolvimento teórico da Geografia de/em Transição é subsidiado nos princípios das ciências sociais e humanas interdisciplinar. E, principalmente, dessa construção teórica e prática na interface da modernidade, pós-modernidade e transmodernidade que adjetivei: Geoecologia de saberes.

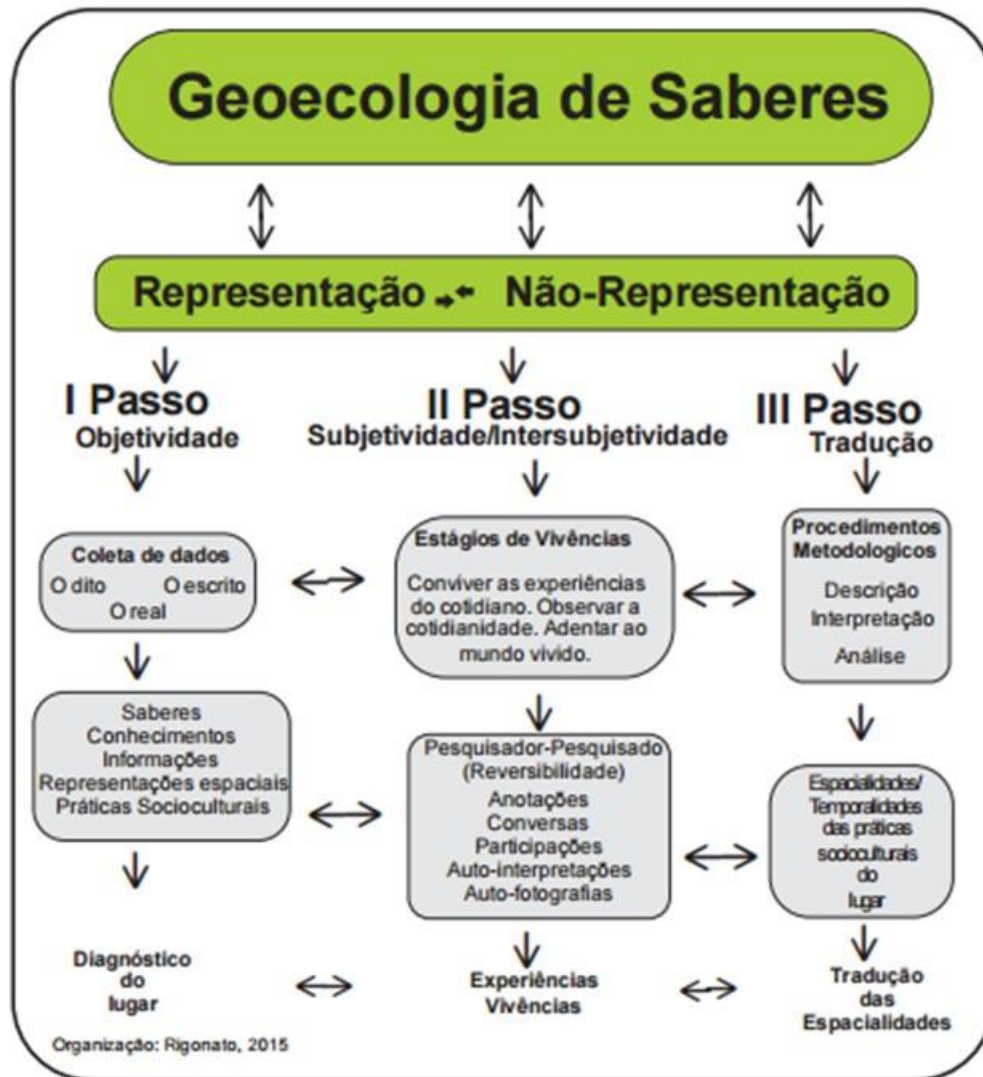
Ela é uma construção metodológica que almeja outros itinerários no seio da ciência geográfica. Assim, a pesquisa trilha itinerários em busca de incorporar a poética da vida no lugar dos Geraizeiros nos Cerrados da mesorregião do Extremo Oeste da

Bahia. Com isso, ela almeja ultrapassar a superficialidade da vida cotidiana para analisar e traduzir as formas de r-existência e (re)habitação diante das mutações da modernização da agricultura nestes lugares. Ao mesmo tempo, acredita-se que, no plano teórico/prático, trilhar na Geografia de/em Transição é a possibilidade de abordagens geográficas das Geraizeiros baianos e, conseqüentemente, das populações rurais nos países colonizados da América Latina, da Ásia e da África em situação de subalternidade espacial.

Diante desse entendimento, com a geoecologia de saberes buscará valorizar as espacialidades como formas e funções, bem como também signos que contém significados e significantes nos lugares vividos face “as territorialidades da modernização da agricultura dos Cerrados baianos”.

A geoecologia dos saberes e das paisagens será o recurso para fazer a leitura, a análise e a interpretação de imagens, os significados, os símbolos e os signos considerados aqui representações socioculturais do lugar vivido pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará em São Desidério, BA, tais como na (figura 08).

Figura 8: Os passos entre as representações e não representações da Geografia de/em Transição



Fonte: Rigonato, 2013-2016

Como pode ser visto, a Geoeologia de saberes é uma possibilidade de ter um suporte teórico e metodológico para adentrar nos lugares de vivências dos Geraizeiros baianos nos Cerrados. Para auxiliar o leitor a compreender o diagrama acima, segue uma descrição sucinta dos três itinerários:

I Passo: a triangulação das informações desses momentos da pesquisa se mostra fundamental para identificar as representações e as práticas socioculturais do lugar. Nessa imersão, o escrito (relatórios, pesquisas científicas, mapas, tabelas, dados e, inclusive informações recentes na *internet*); o dito (as entrevistas, as falas, as conversas, os relatos orais, as anotações estruturantes das espacialidades e temporalidades do lugar); o real (as observações, os sentidos em particular “o visível” (BESSE, 2006), os estágios de vivências, as observações diretas junto com os sujeitos do local e as travessias compõem os procedimentos desse primeiro itinerário. Esses procedimentos

são importantes para transcender os discursos e as representações hegemônicas para as observações mais diretas com os fenômenos socioculturais do lugar e, ao mesmo tempo, revelar os contra- discursos e as práticas socioculturais;

II Passo: Esse é um estágio essencial da pesquisa no qual ultrapassa tanto o caráter de superioridade do pesquisador diante do Sujeito local quanto elimina a alteridade entre sujeito/objeto de pesquisa. Para isso, os objetivos e propósitos da pesquisa foram apresentados à comunidade individualmente e coletivamente na escola municipal Ovídeo Francelino de Souza. Depois da apresentação contextualizada da pesquisa, iniciou-se o processo de autorregistro das ações da vida cotidiana. Nesta tese, particularmente valorizou-se um mutirão de pesquisa e o registro autofotográfico com estudantes jovens da escola. Esta foi a possibilidade de ultrapassar as representações definidas pelo pesquisador, mas também a alternativa para caracterizar as ações nos lugares vividos. Posteriormente, iniciou-se a decodificação do sujeito em seu lugar vivido e no seu modo de vida que o compõe por meio da “análise/tradução” da relação direta dele; ou, também, do grupo com a realidade espacial vivenciada nos lugares vividos diante das múltiplas espacialidades humanas.

III Passo: Descrição, interpretação e análise são fundamentos metodológicos aqui valorizados para a tradução. Traduzir “os saberes comuns” e científicos é um procedimento metodológico que busca revelar as ações, as práticas socioculturais dos Geraizeiros nos Cerrados Baianos. Para Hissa (2000): “os saberes comuns são caracterizados pela sua subjetividade, representativos que são dos indivíduos, dos grupos e das comunidades”. Para isso, procura analisar/traduzir os saberes autênticos dos lugares dos Geraizeiros nos Cerrados baianos, as suas interrelações com outros saberes, saberes subalternos e/ou em condição de subalternidade, diante das territorialidades da globalização econômica.

É importante frisar que os passos buscam romper com a hierarquia entre o conhecimento científico, e os saberes contidos nas práticas. Para isso, os mesmos são desenvolvidos de forma interligada e concomitante. De forma geral, esses passos têm apoio na geografia pelas técnicas de observação, de sistematização e análise presentes na literatura sobre trabalhos de campo na ciência geográfica, principalmente da humana e cultural.

Utilizo as orientações do “Diagnóstico Rural Participativo” (VERDEJO, 2006) como possibilidade de melhor apresentar os resultados da tradução das práticas, das

representações socioculturais e da interpretação dos mapas mentais, entrevistas, questionários e diálogos de saberes dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA, conforme descrito anteriormente no itinerário metodológico da pesquisa.

Para tanto, valoriza as interrelações entre os diversos atores/sujeitos/objetos das paisagens, lugares e territórios vividos. Assim, almeja-se traduzir as performances corporais, as práticas e a “arte de fazer” no lugar vivido. Há possibilidade de aproximar as pesquisas geográficas à “comunicação intercultural”.

No desenvolver da pesquisa, busca-se valorizar o lugar como potencial da multiplicidade das ações humanas (MASSEY, 2009). Para isso, a tradução precisa superar os essencialismos geográficos em prol de uma política relacional (MASSEY, 2012).

A geoecologia dos saberes valoriza a diversidade de conhecimentos espaciais profundos do lugar vivido. Assim, nesta pesquisa, acredita-se que a análise/tradução das espacialidades e temporalidades vividas pelos Geraizeiros baianos nos Cerrados revelará a importância das representações, das práticas socioculturais e das ações nos lugares vividos.

Por último, trilha nesta pesquisa, a trajetória da Geografia de/em Transição em busca de consolidar outros itinerários metodológicos para transcender o caráter representacional do passado e alcançar a autenticidade nas presentificações no agora e no porvir, “o amanhã”, tais como serão discutidos a seguir.

Uma Geografia com metodologia própria construída na interface das contribuições da modernidade, da pós-modernidade e transmodernidade (HISSA, 2002); ou do “estruturalismo e a revolução do pós-funcionalista e as concepções atuais de Geografia” (CLAVAL, 2009, p. 11); e também, do “econômico, social, cultural e político” na transição da pós-modernidade, concebido por Boaventura Santos (2010, p. 75). Mas, tal complexidade é que inspira nos princípios de alteridade e da forma de fazer ciência da transmodernidade (GROFOGUEL, 2010).

Claval (2002) assegura que essa abordagem considera as lógicas econômicas, sociais e políticas sobre a vida em grupo. Além disso, ela ressalta as particularidades dos sistemas de representações espaciais (ideologias, imagens e símbolos) e, dos seus signos, significados e significantes nas paisagens, lugares e territórios vividos. As pessoas e os grupos apreendem o lugar e se comunicam nele.

O mesmo autor recentemente (2008) afirmou que houve reestruturação completa da Geografia humana a partir das abordagens geográficas a qual considera o papel da comunicação e das representações espaciais. Assim, o propósito da geoeecologia de saberes é revelar os signos, as práticas espaciais e as territorialidades dos sujeitos e grupos nos lugares vividos. Com isso, Claval (2013) sugere navegar em suas fraturas e trilhar itinerários analíticos, interpretativos e discursivos. Que pela geoeecologia dos saberes seja feita a valorização não só da diversidade de saberes, mas das práticas sociais dos Geraizeiros dos Cerrados baianos no contexto intercultural do lugar vivido.

Geoeecologia de saberes aqui é considerada como fundamentos teóricos e metodológicos para as pesquisas de descrição, interpretação, análise e tradução das representações socioculturais, das práticas socioculturais dos Geraizeiros dos Cerrados baianos. Com esse esclarecimento, ressalta-se aqui que a geoeecologia de saberes assume, neste texto tese, o caráter de metodologia da pesquisa na ciência geográfica que ampara na “transição paradigmática” traduzir os modos de r-existências e de (re)habitação sociocultural dos Geraizeiros dos Cerrados baianos.

Tal concepção coaduna com a proposta de ecologia de saberes de Santos (2010, p. 66):

[...] a ecologia de saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral.

O referido autor ao propor a ecologia dos saberes demonstra de forma precisa a sua importância para a transcendência dos saberes e, principalmente, do conhecimento científico nos tempos atuais. Assim, a Geoeecologia dos saberes tanto reconhece a diversidade cultural quanto também busca trilhar os itinerários da diversidade epistemológica.

A Geografia de/em Transição ao invés de rejeitar a modernidade como forma de recolher no absolutismo fundamentalista de alguns discursos espaciais pós-modernos, adentra-se na transição e na fronteira do conhecimento espacial. Desta maneira, há a possibilidade de redefinir a retórica emancipatória da transmodernidade a partir das cosmologias, do lugar de enunciação dos sujeitos “(a)sujeitados”, Grosfoguel (2010) e Santos (2010).

Ora, na geoeologia de saberes há o propósito de estabelecer o diálogo entre saberes espaciais hegemônicos (científicos) e os não-hegemônicos, isto é, saberes espaciais comuns e locais (HISSA, 2002). Com isso, há a possibilidade de evidenciar de forma relacional a importância de esses saberes nas representações socioculturais, mas práticas espaciais nos lugares vividos.

Por este viés, a geoeologia apoia a análise/tradução das espacialidades, das temporalidades, das cosmologias com as paisagens, os lugares e os territórios vividos nos Cerrados. Para tal, respalda-se nas territorialidades dos Geraizeiros. A geoeologia de saberes tem uma semelhança e se aproxima muito do que conhecemos dos procedimentos metodológicos da “Etnogeografia” (CLAVALL, 1999), (ALMEIDA & RATTS, 2003).

1.3 ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DO LUGAR: ONTEM, HOJE E O AMANHÃ

Como foi explanado anteriormente, pela Geografia de/em Transição propõe-se a discutir as espacialidades/temporalidades de forma conexa, inter-relacionadas práticas espaciais e as representações socioculturais expressas e contidas no lugar vivido. O propósito aqui é realizar análise/tradução (STALLAERT, 2010) das espacialidades e temporalidades do lugar vivido. Para isso, já o disse, busca-se transcender a noção de espaço e tempo cartesianos: linear, vazio ou para preencher.

(Re)introduzir, considerando o lugar vivido, as espacialidades e as temporalidades é uma tarefa árdua diante da tradição geográfica de pontuar as espacialidades a serem preenchidas. Neste lugar vivido, nota-se que tanto a espacialidade como a temporalidade não foram dilapidadas totalmente pela racionalidade da ciência moderna.

Acredita-se, portanto, que, no lugar vivido, a espacialidade e as temporalidades expressas nas ações individuais e coletivas nas paisagens dos Cerrados baianos são repletas de memórias, lembranças, expectativas que compõem o imaginário geográfico/imaginação geográfica²⁵ no/do lugar vivido.

Os estágios de vivências no médio vale do rio Guará e, o desenvolvimento dos itinerários apresentados no 1.2. revelaram a comunidade de Ponte de Mateus com questões a serem traduzidas:

²⁵ Massey (2009).

- a) Há ressignificação dos signos e das práticas espaciais dos Geraizeiros dos Cerrados. As representações oriundas dos discursos orais revelam que os Geraizeiros, mesmo tendo vivido e ser parte da composição das paisagens dos Cerrados, eles não gostariam que retornassem ao passado. O ontem “havia falta de muitas coisas, estradas e recursos e se a adoecesse tinha de levar na rede léguas e léguas” (Dona Preta. Povoado de Ponte de Mateus, 2014);
- b) Existem descontinuidades das espacialidades vividas com as representadas para o amanhã se considerar as ações sociais do presente no/dos lugares. Tal fato será apresentado na interpretação dos mapas mentais no próximo itinerário;
- c) As temporalidades principalmente as ligadas com as cosmologias locais como plantio com as fases da lua, a laqueadura de animais e outras atividades são reveladoras dos saberes originários da observação da influência da lua, das estações dos anos. Estas temporalidades estão sobre fortes transformações tanto pela inserção de outras atividades agrícolas quanto também pelas mudanças climáticas, da relação homem/natureza e, também dos seus modos de vida;
- d) Há mudanças significativas nas vivências do Geraizeiros baianos: inserção no mercado de trabalho assalariado com os empregos nas fazendas de produção de soja, milho e algodão e nas fazendas criadoras de gado. Observa-se também a inserção de novos ofícios, profissões as quais muitas são delimitadas pelo trabalho formal/informal longe de suas habitações e também pelas temporalidades do relógio;
- e) Com a penetração da mídia, sobretudo, dos jornais e novelas televisivos, nota-se transformações nas espacialidades/temporalidades dos Geraizeiros, tais como: eliminação do tempo livre, das rodas de conversas e da troca de experiências entre gerações na comunidade.

Pela Geografia de/em Transição busca colocar em evidência as espacialidades e temporalidades fluídas, mesmo ciente dos riscos e das armadilhas que a experiência vivida pode ocasionar para os “de dentro” do lugar vivido, Buttimer (2015)²⁶.

A mesma autora afirma que:

O espaço vivido e o tempo vivido foram pobremente e apenas parcialmente representados via modelos disciplinares do espaço e tempo representacionais. Para muitos pesquisadores sérios o caminho está em explorar os mundos vividos das pessoas no lugar. (BUTTIMER 2015, p. 8).

Apesar dessa abordagem retomar algumas contribuições do século XX da Geografia humanista, ela foi e é pouco explorada nas pesquisas das ruralidades do território brasileiro. Realmente, há muitas pesquisas que consideram essas “ruralidades” como estáticas, inóspitas e até isoladas. Entretanto, de maneira os Geraizeiros projetam suas territorialidades nos lugares vividos no médio vale do rio Guará.

O desafio aqui é traduzir as vivências com suas espacialidades e suas temporalidades, sem desvalorizar os signos, os significados e as representações socioculturais dos Geraizeiros. Assim, os passos metodológicos desta tese buscam tanto traduzir esses signos pelas representações socioculturais (ontem, hoje e amanhã) com os seus significados nos Cerrados baianos quanto também revelar as vivências profundas no lugar.

Entende-se aqui que não são apenas as representações socioculturais e sim as próprias vivências dos Geraizeiros nos lugares que unem o passado, o presente e o futuro. Brandão (2009, p.25.) ao refletir espaços e tempos no mundo rural afirma que: “(...) compartilhando o mesmo tempo de história, compartilham também a mesma geografia do espaço”.

Assim, os Geraizeiros nos Cerrados baianos são entendidos *a priori* como “[...] parte de um fluxo que une passado, presente e futuro” (PLOEG, 2014, p. 8). Esta transição/ transitoriedade é semelhante ao que acontece com a maioria das famílias gestoras dos estabelecimentos de agricultura familiar no território brasileiro. Elas possuem uma geograficidade repleta de memórias, lembranças e experiências acumuladas e projetivas.

Para Santos (2006, p.224), o papel da memória no espaço geográfico:

²⁶Ressalta que o texto original foi publicado na década de 1970.

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado.

Como se vê, a memória é o elo teatral que dinamiza, interliga as noções de tempo e espaço percebido por meio das imagens, do imaginário social dessas imagens que compõem o espaço vivido e percebido pelos indivíduos os quais a imaginação recria as ações sociais contemporâneas no espaço geográfico. Já para Gomes (2008), quando refere-se ao imaginário social, inclui conceitos e ideias que organizam as nossas formas de olhar, pensar, apreciar e compreender objetos e fenômenos. Para ele, nessa organização os ingredientes principais são o raciocínio e a lógica.

Diante disso, Claval (2013) convida os geógrafos a não negligenciar as dimensões culturais dos fatos que observam, mas orienta suas curiosidades em nova direção. Além disso, aponta que são “as representações, é o imaginário do grupo, negligenciados até então, que merecem ser estudados” (CLAVAL, 2013, p.149).

Essa constatação representa um desafio diante das leituras de espacialidade e temporalidades realizadas pela maioria dos estudiosos da modernidade e da pós-modernidade que demonstram o espaço e o tempo terem sido separados (GIDDENS, 1991). Entretanto, essas leituras sobre as espacialidades e temporalidades ainda são fundantes nas ciências sociais e na Geografia.

Milton Santos (1999), ao contrário de muitos autores, já apontava para a força do lugar na ação dos homens/mulheres sendo à base da vida social, sobretudo em relação às coexistências de temporalidades e espacialidade. Nesta concepção, cada acontecer social se distingue em espacialidades diferentes, permitindo falar do ontem, do hoje e do amanhã.

Traduzir as espacialidade e temporalidades ontem (passado), hoje (presente) e amanhã (futuro) é um desafio para a Geografia de/em Transição. Para tanto, recorrerá às coexistências e as perspectivas espaciais contidas nas representações socioculturais e nas práticas espaciais vividas pelos grupos sociais e sujeitos no espaço geográfico contemporâneo.

Assim sendo, pensar as espacialidades e as temporalidades do imaginário geográfico dos Geraizeiros nos Cerrados é reconhecer as conexões entre o espaço habitado com as suas subjetividades e intersubjetividades. Intersubjetividade é aqui

entendida como membrana sociocultural que assegura à sociedade os conhecimentos necessários, as imagens, as imaginações e as representações e, sobretudo os códigos culturais de sucessivas populações em convívio com os Cerrados. É uma membrana sociocultural que permite transcender do plano imanente do espaço rural para o plano transcendente.

Neste caso, procurará neste texto-tese superar a noção de sequência temporal representativa da diferença espacial (MASSEY, 2009). Acredita-se que sem essa consideração, muitas pesquisas sobre as espacialidades e temporalidades são tratadas como se fossem uma película de um filme. Elas, geralmente, são congeladas e interpretadas de forma estanque do lugar vivido.

Com este entendimento, as pessoas desconsideram o papel do passado (ontem) na projeção das vivências do presente. E, muito menos elucidam o papel das representações socioculturais do presente na conformação das espacialidades e temporalidades do “por vir-a-ser”. Talvez seja por isso que o presente seja muito interpretado por uma parte significativa de geógrafos brasileiros contemporâneos como perda daquilo que se imagina, sobretudo, na imaginação científica, de forma nostálgica.

O exercício de traduzir as espacialidades/temporalidades das práticas espaciais da população que habita o médio vale do rio Guará nos coloca a questionar algumas noções científicas de tempo e espaço nas ciências sociais. Porém, ele nos conduz a concordar com Harvey (2010, p. 187) que “o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”.

Também, Boaventura Santos (2010) ainda nos alerta que “as sociologias da ausência e da emergência” ao asseverar que as ciências sociais no passado mutilaram a noção de tempo. Para ele, “[...] o passado foi visto como consumado e, portanto, como incapaz de fazer a sua aparição, de irromper com o presente. Pelo contrário, o poder de revelação e de fulguração foi todo transposto para o futuro.” (SANTOS, 2010 p. 05)

Como se percebe: “ontem, hoje e o amanhã” é para uma tradição científica nas ciências sociais e, principalmente, na ciência geográfica, um recorte vulgar, impreciso e impossível. Isso revela o desconhecimento das contribuições sobre o tempo de autores como Walter Benjamin (2000), Heidegger, com o “Vir-a-ser”, Paul Ricoeur (1994).

Repito nesta tese, a intenção é traduzir as espacialidades e temporalidades conectadas com as representações socioculturais, com as práticas espaciais dos Geraizeiros supracitadas. Para isso, é de valia a afirmação de Silva: “o espaço-tempo

vivido é, assim, apenas uma mediação. Há que ultrapassar seu significado empírico, para a ideia repor-se como ideia, ou seja, como abstração” (SILVA, 2012, p. 27).

As espacialidades e as temporalidades transcendentais dessas populações são as bases para a r-existência e (re)habitação das mesmas diante das territorialidades da modernização da agricultura nos Cerrados baianos.

Portanto, para dissecar e dilapidar as espacialidades/temporalidades do lugar com base na Geografia de/em Transição é preciso primeiro ultrapassar a interpretação única e geral espaço absoluto e tempo linear das ciências da modernidade e da pós-modernidade, como já foi aventado em discussões neste capítulo primeiro da tese. Além disso, tais espacialidades/temporalidades exigem interpretações relacionais entre espaço e tempo e “reconhecer a coexistência de uma multiplicidade de tempo-espaço” (MASSEY, 2009, p.211).

Em resumo, espera-se que este texto-tese expresse, pela própria trajetória da Geografia como ciência, como valorizar e ultrapassar a racionalidade do tempo e do espaço. Com isso, pesquisar as práticas espaciais as quais são as personificações dos lugares no cotidiano vivido. Além disso, que ele permita perceber a influência do imaginário/imaginações geográficas do futuro enquanto intersubjetiva sociocultural dos Geraizeiros e sujeitos diante das territorialidades da globalização econômica nos Cerrados Baianos. Nessa trajetória, elucidado a “geografia do presente e a força do lugar”, com já havia apontado Santos (1996, p.228) na análise da “psicoesfera”.

A Geografia de/em Transição é uma proposta de reflexão preliminar, de um território singular da realidade brasileira. Para isso, o universo empírico desta tese se encontra contextualizado com as representações socioculturais, com as práticas espaciais e com as múltiplas territorialidades dos Geraizeiros diante do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos.



2. OS CERRADOS BAIANOS: AS ESPACIALIDADES VIVIDAS NAS PAISAGENS

“O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima...O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, alarmagem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de matas em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas há lá. Os gerais corre em volta. Esses Gerais são sem tamanho” (ROSA, 1994, p. 3-4

2. OS CERRADOS BAIANOS: as espacialidades vividas nas paisagens

Como bem descreve Guimarães Rosa, os Gerais ou os Cerrados baianos possuem a diversidade e a multiplicidade de paisagens, nas palavras dele: “os Gerais corri em volta”. Mas, na verdade os Gerais para os Geralistas e/ou Geraizeiros(as), depois da influência das informações do rádio, da televisão e da educação formal e das produções científicas, tornou-se sinônimo de Cerrado (s).

Saliento, do mesmo modo, aos leitores (as) desta tese que a abordagem geográfica por mim adotada considera os Cerrados como “acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2006) e o espaço geográfico como eventualidade (MASSEY, 2009). Para isso, os Cerrados baianos serão discutido em três dimensões intimamente interligadas: Os Cerrados do Passado, os Cerrados do Presente e os Cerrados do Futuro.

Os Cerrados dos passados foram concebido e elaborado inspirado nas contribuições de tempo e espaço profundo de Braudel (1992)²⁷. A oralidade, a memória e as experiências pretéritas dos interlocutores desta tese nos Cerrados baianos, juntamente com amplo levantamento bibliográfico foram importantes para elucidar a espacialidades e temporalidades dos Cerrados baianos do passado. Dessa maneira, busco apresentar as espacialidades pretéritas mais interligadas com os Geraizeiros em relação aos acontecimentos históricos do território baiano e brasileiro. Enfim, todas as transformações das paisagens dos Cerrados baianos do passado estão relacionadas com as mudanças geo-históricas e econômicas. Estas os transformaram em terras inóspitas para terras prósperas sem resolver as desigualdades socioeconômicas e socioculturais enrustadas desde o período colonial brasileiro.

Os Cerrados dos presentes: tornou-se *locus* das territorialidades hegemônicas da modernização do capital que condicionou a consolidação do agro-energias-negócios diante dos territórios vividos pelos Geraizeiros baianos. A meu ver, há consolidação dos mitos da modernidade no *front* agrícola dos Cerrados. Eles, no plano discursivo minimizam o papel da cultura ecológica pela desordem ambiental sustentada pelas falácias da sustentabilidade ambiental do processo de uso e ocupação e, portanto das espacialidades humanas dos Cerrados baianos. Por último, adentro nas relações de trabalho, lazer e nas fontes de renda das famílias Geraizeiras do médio vale do rio

²⁷ Como bem aponta Claval (2014, p. 188), o estudo das viscosidades, das asperezas e das porosidades reveladas pelo espaço tornou-se um dos campos privilegiados da geografia.

Guará, as quais revelam as ressignificações socioculturais no modo de vida dos Geraizeiros do referido médio vale e nos Cerrados baianos.

2.1 Os cerrados baianos no passado

A elaboração dos signos das paisagens do Cerrado de outrora retoma a pré-história. Uma tradição “astronômica e geométrica” que há evidência de épocas Pleistocênica e Holocênica com pinturas rupestres no município de São Desidério, BA, especificamente na gruta das Pedras Brilhantes e no morro dos Tapuias, conforme Beltrão (2004).

Em documento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE o histórico do município de São Desidério, BA, está assim descrito:

Estudos revelam que a região oeste na pré-história era habitada por tribos indígenas. A descoberta de sítios arqueológicos, urnas funerárias e pinturas rupestres - que ainda hoje podem ser encontradas em grutas de São Desidério - atestam indícios de vida humana na época das cavernas. (BRASI, 2016 p. 01)

Tais representações rupestres denotam a presença humana e as suas representações sobre o meio ambiente vivido, apresentadas no capítulo anterior. Essas evidências da presença humana nos Cerrados baianos do passado nos colocam a pensar na formação de um território culturalizado da biodiversidade (ALMEIDA, 2009), pois havia uma simbiose dos seres humanos com as paisagens dos Cerrados. Para Barbosa (2008), as espécies humanas que aqui habitaram, auxiliaram na distribuição das espécies da flora do Cerrado, pois eles eram seres humanos coletores e dispersores.

Diante de uma geomorfologia sempre em elaboração das chapadas, escarpas e vales, o relevo cárstico e seus afloramentos, tornaram-se abrigo privilegiado desses grupos pré-históricos que habitavam essas porções dos Cerrados no passado distante. Porém, pesquisas paleoclimáticas apontam para instabilidade para os domínios paisagísticos dos Cerrados, Ab´Saber, (2003) e Barbari e Ribeiro (2008).

Alves (2013) afirma que as últimas instabilidades climáticas ocasionaram secas severas que podem ter acarretado o esvaziamento dos grupos pré-históricos no vale do São Francisco. Posteriormente, com a retomada da estabilidade se estabeleceram rotas migratórias, comprovadas pela distribuição dos sítios arqueológicos em lugares específicos do território andino e do rio São Francisco.

Destarte, desde a pré-história, passando pela história “colonial” e, nos últimos séculos, os Cerrados são marcados por períodos alternados de longas secas e períodos chuvosos. Esses fenômenos climáticos lhes atribuíram características paisagísticas marcantes: longos tabuleiros circundados por escarpas erosivas e vales erodidos e “[...] moldados pelas águas que descem do alto e pelos ventos que sopram em direção a oeste, o arenito e o calcário adquiriram formas variadas, deixando esculpido aqui e acolá os testemunhos do que, num passado longínquo, foram relevo e a topografia regionais” (TEXEIRA NETO, 2008, p.244).

As características paisagísticas influenciam não só na constituição da diversidade geológica dos Cerrados baianos. Mas, igualmente a adaptabilidade dos grupos humanos que ocuparam os Cerrados baianos no passado. Essa simbiose entre os fenômenos naturais e a presença dos seres humanos nas áreas dos Cerrados propiciou “uma longa e rica tradição cultural no Cerrado” (SILVA, 2009).

Embora as áreas dos Cerrados tenham se tornado uma áreas de mobilidade humanas desde de outrora devido as mudanças climáticas e pressões agrárias, recentemente, há várias evidências que as áreas dos Cerrados baianos receberam retirantes da seca das áreas semiáridas, inclusive da indústria da seca, com denuncia Oliveira (1974).

Há diversos autores que já se dedicaram a registra-las em suas produções acadêmicas (Quadro 02):

Quadro 2: Registros acadêmicos das Ocorrências de Secas na região do Semiárido de 1952-1998

Ocorrência	Autores
1532	Villa (2000)
1710-1711 1723-1727;1744-1745; 1777-1778	Euclides da Cunha (1982)
1900; 1903; 1905; 1932; 1942; 1951/53; 1958; 1966; 1970; 1976;1979/1984 e 1998	Garcia (1995)
1744; 1790; 1877; 1846; 1915; 1932	Castro (1946; 2000)

Fonte: Organização do autor baseado em leitura bibliográfica, 2013-2016.

O geógrafo Josué de Castro em seu livro Geografia da Fome (1946) classificou os períodos prolongados de secas no território brasileiro e, principalmente no semiárido: a) parcial: quatro a cinco anos; b) seca generalizada: dez a onze anos; c) excepcional: ciclo de cinquenta anos. O mesmo autor esclareceu que os números e as previsões eram

imprecisos. Entretanto, se sabe ainda hoje que não há uma regulamentação precisa da frequência das secas²⁸.

No plano geocológico das paisagens dos Cerrados, sabe-se que essas variações climáticas contribuíram com a diversidade de paisagens dos Cerrados (BARBERI & RIBEIRO, 2008). Esses revelam a presença dos seres humanos nos Cerrados no período anterior à chegada dos europeus, inclusive pré-histórica.

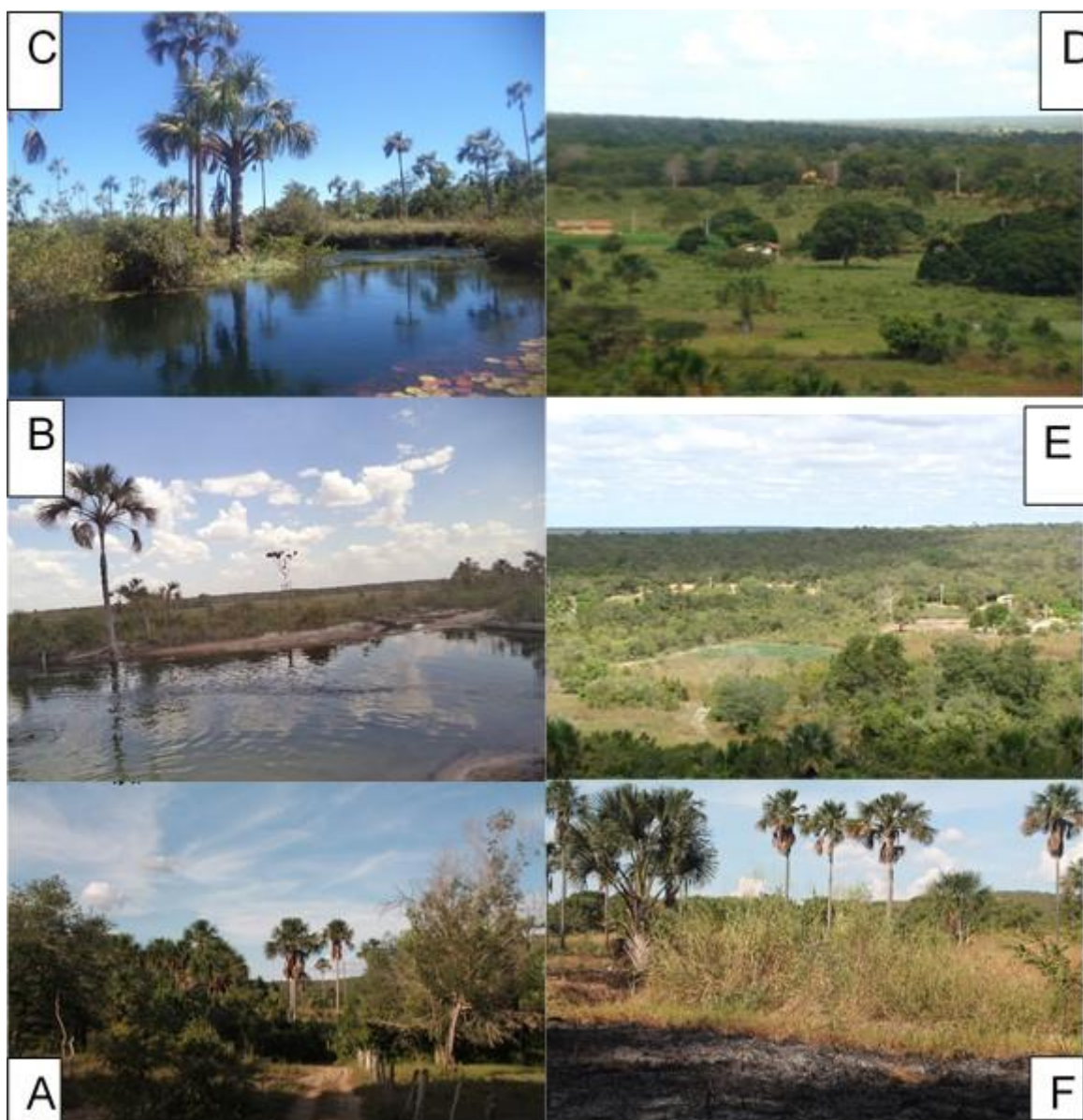
As evidências arqueológicas apontam para a contribuição na dispersão de sementes e constituição da diversidade paisagística dos Cerrados. Além disso, esses autores apostaram no papel das populações indígenas na distribuição e dispersão das espécies nativas nas paisagens dos Cerrados.

O processo de ocupação do território brasileiro diante dessas variações climáticas, intensificou o clima semiárido, influenciando as populações a se deslocarem para o interior do país. Tais fenômenos contribuíram para a constituição dos habitantes dos Cerrados baianos, pois muitos deles estavam à procura de terras agricultáveis e abundância de água, conforme as paisagens dos Cerrados²⁹ no médio vale do rio Guará **(Figura 9)**

²⁸ Atualmente, pode dizer que não se descobriu uma lei mais os fenômenos naturais e os antrópicos que estão ampliando os períodos de seca nos Cerrados baianos.

²⁹ Essas imagens são apenas ilustrativas das paisagens atuais, pois os relatos orais dos ascendentes dos primeiros Geraizeiros revelam que os rios tinham muito mais águas e biodiversidade no início do século XIX.

Figura 9: A) Corredor (beco) no povoado de Larga que o interliga com a roça de rego e com o rio Guará; B) Área de banho no povoado de Currais do rio Guará; C) Vista Panorâmica do rio Guará entre veredas (Buritizais); D) Paisagem do médio vale ocupadas pelas pequenas posses dos Geraizeiros; E) Pequenas roças dos Geraizeiros nas proximidades da mata galeria do rio Guará; F) Prática do fogo controlado nas roças de rego com área de pousio às margens do rio Guará.



Fonte: Pesquisa empírica entre 2013 a 2016. Foto: Rigonato, 2016.

Essas figuras revelam as paisagens e os lugares de vivência dos Geraizeiros baianos e, sobretudo, do médio vale do rio Guará nos últimos dois séculos. Acredita-se que essas paisagens com veredas, riachos, brejos úmidos e os sopés das encostas erosivas foram os lugares preferidos pelos primeiros habitantes.

Aqui, é importante frisar que essas áreas dos Cerrados baianos já eram rotas dos povos autóctones antes do advento da colonização. Com a colonização e a

mineração no interior do território brasileiro essas áreas dos Cerrados se transformaram nas principais rotas que interligavam as áreas de mineração com o litoral via transporte fluvial pelos afluentes e o próprio rio São Francisco. Concomitantemente, houve a expansão da pecuária natural nas áreas das chapadas e vales dos Cerrados. Com a pecuária consolidaram-se as primeiras fazendas, as estradas dos boiadeiros e os primeiros povoamentos fora da rede fluvial que outrora interligava essa região com o litoral baiano.

Diante deste contexto, Neves (2012, p. 95) destaca a diversidade de povos que passaram a povoar os Cerrados e os sertões baianos e nordestino. Para esse autor, a história oficial revela a composição da população dos “sertões baianos” nos três séculos depois da chegada dos europeus:

Várias famílias portuguesas, baianas e pernambucanas de origens indígenas, africanas e europeias estabeleceram-se na região, nas condições de proprietários, foreiras, arrendatárias, posseiras e agregadas ou simplesmente pescadores e vendedoras de mão de obra. Os registros eclesiásticos de terras advindos da Lei de Terras de 1850 sugerem estas origens, embora nem todos os declarantes informassem seus dados. (NEVES, 2012, p. 95)

Os Cerrados baianos, juntamente com os sertões baianos, foram ocupados pela diversidade étnica e racial. Aqui, diversos povos estabeleceram relações sociais, políticas e culturais diversas com as áreas que foram sendo ocupadas sobre as políticas colonialistas do Estado-Nação³⁰ brasileiro. Dentre essas políticas colonialistas o que mais impactou foi a destinação das sesmarias, ou melhor, imensos latifúndios para aqueles considerados sangue puros e/ou ascendentes direto de Portugal. Enquanto isso, aos mestiços foram vedadas as possibilidades de receberem as concessões. Martins relata esta diferenciação de acesso à terra:

A massa de excluídos constituída durante o período colonial não era, pois, massa indiferenciada. Isso permitia a um branco deserdado do morgadio abrir a sua própria posse, onde pudesse, e obter assim a sua sesmaria. Já o mestiço pobre podia abrir a sua posse, mas, devido aos mecanismos tradicionais de exclusão que alcançavam o impuro de sangue, dificilmente podia tornar-se um sesmeiro (MARTINS, 1981, p.34)

³⁰ Saliento aos leitores que o conceito de Estado-Nação é embreado de um colonialismo (GONZÁLES CASANOVA, 2005). Aqui, constituído de grupos de europeus com conflitos religiosos na Europa, de indígenas e africanos e afrodescendentes forçados e desterritorializados de seus territórios vividos.

Todavia, mesmo preservando o caráter desigual das titulações das terras emergiu experiências humanas mais autônomas nos “Gerais”³¹. Em outras palavras, o Cerrado baiano do passado foi o espaço geográfico privilegiado, a seu modo, para a diversidade social, econômica, racial, religiosa e política excluída da lógica colonialista do Estado-moderno-colonial.

Texeira Neto (2008, p. 267) colabora ao ratificar que:

Foi no Cerrado que nossos antepassados europeus e africanos – e nossos primeiros habitantes – os índios – desenvolveram hábitos e costumes que hoje fazem parte de nossa cultura, como, dentre outros, o seu artesanato e sua forma de se alimentar com frutos do Cerrado. Sobretudo os índios nos deixaram também exemplos de convivência comunitária e de relações éticas com a natureza a serem imitados.

O autor colabora com a ideia que as diversidades ecológicas e socioculturais possuem origens com os povos autóctones, sem desvalorizar as especificidades do período colonial. Além disso, aponta a r-existências dessa diversidade no seio do modo de vida das populações tradicionais e modernas nos Cerrados.

Para Sales (2008) e Ribeiro (1997), essa transmissão de saberes iniciou-se com os povos indígenas do tronco Macro Jê. Saberes que proporcionaram a resiliência³² dos Geraizeiros nas paisagens dos Cerrados até a atualidade. Já para Mazzeto Silva (2009), a colonização do chamado Brasil Central só foi possível em razão da apropriação desses saberes pelos colonizadores. Depois pelos pecuaristas e sucessivamente pelos demais grupos os quais apossaram (in)legalmente das terras dos Cerrados baianos.

Aviltamento promovido pelos colonizadores revertidos de mineradores, pecuaristas, viajantes, agricultores, seringueiros de borracha de mangaba, pesquisadores e outros apropriaram e/ou apropriam-se dos saberes populares. Muitos desses saberes foram aviltados das populações tradicionais para garantir a hegemonia dos conhecimentos colonialistas do período moderno-colonial (PORTO GONÇALVES, 2006).

A partir dessas premissas, pode-se afirmar que as espacialidades e temporalidades vividas pelos seres humanos foram rarefeitas e lentas nas áreas dos

³¹ De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros IBGE (1958) todas as terras das chapadas das serras “Gerais” dos municípios da atual mesorregião do Extremo Oeste da Bahia são consideradas devolutas.

³² Em Ecologia, resiliência é a capacidade de um determinado ecossistema de retornar originalmente após uma perturbação

Cerrados baianos até o início do século XX. No caso especial dos Cerrados baianos, isso se deve à falta de dinamismo da economia baiana, inclusive do setor terciário em Salvador (SANTOS FILHO, 1989). Além disso, ele frisa as poucas de atividades econômicas das áreas dos Cerrados que pudessem interligar ao circuito nacional do “Além São Francisco”.

Neste bojo, Domingues (1947); Pierson (1972); Santos Filho (1989); Haerbaert (1995); Geiger (2014); Alves (2015); Souza Sobrinho (2015); Oliveira (2015) comprovam a presença dos Geraizeiros nas paisagens dos Cerrados desde o passado. Eles, do mesmo modo, relatam o modo de vida interligado com as paisagens dos Cerrados pelos Geraizeiros deste de outrora.

Esses Geraizeiros já integravam o sistema das paisagens dos Cerrados. Tendo como principais atividades de subsistência: as lavouras de arroz, mandioca, feijão, milho banana e cana-de-açúcar nos vales e às margens das inúmeras veredas que existiam nos Cerrados do passado. Nas proximidades delas, eles erguiam suas casas, criavam pequenos animais, aproveitavam a fertilidade natural dos solos e a disponibilidade de água. Ao longo dos anos desenvolveram um complexo sistema de irrigação por gravidade em regos. Já os chapadões ou Gerais repletos de gramíneas naturais do campo limpo e sujo se tornaram áreas de caça sazonalmente e, posteriormente de pastagens naturais da pecuária extensiva³³.

Santos Filho (1989) e Haesbaert (1995) apontam que os Cerrados baianos só foram considerados importantes no contexto da economia baiana e brasileira no início do século XX. Neste período, florescia o período da borracha de mangaba, o fortalecimento da pecuária extensiva, da produção de algodão e havia a melhoria do transporte fluvial. Desse modo, as populações que habitavam os Cerrados baianos e os Geraizeiros estavam interligadas pelo desenvolvimento desigual e combinado³⁴ nos quadros da economia brasileira.

Em consonância com esse momento, inicia-se o fortalecimento do processo de povoamento nos cerrados baianos por Barra (1670), Santa Rita de Cássia (1670/80),

³³ No caso específico do vale do rio Guará os relatos orais esclarecem que eles não eram possuidores de gado no Cerrado do passado. A pecuária iniciou com o ofício de vaqueiro já no início do século XX. Eles ganhavam e/ou podiam campear e domesticar aqueles animais que ficavam perdidos pelos Cerrados durante a permanência do gado nos Gerais.

³⁴ De acordo com Löwy (1998), o precursor da lei do desenvolvimento desigual e combinado que tanto influenciou a intelectualidade brasileira no século XX é originária de Trotsky.

Angical (1810), Barreiras (1825) e outros, segundo Santos (2016). Primeiro, como defesa contra os índios, extensão da Capitania de Pernambuco e, posteriormente, cidades interligadas com o ciclo da pecuária e da agricultura de subsistência.

Um povoamento lento, rarefeito com urbanização incipiente até a metade do século XX. Este interligado pelas antigas estradas coloniais e pelo transporte fluvial no rio Grande, rio Preto, rio Corrente e no rio Carinhanha, todos conectando-se com o rio São Francisco, a cidade de Pirapora- MG, principalmente, com Salvador.

No caso específico do médio vale do rio Guará, os relatos dos Geraizeiros de “melhor idade” auxiliam no entendimento do que significou o ciclo da borracha de mangaba para eles: “O meu pai dizia que aqui era poucos que retirava leite de mangaba E, quando conseguiam produzir levavam para Santa Maria da Vitória ou seguiam para Januária, MG” (relato oral concedido em 2014). Entretanto, Almeida (2005) destaca que a produção foi significativa e atraiu pessoas de diversos lugares e muitos daqueles que vieram passaram a povoar as terras do Oeste da Bahia. A sua importância foi tal que a serra se chama Mangabeiras.

O geógrafo Pedro Geiger, em 1942, realizou uma excursão pelo rio São Francisco, depois pelo rio Preto em direção ao Jalapão no atual estado do Tocantins. Ele relata a sua passagem ao norte da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, na primeira metade do século XX. Como ilustrou:

O homem é raro nos gerais: e, isto, não é só porque a terra é pobre, mas, também, porque mesmo nas terras próximas algo melhor há uma fraquíssima população; porque o Brasil em geral tem um franca população e imensas regiões boas ou más, estão na fase de descobrimento e povoamento inicial, bem lenta, pois e outras não evoluem tanto que possam fazer pressão sobre aquelas. No nosso caso: o São Francisco não se desenvolveu tanto, a população não se adensou tanto que já empurrasse em maior número gente para subir os afluentes baianos que vêm do W e muito menos até as cabeceiras. (GEIGER, 2014 p. 15).

As descrições do autor denunciam que na primeira metade do século XX, a baixa densidade demográfica da região do vale do rio São Francisco e a presença dos Geraizeiros nos vales dos Cerrados baianos. No mesmo relato, o autor descreve detalhes do modo de vida dos Geraizeiros baianos.

O mesmo autor descreve as características deste modo de vida:

Os geralistas, pobres que fugiram de outros lugares para terras sem

dono, fugitivos da seca ou da justiça, nascidos do lugar descendentes de caboclos ou de ouros mestiços, constroem as casas rudimentares, às vezes simples choupanas, aproveitando o material da natureza. Dos sassafrases fazem as armações e com a palha de buriti trançam as paredes e fazem o telhado. Algumas têm as paredes com terra batida. Instalado na terra, dela vai vivendo o geralista porque ele está isolado do mundo. Faz então a pequena lavoura para o consumo; escolhe um lugar junto ao brejo, faz a derrubada, a queimada, cerca e planta. (GEIGER, 2014 p. 16)

Apesar do Geógrafo, na sua análise, justificar o contexto do atraso com o isolamento, ele realiza uma caracterização minuciosa do tipo de moradia, dos tipos de cultivos e da composição étnica dos Geraizeiros nos Cerrados baianos do passado. Vale frisar que, ainda hoje, é possível encontrar dentre as famílias Geraizeiras essas características. Há invisibilidade e r-existências que os Geraizeiros perpassaram e/ou foram submetidas ao desenvolvimento territorial brasileiro durante o século XX.

Como já foi aventado, até o início do século XX ainda havia grupos indígenas, comunidades quilombolas e Geraizeiros habitando os Cerrados baianos (BARBOSA, 2008). Ao norte, várias comunidades rurais no vale do rio Preto que tiveram como ascendentes diretos Canudos (GEIGER, 2014). Ao centro da Bahia, os povoados com longo tempo de existência, exemplo: Barroão e o Mucambo (ALMEIDA, 2005). Já na porção Sul, os povoados do poço do Mocambo, Furado, Cana Brava dos Pereiras, Pedra Branca, São Francisco e Mucambo (DOMINGUES, 1947).

A literatura romancista e regionalista de Guimarães Rosa e Osório Alves de Castro³⁵ são fontes também importantes para vislumbrar os modos de vida das populações que habitavam os Cerrados de outrora. Castro (1961) expressa em sua literatura que existiam três ofícios nos Gerais baianos: os coronéis, remeiros e jagunços.

Para melhor contextualizar essas espacialidades busquei fazer uma correlação com os relatos orais e, por sua vez, com a memória dos Geraizeiros. Esses relatos orais assinalam que realmente havia interação com os povos quilombolas e com os povos indígenas. Para eles, esses contatos eram efêmeros, mas havia troca de alimentos e trocas de experiências. Há também histórias de casamentos de homens Geraizeiros com as mulheres indígenas e, principalmente com as mulheres das comunidades negras

³⁵ Romancista, alfaiate e militante comunista filho de Santa Maria de Vitória, BA. Ele é autor de vários livros dentre eles: *Porto Calendário* (1961); *Maria Fecha a Porta pra u boi não e pegar* (1978); *Bahiano Tietê* (1990). Sua produção contribui para melhor traduzir as espacialidades pretéritas do final do século XIX e da primeira metade do século XX.

rurais. A maioria deles não possui boas lembranças do passado por causa das limitações ocasionadas pela falta de estradas e recursos de saúde.

Dessa forma, destaca-se o papel das memórias espaciais na constituição do imaginário geográfico e das imaginações geográficas (MASSEY, 2009) na troca de saberes, de tradições, valores e, principalmente, nas práticas espaciais deste grupo. Os relatos no (Quadro 3) a seguir expressam aquele período.

Quadro 3: Relatos dos Geraizeiros de melhor idade do médio vale do rio Guará, São Desidério, BA sobre o passado vivido no Médio vale do rio Guará.

As memórias do passado vivido pelos Geraizeiros no médio Vale do rio Guará
<i>“A minha avó dizia que tinha chegado aqui em Vereda grande por volta de 1815. Ela veio de Santana, depois que o pai dela tinha vindo e encontrado essas áreas livres aqui. Ela dizia que muita gente saiu de lá devido à seca e a fome”.</i>
<i>“Tinha muito animais. A gente vivia apenas da caça. Só depois que foi aparecer as coisas de pesca para pescar. O meu pai pegava peixe no rego com trança de buriti!”</i>
<i>“Aqui era difícil. Quando eu era menina com os meus irmãos passava muito tempo sem ver ninguém de fora. Via alguém pelos buracos dos buritis apenas quando passava os boiadeiros”.</i>
<i>“Aqui era melhor quando só o vento passava pela curva e pela janela. Agora que chegou essas estradas, as motocicletas e as bebidas tudo ficou diferente”.</i>

Fonte: Pesquisa de Campo entre 2013 a 2016.

No caso específico do médio vale do rio Guará, os Geraizeiros nas rodas de conversas, ao serem indagados a respeito do tempo de moradia de seus familiares nos Cerrados baianos, relatavam que estão há três gerações³⁶ residindo nos povoados de Ponte de Mateus, Currais, Pedras, Cera, Larga, Contagem, Vereda Grande e Riacho do Fogo. Além disso, frisavam que sempre tiveram ligações com o distrito de Inhuma e com Correntina, BA.

Eles são unânimes em esclarecer que o que influenciou os seus antepassados na seleção desses lugares de moradia foi a abundância de áreas “isto aqui era tudo nosso”,

³⁶ Aqui, cabe ressaltar que o Geraizeiro de “maior idade” que foi entrevistado tinha 86 anos. Ele relatou que o seu pai faleceu com 80 anos e que os seus bisavôs que vieram para cá no início de 1815. Mas, já existia algumas famílias do médio vale do rio Guará.

a disponibilidade de terras úmidas para plantio e a disponibilidade de peixes e animais silvestres.

O Sr. João Alegre residente no povoado de Vereda Grande relata que:

Os meus avós diziam que os pais deles vieram por causa da seca. Eles vieram do lado de Santana, BA. Os primeiros vieram com algumas sementes procurar lugares melhores para morar e cultivar. Encontraram tudo isso aqui. Muita água e veredas. Depois os homens retornaram para buscar as suas famílias.

(Entrevista de Campo. Sr. João Alegre. Povoado de Vereda Grande, 2015)

O geógrafo Domingues (1947 p.88-89) também nos legou suas análises e traduções das espacialidades vividas pelos Geraizeiros da bacia do rio Corrente nas paisagens dos Cerrados baianos, na primeira metade do século XX. Este autor descreveu:

Nos campos gerais, isto é, no chapadão arenítico, devido aos minguados recursos existentes, não existe uma ocupação verdadeira; é uma zona quase totalmente vazia. O indivíduo para viver ai precisa ser talhado para tal; surge então um tipo – é o “geralista” ou mangabeiro; indivíduo geralmente nômade, que vem tem como única atividade a extração da borracha de mangaba. É um indivíduo bastante queimado pelo sol, devido à forte insolação no alto do chapadão. É, nômade, leva seus apetrechos todos nas costas numa espécie de mochila onde carrega sua roupa, sal, fósforo, café, farinha; do lado carrega um bernal de pano ou couro onde leva o seu fumo de corda, o papa-fogo (espécie de isqueiro), um alimento que se denomina na região “paçoca” que é uma mistura de carne e farinha, e também a pólvora e o chumbo. Na cintura carrega uma faca ou punhal, arma que tem muitas utilidades no mato. A tiracolo carrega a espingarda. Ainda para completar carrega uma ou duas cabaças d’água para as grandes travessias e, na cabeça, um chapéu de couro. (DOMINGUES, 1947 p.88-89).

Os Geraizeiros encontravam integrados com a biodiversidade dos Cerrados baianos do passado. O caráter nômade, descrito pelo pesquisador, deve-se ao amplo território vivido que os Geraizeiros possuíam. A mobilidade deles nas áreas de chapadas estava mais relacionada à caça, ao extrativismo, a pesca, à pecuária extensiva e até para abertura de lavouras de rego nas proximidades dos vales úmidos.

Nesta mesma linha, Santos Filho (1989) afirma que o látex de mangaba foi o principal produto comercializado pelos Geraizeiros baianos neste período. Neste contexto, os Geraizeiros já conheciam, alguns participaram do curto ciclo da borracha e

outros simplesmente continuaram utilizando o látex da mangaba para elaboração de utensílios de uso diário voltados para o trabalho na pecuária, de acordo com o esclarecimento da Geraizeira no médio vale do rio Guará:

Naquela época tinha muita dificuldade. Muita chuva. Meu pai pegava muito leite de mangaba. Ai ele arrumava um tecido fininho. Tipo volta ao mundo. Derramava o leite nesse tecido. Misturava com ovo de galinha para dar liga. Esparramava! Ai ele colocava no sol para endurecer aquela massa. Depois recortava e fazia capa de chuva para andar a cavalo.

(Dona Preta. Geraizeira do povoado de Ponte de Mateus. Entrevista Setembro de 2014.)

Os Geraizeiros mesmo nas limitações do acesso aos produtos técnicos e tecnológicos dos centros urbanos no século XIX e na primeira metade do século XX, como as apontadas anteriormente, já desenvolviam suas tecnologias sociais, com base nos saberes geocológicos da biodiversidade dos Cerrados. A diversidade de saberes deles com as paisagens dos Cerrados permitiam encontrar os seus alimentos por meio da caça, da pesca e do extrativismo.

Aqui, é importante ressaltar que os Cerrados baianos ainda estavam preservados pelas ações humanas. Desse modo, os Geraizeiros desfrutavam dos bens naturais com mais abundância. Eles, até os meados o início do século XX, conviviam em harmonia com o “meio natural” e utilizavam poucas ferramentas para sobrevivência a partir da agricultura de subsistência nas lavouras de rego e no extrativismo.

Todavia, já havia os coronéis. Nessas fazendas, já tinham alguns equipamentos agrícolas: carpideiras, arados tração animal, telégrafos e outros (ALMEIDA, 2005). Essas fazendas, nos vales do médio rio São Francisco, aproximavam ao “meio técnico” (SANTOS FILHO, 1989).

De modo geral, todas as informações nas bibliografias científicas, nos jornais, as entrevistas, os relatos orais, informações e o meu convívio nesta mesorregião revelaram que as transformações geográficas são os resultados da coexistência de trajetórias e de políticas. Tal contexto se aproxima das discussões teóricas de Massey (2010).

Nestas trajetórias, houve diversas territorialidades, as quais constituíram os modos de vida dos Geraizeiros, instituíram as primeiras fazendas, engendraram as primeiras cidades e a infraestrutura incipiente nos Cerrados baianos.

O processo de ocupação dos Cerrados baianos é longo. Ele já está descrito em outras pesquisas e teses de geógrafos como Santos Filho (1989); Haesbaert (1995); Santos Clovis (2007); Cardoso (2012); Souza Sobrinho (2012). Estes não ficaram amordaçados pela “sociologia das ausências” (BOAVENTURA SANTOS, 2015). Desse modo, apresentarei de forma resumida os elementos territoriais auxiliares na dinamização dos Cerrados baianos, antes mesmo do advento da modernização da agricultura.

São espacialidades pouco exploradas. A despeito da existência de artigos e pesquisas eles apenas retratam os ufanismos locais e regionais e, muitas vezes, somente enaltecem a visão colonialista e desbravadora do agronegócio nos Cerrados baianos.

Os fenômenos geohistórico dos Cerrados do passado são inúmeros. Para tentar sintetizar apresentarei os elementos territoriais, sobretudo aqueles oriundos de políticas do Estado que nem sempre são elucidados na sua importância. Estes elementos os considero fundamentais para auxiliar na análise/tradução dos Cerrados antes do advento modernização da agricultura.

A meu ver, os aspectos territoriais que se seguem no (Quadro 04), são significativos para análise/tradução de como mesmo distante geograficamente da capital o Cerrado baiano sempre recebeu, a seu modo, as influências objetivas e subjetivas das territorialidades do Estado brasileiro e baiano.

Quadro 4: Resultados próximos e distantes no/do território dos Cerrados baianos oriundos da ação do Estado

Elementos Internos	Referência Temporal	Elementos Externos	Referência Temporal
Agência do Banco do Brasil	1942	Construção de Goiânia	1930
Aeroporto Internacional de Barreiras	1943 a 1949	Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF	1948
Instituto de Fomento Econômico	1957	Construção de Brasília	1956 a 1960
Municipalização ³⁷	1958 a 1962	Secretária de Agricultura de Brasília	1961
Construção da Hidrelétrica em Correntina, BA	1966	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)	1973
4º Batalhão de Engenharia e Construção	1969	Usina Hidrelétrica de Itaipu	1975 a 1984
Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal (IBDF)	1967	Usina Hidrelétrica de Sobradinho	1973-1979
Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco	1970		

³⁷Cocos, Coribe, Riachão das Neves, Formosa do Rio Preto, Canápolis, Tabocas do Brejo Velho, Baianópolis, São Desidério e Cristópolis; Luís Eduardo Magalhães, no ano 2000.

CODEVASF			
----------	--	--	--

Fonte: Domingues (1947); Santos Filho (1989); Haesbaert (1995); Vieira, (2007); Santos, 2007) Raquel (2012); Neves (2012).

A historiografia baiana sinaliza a inserção dessas áreas dos Cerrados baianos na ocupação militar estratégica no período da Segunda Guerra. Ficou evidente com a construção do aeroporto e a implantação da primeira agência do Banco do Brasil na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Este aeroporto foi construído em lugar estratégico, graças à necessidade de abastecimento dos aviões de voos internacionais que seguiam para a capital do Rio de Janeiro, segundo Pinheiro & Pitta (2012).

Os mesmos autores ainda apontam que a Fazenda Sertaneja, uma das mais imponentes na produção de pecuária nos Cerrados baianos desde o início do século XX, chegou a fornecer carne para o exército brasileiro no período da Segunda Guerra Mundial. O outro produto exportado via aeroporto durante a referida guerra foi o cristal de quartzo retirado na Chapada dos Veadeiros em Goiás (DUARTE & BRAGA, 1999).

Como pode-se perceber, esses elementos territoriais alocados pelo Estado, ao mesmo tempo que buscavam fazer a integração nacional das áreas da bacia hidrográfica do rio São Francisco, incorporavam os Cerrados baianos na dinâmica. Essas políticas consolidaram a institucionalização do espaço geográfico dos Cerrados baianos.

Dentre os municípios das áreas dos Cerrados baianos, Barreiras, por causa dos elementos intraurbanos e de sua localização com acesso ao transporte fluvial pelo rio Grande, exerceu centralidade espacial com maior fluxo de pessoas, mercadorias e de recursos financeiros na primeira metade do século XX. Dessa maneira, foi a cidade nas áreas dos Cerrados baianos que obteve a primeira agência do Banco do Brasil e o Instituto de Fomento Econômico.

Neste período, as elites políticas despertaram para os projetos desenvolvimentistas propostos pelo governo da Bahia para os Cerrados baianos. O resultado imediato foi a onda de municipalização entre 1958 a 1962, que emergiu os seguintes municípios Quadro 05:

Quadro 5: Municipalização nas áreas dos Cerrados Baianos³⁸

Município de Origem	Novos Municípios	Ano
Carinhanha	Cocos	1958
Santa Maria da Vitória	Coríbe	1958
Ibipetuba	Formosa do Rio Preto	1961
Santana	Canápoli	1962
Cotegipe	Riachão das Neves	1962
Angical	Cristópolis	1962
Angical	Tabocas do Brejo Velho	1962
Barreiras	Baianópolis	1962
Barreiras	São Desidério	1962

Fonte: Brasil, 2016

Cunha (1996), ao analisar processo semelhante no Vão do Paranã em Goiás, assevera que o processo de municipalização foi o marco da modernização da agricultura nas áreas dos Cerrados.

Segundo Pierson (1972), depois dos anos de 1950 as propostas desenvolvimentistas atraíram parcerias e projetos para o vale do São Francisco. Especialmente, nas áreas dos Cerrados baianos do passado receberam a Construção da Hidrelétrica em Correntina, 4^o Batalhão de Engenharia e Construção (4^o BEC), Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal (IBDF)³⁹ e a instalação da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco (CODEVASF). Juntos, engendraram os primeiros fatores locacionais institucionais para ampliar a produção agrícola, produção de energia, a construção de infraestruturas e o ordenamento das questões ambientais. Tudo isso constituía estratégias políticas desenvolvimentistas para anexar os Cerrados baianos nos quadros da economia baiana e, concomitantemente com os projetos de integração nacional e os planos desenvolvimentistas do governo brasileiro (SANTOS FILHO, 1989).

No caso específico da instalação do 4^a BEC esta tinha dois propósitos: primeiro, construir estradas para interligar a nova capital do Brasil com os estados brasileiros; o segundo, de defesa geopolítica nacional para proteger Brasília (Marajá, 2005). Nas áreas dos Cerrados baianos, o 4^a BEC foi o responsável pela construção da BR-020 e BR 242 para a integração nacional com Brasília com o Nordeste brasileiro.

³⁸ Luís Eduardo Magalhães foi desmembrado de Barreiras mas, já é de um processo recente de municipalização datado de 30/03/2000.

³⁹ Esse se transformou posteriormente no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, que ainda possui uma sede regional em Barreiras, BA.

Ele também contribuiu com várias outras infraestruturas como pontes e estradas vicinais.

Depois disso, já no período da Segunda Guerra Mundial, os Cerrados baianos tiveram um outro momento rápido de retirada e exportação do látex da mangaba, conforme já mencionado (Figura 10).

Figura 10: Extração de borracha de mangaba no início o século XX nos Cerrados baianos



Fonte: Arquivo pessoal da professora Ignez Pitta de Almeida, 2016.

Tais ocorrências podem ter influenciado a habitação dos Gerais, uma vez que há na memória dos Geraizeiros de melhor idade os usos domésticos deste produto, como foi apontado anteriormente.

Pode se afirmar que, depois da exploração de borracha de mangaba e da produção de algodão e seu beneficiamento na cidade de Barreiras, a vinda do quartel motivou o terceiro maior fluxo migratório para os Cerrados baianos naquela metade do século XX. Para a sua construção, vieram os funcionários da construção civil, soldados e oficiais com os seus familiares, geralmente cearenses a construir um setor habitacional específico em Barreiras para morarem

Dos elementos externos, os que mais impactaram a ocupação humana nos Cerrados baianos foram a construção de Goiânia e, posteriormente, aquela de Brasília. As cidades planejadas teriam desde já o poder de atrair migrantes baianos para a chamada urbanização planejada no Centro Oeste Brasileiro. Com isso, inaugurou-se o projeto modernizador das áreas dos Cerrados com sua face voltada para a urbanização.

Os interlocutores desta pesquisa na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e do médio vale do rio Guará têm no imaginário as recordações das notícias que chegavam pelos rádios das novas capitais. Dentre elas, a construção e inauguração de Goiânia, GO, tendo deslocado várias famílias Geraizeiras desta porção territorial para a nova capital de Goiás. Em virtude da falta de recursos e de infraestrutura de transporte, relatam que as pessoas seguiram pelas trilhas e estradas de tropas e boiadas até chegar na nova capital. Muitos dos Geraizeiros de melhor idade entrevistados naquele vale do rio Guará chegaram a assegurar que a viagem durava entre três a seis meses até alcançarem a nova capital do estado de Goiás. Durante o deslocamento, eles trabalhavam nas fazendas em troca de alimento e de abrigo e recebiam apoio de outras famílias Geraizeiras e/ou sertanejos goianos.

O processo migratório similar também ocorreu com a construção de Brasília em 1960. Neste caso específico do Distrito Federal, foi mais atrativo em virtude das menores distâncias, pela maior divulgação de oferta de empregos e de melhor qualidade de vida ofertada pela mídia, sobretudo, pelos rádios, segundo relatos dos Geraizeiros. Aqui, cabe frisar que constatei, durante a pesquisa de campo, que em todos os povoados do médio vale do rio Guará há Geraizeiros com familiares residindo em Brasília, cidades satélites e nas cidades goianas do entorno de Brasília. Muitos deles estão migrando de retorno. Estes, ao retornarem, buscam reestabelecer suas residências nas áreas de heranças ou de aquisição de posses, chácaras e lotes nos povoados de origem no mesmo trecho do vale do rio Guará.

De modo geral, os elementos internos e externo estavam interligados com os projetos institucionais de modernização do território brasileiro. A sua representação hegemônica já apontava para a urbanização como solução para as baixas condições de vida do campo. Entretanto, as dificuldades de sobrevivência nas áreas dos Cerrados do passado também impulsionaram a migração dos Geraizeiros.

Os Geraizeiros ratificam a falta de emprego, a diminuição das áreas para cultivo por motivo da chegada das fazendas de reflorestamento com eucalipto, de

plantações de caju, plantações de cana-de-açúcar, plantações de sequeiros e até devido as querelas familiares provocadas por mudanças política locais. Este cenário motivava a migração dos Geraizeiros para outros lugares, como discorre o relato a seguir:

[...] Mas, a coisa ficou mais difícil quando o tio Nicolau virou inspetor. Ele foi nomeado pelo antigo delegado de Santa Maria da Vitória, BA. Parece que isso foi por volta 1960. Ele passou a ser o homem das normas! Ele construiu uma cerca e fechou os porcos e os bodes dele. Ai, passou a exigir que os irmãos fechassem também. Foi ai que lembro que a fartura começou acabar aqui em Vereda Grande. O povo de birra passou a matar os animais para não ir no quintal e no brejo dos outros. Foi comendo tudo a até acabar a fartura. Logo os animais diminuíram. Ai, depois espirrei. Fui embora para Posse, GO. Os meus irmãos para Brasília. Só agora que voltei e comprei esse pedacinho de terra aqui. (Relato de campo do Sr. João Alegre no Povoado de Vereda Grande em 04/05/2016)

Estas inserções, interferências e instalações das instituições públicas nos Cerrados e, mormente na estrutura política administrativa dos municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia coincidem com o início domínio da Ditadura Militar. Para os militares a concepção da política nacional acenava para a necessidade de ocupar, dominar e explorar os chamados vazios econômicos e os vazios demográficos, sobretudo os Cerrados baianos.

Em contrapartida, no âmbito, nacional os slogans eram: “Plante que o João Garante! Integrar para não entregar!” (AUBERTIN, 2013, p. 8). O legado desse período foi o desmatamento de vastas áreas dos Cerrados baianos com promessas de reflorestamento, de plantio de caju, de arroz, de cana-de-açúcar e outros produtos os quais, em alguns casos, não foram sequer colhidos.

Já no contexto regional o discurso era melhorar a circulação fluvial do rio São Francisco, o “Rio da Integração Nacional” (SANTOS FILHO, 1989). Para atingir esta meta, estabeleceu-se no médio vale do rio São Francisco uma sede da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) em Barreiras. O propósito era de aumentar a produção e o escoamento no rio São Francisco (SANTOS FILHO, 1989) e a Codevasf inaugurou o plantio irrigado nos Cerrados baianos⁴⁰.

⁴⁰ Entretanto, há relatos que aqui inaugurou as primeiras desapropriações dos Geraizeiros no vale do rio Grande no trecho que hoje corresponde de Barreiras à São Desidério, BA. Muitos devido a fragilidade da titulação das terras receberam indenizações irrisórias as quais não lhes deram condições nem de comprar uma residência em Barreiras.

A modernização dos Cerrados baianos foi um projeto institucional do Estado-Nação brasileiro. Com isso, motivou que as áreas se tornassem posteriormente uma fronteira moldada pelo desmatamento de grandes áreas para plantio de lavouras financiadas pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) na década de 1960, 1970 e 1980 (OLIVEIRA, 2015).

Neste período, o governo do Estado da Bahia, por meio do IBDF, passou a liberar a supressão de vegetação de grandes áreas dos Cerrados baianos para acolher projeto de reflorestamento com eucalipto e pinus. A maioria financiada e também, foram concedidos incentivos fiscais e doação de terras pelo governo da Bahia. Este, aliado com o governo ditatorial brasileiro inaugurou a lógica de uso e ocupação de terra arrasada. Com recursos financeiros, incentivos fiscais e acesso gratuito às terras dos Gerais baiano, as empresas se instalaram em vários municípios na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, desconsiderando as populações Geraizeiras que já habitavam essas áreas.

Nesse ínterim, emergiram as grandes grilagens⁴¹ de terras nos Cerrados baianos, desencadeando nas décadas subsequentes toda uma onda de violência, assassinatos e pressões sobre as populações Geraizeiras e daqueles que se colocavam em sua defesa. Dentre essas atrocidades, destaca-se a morte do advogado do Sindicato de Santa Maria da Vitória, Eugênio Lyra, em 1977, relatada por Souza Sobrinho (2012; 2015).

Essas atitudes autoritárias dos governos militares sobre o álibi das representações hegemônicas da crise energética mundial da primeira metade da década de 1970, impulsionaram a destruição de grandes áreas dos Cerrados baianos e, com isso, provocaram a inserção de novos valores socioculturais nos modos de vida dos Geraizeiros. Há rumores que muitas dessas terras foram somente desmatadas e nunca plantadas, pois os empreendedores apenas tinham interesse de retirar os recursos dos financiamentos públicos, segundo Santos Filho (1989) e Souza Sobrinho (2014).

Neste período, as investidas desenvolvimentistas nas áreas dos Cerrados tinham ressonância com os discursos científicos da época, hoje considerados como

⁴¹ Grilagem: uma lógica ilegal de apropriação da propriedade privada a qual busca forjar documentos falsamente envelhecidos para ocuparem as terras, por meio do uso de “grilos”. Uma prática antiga, presente e ressignificada com o uso das geotecnologias aplicadas aos mapeamentos à distância muito presente no Oeste da Bahia. A título de exemplo: a Fazenda Planta 7, no município de Correntina, BA; A Fazenda Estrondo em Formosa do Rio Preto, e muitas outras que ainda têm vinculadas aos seus registros de propriedades várias ocorrências ligadas à grilagem de terras no Oeste da Bahia.

míopes e reducionistas por uma parte das ciências. Esses posicionamentos científicos aliados ao desenvolvimento tecnológico e as ações institucionais do governo brasileiro que criaram as condições para instalação da Revolução Verde sobre as áreas dos Cerrados e, mormente, de toda agricultura brasileira.

Para melhor ilustrar esses discursos uma passagem do livro do ecólogo Ferri⁴² coteja o Cerrado com a Amazônia:

Os ecossistemas do Cerrado são, sem dúvida, menos frágeis que os da Amazônia. Melhor, pois, começa a exploração agropecuária no Cerrado. Enquanto isso pode desenvolver pesquisas que nos ensinem como utilizar de modo racional a Amazônia, sem que ela venha a sofrer os mesmos riscos de hoje. (FERRI, 1977, p. 55).

Como se lê, a ocupação das áreas do Cerrado antes tidas como inóspitas para a agricultura passou a ser motivada pelos discursos dos cientistas os quais tinham no seu âmago ideias preservacionistas da Amazônia em detrimento da preservação e da conservação do bioma Cerrado. Para Domingos (2012), o Estado brasileiro, em nome do reflorestamento, provocou o desflorestamento dos Cerrados baianos.

A presença assistida do setor público no sentido de planejar o processo de uso e ocupação dos Cerrados baianos que estavam se instituindo deixou uma arena livre para atuação do capital privado. As grandes empresas, as grandes cooperativas implementaram projetos vultosos desestabilizando em algumas áreas o uso dos bens naturais e, por sua vez, o modo de vida das populações Geraizeiras.

A apropriação e desmatamento dessas terras iniciou o “cercamento”⁴³ dos Geraizeiros dos Cerrados baianos. Haesbaert (1995), Alves (2015) e Souza Sobrinho (2012; 2015) comprovaram com suas teses que a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia começou a se transformar de forma intensa com a chegada dessas fazendas, com a criação das condições de modernização capitalista pelas agentes financeiros.

As intervenções tímidas do Estado brasileiro já aliadas com as empresas de capital nacional e internacional desconsideraram a ocupação humana existente nos Cerrados do passado. Ao desconsiderá-la se tornou irracional e “nada de moderna” a ocupação desencadeada pelos sulistas, goianos, pernambucanos e mineiros, baseada na

⁴² Em uma das entrevistas com o agrônomo Hilário Cappes ele destaca a falta de bibliografia como eles tinham no Sul. Entretanto, no meio da conversa ele adentra em seu escritório e traz esse livro do autor destacando a importância dele em sua formação em relação as áreas dos Cerrados.

⁴³ Expressão utilizadas pelos próprios Geraizeiros do médio vale para expressar a situação fundiária vivida por eles nas últimas décadas do século XX e do século XXI.

monocultura e no uso predatório e imediatista dos recursos naturais, alerta Haesbaert (1995).

A concentração rápida da estrutura agrária dos municípios que compõem as áreas dos Cerrados baianos é o resultado do “cercamento”, mas também da imposição das restrições aos usos dos bens naturais e da desigualdade social para os Geraizeiros renegados pelo projeto de modernização capitalista dos Cerrados baianos.

Essa rápida concentração fundiária nos municípios das áreas dos Cerrados baianos está representada no Quadro 06.

Quadro 6: Síntese da Evolução da quantidade de propriedades rurais no São Desidério, BA e na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia de 1975 a 2006.

Tamanho	1975	1975	1985	1985	1995/96	1995/96	2006	2006
Propriedades	São Desidério	Oeste Baiano	São Desidério	Oeste Baiano	São Desidério	Oeste Baiano	São Desidério	Oeste Baiano
Menor 10	1335	11767	1751	17427	963	13693	185	7930
10 a 100	480	13587	604	17869	425	17130	295	15664
101 a 1000	61	3289	242	4543	103	3301	1501	9535
Maior 1000	10	361	106	781	230	1548	752	3394
Total	1886	29004	2703	40620	1721	35672	2733	36523

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 1975, 1985, 1995 e 2006.

Em três décadas ocorreu a concentração da estrutura agrária na mesorregião e, mormente nos Cerrados baianos. Houve o crescimento vertiginoso do número de propriedades acima de 1000 hectares. Em contrapartida, houve a redução significativa das propriedades com menos de 10 hectares. Acompanhada com um pequeno aumento das propriedades 10 a 100 hectares. Essa realidade se amplia, pois nela não contabiliza as populações de vulnerabilidade social como os quilombolas, as indígenas e as Geraizeiras que perderam suas posses e/ou foram expulsas dos Cerrados baianos.

Para o Sr. Hilário Cappes, um dos pioneiros e que nos Cerrados baianos adquiriram terras no município de São Desidério, essa concentração ocorreu devido aos baixos preços das terras daquela época. Muitos compraram terras maiores do que tinham condições de trabalhar nelas. Ele e o irmão, Sr. Lourenço Cappes, ressaltam que: “naquela época eles imaginavam que um módulo ideal seria de 400 hectares para ter sustentabilidade trabalhista, econômica, social e ambiental”.

Eles também ressaltam que muitos imigrantes vieram influenciados pelos baixos juros de financiamentos oferecidos pelos bancos a partir dos recursos da SUDENE que eram compensativos diante da inflação dos anos de 1980. Entretanto, depois que muitos sulistas, mineiros, pernambucanos e outros se estabeleceram nas áreas dos Cerrados baianos, o governo suspendeu esses recursos.

Essa suspensão de recursos, principalmente para a pecuária, determinou o aumento da produção de sequeiros: arroz, milho e, posteriormente a soja nos Cerrados baianos. O depoimento do Sr. Hilário Cappes colabora para entendimento da expansão da modernização da agricultura nas áreas dos Cerrados, desde o início das décadas de 1980 e 1990, como esclarece a seguir:

A viabilização da soja no Centro Oeste partiu de Brasília – 1977/78. Foi do PAFEF-DF (Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal). Eu era assessor do secretário de Agricultura de Brasília. Em Brasília, eu fui contratado para dar assistência técnica ao assentamento no Distrito Federal. Em que eu me apoiava para dar assistência técnica era nas pesquisas do FT E, aí as tecnologias foram se aprimorando. Nós só tínhamos uma variedade de soja para plantar. Zebu do Cerrado; IAC-2. Essas variedades davam 25 sacas. Luís Vicente Guetes. Áreas de 250 hectares. Ela era a única que dava no Cerrado. A Embrapa tinha pesquisa de soja em Brasília e no Paraná. A fazenda de experimentação no Cerrado da Embrapa era vizinha da área do PADEF (Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal) no município de Cristalina-GO. O fazendeiro e agrônomo Luiz Fernando de Souza Lima tinha fazenda no Paraná e outra aqui em Brasília. Como ele tinha essa fazenda aqui em Brasília. E, como a soja quanto mais o foto período de exposição, ela diminui o tamanho e também o ciclo produtivo. No Paraná, a Embrapa estava fazendo uma experiência. Desenvolvendo uma linhagem, mas o ciclo ficou muito longe. Levou quase seis meses para produzir. Aí, ele pegou algumas sementes dessa espécie e trouxe para as áreas de Cerrado aqui em Cristalina-GO. Ela aqui deu muito bem, mas não era certificada. Aí ele plantou essa variedade. Como não tinha os pais, os genitores, não tinha nada. Como ela foi trazida no bolso. Mas ele plantava e colhia mais que o dobro que colhíamos no PADEF-DF ao lado. Então, fizemos um acordo com a Embrapa. Nós plantávamos IAC2, colhíamos 25 sacas apenas. O acerto foi: a variedade dele que desse mais iria ser certificada. A variedade que deu mais foi a de Souza Lima. A variedade Cristalina devido à fazenda dele que recebia esse nome por ficar no município de Goiás com o mesmo nome. Mas, depois ela teve um problema também. Uma variedade e aí você planta vários grãos, vai sair vários tipos de grãos. Você tem de repetir de cinco a sete plantios para você atingir um padrão. Se você plantar antes, ela pode regredir. Como não tinha feito isso, houve um problema desses! Depois ela foi reciclada por um Japonês Francisco da OCEPAR – Organização das Cooperativas do Paraná. Assim criou a variedade FT-31. Quando vi para o PADEF-DF já não tinha mais lotes para distribuir. Lá não tinha mais nada. Eu queria ter fazenda. Eu e o meu colega Antônio Guadagnin queríamos terras baratas. Mas a

criação de um núcleo igual ao PADEF à terra envolta, tudo valoriza. Esse foi o problema para adquirir as terras em Brasília. Lá tinha um colega agrônomo baiano. Um dia ele disse para nós: “Vocês querem terras baratas e planas tem lá em Barreiras”. Ai, falamos com ele para nos conhecemos que pagaríamos toda a viagem. Isso foi em fevereiro de 1979. Eu não vim para cá pela falta de opção. Pelo contrário. Eu abandonei um emprego de 33 salários mínimos. Mais três salários mínimos para terno e gravata. Eu iria ganhar um apartamento funcional. A minha esposa Elza já tinha consultório odontológico em Brasília, funcionando. (Entrevista concedida pelo Hilário Cappes e Lorenço Cappes em 11/2016)

O plantio e a variedade de espécies cultivadas pelos agricultores em grande escala nas áreas dos Cerrados foram desenvolvidos gradativamente. Os primeiros agricultores interligados com a modernização da agricultura dos Cerrados foram beneficiados pelas experiências desenvolvidas pela Secretária de Agricultura do Distrito Federal e de Goiás. Depois, com o desenvolvimento de espécies geneticamente modificadas pela Embrapa-Cerrados.

Dessa maneira, o desafio era fazer a correção dos solos e ter sementes adaptadas às condições edáficas dos Cerrados. Para isso acontecer, houve a junção do conhecimento científico com os conhecimentos práticos de experiências dos agricultores de diversas regiões do país. Também, as pesquisas de equipes técnicas de instituições governamentais para garantir o sucesso dessa produção, conforme aponta o depoimento anterior.

Esse tipo de projeto reverteu sonhos de filhos de pequenos agricultores atingidos diretamente e indiretamente pela valorização das terras do Sul brasileiro por causa da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Muitas dessas famílias sulistas venderam as suas pequenas propriedades e migraram para as áreas dos Cerrados baianos. Também revigorou a migração de levas de trabalhadores do nordeste brasileiro para os Cerrados baianos. Ambos seguiram na modernização capitalista (HAESBAERT, 1995).

Inicialmente, para desenvolver a modernização da agricultura houve também a migração de técnicos e profissionais qualificados para as áreas dos Cerrados baianos. Conforme já foi dito, as notícias do eldorado das terras baratas, das oportunidades de negócios e outras foram a atração. Dentre estes profissionais os mais motivados foram os agrônomos, como ilustra o relato a seguir:

Eu não estudei agronomia para ser empregado. Eu estudei para ser fazendeiro e dono do meu próprio negócio. Aqui as terras eram

baratas. Mas, não foi fácil. Muitos perderam tudo e voltaram. Aqui só conseguimos produzir e se estabelecer devido não depender da assistência técnica para o desenvolvimento das nossas lavouras. (Entrevista concedida pelo Hilário Cappes e Lorenço Cappes em 11/2016)

É fundamental ressaltar que, mesmo para esses pioneiros sulistas capacitados com os conhecimentos agrônômicos, o desenvolvimento da agricultura moderna nos Cerrados enfrentou dificuldades e perdas de produção. Isso se deu devido ao veranico⁴⁴, instabilidade fundiária, dificuldade em acesso aos financiamentos no início da fronteira agrícola e, principalmente falta de adaptabilidade familiar.

Concomitantemente, o governo brasileiro estabelecia acordos com o governo japonês para cooperação técnica. Essa parceria Nipo-Brasileira teve início com a implantação do programa no Oeste de Minas Gerais (PRODECER I). Em 1987, expandiu-se para áreas em Goiás, Mato Grosso do Sul e Bahia (PRODECER II), tendo no território baiano o principal parceiro o Banco de Desenvolvimento do Estado da Bahia (BASENBANCO), que repassaram os recursos para a implantação do PRODECER II, segundo Pessoa & Inocência (2014).

Nos Cerrados baianos, as especialidades do PRODECER II foram direcionadas para o Município de Barreiras e Formosa do Rio Preto, com influências indiretas para os demais municípios. Foram implementados dois projetos: PC Ouro sobre a gestão da COTIA (Cooperativa Agrícola de Cotia), com 48 produtores em uma área de 16.404 mil hectares. E o projeto PC Brasil sobre gestão da COACERAL (SANTOS, 2016), com 38 produtores em uma área de 15.028 mil hectares (BRASIL, 2002). Nesses projetos, vieram descendentes de japoneses⁴⁵ e outros imigrantes do sul do Brasil, visto que estabeleceram essa parceria. Os migrantes daquele período tiveram assistência técnica especializada, acesso aos créditos com juros subsidiados e seguros das safras garantidos pelas instituições financeiras do governo federal brasileiro, via parceria.

Neste ínterim, fortaleceu a junção das intencionalidades do Estado brasileiro com lógica capitalista nacional e mundial. O interesse era transformar as terras dos Cerrados baianos em celeiro da modernidade capitalista. Dessa maneira, os imigrantes (novos produtores nas áreas dos Cerrados) e os Geraizeiros se tornaram apêndice da

⁴⁴ Períodos de estiagem que ocorrem durante os períodos chuvosos do Cerrado.

⁴⁵ Uma das rugosidades presente na paisagem de Barreiras que representa a influência dessa presença japonesa devido esse acordo daquele período é o Clube dos Japoneses no setor Morada Nobre.

modernização da agricultura que se estabeleceu a partir do uso intensivo de tecnologias e de produtos tecnológicos.

Como já foi apresentado neste texto-tese, a ausência assistida proposital pelo setor público do Estado da Bahia resultou na concentração fundiárias e a proliferação de alterações ambientais irreversíveis. Ao invés de realizar o memorial descritivo das terras e promover a reforma agrária, acompanhado de zoneamento geocológico estratégico das áreas que poderiam ser ocupadas no início da modernização da agricultura.

Posteriormente, com a confiança que era possível produzir nos Cerrados baianos a partir do plantio dos imigrantes sulistas “pioneiros” e dos projetos do PRODECER II, as terras valorizaram em razão da procura. Esta demanda gerou uma instabilidade jurídica relacionada aos títulos das terras nos Cerrados baianos colocando, desde então, os Geraizeiros “cercados” em seus territórios vividos.

Nesses Cerrados do passado, na medida em que germinou a modernização da agricultura, também emergiram novas relações socioculturais, econômicas e políticas nas paisagens e nos lugares vividos. Entretanto, pouco se efetuou avanço nas velhas práticas políticas, sociais e culturais em relação aos Geraizeiros. Em contrapartida, acentuaram os conflitos indenitários motivados pelos discursos regionalistas entre a população de imigrantes e os nordestinos nos Cerrados baianos, aspecto bastante discutido por Haesbaert (1995).

A expansão dessa fronteira nas últimas décadas do século XX nos Cerrados baianos destruiu o habitat de inúmeras espécies animais e vegetais, o que ocasiona a diminuição dos bens naturais para os Geraizeiros, dificultando a manutenção do seu modo de vida e da identidade cultural enquanto homem do Cerrado (ALMEIDA, 2009). Uma vez que essa expansão visa apenas o desenvolvimento das lavouras, áreas de pastagens, abertura de estradas e urbanização.

Sawyer (2002) ao analisar esse processo de urbanização afirma que ele exerceu pressões antrópicas nas áreas dos Cerrados, mas também passou a cultivar novas formas de ocupação suburbana e rural.

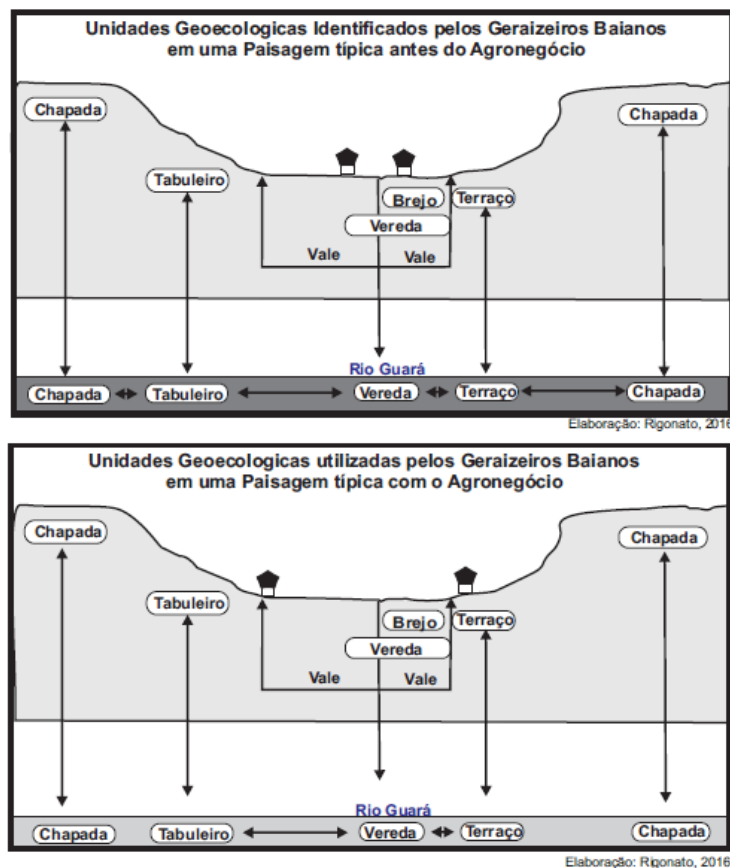
Diante dessa assertiva, percebe-se que a desterritorialização foi parcial. Eles redefiniram as suas espacialidades vividas nas paisagens do Cerrado do passado. Ao restabelecê-las, os Geraizeiros projetam as suas ações em territórios próximos e distantes. Similarmente, eles passaram a engrossar o processo de urbanização das cidades dos Cerrados, tal como será mais detalhes no capítulo 4 desta tese.

De modo geral, os Geraizeiros nos Cerrados do passado permaneceram até a década de 1980 com espacialidades interligadas a caça, a pesca, ao extrativismo, à pecuária a solta e as lavouras de subsistência. Exceto aqueles que migraram para os centros urbanos de Goiânia, GO, Brasília, DF, Barreiras, BA, Posses, GO entre outras (HAESBAERT, 1995).

Entretanto, parte significativa dos Geraizeiros persiste nas áreas dos Cerrados. Estes que ficaram, em sua maioria, resistiram, a seu modo, todas as perversidades da modernização da agricultura: diminuição da biodiversidade dos Cerrados, ameaças e assassinatos, pressões psicológicas, perdas de suas posses, restrições para criar o gado a solta, falta de emprego, diminuição das áreas de extrativismo e outras.

Diante desse contexto, são nítidas as mudanças das espacialidades vividas pelas populações rurais e urbanas e, principalmente dos Geraizeiros dos Cerrados baianos, (figura 11)

Figura 11: As primeiras mudanças na ocupação das paisagens⁴⁶ pelos Geraizeiros Baianos com a modernização da agricultura



⁴⁶ As unidades geoeológicas foram identificadas pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guarã em uma típica paisagem dos Cerrados na divisa do município de São Desidério com Correntina, BA.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2016. Elaboração, Rigonato, 2016.

Fenômenos semelhantes foram identificados e discutidos por Dayrell (2000, 2011) e Mazzeto Silva (2009): os Geraizeiros descem as chapadas por obra das transformações do agronegócio no Norte de Minas e no sul do Piauí. Com isso, há o aumento da mobilidade dos Geraizeiros para outras paisagens dos Cerrados. Mas, foram as cercas das fazendas que impossibilitaram a reprodução dos seus modos de vida integrado com as unidades de paisagens dos Cerrados.

Os Geraizeiros baianos também demonstraram que perderam o acesso às áreas de Chapadas. Elas passaram a ser ocupadas pelos projetos de reflorestamento de eucaliptos, cana-de-açúcar e a pecuária intensiva. E, a partir do início dos anos de 1980, introduziram as monoculturas de soja, milho e mais recentemente de algodão. Em virtude disto, os Geraizeiros baianos não tiveram como aumentar os seus rebanhos de gado e perderam suas áreas de caça.

No caso específico de povoados Ponte de Mateus e Currais houve famílias Geraizeiras que o “chefe” da casa ficou sem o emprego de vaqueiro, uma vez que os fazendeiros do vale já não tinham como trazer o gado para pastar nos Gerais. Igualmente, em decorrência da ocupação das chapadas pela modernização da agricultura, iniciaram as alterações ambientais: os desmatamentos, os assoreamentos, diminuição das águas dos rios, das águas das chuvas. Essas alterações atingiram a produtividade das roças de rego nos brejos das famílias Geraizeiras.

De modo geral, nas últimas décadas do século XX, a modernização da agricultura por meio do agronegócio nos Cerrados intensificou: “urbanização, estabelecendo novas relações entre campo e a cidade, reestruturação das cidades, aparecimento de novas funções urbanas e mais complementariedade entre o campo e a cidade” (ELIAS, 2015, p. 30). Enfim, a inserção dos Cerrados baianos no processo de modernização agricultura capitaneado pela Revolução Verde, junto à ausência assistida do Estado-moderno-colonial brasileiro. Também, implementou-se o processo de uso e ocupação excludente e predatório aos Cerrados baianos: simplificação das paisagens naturais, imposição de novos valores socioculturais e de práticas espaciais distintas.

Assim, a modernização da agricultura ao transformar as objetividades existentes, reconstruiu subjetividades dentre as quais os Cerrados baianos passaram de terras inóspitas para terras prósperas. Isso ocasionou uma troca de valores e dos significados que os habitantes dos Cerrados baianos tinham de suas terras. Os Cerrados

deixam de ser para muitos, um meio de vida e patrimônio ativo, podendo agora ser grilado, comprado, alugado e servir de reserva de valores a se capitalizar.

2.2 OS CERRADOS BAIANOS NO PRESENTE: “estamos encurralados novamente”

Discutir os Cerrados baianos no presente é uma proposta que almeja transcender a delimitação temporal cartesiana que dificulta analisar/traduzir as coexistências das múltiplas temporalidades e espacialidades nesse espaço geográfico. Nesse sentido, considero que os Geraizeiros e os demais sujeitos que habitam os Cerrados baianos possuem coexistências de práticas espaciais dos Cerrados de ontem e de hoje. Entretanto, parte delas se encontra em transformações, diante da diversificação das atividades produtivas interligadas com a rapidez de produção e diversificação dos produtos que compõem as principais *commodities* de exportação do território brasileiro, neste início do século XXI.

Segundo Oliveira (2010) a investida do capital da modernização da agricultura provocou a rápida expansão da fronteira agrícola, crescimento urbano desordenado, supervalorização das terras e omissão das instituições estatais em relação a reforma agrária nas áreas dos Cerrados.

De modo geral, esses processos ocorreram também em outras regiões dos Cerrados. Mas, o processo de urbanização foi mais expressivo nas capitais dos estados que estão na área dos Cerrados e nos municípios de Chapadão do Céu - GO, Rondonópolis – MT e Balsa – MA com crescimento rápido e desordenado. Já nos Cerrados baianos, esse crescimento ocorreu de forma mais expressiva nos municípios de Barreiras, BA, Luís Eduardo Magalhães e, mais recentemente, no distrito de Roda Velha, em São Desidério. Além disso, nas duas últimas décadas, os municípios das áreas dos Cerrados baianos estão recebendo a migração de retorno e de outras regiões do Brasil e mesmo do mundo, de acordo com (ALVES; ROLIM, 2015).

A distribuição da população residente nos municípios da Mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, segundo a (Tabela 01⁴⁷), sinaliza o contexto demográfico na última década.

⁴⁷ Destaco que a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia engloba os municípios das áreas do Cerrado e de transição do Cerrado com a Caatinga.

Tabela01: Distribuição da População e percentual da população rural nos municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, 2010.

Municípios	População Total	População Urbana	População Rural	%População Rural
Angical	14073*	7542	6531	53,59%
Baianópolis	13850	10368	3482	74,86%
Barreiras	137 427	123741	13686	9,96%
Brejolândia	11077	1984	9093	82,09%
Canápolis	9410	3225	6185	65,73%
Catolândia	2612	967	1645	62,98%
Cocos	18153	8572	9581	52,78%
Coribe	14307	6141	8166	57,08%
Correntina	31 249	12604	8166	59,67%
Cotegipe	13636	6648	6988	51,25%
Cristópolis	13 280	3133	10147	76,41%
Formosa do Rio Preto	22 528	13647	8881	39,42%
Jaborandi	8973	3040	5933	66,12%
Luis Eduardo Magalhães	60105	54881	5224	8,69%
Mansidão	12 592	4782	7810	62,02%
Riachão das Neves	21 937	10744	11193	51,02%
Santa Maria da Vitória	40 309	23816	16493	40,92%
Santa Rita de Cássia	26 250	14907	11343	43,21%
Santana	24 750	13483	11267	45,52%
São Desidério	27 659	8633	19026	68,79%
São Félix do Coribe	13 048	10587	2461	18,86%
Serra Dourada	18 112	6002	12110	66,86%
Taboca do Brejo Velho	11 431	3932	7499	65,60%
Wanderley	12 485	5878	6607	52,92%

Fonte: Censo demográfico. IBGE, 2015. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=29>. Acesso em: 16 de jan. 2016

A mesorregião do Extremo Oeste da Bahia possui a maior parte de seus municípios com a população residindo no campo. Com 24 municípios, 7 (sete) constituem exceção: Barreiras, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, Santana e São Félix do Coribe. Dentre esses municípios, apenas Barreiras e Luís Eduardo Magalhães que mais tiveram o crescimento urbano desordenado via a modernização da agricultura.

Os demais municípios continuam com percentual significativo de populações rurais, contrariando a lógica da modernização da agricultura que tende a diminuir as populações rurais em relação às populações urbanas nos municípios da fronteira agrícola brasileira.

O município de São Desidério se destaca neste contexto. Mesmo sendo o município da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia que, devido as suas características naturais dos solos, clima e fundiária, alocou as primeiras lavouras de sequeiros nos Cerrados baianos do passado dentro da lógica da modernização da agricultura. Entretanto, na atualidade, São Desidério ainda possui expressivo percentual de populações rurais vivendo no campo. Além disso, quase a totalidade de seus habitantes em idade economicamente ativa são trabalhadores e/ou prestadores de serviços no campo (IBGE, 2015).

Diante do universo populacional dos Cerrados baianos, exemplificado com a Mesorregião do Extremo Oeste baiano na última década, nota-se que teve a permanência das pessoas do campo e, ao mesmo tempo aumentou a densidade demográfica delas. Em virtude disso, poderia aludir que esses dados denunciam as evidências para trilhar a tese de que, ao invés dos Geraizeiros apenas se desterritorializarem, eles estabeleceram r-existência e a (re)habitação dos Cerrados mesmo diante das múltiplas territorialidades do capital.

Porto-Gonçalves (2006, p. 184) chamou atenção para novas formas de ocupação suburbana e rural, ou melhor, desruralização:

Podemos afirmar que estamos assistindo a um processo de desruralização mais do que de urbanização, isto é, estamos diante muito mais de um desfazer do rural do que da conformação do urbano, pelo menos nessas regiões onde hoje vivem a maior parte dos urbanos.

Pelo que apresentei da Mesorregião do Oeste contraria a afirmação do Porto-Gonçalves sobre este processo, o que pode deduzir ter exceções no processo por ele

identificado. O mesmo autor ainda aponta para a perda do sentido de rural e o distanciamento da concepção de urbanidade diante da modernidade do capital no território brasileiro. No caso específico dos Cerrados baianos, os Geraizeiros, nas últimas décadas, aglomeraram-se em pequenos povoados e/ou aglomerações rurais nos fundos dos vales por causa da desapropriação dos chapadões, pela proximidade aos cursos de água e para fugir da violenta modernização da agricultura nos anos de 1980, 1990, 2000 e até aos dias atuais. Como assevera Sr. João Alegre no povoado de Vereda Grande:

Aqui morava todo mundo espalhado nessas veredas ai. Depois o povo foi se juntando próximos as estradas que foram abrindo. Aqui em Vereda Grande o povo foi perdendo suas terras. Eu fui morar em Posse e só agora voltei. Mas meus irmãos e parentes ficaram que ficaram aqui diz que ficaram com medo de morar espalhado pelos brejos.

(Entrevista com Sr. João Alegre do povoado de Vereda Grande. Setembro de 2016)

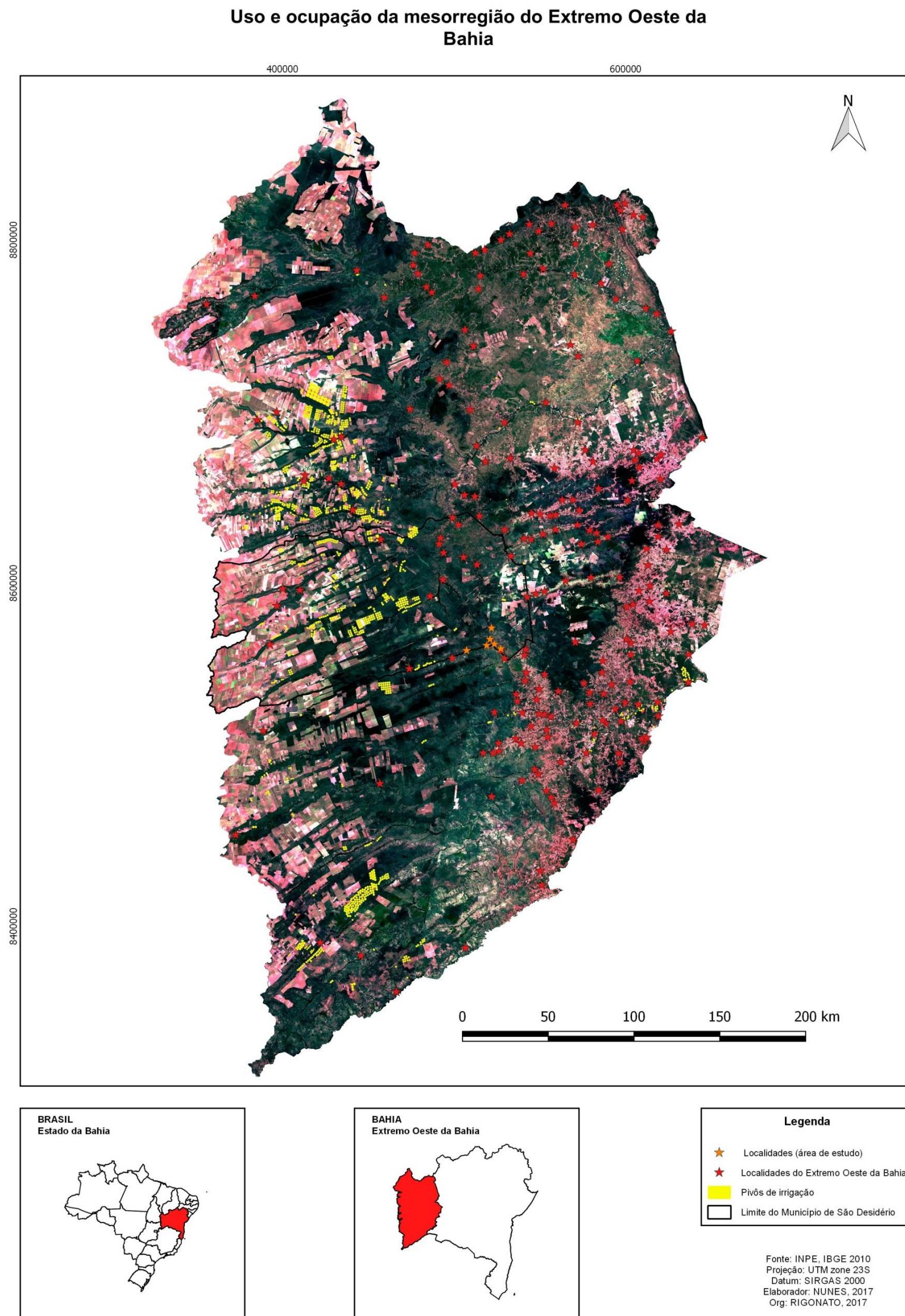
O depoimento do técnico analista do Banco do Nordeste que fiscaliza as fazendas que obtiveram financiamentos agrícolas desde 1979 nos Cerrados baianos é também revelador em relação a espacialidade dos Geraizeiros nas paisagens dos Cerrados:

Eles eram muito espalhados. Tinham de explorar a terra. Não tinha muito transporte. Não tinha como ficar no núcleo maior. O transporte era de carro de boi. Então eles tinham de ficar na beira dos buritizais. Não tinha como ficar em um núcleo maior. Isso os fragilizava. Muitos ficaram sem condições de se defender. Aqueles mais nas chapadas foram expulsos Foram expulsos mesmo. A base do tiro! Aqui teve muito conflitos e muito perigo trabalhar.

(Mário Sérgio de Araújo. Analista técnico do Banco do Nordeste. Presidente do ISFAC (Instituto São Francisco de Arte e Cultura).03/Dezembro/2016)

Desse modo, as representações da urbanização, as pressões fundiárias e o apreço aos lugares vividos pelos Geraizeiros reconfiguraram os habitats rurais nos Cerrados baianos do presente (Mapa 04).

Mapa 4: Distribuição das Principais Localidades Rurais⁴⁸ nos municípios da Mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, 2016



⁴⁸ Ressalto que há diversas outras localidades as quais a ausência de Shapes com as coordenadas X e Y delas dificultou a construção de uma representação cartográfica mais completa.

Essa forte presença de povoados/localidades as quais são habitadas por populações Geraizeiras revela que a desterritorialização foi parcial nas áreas dos Cerrados baianos, pois depois de quatro décadas de captura da região pela modernidade do capital ainda há uma forte presença humana sem suas paisagens. Geograficamente, os Geraizeiros estabeleceram suas moradias na “boca dos Gerais”, isto é, nas áreas limítrofes entre os vales e os chapadões, segundo Santos Filho (1989). Atualmente, observa em todos os municípios das áreas dos Cerrados baianos povoados com forte presença de famílias Geraizeiras.

A meu ver, há r-existências dos Geraizeiros diante de três espacialidades e temporalidades justapostas nos Cerrados baianos do presente. Primeiro, há as espacialidades homogeneizadoras da modernização da agricultura que transformam as paisagens dos Cerrados em latifúndios, lavouras de soja, milho, algodão, café, em reservas ambientais e novas explorações de energias sustentáveis. Estas últimas, sob o “mito moderno da natureza intocada” (DIEGUES, 1996, p. 53).

Já nas áreas de remanescentes dos Cerrados baianos, há as espacialidades dos Geraizeiros os quais habitam os povoados rurais e ainda desenvolvem a agricultura de rego nas áreas de brejos, veredas e vales. Eles também praticam o extrativismo para medicina popular e para produção de artesanato, relacionadas às suas cosmovisões de mundo (DAYRELL, 2000). Nos últimos anos, muitos passaram a trabalhar de diarista e assalariados nas fazendas de produção de *commodities* para completar as suas rendas familiares. Por último, a terceira, as espacialidades voltadas para o processo de urbanização⁴⁹ acelerado e desordenado que nos últimos anos perpassam pelo crescimento horizontal das habitações com construções verticais em Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, São Desidério e outros.

Os Cerrados baianos no presente ainda há o convívio de espacialidades tradicionais⁵⁰ com as chamadas modernas. As primeiras com saberes socioculturais conectados com os modos de vida de vivência aproximativa das paisagens dos Cerrados os quais estão em processo de ressignificações. Já as modernas, capitaneadas pelo discurso da eficiência técnica científica e informacional voltadas para a maior produtividade de *commodities* agrícolas.

⁴⁹ A urbanização nas áreas dos Cerrados baianos é marcada pelas desigualdades socioculturais e, sobretudo pela violência urbana que assola as cidades consideradas de porte médio.

⁵⁰ Para Giddens (1991, p. 38), a tradição não é inteiramente estática e ela tem que ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume sua herança cultural precedente.

Neste ínterim, os Cerrados baianos com sua sociobiodiversidades são convocados a transformar em celeiro de produção de *commodities* de grãos, produtor de energias sustentáveis e outros projetos do capital nacional e internacional. Transformando-o em território produtivo para e pelo capital.

Chaveiro (2010, p. 27) assevera que: “quanto mais o Cerrado se afirmar enquanto território, mais é destruído enquanto Bioma”. A pesar da assertiva ele destaca que o Cerrado se transforma apenas em um território; porém, há múltiplos territórios: indígenas, quilombolas, fundo de pastos e Geraizeiros que reexistem as territorialidades hegemônicas do capital.

Essas populações são pressionadas pela modernização da agricultura em constante expansão nos Cerrados baianos. Essa modernização tem base na manutenção e a ampliação dos latifúndios para plantio de grãos soja, milho, algodão, café e outros. Mas, uma parte significativa das terras é preservada como reserva de valor. As primeiras, atualmente estão sendo alugadas pelos seus proprietários “pioneiros” para grupos internacionais e empresas ligadas as *holdings* do agronegócio mundial: Bunge, Cargill e outras.

Federico & Bühler (2015) analisaram a estrutura das grandes empresas agrícolas que atuam nos Cerrados baianos e, afirmam existir três tipos de empresas atuando no setor de agro-energias-negócios: patrimoniais, familiares e de investimentos⁵¹. Elas geralmente são submetidas a sistemas de gestão de negócios informatizados para garantir a gestão à distância, obter lucros, inclusive na comercialização das *commodities* e na venda e/ou diminuição dos custos com a produção de energias para funcionamento dos seus empreendimentos.

Desde 2006/07 a região do Extremo Oeste da Bahia se tornou a maior produtora de grãos do estado da Bahia, com 66% da produção total e concentrava a maior parte da capacidade de armazenamento, com 90% do total estadual, segundo Frederico (2010, p. 2015). Dos municípios das áreas dos Cerrados se destacam os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Formosa do Rio Preto e, principalmente São Desidério. Este último, em 2015, foi o município com o maior Produto Interno Bruto -PIB agrícola do território brasileiro, sendo um dos municípios com a maior área plantada do país e o maior produtor de algodão (figura 12).

⁵¹O funcionamento delas se dá sobre serviços próprios ou contratação de empresas de consultorias jurídicas, fiscal e ambiental o que torna inviável para os pequenos e médios proprietários e/ou produtores.

Figura 12: Outdoor às margens da BR-020 no distrito de Roda Velha, com destaque do agro-energia-negócios de São Desidério, BA.



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. (RIGONATO, 2016)

As bibliografias, informações e as transformações e os investimentos realizados pelo grande capital nacional e internacional nas áreas dos Cerrados baianos são esclarecedoras do atual contexto. De fato, nos Cerrados do presente há uma união do agronegócio, do setor de energias e do setor financeiro nacional e internacional, formando um híbrido: agro-energias-negócios⁵².

O agro-energias-negócios inaugurou nos Cerrados do presente a multiplicação pelos interesses aos bens naturais dos Cerrados, antes as terras eram procuradas apenas para plantio e/ou reserva de valores. Atualmente, as terras, as águas, o vento, o sol e a biodiversidade são incorporados aos negócios relacionados à produção de *commodities*: energias renováveis, grãos e negócios rentáveis para os fundos internacionais.

O agro-energias-negócios vem intensificando as áreas de desmatamento nos Cerrados baianos. Com essa junção, passaram a explorar as terras dos Cerrados para a produção de grãos com tecnologias agrícolas conservacionistas, o Sistema de Plantio Direto (SPD) e a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) informações da Empresa

⁵²Há nos municípios das áreas dos Cerrados e de transição Cerrado/Caatinga uma investida de capitais voltados para implementar negócios interligados com a agricultura moderna, e a produção de energias ditas sustentáveis (Termoelétricas, Fotovoltaicas, PCHs – Pequenas Centrais Hidrelétricas) e também rumores da exploração dos subsolos com Tálho e Gás Xisto na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, em 2016. Assim, os seus representantes fundamentam suas práticas espaciais pelo discurso de sustentabilidade ambientais⁵³.

Nos Cerrados baianos do presente há vários investimentos interligadas à produção de *commodities* em grandes projetos e empresas e grupos econômicos nacionais e internacionais sendo implementados, sob alibi da sustentabilidade ambiental. Há também holdings que buscam no comércio de terras nas áreas de fronteiras multiplicar os seus capitais com a valorização das terras⁵⁴.

No caso específico de São Desidério, já possui uma Pequena Central Hidrelétrica do Sítio do Rio Grande (PCHs)⁵⁵. Entretanto, há outras 67 previstas para os municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia cujos reservatórios ficaram nas áreas dos Cerrados baianos habitados pelas populações Geraizeiras, de acordo com as informações do relatório da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL, 2013). Ressalto que a construção delas, como já comprovado em São Desidério pela Pequena Central Hidrelétrica - PCH do Sítio Grande será impactante na destruição dos vales, das áreas de remanescentes de Cerrados e do modo de vida dos Geraizeiros baianos. A construção dessas PCHs tem sido uma estratégia de expulsar os Geraizeiros e ribeirinhos dos seus lugares, tirando as suas terras mais férteis e agricultáveis.

Nessa mesma vertente, estão em construção duas termoelétricas no município de São Desidério, BA: Usina Termelétrica a Biomassa – Boltbah, BA e a Usina Termelétrica a biomassa – Campo Grande, BA⁵⁶. Para atender essa produção já foram plantados 35 mil hectares de eucaliptos⁵⁷ a montante do médio vale do rio Guará. Há rumores que será preciso plantar mais outra área do mesmo tamanho.

⁵³ Plano Oeste Sustentável foi lançado em parceria com as instituições públicas do Estado da Bahia e a Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia, AIBA, lançado em junho de 2009 e regularizado pelo decreto 12.071, de 24 de abril de 2010.

⁵⁴ Exemplo das empresas RADAR/SA e aSLC LandCo investidoras no negócio de terras no Brasil e nas áreas dos Cerrados. A primeira com um capital de aproximadamente 866 bilhões de dólares, o TIAA-CREF (Teachers Insurance and Annuity Association – College Retirement Equities Fund). <http://racismoambiental.net.br/2017/01/02/matopiba-na-fronteira-entre-a-vida-e-o-capital/> Acesso em: 08 de fev. de 2017.

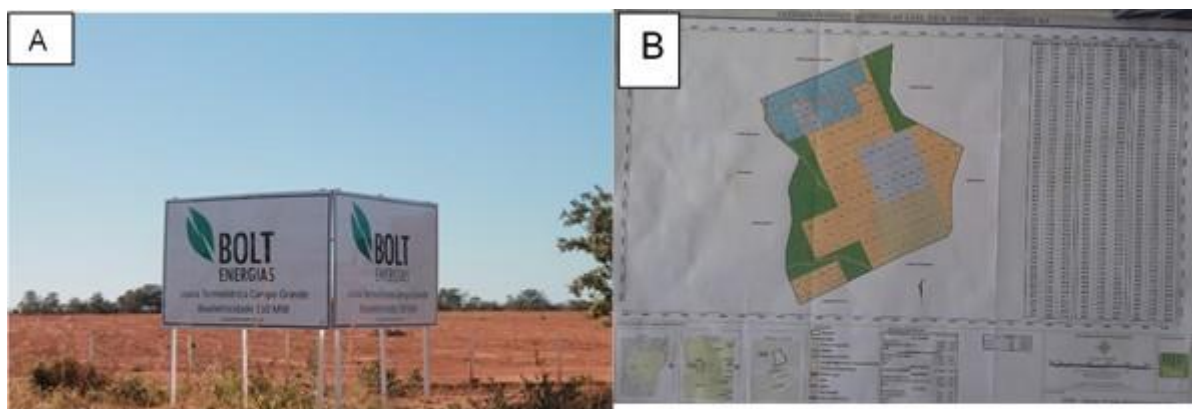
⁵⁵ Em 2010, iniciou as operações da PCHs do povoado do Sítio Grande. <http://www.neoenergia.com/Pages/%C3%81reas%20de%20Neg%C3%B3cio/bahia-pch-i.aspx> Acesso em: 20 de dez. de 2016.

⁵⁶ <http://www.pac.gov.br/infraestrutura-energetica/geracao-de-energia-eletrica>. Acesso em: 31 de jan. de 2017.

⁵⁷ Semelhante como aconteceu na década de 1980 e 1990 essas empresas recebem financiamentos subsidiados e incentivos fiscais pelas políticas públicas do Estado da Bahia. O governo do Estado oferece

Destaco que em 2016 os Geraizeiros do médio vale do rio Guará antes mesmo dessas empresas terminarem de instalar o projeto, já tiveram de se organizar com um abaixo-assinado para coibir a perfuraes de poços artesianos de alta profundidade. Essas empresas já intencionavam perfurar para irrigação das áreas plantadas de eucalipto (figura 13). Diante disso, a presidente da Associação Extrativista da Comunidade de Ponte de Mateus - COMGEPOM relata que estava preocupada com a redução do nível das águas e “temo que os regos de água logo não terão gua”.⁵⁸

Figura 13: A) *Outdoor* da Termoelétrica Bolt Energia em áreas preparada para o plantio de Eucalipto; B) Imagens do mapa da Fazenda Cerrado com o planejamento das áreas de plantio, São Desidério, BA



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. Rigonato, 2016

Neste contexto, encontra-se em construção a BR-135 que, uma vez finalizada, interligará o norte de Minas Gerais com os municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, com Fortaleza e a construção Ferrovia de Integração Oeste Leste-FIOL, com 1.527 km de extensão. Por estas vias estabelecer  comunicação entre o porto em Ilhéus e as cidades baianas de Caetit e Barreiras a Figueirópolis, no Tocantins, ponto de interligação dessa ferrovia com a ferrovia Norte Sul, VALEC (2016)⁵⁹. Ambos os projetos são financiados pelo Programa de Aceleração do Crescimento – PAC. Além desses, há outros projetos de aeroportos de carga e de voos domésticos sendo construídos pelo governo estadual.

redução e até isenção de ICMS para as empresas interessadas. Elas também podem contar com redução de 25% de redução no imposto de renda oferecido pelo governo federal para companhias que se instalam no Nordeste – se o projeto for no semiárido, o desconto  de 50%.

⁵⁸ Presidente da COMGEPOM (Associação da Comunidade Geraizeiras Ponte de Mateus) e os moradores do povoado de Ponte de Mateus e moradores do médio vale do rio Guará.

⁵⁹ http://www.valec.gov.br/acoes_programas/FerroviaIntegracaoOesteLeste.php. Acesso em: 21 de jan. de 2017.

Conclui-se que os Cerrados do presente passaram a receber na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia megaprojetos interligados com o agro-energias-negócios. Aqui, cabe frisar que parte dos megaprojetos, mais ligados a produtividade, são financiados pelos fundos internacionais via empresas *holdings* ligadas ao setor agropecuário. Esses megaprojetos colocam em risco a sobrevivência da sua biodiversidade pelo desmatamento no *front* desta fronteira agrícola e, principalmente os territórios vividos pelos Geraizeiros baianos.

Todavia, no campo representacional todos esses megaprojetos interligados a produção agropecuária, termoelétricas, PCHs e Usinas Fotovoltaicas⁶⁰ se tornaram justificáveis pelos discursos em prol do desenvolvimento econômico, da geração de empregos locais e regionais, da autossuficiência energética e da sustentabilidade ambiental.

Para melhor ilustrar a discussão, apresenta-se o relato do agricultor, empresário e ex-prefeito de São Desidério:

O município vem investindo muito para dar condições aos produtores de viabilizar sua produção, a exemplo da parceria para melhorias das estradas vicinais, que vem possibilitando uma boa trafegabilidade no escoamento da produção e dos insumos agrícolas; como também uma gestão ambiental de forma proativa com uma equipe multidisciplinar com trabalho intensivo nas ações de licenciamento, fiscalização e monitoramento ambiental para garantir a sustentabilidade;enfim, o que permite a geração de receita, que vem possibilitando o poder público realizar investimentos em demais áreas. (Ex-prefeito, Demir Barbosa, 2015)⁶¹

Nessa vertente de justificar a sustentabilidade e contra os discursos ambientais, o governo federal lançou o plano de desenvolvimento territorial de ocupação das áreas de remanescentes dos Cerrados criado pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégico- GITE em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA: MATOPIBA. Este representa a hegemonia do agro-energias-negócios no Oeste da Bahia pelo o avanço da fronteira das *commodities* sobre as áreas de remanescentes dos Cerrados e áreas de transição.

No contexto atual, os Cerrados são convocados pelas políticas públicas nacionais, pelo capital nacional e internacional a receber o neo-desenvolvimentismo.

⁶⁰ Há duas usinas de 500 hectares sendo construídas e mais seis usinas no município de Bom Jesus da Lapa em faz de construção.

⁶¹<http://saodesiderio.ba.gov.br/mais-noticias-2012-16/sao-desiderio-e-destaque-no-pib-agricola-da-regiao-oeste-da-bahia-e-do-brasil/>Acesso em: 15 de set. de 2016.

Este modelo tem padrão acumulativo que mescla a ênfase industrialista da substituição de importações, associação estreita com o capital estrangeiro, regime agroexportador, centralidade da atividade agrária e o caráter de regressão social do neoliberalismo, (KATZ, 2016).

A expansão do agro-energias-negócios é amparada pelos discursos e pelas políticas sob rótulos de sustentabilidade ambiental. Mas, essa expansão nos Cerrados baianos com altas taxas de desmatamento de áreas prioritárias, crescimento urbano desordenado e uso indiscriminado de defensivos agrícola vem ocasionando a diminuição dos bens naturais, a erosão da biodiversidade e transformações dos territórios vividos pelos Geraizeiros.

Nesse ínterim, há, nos Cerrados do presente na expansão “da última fronteira”, mais a sobreposição da desordem ambiental (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006) face à cultura ecológica (ALMEIDA, 2009) dos Geraizeiros baianos.

Para a Almeida (2009, p. 22), a cultura ecológica se contextualiza na:

A preservação das identidades e dos valores culturais e o enraizamento à terra aparecem como suportes da biodiversidade, da resiliência e da complexidade do ecossistema. As populações que habitam as matas, cerrados e caatingas e as áreas rurais onde se expressa sua cultura ecológica é que têm condições de manter a base de recursos como legado de um patrimônio histórico e cultural. Todavia, acredita-se que a (ressignificação da natureza pelo discurso da biodiversidade ainda não esteja de todo assimilado pelas populações tradicionais do Cerrado. Assim, estas desconhecem ou ainda minimizam o potencial que elas e o Cerrado possuem para os projetos econômicos baseados em biotecnologia, atrativo para estas populações na medida em que pode oferecer oportunidades para melhorar as condições de vida, evitando a destruição da natureza e das culturas locais.

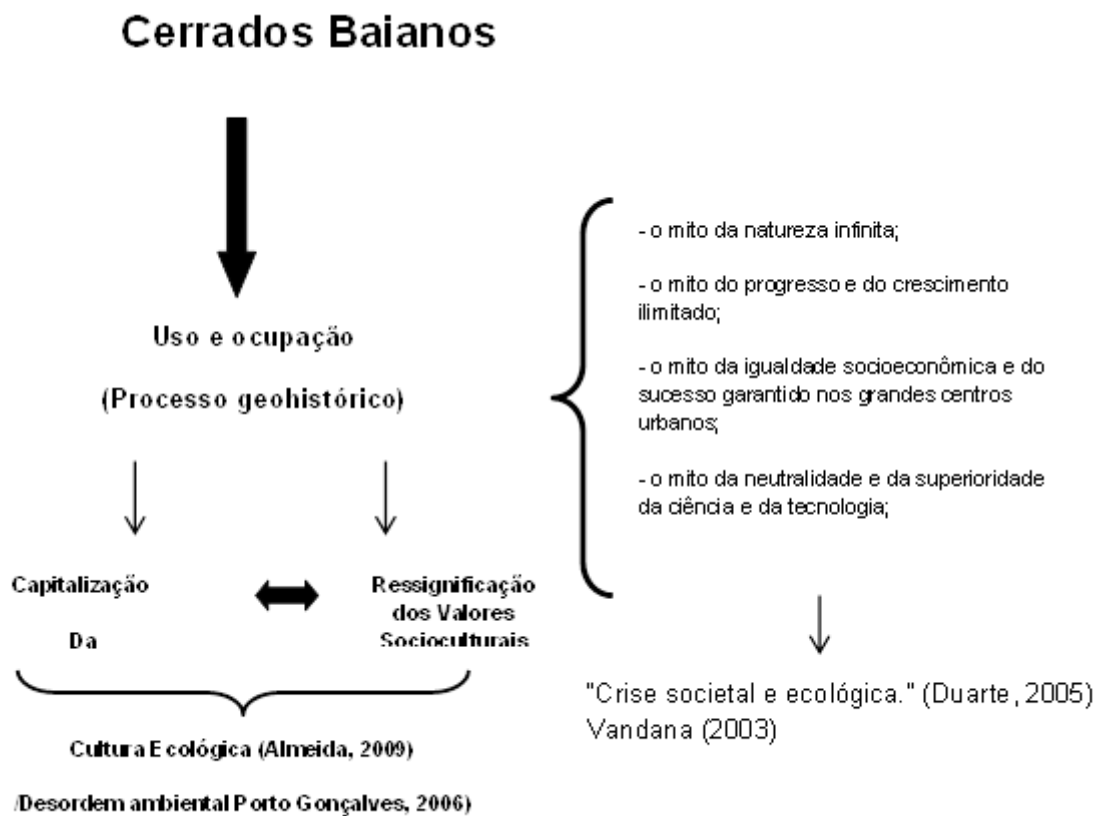
O desenvolvimento da cultura ecológica dos Geraizeiros diante dos cenários atuais se torna difícil. Porém, há iniciativa com sucesso em Ponte de Mateus com o Centro do Cerrado no município de São Desidério, nas comunidades quilombolas na Fazenda Estrondo com produção de artesanato de capim dourado em Formosa do Rio Preto, com a Associação Caliandra e a produção de biojoias com as mulheres do assentamento rio de Ondas em Luís Eduardo Magalhães e outras.

Infelizmente, essas iniciativas são dificultadas pela instabilidade fundiária, pela destruição das áreas de remanescentes dos Cerrados e pela redução da biodiversidade

provocada pelo o uso e ocupação do agro-energias-negócios causando a desordem ambiental (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Diante desse cenário, a meu ver, os Cerrados baianos encontram-se em ressignificação dos seus valores socioculturais diante da expansão do agro-energias-negócios em pleno desenvolvimento nos municípios das áreas dos Cerrados (figura 14).

Figura 14: Esquema Explicativo dos Valores Socioculturais dos Cerrados Baianos



O esquema anterior sinaliza o processo geohistórico de ocupação e uso das paisagens dos Cerrados a dualidade entre sua ressignificação e sua capitalização que engendraram os Cerrados do presente. Este último, influenciado pelos mitos da modernidade tem ações interligadas com esses mitos e ações que buscam r-existência a partir da ressignificação de suas práticas espaciais vividas nos Cerrados baianos.

Porto-Gonçalves (2006; 2012); Leff (2006); Almeida (2009) e Carvalho (2012) apontam em suas análises que a reapropriação social da natureza, as ressignificações socioculturais, a cultura ecológica e a desordem ambiental estão intimamente interligadas a modernização do território brasileiro. Esta reapropriação é influenciada pelos mitos da modernidade da sociedade neste início do século XXI.

Leff (2001) já apontava, no início deste século, para essa crise:

A crise ambiental é a crise do nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Esta crise apresenta-se a nós como um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história; limite do crescimento econômico e populacional; limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida; limite da pobreza e da desigualdade social, Mas também crise do pensamento ocidental (...) (LEFF, 2001, p. 81)

Semelhante ao que discute Porto Gonçalves (2016) as referidas crises são gestadas entre a lógica de capitalização da natureza e da proliferação da cultura ecológica. Esta última, pode permitir a r-existência dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará com mais equidade de qualidade de vida nas áreas dos Cerrados baianos.

Essa modernidade materializada pela modernização da agricultura no campo brasileiro se tornou o pilar do desenvolvimento das economias capitalistas dos países desenvolvidos. O propósito é de encontrar nesses países e em suas regiões periféricas “escondouros irrestritos para a exportação de capital, garantindo inimagináveis superlucros, sob a ideologia da ‘modernização’ e a eliminação do subdesenvolvimento” (MÉSZÁROS, 2002, p.1074).

Nesse contexto, o Brasil continua na condição de subdesenvolvimento, porém grande exportador de *commodities* agrícolas e energética. No caso específico dos Cerrados baianos considerados como uma das áreas de maior produtividade de produtos primários do Estado da Bahia, segundo Bahia (2016), ainda contribui com pouquíssimo Produto Interno Bruto (PIB), com apenas 1, 91% do percentual total, para Bahia (2016). Esse percentual demonstra que o setor agro-energias-negócios pouco colabora

economicamente para as receitas do estado da Bahia, diante das alterações ambientais dos Cerrados baianos.

No contexto nacional, os Cerrados se encontram no dilema de conciliar o papel de grande produtor de grãos com crescimento econômico e ser um modelo de sustentabilidade socioambiental (AUBERTIN, 2013). Esse dilema se torna mais expressivo quando observamos os dados do avanço do desmatamento das áreas do Cerrado neste século XXI, tal como os dados do Quadro 07:

Quadro 07: Área total desmatada por período de 2002 a 2011

Bioma (área total Km ²)	Área desmatada no período anterior de 2002 (Km ²)	Área desmatada no período anterior de 2002-2008 (Km ²)	Área desmatada no período anterior de 2008-2009 (Km ²)	Área desmatada no período anterior de 2009-2010 (Km ²)	Área desmatada no período anterior de 2010-2011 (Km ²)	Área total de desmatamento no bioma (Km ²)	Desmatamento sobre a área total do bioma
2.039.386	890.636	85.074	7.637	6.469	7.247	997.063	48, 89%

Fonte: www.mma.gov.br/biomas/cerrado. BRASIL, 2011. Acesso em: 05 de dez de 2016.

Como se vê, de 2002 a 2011 foram desmatados 106.427 km² ou 10.642.700 milhões de hectares em todos os Cerrados. Esse desmatamento corresponde 5,42% das áreas dos Cerrados, considerando que o mesmo possui baixas taxas de áreas destinadas a reservas legais federais, estaduais e municipais. Os Cerrados continuam na situação de *Hotspots* (PINTO & DINIZ-FILHO, 2005).

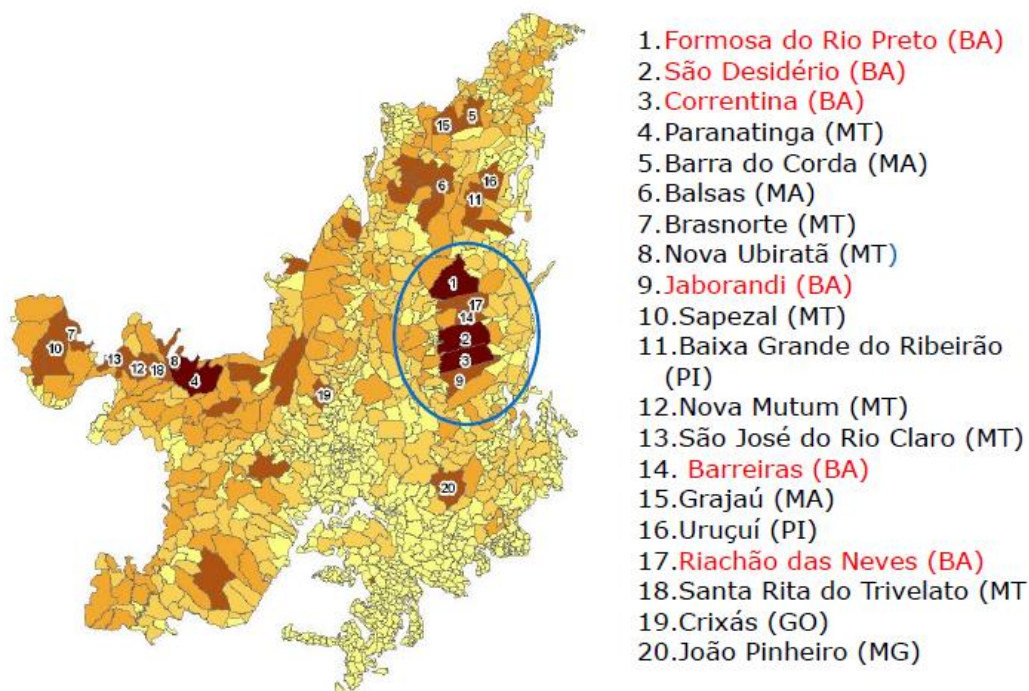
Tal quadro de desmatamento chegou a levar o antropólogo Altair Sales Barbosa⁶² a afirmar que o “O Cerrado acabou!”. O mesmo autor salienta que os Cerrados possuem um funcionamento biogeográfico integrado a ser levado em conta. Ou seja, uma vez que os domínios de paisagens são interconectados.

Diante desse quadro de desmatamento, de falta de conectividade com os outros biomas se torna irreversível a manutenção das áreas de remanescentes, há, portanto, uma sobreposição da capitalização da natureza sobre a cultura ecológica incipiente nas áreas de expansão do *front* do agro-energias-negócios, provocando aceitação quase que passiva da sociedade civil da destruição das áreas de vegetação remanescentes de Cerrados, em nome do progresso econômico, das possibilidades de empregos e outros. Ressalto que essas áreas compõem os territórios vividos dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

⁶²Entrevista cedida ao jornal *online* Portal Raízes, em maio de 2015. <http://www.portalraizes.com/o-cerrado-acabou-entrevista-com-altair-sales-barbosa/> Acesso em: 12 de dez. de 2016.

No caso específico dos Cerrados baianos no presente, mesmo sobre o papel da cultura ecologia revestida nos discursos socioambientais, continuam aumentando os índices de desmatamento (figura 15).

Figura 15: Municípios com remanescente do Cerrado sob intensa pressão de desmatamento entre 2002 a 2008



Fonte: <http://www.mma.gov.br/florestas/control-e-preven%C3%A7%C3%A3o-do-desmatamento/plano-de-a%C3%A7%C3%A3o-para-cerrado-%E2%80%93-ppcerrado>. Acesso: 12 de set. de 2016.

Dos vinte municípios com os maiores índices de desmatamento os Cerrados baianos estão com oito municípios, sendo três deles, inclusive o município o qual desenvolvo essa tese, aqueles com os maiores índices de desmatamento. Julgo que isso são os resultados de vários fatores: das políticas de créditos agrícolas, investimentos das grandes empresas do setor agroindustrial, do novo Código Florestal, recentemente aprovado pelo governo brasileiro, a proibição de compra de *commodities* de áreas da Amazônia Legal pelo mercado internacional, crescimento do setor sucroalcooleiro na porção meridional dos Cerrados os quais provocaram a mobilidade da fronteira agropecuária para as suas áreas de remanescentes. Mas, identicamente pela lógica de capitalização da terra, utilizada na fronteira agrícola brasileira, conforme alerta Oliveira (2015).

No caso específico, dos Cerrados baianos os dados da evolução das áreas produtivas apresentadas no quadro 08, denotam a expansão do agro-energias-negócios nos últimos anos.

Quadro 8: Evolução das áreas cultivadas nos Cerrados Baianos de 2002/03 a 2015/16

Ano Agrícola	Culturas/Área (mil há)					Total
	Soja	Milho	Algodão	Café	Outros	
2005/06	870,0	126,00	216,3	14,3	-	1.253,3
2006/07	850,00	166,0	276,8	11,0		1.303,8
2008/09	982,9	180,0	261,7	11,7	-	1.436,3
2009/10	1.050	170,0	242,9	12,9	275,8	1.751,6
2010/11	1.100,0	153,0	370,8	14,8	217,02	1.855,6
2011/12	1.150,0	252,5	387,1	15,5	139,5	2.037,0
2013/14	1.310,00	265,0	308,0	14,7	383,2	2.280,9
2014/15	1.420,0	220,0	290,0	14,7	382,4	2.327,1
2015/2016	1520,00	135,0	240,0	10,0	400,0	2.329,0

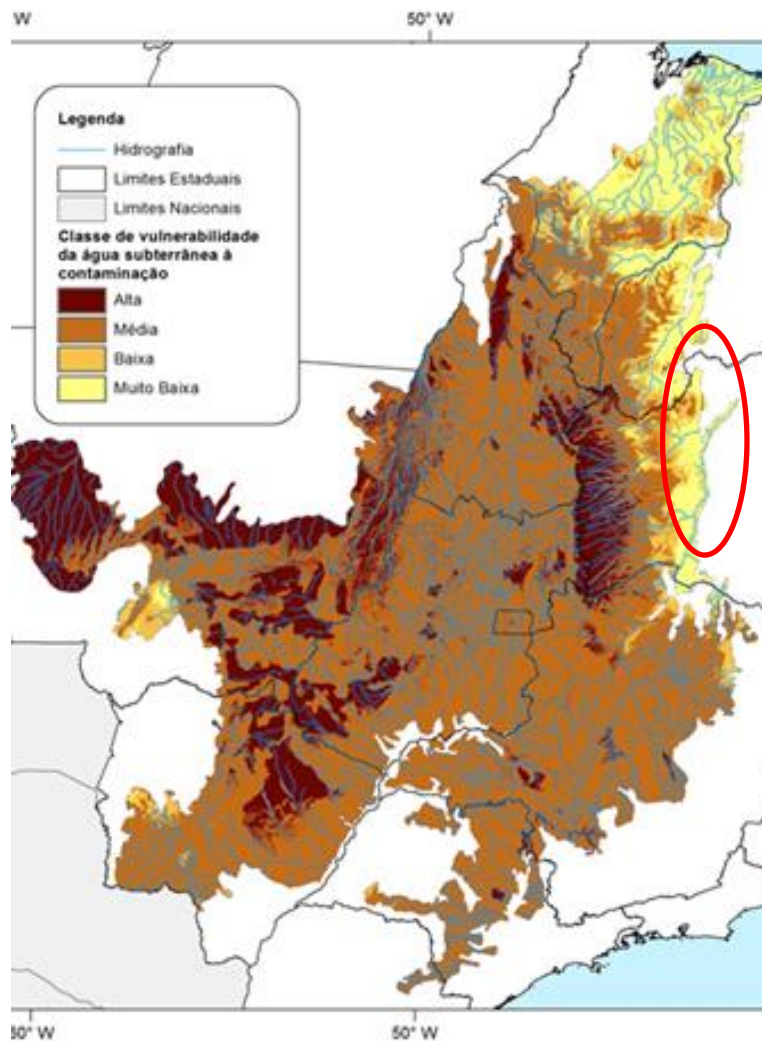
Fonte: Fonte: Aiba, Abapa, Abacafé, Aeab, Banco do Brasil, Banco HSBC, Bunge, Cargill, Desenhahia, Fundação BA, Ibge, Sindicato Produtores Rurais Barreiras, Sindicato Produtores Rurais Lem e Aprosoja-BA. Compilação de dados 2013 a 2016.

Como se percebe no quadro acima, do ano de 2005/06 a 2015/16, as áreas plantadas nos Cerrados baianos passaram de 1.253,3 mil hectares para 2.329,0 mil hectares. Em 10 anos, houve o acréscimo de 1.075,7 mil hectares. Um aumento significativo, mesmo considerando que hoje se plantam até três culturas na mesma área, ao longo de um ano de safra.

A maior parte desta produção agrícola é realizada nas áreas de chapadas que são as principais áreas de recarga do aquífero Urucuia⁶³, pois nessas áreas das chapadas historicamente há os melhores índices pluviométricos. Assim, a ocupação e a produção do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos possuem a sua maior concentração sobre solos porosos de maior potencial de recarga das águas subterrâneas, tal como se pode observar no lado direito da (Figura 16).

⁶³O Aquífero Urucuia ocorre principalmente na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia se estendendo desde o extremo sul do Maranhão e Piauí, até o extremo noroeste de Minas Gerais. As principais áreas de recarga do mesmo se encontram nas áreas das chapadas ocupadas pelas lavouras da agricultura moderna.

Figura 16: Localização das áreas de maior vulnerabilidade da água subterrânea à contaminação nos Cerrados



Fonte: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/12716085/estudo-localiza-aguas-subterraneas-mais-vulneraveis-no-cerrado>. Acesso em: 20 de dez. de 2016.

Aqui, é importante lembrar que uma das principais funções dos Cerrados está relacionado a reservas de águas potáveis e ao mesmo tempo a sua função de caixa de água para as principais bacias hidrográficas que possuem suas nascentes em suas áreas. Desse modo, pode-se afirmar que o agro-energias-negócios coloca os bens hídricos sobre ameaças de exaurir e contaminação.

Outro fator que agrava ainda mais o uso dos bens naturais dos Cerrados baianos é que desta área, 141.998 mil hectares (ou seja, 6,1% da área plantada) são de

áreas irrigadas por 1400 pivôes centrais⁶⁴, de acordo com a Agência Nacional de Águas⁶⁵ - ANA, como indicado na figura 17 a seguir.

Figura 17: Distribuição dos pivôes Centrais nas áreas dos Cerrados baianos, ANA, 2014



Fonte: Google Earth, altitude 219.51 km, imagem de Landsat/ Copernicus, 2016.

Em virtude disso, diminui a infiltração, aumenta os riscos de contaminar o lençol freático, há maior retirada de água nos períodos de estiagem dos Cerrados baianos. Bono (2012) e Spera (2016), ao analisarem os impactos do desmatamento nos Cerrados baianos, assinalam também a diminuição da infiltração e da evapotranspiração, sobretudo, nos períodos críticos de umidade relativa do ar. Para eles, essas alterações são responsáveis pela mudança do início da estação chuvosa nas áreas dos Cerrados baianos.

Essas alterações ambientais são tão evidentes que o programa do Globo Rural⁶⁶ de rede Globo chegou a divulgar uma lista dos rios que tinham e/ou estavam secando,

⁶⁴ Há rumores que o número é maior devido à quantidade de canais e poços em atividade de forma ilegal.

⁶⁵ Levantamento da Agricultura Irrigada por Pivôes Centrais no Brasil, 2014. Destaca a região dos Cerrados baianos sendo um dos principais polos dessa atividade impactante na dinâmica hídrica, colocando a transposição das águas do rio São Francisco e, conseqüente como atividade que impacta diretamente a produção de água para o rio São Francisco.

em decorrência do desmatamento desordenado, do soterramento de nascentes, retirada de grandes volumes de águas para irrigação nos pivôes centrais e do desvio de canais. Neste mesmo programa, chama atenção para os abusos praticados por fazendeiros os quais constroem canais e até desviam os leitos dos principais rios dos Cerrados baianos.

De acordo com Barbosa (2007, p 96) esse processo não é recente:

A partir da década de 1970, as áreas dos chapadões onde se situam as nascentes e os cursos médios desses rios vêm sofrendo uma grande transformação, com a retirada da vegetação natural para a plantação de grãos e outras plantas exóticas. Este fato tem impedido a realimentação normal dos aquíferos, contribuindo para o desaparecimento de inúmeros afluentes menores e a diminuição drástica do volume dos cursos maiores. Em outras palavras, o sistema de capilaridade aquosa está sendo drasticamente afetado.

Há realmente uma redução das águas dos rios dos Cerrados baianos. Os relatos dos Geraizeiros que habitam o médio vale do rio Guará salientam que o rio tinha muito mais águas que impossibilitava o gado e até o fogo de atravessar. A redução do volume de água nos afluentes e no rio Guará nos últimos anos deixou os Geraizeiros deste vale em alerta. Além disso, há pressões relacionadas a expansão do agro-energias-negócios com as plantações de eucaliptos “que chupam a água”.

Outro fenômeno dos Cerrados baianos do presente é a grilagem de terras, sobretudo das posses⁶⁷ das famílias Geraizeiras. A grilagem é um fenômeno agrário geo-histórico na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, o que sempre ocasionou instabilidade agrária para os Geraizeiros e até para os imigrantes que aqui vieram produzir. Apesar de muitas pesquisas apontarem que ela seja um fenômeno depois da chegada da imigração sulista para essa mesorregião e, principalmente para as áreas dos Cerrados. Entretanto, esta prática espacial perversa persiste e ganha novos vernizes de tons diferenciados relacionados com a legislação brasileira.

Desde à lei de terras de 1850, as constituições nacionais 1981, 1931, 1934 e 1988 e o Estatuto da Terra de 1964, as terras legais são tituladas propriedades privadas. Para tê-las teoricamente é preciso comprá-las, pagá-las e registrá-las em seu nome,

⁶⁶https://www.youtube.com/watch?v=Db0-YFkD_c4. Acesso: 20 de dez. de 2016. Reportagem exibida no dia 10/12/2012.

⁶⁷ Tal fato encontra-se registrado no livro “Branco da grilagem das Terras Brasileira” na página 27. Há uma área de 444.306 hectares que engloba terras das fazendas Estrondo e Santa Rita no município de Formosa do Rio Preto e Santa Rita de Cássia na divisa do Estado do Bahia com o Estado do Tocantins e do Piauí.

http://www.incra.gov.br/media/servicos/publicacao/livros_revistas_e_cartilhas/Livro%20Branco%20da%20Grilagem%20de%20Terras.pdf. Acesso em: 12 de mar. de 2015

procedimentos que sempre dificultaram a população “mestiça” e, portanto, menos favorecidas economicamente adquiri-las e registrá-las. Todavia, as fazendas nos Cerrados baianos tinham o dono⁶⁸ ou uma pessoa física responsável desde o período colonial.

Apesar de algumas fazendas terem mudado de nome nas últimas décadas, a maioria delas continua na mesma família ou grupo econômico nas áreas dos Cerrados baianos. Aqui, é importante também destacar que a grilagem continua em vigor na atualidade, na medida em que os grandes proprietários, condomínios e empresas agrícolas buscam expandir mais as suas áreas produtivas. Muitas vezes, as pequenas e médias propriedades são anexadas por práticas ilícitas.

Recentemente, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará destacaram que o contato e negociação subalternizada que eles mantinham com os fazendeiros mudou drasticamente a partir de 2001. Essa mudança se deve aos resultados do Decreto No 3.993 de Outubro de 2001, que define os condomínios rurais no Artigo 2, § 1o no qual, adotam-se as seguintes definições:

I - condomínio: agrupamento de pessoas físicas ou jurídicas constituído em sociedade por cotas, mediante fundo patrimonial pré-existente, com o objetivo de produzir bens, comprar e vender, prestar serviços, que envolvam atividades agropecuárias, extrativistas vegetal, silviculturais, artesanais, pesqueiras e agroindústrias, cuja duração é por tempo indeterminado; II - consórcio: agrupamento de pessoas físicas ou jurídicas constituído em sociedade por cotas, com o objetivo de produzir, prestar serviços, comprar e vender, quando envolver atividades agropecuárias, extrativistas vegetal, silviculturais, artesanais, pesqueiras e agroindústrias, cuja duração é por tempo indeterminado; III - bolsa de arrendamento: local no qual são estabelecidos os contatos de oferta e procura de terras, máquinas, equipamentos agrícolas e animais, para parcerias e arrendamentos, e onde se presta assessoria para a organização e contratação destes negócios.

O referido decreto nas áreas dos Cerrados baianos, eliminou a figura do proprietário personificado em uma pessoa física ou empresa para um conjunto de pessoas e empresas rurais. Com isso, houve a perda da personalidade responsável pela terra, motivou a agregação de propriedades e a compra massiva de grandes propriedades por pessoas jurídicas, acentuando ainda mais os latifúndios nos municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

⁶⁸ A noção de dono é geralmente confundida com posseiro e/ou herdeiro de uma posse que não tinha a documentação legal.

Como já foi mencionado, no entendimento dos Geraizeiros essa nova legislação prejudicou a negociação territorial que eles estabeleciam desde o século XIX com os grandes proprietários de terras de geração a geração, como diz o morador local:

Agora o gado entra aqui ou colocam fogo não tem como falar com o dono da fazenda. A terra é arrendada por uma empresa. E o responsável nunca aparece. Sempre fica em São Paulo, Brasília ou fora do país. É um tal condomínio.

(Entrevista de campo, Sr. Ângelo Povoado de Vereda Grande. 07/2016)

Ao que tudo indica, a outra interferência oriunda deste decreto foi à permissão e a possibilidade de arrendar e/ou da organização pelos consórcios agrícolas. Esta modalidade facilita a gestão dos empreendimentos agrícolas no sentido de ampliar as suas áreas pela consolidação de condomínios, de proprietários e/ou de arrendatários. De modo geral, o referido decreto nas áreas dos Cerrados baianos provocou a perda da personalidade da pessoa física da terra, facilitou a compra, aluguel e arrendo massivo de grandes propriedades por pessoas jurídicas, grupos internacionais. Tal realidade, chega dificultar o trabalho de fiscalização ambiental.

Em relação às interferências das legislações ambientais pode-se dizer que iniciou nos Cerrados do presente com a transferência da gestão de florestas pela lei 11.284, de 02 de março de 2006 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis para os estados e municípios Brasileiros. No caso especial do Estado da Bahia há rumores que há poucos analistas ambientais nos órgãos competentes e também que há muita pressão política para liberação das supressões e outorgas dos bens naturais dos Cerrados baianos. Cabe frisar que esse período é marcado pela ampliação das áreas de desmatamento e de agricultura nos Cerrados.

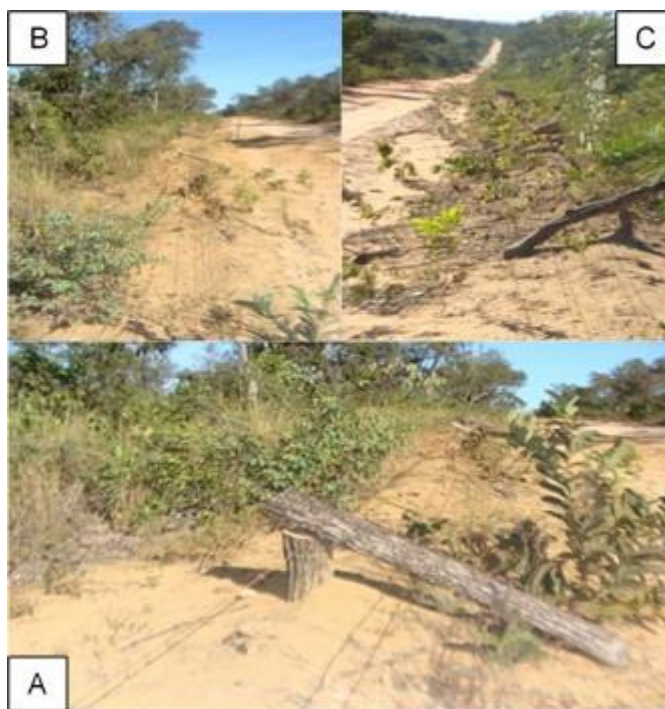
Tais questões ambientais dos Cerrados baianos se intensificaram depois da aprovação do novo Código Florestal, lei 12.651, de 25 de maio de 2012. Ele é bem polêmico e seu processo foi avante apesar das manifestações da sociedade civil organizada e de parte da comunidade científica nacional⁶⁹. Mesmo diante disto, os políticos brasileiros o aprovaram com pequenas alterações, atendendo aos interesses do agro-energias-negócios no território brasileiro, em detrimento da

⁶⁹SILVA, J. A. A. (Coord). **O Código Florestal e a Ciência**: Contribuições para o diálogo. Organização Grupo de Trabalho do Código Florestal. 2.ed. rev. – São Paulo: SBPC, 2012. Esses cientistas e outros demonstraram uma face diferente da ciência brasileira que outrora incentivava a ocupação dos Cerrados para preservar a Amazônia, como já apontei neste texto.

preservação/conservação de áreas estratégicas para os bens naturais deste território e, principalmente, dos Cerrados.

Os resultados práticos nas espacialidades nos Cerrado baianos do presente e, mormente no médio vale do rio Guará foi o ressurgimento da grilagem de terras com vegetação remanescentes de vegetação nativa conservada (figura 18)

Figura 18: A) B) C) Vários ângulos de visão de uma área de remanescente de Cerrado em litígio territorial entre o povoado de Currais e o povoado Pedras no médio vale do rio Guará⁷⁰.



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. (RIGONATO, 2016)

Os conflitos de terras sempre existiram no médio vale do rio Guará com o advento da modernização da agricultura. Mas, depois de 27 de julho de 2008 que é o marco legal para quem não tinha averbado as suas reservas legais, eles poderiam agora averba-las mesmo fora dos limites de suas propriedades. Esta decisão provoca a grilagem que se intensificou nas áreas dos Cerrados baianos e nas áreas de transição do Cerrado/Caatinga. Desse modo, os fazendeiros a montante nas chapadas passaram a pressionar os Geraizeiros e mesmo os pequenos agricultores ligados à agricultura familiar para adquirir as áreas preservadas nos vales os quais situam a maioria das populações Geraizeiras.

A intensão é transformar essas áreas em reservas legais dessas fazendas que receberam parcialmente a anistia dos crimes ambientais provocados até o início deste

⁷⁰ Destaco que essa área linearmente há 20 km de cercas cortadas entre os dois povoados devido a disputa fundiária.

século. E também liberar as áreas de melhor precipitação anual para o plantio de *commodities* agrícolas nos Cerrados baianos.

Em outras palavras, com essa compensação ambiental as propriedades que tinham desmatado todas as suas áreas que deveriam ser destinadas a reserva legais receberam o aval para criarem suas reservas em lugares e/ou regiões distantes daquelas que a vegetação nativa fora ilegalmente removida ou degradada. Além disso, em 2014, o Estado da Bahia alterou o Decreto 14024/2012, em seu art. 135, e anexo IV, isentando as atividades agrossilvipastoris de licenciamento ambiental, em contrariedade à legislação federal sobre a matéria. A lei exige o licenciamento ambiental para as atividades potencialmente causadoras de impactos ambientais, bem como submetendo a grandes riscos ambientais todo o ecossistema.

Diante deste contexto, o gerente executivo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA esclarece:

Quando os municípios passaram a autorizar supressão de vegetação em 2006 pela lei 11.284 e com o novo Código Florestal as fazendas que não tinha averbado os 20% de reserva legais podiam averbá-las fora das áreas de sua propriedade. Então, essas reservas foram averbadas em lugares distantes das chapadas, nos vales e até em outras regiões. Mas, também houve fazendas que já tinha suas reservas averbadas pelo IBAMA que conseguiu no Estado da Bahia a averbação em outros lugares. Essas reservas foram transferidas para outras regiões edáficas totalmente diferente. Isso aumentou o desequilíbrio ambiental aqui. Esse é um enfrentamento que o IBAMA já está resolvendo na Amazônia e logo irá para as áreas prioritárias do Cerrado.

(Eduardo Soares. Gerente Regional do IBAMA de Barreiras, 2016)

Desse modo, houve o aumento do desmatamento, aumento da grilagem das áreas de remanescentes dos Cerrados as quais são habitadas pela população Geraizeiras. Tal fato colocou os Geraizeiros na situação de posseiros dos seus próprios territórios vividos nos Cerrados baianos.

Como já foi discutido neste texto, o desmatamento das áreas de remanescente dos Cerrados continua em forte ritmo. Ao mesmo tempo, ampliaram as pressões fundiárias e os conflitos nos territórios vividos pelos Geraizeiros nos Cerrados baianos e, principalmente, no médio vale do rio Guará (figura 19):

Figura 19: A) Reserva Legal de Fazenda do Grupo Estadunidense; B) Reserva Legal da Fazenda Cerrado; C) Fazenda São Carlos ao Lado do Povoado de Ponte de Mateus; D) Condomínio de Reservas Legais em áreas dos territórios tradicionais dos Geraizeiros



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. Foto: Rizonato. 2016

Essa realidade é recorrente em todas as áreas dos Cerrados baianos. Particularmente, no médio vale do rio Guará, a constituição dessas reservas, ocasionou a restrição dos Geraizeiros ao acesso às áreas de coletas de frutos, raízes, lenha e fibras. Além disso, eliminaram-se as áreas de pastagem a solta. Esta prática ainda era utilizada pelas famílias Geraizeiras com maior tradição na criação de gado neste vale.

Há rumores locais que essas terras não possuem titulação⁷¹. Elas são terras do governo, ou melhor, terras devolutas. Mesmo assim, os grileiros conseguem comprar pequenas matrículas ligadas às velhas escrituras dos próprios Geraizeiros. Com esses documentos e com auxílio dos cartórios, eles as multiplicam em diversos hectares de terras nas áreas dos Cerrados baianos. Desse modo, inaugurou-se uma nova área e modalidade de grilagem no rio Guará.

Os Geraizeiros do médio vale do rio Guará a denomina de grilagem verde. Essa grilagem é praticada diferentemente da que sempre ocorreu nos Cerrados do passado.

⁷¹ Ressalto aqui que enviei vários ofícios para a empresa gestora da Fazenda Cerrado e não obtive sucesso em marcar uma entrevista e/ou obter mais informações relacionadas com os responsáveis pela gestão.

Ela ocorre nos vales preservados os quais os Geraizeiros desenvolvem o seu modo de vida. As terras cobizadas são as com Cerrado em pé⁷² e, geralmente nos vales dos principais rios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Os grileiros interessados pelas franjas dos Cerrados contratam intermediários regionais e locais para pressionar as famílias Geraizeiras as quais possuem documentos de posses e/ou escrituras antigas dos cartórios locais. Segundo, os Geraizeiros, muitas vezes, os grileiros chegam com “os mapas prontos, dizendo que todas essas áreas eram deles”.

Dessa forma, tentam tomar a força e/ou comprar por preços irrisórios em relação aos valores atuais. Depois multiplicam essas pequenas matrículas em grandes áreas. Concomitantemente, por vários meios, pressionam física e psicologicamente as famílias Geraizeiras e os povoados inteiros para abandonarem os seus territórios vividos. Além disso, ainda utilizam o alibi da prerrogativa do direito ambiental impregnado na concepção que se a área transformou em reserva particular não pode ter a presença humana nela.

No caso do médio vale do rio Guará, parte da terra adquirida pelos condomínios rurais são destinadas a reservas legais: e o caso da Carroll Farms Brasil Ltda uma empresa e pertencente ao uma *holding* estadunidense da área de agropecuária⁷³ (figura 20). A outra parte foi transformada em fazenda de pastagem e de plantio de eucalipto para abastecimento da primeira termoelétrica nas áreas dos Cerrados baianos: Bolt Energias.

Apesar do tema grilagem não ser pronunciado e pouco discutido pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, ela é uma realidade presente o que ocasiona instabilidade fundiária, principalmente para aqueles que são legalmente apenas posseiros. Entretanto, destaco que, nas diversas vezes que estive em contato com os Geraizeiros, os relatos relacionados à grilagem ficaram mais constantes associados ao temor e preocupações.

Os relatos dos Geraizeiros correlacionados à grilagem e às questões fundiárias no médio vale do rio Guará ilustram estes momentos (quadro 10).

⁷² Expressão utilizada pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

⁷³ Para mais informações acesse: <http://www.carrollfamilyfarms.com/home.php>. Acesso: 12 de jan. de 2017.

Quadro 9: Depoimento dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará sobre Grilagem de terras

Geraizeiros(as)⁷⁴	Falas dos Geraizeiros
A	<i>“ muito presente na minha vida”, “estamos correndo desse povo desde que esse menino nasceu. Quantos anos ele tem: 29 anos”.</i>
B	<i>“O meu irmão vendeu aquela terra para 10 pessoas e foi embora para o estado do Pará e deixou o pepino aí”</i>
C	<i>“Aqui o vereador de Correntina e até o meu compadre querem tomar a minha terra. Mas, eu tenho a escritura quero ver”</i>
D	<i>“Eles foi tomando um pedaço aqui outro acolá. Agora nos fiquemos apenas nesta parte debaixo da estrada. Aí eu comprei da minha irmã e fiqui com 37 hectares. Eles ficaram com tudo”</i>
E	<i>“entre nós mesmo, meu compadre ali embaixo” ou o meu vizinho “ali do lado de cima da estrada que quer tomar todas esses pedacinhos aqui, onde mora a comunidade”.</i>

Pesquisa de campo, entre 2013 a 2016. (RIGONATO, 2016)

Nestes testemunhos eles apontam que nos últimos anos multiplicaram o número de grileiros de menor poder aquisitivo, inclusive localmente, pessoas que são conhecidas popularmente como “aventureiros”. Desse modo, a falta de regularidade fundiria⁷⁵ dos Geraizeiros aliado às mudanças da legislação ambiental e das leis relacionadas  propriedade das terras ocasionam mais instabilidade territorial no médio vale do rio Guará e, igualmente em todos os municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Na última década, diante da perspectiva dos investimentos do Governo Federal na construção de infraestruturas, do lançamento do MATOPIBA e da possibilidade de diversificar a produção de energia há supervalorização das terras consideradas aptas para o desenvolvimento do agro-energias-negócios.

Os Geraizeiros baianos, mesmo diante das pressões e da grilagem de terras continuam constituindo os Cerrados baianos. Eles plantam, realizam o extrativismo e ainda prestam serviços para as fazendas. Neste ínterim, chegam a serem contratados para construir as cercas das áreas que outrora pertenciam aos seus territórios vividos e sem necessidades de delimitar.

Souza Sobrinho (2015, p. 320) ao analisar essa dinâmica no vale do rio Arrojado em Correntina aponta que:

Este processo de territorialização tem se tornado ademais conflituoso, nas últimas décadas, em função da acelerada intensificação das

⁷⁴ Os nomes das pessoas que pronunciaram essas expressões a respeito da grilagem de terras não foram inseridos para preservar a integridade física e social diante do território em constante disputa fundiária.

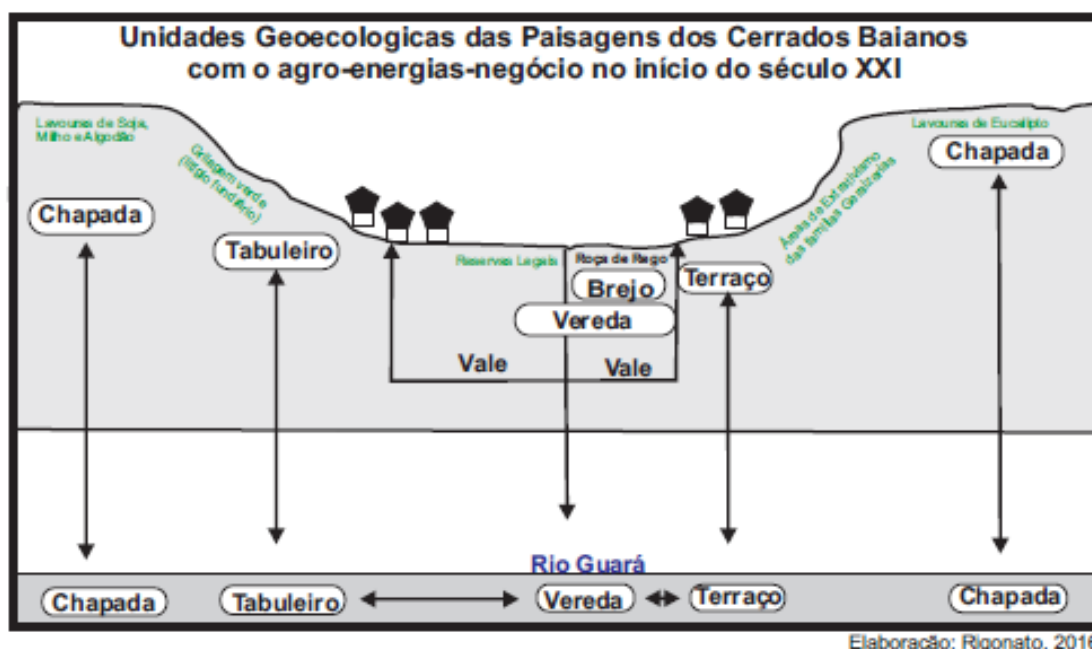
⁷⁵Coordenao do Desenvolvimento Agrário CDA/BA se encontra no esforço de fazer o cadastro das populações fundo de pasto, Geraizeiros para uma possível regularização fundiária. <http://www.cda.ba.gov.br/capa/index.php>. Acesso em: 31 de jul. de 2016.

relações sociais de produção capitalista, que, de modo danoso e violento, privatiza as terras costumeiramente usadas em comum pelos Geraizeiros. (SOUZA SOBRINHO, 2015, p.320).

Diante desse contexto, há um quadro de dilapidação dos bens naturais, das condições socioculturais de sobrevivência daquelas famílias de maior vulnerabilidade, as Geraizeiras. Apesar disso, elas demonstram resistência e novas formas de habitação nos povoados se aglomerando em povoados com habitats “rurbanizados” (RUA, 2003). Elas enfrentam uma forte precarização territorial nos territórios, conforme Haesbaert (2002, 2006) e Almeida (2005). Em virtude disto, os Geraizeiros “de maior idade” no médio vale do rio Guará utilizam uma expressão emblemática: “estamos encurralados novamente”.

Há uma analogia com a chegada das grandes fazendas nas chapadas na década de 1980 e com a situação que o gado ficou naquele período que rompeu com a pecuária a solta. Para eles, essa situação representa restrições em suas espacialidades com os bens naturais dos Cerrados. Mas, também os colocam depois de três séculos como sujeitos e grupos ilegais em seus habitats (figura 20).

Figura 20: Unidades das paisagens dos Cerrados baiano utilizadas pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2016



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2016. Elaboração: Rigonato, 2016

Entretanto, os Geraizeiros desde os Cerrados do passado já tinham sido integrados de modo subalternizados à pecuária extensiva, normalmente capitaneadas

pelos antigos coronéis das grandes fazendas baianas. No passado, eles representavam para esses coronéis apenas uma extensão do domínio das áreas de pastagens naturais com possíveis relações de amizade, relações trabalhistas e de compadrio.

Mesmo assim, pode inferir que havia uma negociação territorial subalternizada com os antigos proprietários e/ou maiores posseiros de terras dos Cerrados baianos. Essas relações aliadas à abundância de bens naturais levaram muitas famílias Geraizeiras a não se preocuparem com a titulação de suas posses. Com as mudanças ocorridas mais recentemente nos Cerrados baianos do presente, se percebe que a negociação territorial subalternizada foi drasticamente afetada, tornando-as mais desigual ainda, como aponta o caráter dessas negociações, o que foi teoricamente discutido por Massey (2009).

Como já foi discutido, as expansões das áreas de reservas legais dos condomínios rurais sobre as paisagens dos vales dos rios colocaram o extrativismo, a pecuária dos Geraizeiros na ilegalidade ambiental. Mesmo assim, entre a sobrevivência e ir contra lei, os Geraizeiros que permaneceram habitando os Cerrados, continuam com as suas atividades. Inclusive, buscam ressignificá-la.

Entretanto, torna-se nítida a emergência dos conflitos territoriais internos nos territórios vividos, assunto a ser mais bem discutido no capítulo 04. De modo geral, percebe-se que as famílias Geraizeiras que continuaram habitando os Cerrados detém os melhores brejos, as melhores pastagens em relação às famílias mais novas ou aqueles que migraram de retorno. Em virtude disto, já é possível observar a presença de desigualdade na estrutura socioeconômica entre as famílias Geraizeiras que retornaram com as que ficaram no médio vale do rio Guará.

Mesmo nestas circunstâncias, eles ainda mantem saberes ligados à coleta de frutos, raízes, desenvolvem o artesanato, praticam o fogo controlado e há manutenção das práticas espaciais de mutirão para limpar o rego, fazer farinha que ainda revela sociabilidade e solidariedade dos Geraizeiros nos Cerrados baianos. Tais características de seus modos de vida são resiliências dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Também, no médio vale do rio Guará, mesmo os Geraizeiros já apontando para iniciativas de pagamento de diárias diante da dificuldade de encontrar parceiros para o trabalho coletivo ainda há entre eles trabalho familiar, troca de dias e mutirão. Assim, eles mantêm inter-relações com as unidades geoecológicas das paisagens dos Cerrados que ainda estão sobre os seus domínios com a manutenção de alguns elementos de

reprodução sociocultural dos seus modos de vida, conforme será oportunamente aprofundado no capítulo 5.

No médio vale do rio Guará há famílias Geraizeiras que plantam arroz, feijão, batata, mandioca, abacaxi e outros produtos para a sobrevivência. Elas também utilizam a flora e a fauna para complemento alimentar e medicina popular: buriti, pequi, caju, brutos (araticum), pé de perdiz, sucupira e outros. Entretanto, dentre essas famílias há aquelas que já compram todos os alimentos de sua alimentação no comércio: arroz Tio Mario, feijão Tio Jorge, macarrão, extrato de tomate, carne, açúcar, bolachas e óleo nos supermercados no povoado de Inhuma, São Desidério e/ou Correntina e nas pequenas mercearias no povoado de Ponte de Mateus no médio vale do rio Guará.

Eles também mantêm inter-relações com a biodiversidade a partir da geocologia de saberes constituída pela experiência e da r-existência do grupo nas áreas dos Cerrados baianos. A prática da criação e da caça de animais silvestre são evidentes nos povoados do médio vale do rio Guará. Geralmente, nas suas casas e quintais periquitos e papagaios são criados como animais de estimação.

Já a caça é um assunto que não se fala com as pessoas estranhas⁷⁶, pois todos possuem consciência que caçar é uma atividade ilegal perante as leis ambientais. Mas, pelas crenças ainda é possível encontrar nas residências dos Geraizeiros baianos: “banha de sucuri” utilizada para reumatismo, chocalho de cascavel para retirar câimbras musculares dos Geraizeiros “de melhor idade” e outros (figura 21).

⁷⁶ Cabe aqui frisar que eles só começaram a falar depois que perceberam que o nosso trabalho não estava ligado aos órgãos ambientais (SEMA e IBAMA). Para isso, o projeto Saberes Ambientais desenvolvido na Escola Municipal Ovídeo Francelino de Souza se tornou um cartão de visita, pois os filhos dos Geraizeiros já me conheciam desde que realizei as entrevistas e estágios de vivências nos povoados.

Figura 21: A) Mantega de Sucuri utilizada pelos Geraizeiros no povoado de Pedras; b) Raiz de manacá utilizada na medicina popular no povoado de Pedras; C) Árvore de barbatimão com entrecascas retiradas para medicina popular no povoado de Larga.



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. Rigonato, 2016

Percebe-se que as permanências dessas inter-relações dos Geraizeiros fazem parte da identidade ecológica deles com os Cerrados abrangendo o médio vale do rio Guará. Para Thomashow (1995) essa identidade: “refere-se a todas as diferentes maneiras como as pessoas se interpretam a si próprias relativamente à Terra, tal como se manifesta na personalidade, nos valores, nas ações e no sentido do eu” (THOMASHOW, 1995, p. 30).

De modo geral, pode-se afirmar que a caça, a pesca e o extrativismo ainda são fundamentais para a manutenção do modo de vida tradicional nas paisagens dos Cerrados baianos. Esses bens naturais são utilizados para complementar a alimentação, para elaboração de utensílios no artesanato e para tratamentos de diversas enfermidades com as plantas medicinais dos Cerrados.

Nos Cerrados do presente e, principalmente dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará as suas práticas espaciais mesmo pressionadas e limitadas nos vales ainda fortalecem as suas sobrevivências, porém intercaladas com outros saberes,

relações de trabalho as quais constituem mais recentemente a conectividades deles com outros lugares.

Nesse sentido, os Geraizeiros estruturam a dimensão econômica interligada com a dinâmica geocológica dos Cerrados. Para Claval (2001, p. 142), tais dimensões comportam o “*know-how*” e os saberes mobilizados para valorizar o ambiente.

Nessa linha de análise/tradução de múltiplas escalas temporais e espaciais adentrei nas práticas espaciais do cotidiano que os Geraizeiros do médio vale do rio Guará estabelecem as paisagens dos Cerrados do presente diante da expansão da agro-energias-negócios em direção aos vales habitados pelas famílias Geraizeiras.

Para isso, utilizei as entrevistas, os questionários e as observações e anotações de visitas de campo nos povoados do médio vale do rio Guará. Eles sinalizam diante deste contexto dos Cerrados baianos do presente quais são as atividades socioeconômicas mais significativas como se segue no Quadro 10.

Quadro 10: Atividades socioeconômicas da geração de renda de das famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará, 2013-2016

Povoados	Atividades comuns			Atividades/formais atuais				
	Extrativismo	Lavouras	Pecuária	Artesanato	Serviços	Diarista	Autônomo	Bolsas
Ponte de Mateus	Importante	Importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Importante	Importante	Importante
Larga	Importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Importante	Importante	Pouco importante	Muito importante
Cera	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Muito importante
Pedras	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Muito importante
Currais	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Importante	Importante	Importante	Muito importante
Riacho do Fogo	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Muito importante
Contagem	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Pouco importante	Pouco importante	Importante	Pouco importante	Muito importante

Legenda	
Muito importante	Importante
Importante	Pouco importante
Pouco importante	

Fonte: Pesquisa de Campo, 2013-2016 Organização: Rigonato, 2016

De acordo com o grau de importância atribuído pelas famílias entrevistadas se nota que há uma heterogeneidade de fontes de renda e trabalhistas para os Geraizeiros

do médio vale do rio Guara diante da permanencia da valorização das lavouras de rego, dos mutiroes, do extrativismo e do artesanato. Todavia, ha familias Geraizeiras no medio vale do rio Guara que perpassam por um processo de monetarização do seu modo de vida pelo aumento do acesso ao dinheiro em especie nos lugares vividos.

De modo geral, pode-se inferir que esta monetarização e impulsionada pela inserção dos programas sociais do governo federal, bolsas do governo municipal, aposentadorias e pelo trabalho assalariado sazonal nas fazendas do agro-energias-negocios nas proximidades do medio vale e nas demais áreas dos Cerrados.

Aqui e importante frisar que o acesso aos programas sociais por meio das bolsas estao ligadas no caso da Bolsa Familia com a permanencia dos filhos nas escolas municipais do Povoado de Ponte de Mateus e Currais. Ja as rendas oriundas dos salarios sao oferecidas pela administração municipal em servicios relacionados ao posto de saude, aos trabalhos nas escolas e para cuidar do abastecimento de água nos povoados mas, tambem pelo trabalho assalariado nas fazendas do agro-energias-negocios por meio de contratos temporarios e sazonais.

No período de 2013 a 2015 no medio vale do rio Guara, o maior empregador foi a fazenda Cerrado nas lavouras de eucalipto que ira atender a demanda da Termoeletrica Bolt Energias. Outra fonte de renda e oriunda das remessas de valores enviadas pelos familiares Geraizeiros que trabalham nas fazendas e cidades de outros municipios e estados brasileiros.

Nesse universo, a enfase atribuida pelos Geraizeiros as bolsas se deve ao fato das familias receberem uma complementação de renda mensal e, tambem pelas maiores possibilidades de permanencia dos seus filhos e netos na escola. Segundo, informaoes da direção da escola “antes havia familia que nao matriculava os filhos. Hoje melhorou muito esse quadro. Falta apenas melhorar o transporte”, depoimento da diretora Jaqueline de Oliveira Ribeiro, em 30/05/2016.

No caso particular, dos Geraizeiros do medio vale do rio Guara, das 257 familias cadastradas no Sistema Municipal de Saude (SMS, 2015), destas 29,96% receberam Bolsa Familia, entre o ano de 2013 a 2016. A receita dessas bolsas impactou a renda familiar e tambem a vida escolar de varias crianças, adolescentes e jovens Geraizeiros.

De acordo com as fichas de matricula da escola municipal Ovdio Francelino de Souza sediada no povoado de Ponte de Mateus dos 414 estudantes atendidos em idade escolar 254 estudantes pertencem a essas familias que recebiam o beneficio nesses

últimos anos⁷⁷. Os recursos financeiros das bolsas famílias, das diárias e dos trabalhos assalariados impulsionaram a transformação de duas pequenas vendas em mercearias com maior diversidade de produtos alimentícios, bebidas e outros. Além disso, aumentou a formação de pequenos povoados do médio vale do rio Guará.

Outra fonte que complementa a renda são os salários maternidade e as aposentadorias e/ou pensões. Durante a realização da tese foi possível verificar que há famílias que utilizaram o recurso do auxílio maternidade para comprar os enxovais, pagar os custos com parto para os nascimentos dos filhos. Outras pegaram parte deste recurso realizaram reformas básicas em suas residências e até adquiriram um carro usado e/ou motocicleta⁷⁸ para o transporte nas longas estradas vicinais até os povoados, o distrito de Inhumas, a cidade de São Desidério e/ou Correntina.

Para os Geraizeiros nos Cerrados baianos do presente, a atividade diarista é um subemprego fundamental para aquisição de renda em dinheiro. Eles relatam que não é fácil conseguir emprego nas fazendas e/ou condomínios, pois os gerentes das fazendas preferem contratar pessoas de outros lugares. Por isso, quando conseguem emprego nessas fazendas submetem-se a trabalhar em diversas atividades: catar raízes, peão de gado, servente para construir galpões e casas nas novas fazendas e até para manusear máquinas agrícolas quando a pessoa detém conhecimento prático. Diante dessas restrições locais de oferta de empregos, geralmente, os Geraizeiros do sexo masculino seguem a fronteira agrícola para conseguir trabalho e renda para as suas famílias que continuam habitando os povoados do médio vale do rio Guará. Este é um dos temas que discutirei no capítulo 4.

Os destaques para o extrativismo e para o artesanato estão relacionados ao seu uso tradicional em seus modos de vida nas paisagens dos Cerrados baianos. Mas, também pelo desenvolvimento dos projetos “Veredas Vivas” o qual buscou a partir da valorização dos saberes populares agregar valor ao artesanato, a alimentação e a medicina popular pela “Agência 10envolvimento” nos anos de 2009 a 2012.

Esse projeto contou com a capacitação de pessoas das comunidades, trocas de experiências na comunidade quilombola de Cedro no sudoeste de Goiás. Os resultados dessas ações culminaram na estruturação do Primeiro Centro de Referência do Cerrado,

⁷⁷ Informações sistematizadas a partir das fichas de matrícula da Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza no final do ano letivo de 2015.

⁷⁸ A maioria das motocicletas não possuem documentos. São motocicletas Finan ou roubadas. Os jovens Geraizeiros afirmam que elas são compradas mais baratas de pessoas que vem vendê-las para eles de Brasília e de Goiânia e/ou de outras cidades goianas, principalmente do entorno de Brasília.

construído no povoado de Ponte de Mateus, com recurso da Caritas⁷⁹ e recursos do poder público municipal.

Dessa maneira, nos últimos anos as famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará, sobretudo no povoado de Ponte de Mateus se tornaram mais envolvidas com a arte de fazer artesanatos, remédios da medicina popular, produzir doces de caju, licores e sucos diversos para o uso familiar e para pequenas comercializações em feiras⁸⁰ e eventos, tal como será discutido no Capítulo 5.

Já o enquadramento da pecuária na categoria de pouco importante se deve a redução da criação que a maioria dos Geraizeiros passa diante do encurralamento, sobretudo, fundiário já discutido. Todavia, o gado é considerado para eles uma fonte de renda: “uma reserva para quando adocece ou tem uma precisão”. Contudo, atualmente o número de animais por família é muito reduzido⁸¹.

Com a mudança da pecuária nas áreas dos Cerrados baianos do presente, já há a falta do esterco do gado utilizado pelas famílias Geraizeiras na produção de hortaliças nos brejos úmidos. Essa falta pode romper com o sistema integrado da produção de hortaliças e de espécies nos quintais que necessitam dos nutrientes para o seu ciclo⁸².

Ao longo do desenvolvimento das atividades de campo foi possível também observar que, alguns desses sujeitos beneficiados abandonaram o plantio de mandioca, feijão e milho nos brejos úmidos (veredas) do médio vale do rio Guará. Todavia, ao serem questionados asseguram que a desistência do plantio se deve a perda da resistência física, pela queda da produtividade, por causa da falta de precipitação nos períodos que anteriormente choviam e ao aparecimento de pragas: gafanhotos e cigarrinhas brancas. Ou seja, problemas ligados à natureza do local. Por último, resalto que mesmo diante dessas dificuldades ainda há famílias que possuem roças de rego (brejos) e dos quintais a principal fonte de alimentação e renda.

Diante dessa dimensão das atividades socioeconômicas e monetarização nas relações de trocas e dos humores entre as famílias Geraizeiras de sujeitos que não querem trabalhar. Diante disso, busquei analisar as mudanças na realização das

⁷⁹ <http://caritas.org.br/comunidade-de-ponte-do-mateus-enfrenta-grilagem-ate-hoje/1867>. Acesso em: 12 de dez. de 2016.

⁸⁰ Feira do Pequeno Agricultor em São Desidério; Evento dos Povos dos Cerrados em Brasília, DF e outros;

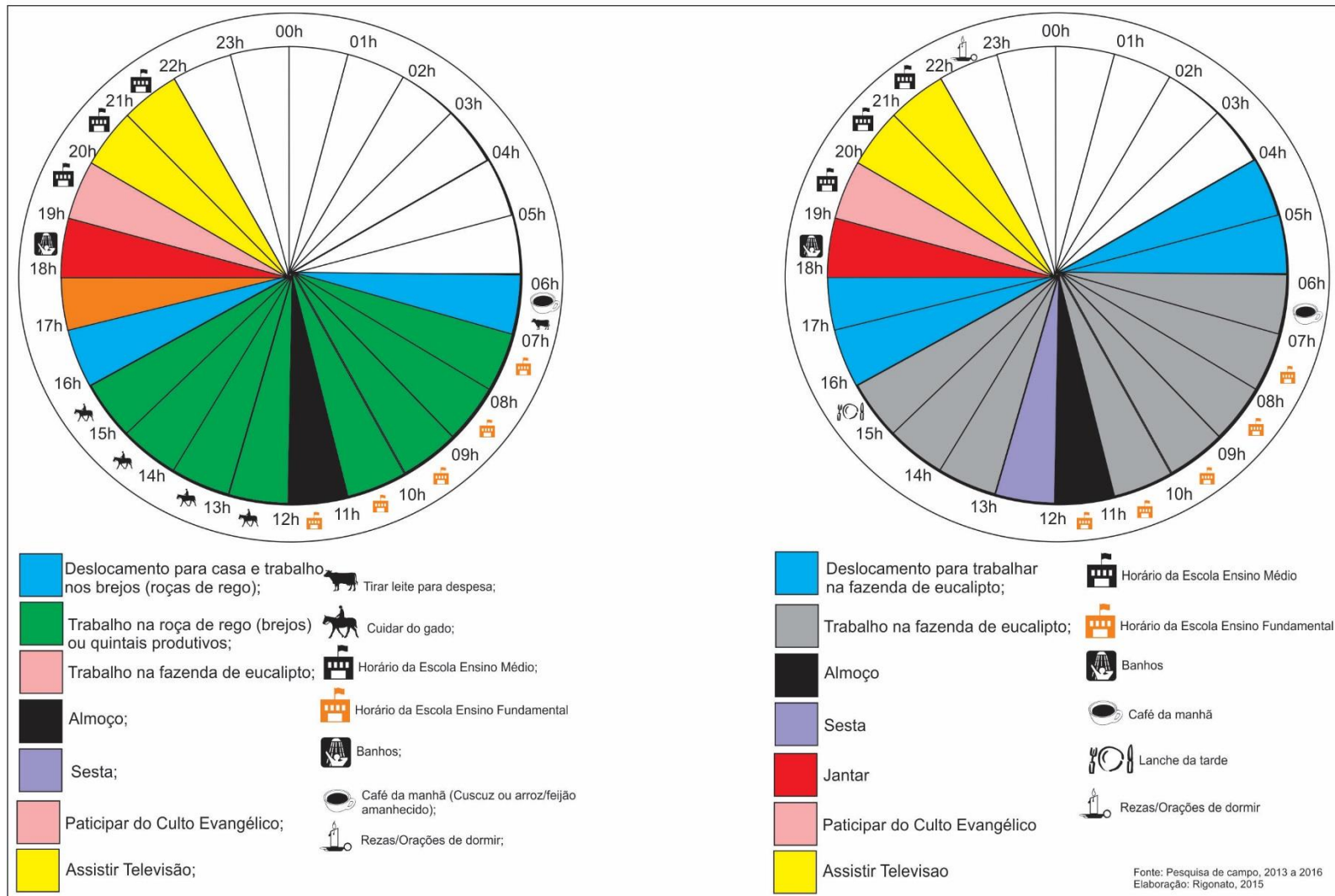
⁸¹ Das famílias entrevistadas apenas 3 possuem mais de 10 cabeças de gado nos povoados do médio vale do rio Guará.

⁸² Durante uma oficina de “Construção de Viveiro Escolar” que ministramos em 2015 na escola municipal Ovídeo Francelino de Souza, acompanhamos a dificuldade da direção desta escola para conseguir estrumes bovino para a horta escolar;

atividades diárias dos dois grupos predominantes nos povoados pesquisados nesta tese, de acordo com a (figura 22)

Figura 22: Ciclo do trabalho diário das famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará, 2013 - 2016

Ciclo do Trabalho durante o dia no baixo vale do rio Guará, 2013-2016



Há dois grupos familiares com relações de trabalho em transformação. Um grupo que desenvolve as suas atividades de extrativismo, cultivo nas roças de rego, artesanato e, frequentemente os membros recebem bolsas e/ou auxílios sociais; outro grupo formado pelas famílias as quais desenvolvem as mesmas atividades do grupo anterior, mas essas possuem na família sujeitos assalariados, diaristas e/ou funcionários públicos municipais.

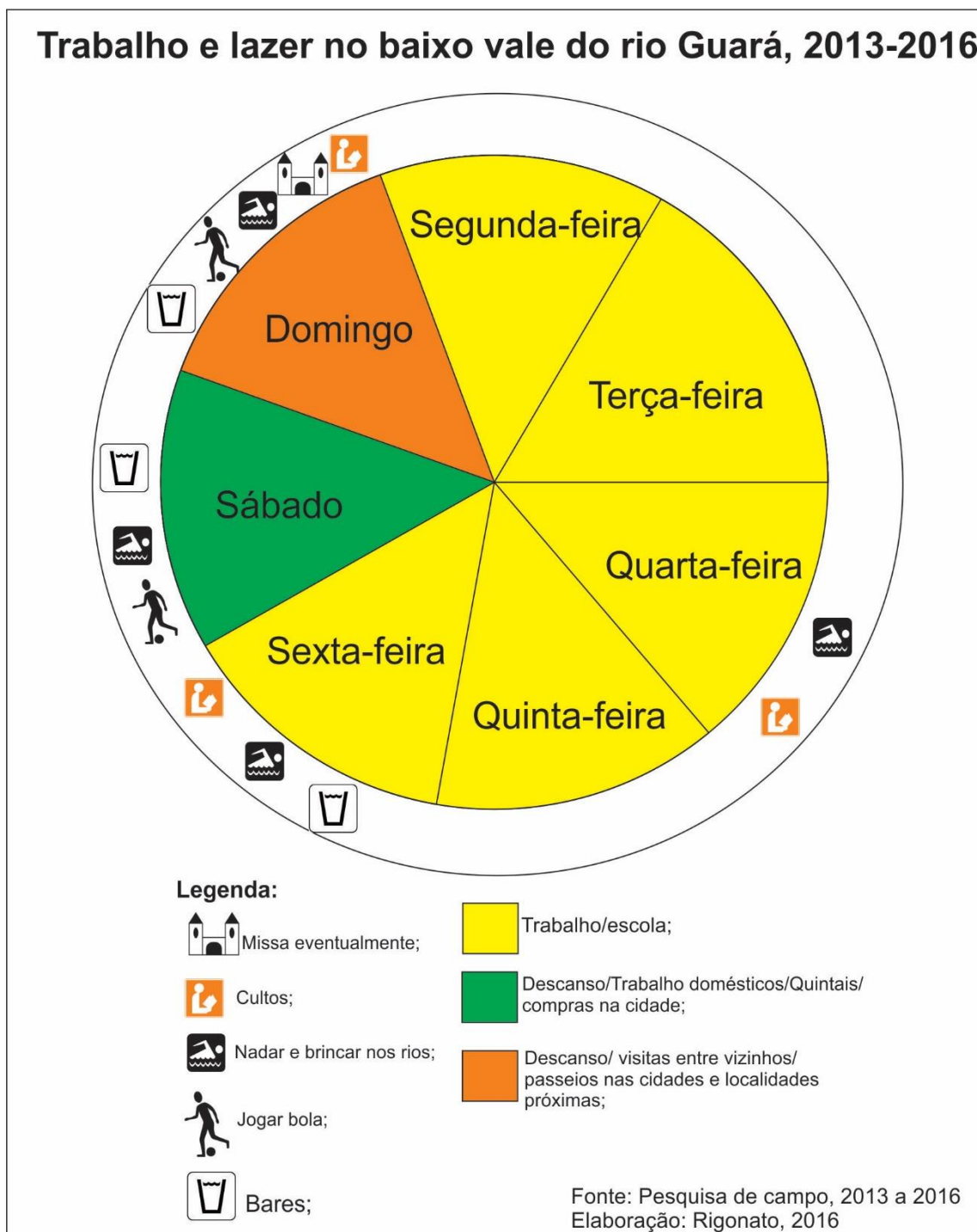
Percebe-se que as mudanças na rotina são pequenas, mais significativas em relação as transformações socioculturais cotidianas dos Geraizeiros que trabalham como diarista ou assalariado temporário nas fazendas em relação aquelas famílias que não trabalham.

O maior impacto na rotina é o deslocamento da mão de obra nos períodos do plantio e do cultivo nas roças de rego para a prestação de serviços na lavoura de eucalipto, rompendo com o ciclo da agricultura dos Geraizeiros. Há também a redução do tempo livre os quais os Geraizeiros praticam o ócio criativo no campo. Eliminando as possibilidades de participarem das atividades criativas tais como: conversar embaixo das árvores, assistir televisão, ir ao bar, ouvir música e até ficar quieto observando os sonhos, o vento e os pássaros nas paisagens.

Ao analisar/traduzir as práticas espaciais diárias dos Geraizeiros é possível assegurar que apenas inicia uma sobreposição das espacialidades e temporalidades vividas pelos Geraizeiros pelas do setor agro-energias-negócios. As submissões já existentes às necessidades cotidianas da vida mas, que muitas das vezes são balizadas pelas suas cosmovisões mais conectadas ao bem viver, com sensíveis ressignificações de valores socioculturais.

Tais ressignificações ocorrem no cotidiano, nos hábitos e práticas socioculturais do modo de vida das populações Geraizeiras, como demonstram as práticas diárias e semanais, na Figura 23:

Figura 23: Trabalho e lazer dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2013-2016



A figura anterior demonstra que já há rotina pré-estabelecida ao longo das semanas para as famílias Geraizeiras no médio vale do rio Guará. Para eles, as principais atividades rotineiras estão interligadas  escola, ao trabalho e  religião. Contudo, eles também destacam que há semanas especiais as quais muitos rompem com

a rotina pela força da tradição de trabalho coletivo no desmanche da mandioca, do plantio na época “certa da lua” e para participar das festas populares. Essas semanas são influenciadas pelas fases da lua, pela frutificação de alguma espécie nativa, pela piracema no rio guará, festa do Bom Jesus da Lapa⁸³ e até para a produção de farinha e beiju.

Eles percebem que a inserção deles nas lavouras de eucalipto e nas atividades interligadas ao agro-energias-negócios ocasionam perda do tempo livre, do ócio criativo no campo e afeta diretamente a agricultura nas roças de rego. Eles apontam também que as transformações em suas especialidades e temporalidades diárias e semanais acontecem por causa da chegada da energia elétrica, da televisão e pela mudança do catolicismo popular para as religiões evangélicas. Esta última, eliminou a participação e presença dos bares daqueles que mudaram de religião para os cultos evangélicos que ocorrem sistematicamente nas quartas-feiras, sextas-feiras e domingo.

Apesar dos habitantes da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia terem desde o século XIX recebido a influência de várias matrizes religiosas havia a predominância do catolicismo popular. Então, a participação deles em outra matriz religiosa representa mudanças socioculturais profundas nos espaços vividos. Há ressignificação das crenças, dos valores e até elementos tradicionais dos seus modos de vida que deixam de ser praticados pelas famílias Geraizeiras. Fato este que impossibilita a continuidade de manifestações socioculturais típicas dos Geraizeiros destes povoados do médio vale do rio Guará.

Com isso, os Geraizeiros evangélicos passam a acreditar em crenças e até mitos mais homogêneos: demónios. Mas, deixam de admitir as assombrações⁸⁴, nas luzes popularmente chamadas de “mãe do ouro” e nas demais lendas que ainda povoam as mentes dos Geraizeiros: nego d`água, sucuri do mal, lobisomem e outras.

Em síntese, os Cerrados do presente se encontram no *front* do agro-energias-negócios que utiliza dos discursos da sustentabilidade ambiental para diversificar a monopolização do capital sobre os bens naturais (OLIVEIRA, 2015). As mudanças das legislações das terras e ambientais reproduzem o caráter colonialista do Estado-Nação em relação aos grupos subalternizados nos Cerrados baianos.

⁸³ Tais elementos são fundamentais para a sua r-existência a lógica de trabalho oferecido na fazenda Nova Floresta/Cerrado pela administradora Green Energia nas lavouras de eucalipto. Mesmo oferecendo uma cesta básica para aqueles que não faltarem nenhum dia durante o mês, a maioria falta, relato do setor de recursos humanos da referida gestora.

⁸⁴ Apesar da maioria ter medo e receio de se depararem com uma assombração.

Dessa forma, as populações Geraizeiras são novamente cercadas e impostas a ressignificar as suas relações de trabalho e o seu modo de vida. Assim, a cultura ecológica se reprimi recriando novos paradigmas ambientais, inclusive para as populações rurais se torna ameaçada nos Cerrados baianos. Isso se dá pela desordem ambiental ocasionado sob discursos de sustentabilidade que garantem as territorialidades hegemônicas do agro-energias-negócios.

The background of the entire page is a painting of a Cerrado landscape. In the foreground, a brown deer stands in a field of tall, green grass. Behind the deer are several trees with dark brown, gnarled trunks and green foliage. The sky is a deep, textured blue. The overall style is expressive and somewhat abstract, with visible brushstrokes.

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS CERRADOS

A representação é triplamente fiduciária: em primeiro lugar, ela é a cristalização de um conjunto de valores e de normas de um sujeito histórico; em seguida, ela é o meio para chegar a uma prática e a um conhecimento do real ou à prática e a um conhecimento do imaginário; e, enfim, ela é meio de acumulação e de tesourização.
(Raffestin, (2007, p. 9-10)

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS CERRADOS

As representações socioculturais dos Cerrados baianos são múltiplas. Cada sujeito e grupo de sujeitos as propagam, as utilizam e as (re)criam de acordo com os seus interesses. Mas, elas também são influenciadas pelo contexto geo-histórico das paisagens dos Cerrados. De modo geral, pode-se afirmar que elas compõem o conteúdo sociocultural das paisagens dos Cerrados baianos.

Como aponta a epígrafe, elas também são veículos, itinerário para revelar as práticas espaciais, os discursos e as territorialidades dos sujeitos e grupos sociais que o utilizam, que o habitam e/ou que apenas o imaginam. Todavia, as representações dão e asseguram o poder, o domínio para aqueles que as manipulam a seu favor.

Ao longo deste capítulo, busquei, nos espaços de representações, analisar/traduzir o papel das representações socioculturais, das práticas espaciais e das não representações dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará. Para isso, recorreu-se às principais representações de dois grupos antagônicos em suas representações socioculturais em relação ao processo de uso e ocupação dos Cerrados. Isso como forma de demonstrar a importância do domínio das representações socioculturais para o controle ou defesa dos Cerrados, com gente. Também busquei analisar de forma contextualizada os mapas mentais: passado, presente e futuro. A interpretação deles com apoio de outras representações e do diálogo com as práticas espaciais, autofotografias, permitiu-me perceber como a modernidade pela face dos signos e significados da modernização da agricultura interfere nos signos e significados das representações socioculturais dos Geraizeiros.

Em síntese, as representações socioculturais dos Geraizeiros do médio vale do rio Guára revelaram três cenários representativos dos cerrados: passado, sem a presença dos povos dos cerrados; presente, estereotipado a partir da forte ocorrência dos signos materiais da modernização da agricultura e; futuro, fatalista com signos do desmatamento, urbanização verticalizada e preservação da natureza intocada.

3.1 ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DOS CERRADOS BAIANOS

Os espaços de representação dos Cerrados baianos são múltiplos. Eles reproduzem as intencionalidades dos sujeitos, grupos, instituições e firmas que usam e ocupam as paisagens dos Cerrados. A despeito de já estar no terceiro capítulo desta tese

é importante repetir que os Cerrados no plural é na perspectiva de valorizar os múltiplos sujeitos, grupos e as múltiplas representações socioculturais que o constituem espaço de representação.

A ciência moderna, na maioria de suas pesquisas, buscou/busca o singular, homogeneizar as paisagens conforme a objetividade do uso e ocupação dos Cerrados. Nesta tese, apoiado pela transmodernidade, adentro nas especificidades das espacialidades humanas na tentativa de revelar os sentidos, os valores, as imagens, as ideologias e os símbolos que moldam as paisagens e, por sua vez, as espacialidades humanas nos Cerrados baianos.

Nessa perspectiva, a Geografia de/em Transição busca, nas diversas representações socioculturais presentes nos Cerrados baianos, analisar as interferências delas nas práticas espaciais daqueles que habitam e/ou usam e/ou projetam seus projetos de vida nas paisagens dos Cerrados. Claval (2013, p.12), ao analisar a trajetória da Geografia, assevera que: “são as representações e o imaginário do grupo, negligenciados até então, que merece ser estudados”.

Nessa orientação, considero que os espaços de representações dos Cerrados baianos são fundamentais para revelar os conteúdos das práticas espaciais que os sujeitos, grupos, instituições e empresas neles com o advento da modernização da agricultura. Entende-se aqui que o conteúdo é a consciência espacial. Geralmente, ela é resultante direta e indireta das ações, das não ações, das representações socioculturais destes na interação com a materialidade das paisagens da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Nesta tese, o espaço de representação se refere ao vivido. Este espaço é constituído pelos signos de signos, portadores de significados os quais permitem culturalmente a comunicação, a troca e/ou imposição de informações, conhecimentos e saberes ambos contidos nas práticas espaciais. Para Lefebvre (2006, p. 70) “o espaço de representação se vê, se fala”. Por isso, os espaços de representações dos Cerrados baianos nascem também das práticas discursivas, simbólicas e afetivas que os seus habitantes lhes atribuem e/ou que são atribuídas aos Cerrados.

Lefebvre (2006) afirma que os espaços de representações dos Cerrados são os reinos das esferas consensuais. Eles são vividos pelos sujeitos e grupos os quais constituem ligações afetivas e, principalmente, são lócus das ações humanas as quais detêm natureza simbólica. O mesmo autor sintetiza ao assegurar que os espaços de representações intervêm na produção do espaço.

A presença dos seres humanos na constituição das paisagens dos Cerrados retoma o período pré-histórico. Isso me leva a pensar que os primeiros espaços de representações socioculturais dos Cerrados retomam os desenhos rupestres⁸⁵. Os homens/mulheres dos espaços pré-históricos já dispunham de signos para representarem suas práticas espaciais. Deduz que desde as pinturas de rugendas, os homens pré-históricos ilustravam suas práticas espaciais desenvolvidas junto com a biodiversidade dos Cerrados. Desse modo, os homens sempre produziram espaços de representações. Já em nossa sociedade, perpassando pelos grafites urbanos até os *outdoors* que destacam a toponímia do Cerrado como elemento de marketing, sobretudo, nas áreas de expansão do *front* do agro-energias-negócios, (figura 24)

Figura 24: A e B) Pintura rupestre na Gruta das Pedras Brilhantes, Morro dos Tapuias; C e D) Supermercado Cerrado na Praça Juarez de Souza, Centro da cidade e Comercial Cerrado, Rua Bento Alves da Neves, São Desidério, BA.



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. Rigonato, 2016

Diante dessas evidências nos Cerrados baianos, ainda que os espaços de representações sejam constituídos pelos seres humanos desde o período pré-histórico não se pode haver “naturalização” como argumenta Moscovici (1986, p.15). Para esse autor, essa naturalização das representações e dos espaços de representações pode levar

⁸⁵ Expressos pelos habitantes pré-históricos das áreas dos Cerrados, tais como as pinturas de rugendas contidas nas grutas: Pedras Brilhantes, Morro dos Tapuias em São Desidério, Bahia.

os seres humanos, inclusive os cientistas sociais, a pensar que elas são as próprias espacializações.

Pelo contrário, os espaços geográficos dos Cerrados transcendem os espaços de representações uma vez que eles também são compostos pela diversidade de materialidades visíveis de suas paisagens.

Gil Filho (2008, p. 107) corrobora ao ratificar que espaço de representação é “um espaço vivo com ligações afetivas, locus da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico, e de natureza simbólica”.

O mesmo autor, acrescenta que:

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Dessa maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata. Contudo, o pensamento e a ação do sujeito perpassam a possibilidade de haver representações de caráter social (...) (GIL FILHO, 2008, p.112).

Dessa maneira, pode-se dizer que os espaços de representações são os passaportes que interligam os seres humanos a partir dos seus lugares vividos com o mundo vivido, inclusive da sociedade contemporânea. Os espaços de representações, geralmente transcendem o universo vivido dos sujeitos e grupos. Eles também podem impor outras visões de mundo e/ou outras referências socioculturais.

Já Silva (2012, p. 45), ao analisar as representações sociais e as identidades de Goiânia, afirma que o espaço de representação é: construído a partir das práticas vividas pelos sujeitos. Portanto, ele é um objeto social que atua sobre os sujeitos que produziram e responde às ações desses sujeitos sobre ele.

Há, deste modo, linhas tênues entre os espaços de representações e as representações socioculturais e as práticas espaciais, afirma Lefebvre (2006). São nessas linhas ou nas entrelinhas que se torna possível analisar a relação, o papel e as influências entre as representações e os Cerrados baianos. Como bem apontaram esses dois autores, as representações socioculturais não são o espaço de representação. Elas são constituídas pelas conexões objetivas, subjetivas e intersubjetivas dos sujeitos e grupos sociais nos Cerrados baianos.

No caso específico desta tese, considero que os espaços de representações dos Cerrados baianos são repletos de sujeitos, grupos, instituições e, principalmente de contradições criadas pelas suas representações socioculturais. Entretanto, os espaços de representações podem aglomerar os consensos e os dissensos daqueles sujeitos e grupos que tentam dominar as representações socioculturais daqueles que as dominam e as propagam.

Goffman (1996) defende que, neste caso, as noções de espaços de representações geralmente são similares quando se discute uma região, semelhante aos Cerrados baianos. Para ele, regionalmente os espaços de representações reproduzem representações hegemônicas sobre as representações heterogêneas e/ou específicas. Tal fato acontece com a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, pois, às vezes, ela é mais reconhecida no espaço das representações como “celeiro agrícola” do que pela sua diversidade geográfica, forte presença de populações rurais e pelo seu potencial ecoturístico. Para esse autor, as características dos espaços delimitados são definidas desde os obstáculos da percepção, variando de acordo com limites de sua organização, sendo circunscrito a partir dos limites, ou simplesmente das representações científicas e/ou jornalísticas nos meios de comunicação.

Como já foi discutido no capítulo anterior, os Cerrados baianos, as suas áreas de transição Cerrado/Caatinga compreendem as áreas dos municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Essa mesorregião, do século XVIII até a década de 1970 do século XX, foi influenciada por um espaço de representações o qual os vales eram os mais valorizados e escolhidos para as práticas agrícolas. O advento da modernização da agricultura e implementação nos Cerrados baianos foi acompanhado pela mudança do espaço de representação que influenciaram a valorização dos “Gerais” ou Chapadas de áreas produtivas.

Atualmente, no campo do espaço representacional percebe-se a influência do desenvolvimentismo, da desordem ambiental e da cultura ecológica. No plano dos atores hegemônicos de propagação das representações socioculturais nos Cerrados baianos, há dois grupos mais consolidados conforme o mencionei no início.

Há os grandes agricultores, Associação dos Agricultores Irrigados do Oeste da Bahia (AIBA), Associação Baiana dos Produtores de Algodão (ADABA), gerentes das fazendas, fazendeiros, os agrônomos, os engenheiros ambientais, os advogados, os pilotos de aeronaves e até alguns funcionários que lutam e defendem o meio de suas ações em defesa das representações socioculturais interligadas ao desenvolvimentismo

do agro-energias-negócios. Para esse grupo, não basta já ocupar as maiores áreas territoriais e dominar economicamente a produção agrícola. Eles precisam propagar as suas representações socioculturais como forma de dominar e manipular a população. Para isso, são fundamentais os seus discursos em relação às mudanças climáticas apenas nos fenômenos naturais - El niño e La niña - para justificar a diminuição da água dos rios e da distribuição das precipitações. Além disso, ainda recorrem a discursos malthusianos do aumento da população como responsáveis pelas alterações ambientais recentes nos bens naturais dos Cerrados baianos. Por último, acreditam que estão matando a fome do mundo produzindo *commodities* agrícolas⁸⁶.

Por outro lado, há ambientalistas, pessoas da sociedade civil, comerciantes, professores (as), pouquíssimos agricultores, alguns representantes sindicais, pastoral da Terra e os Geraizeiros com a sua geocologia de saberes, ONGs e, principalmente a Agência 10envolvimento inspiram seus discursos na preservação/conservação dos Cerrados com condições para sobrevivência das populações rurais e os Geraizeiros. Para esse grupo, as alterações dos Cerrados auxiliam nas dinâmicas climáticas e ambientais da mesorregião. De modo geral, esse grupo produz espaços de representações e práticas espaciais que comprovam e luta contra o modelo ecologicamente incorreto e socialmente injusto, como argumenta (DUARTE, 2002) nos Cerrados baianos. Nos últimos anos, o grupo vem cultivando discursos e práticas voltadas para a transição agroecológica.

Nesse ínterim, Haesbaert (1995) já salientava que havia conflitos representacionais e idenitários na constituição da modernização da agricultura nos Cerrados baianos. Esse autor revela em sua tese a força dos regionalismos, dos conservadorismos e do provincianismo presente nos espaços de representação do Oeste da Bahia diante da diáspora gaúcha, no final do século XX.

No campo discursivo, durante o percurso desta tese foi possível observar por meio do espaço de representação que houve poucos avanços das representações socioculturais atribuídas aos Geraizeiros pelos grupos de imigrantes (Quadro 11)

⁸⁶ Esse discurso é recorrente aos membros representam o agro-energias-negócios na mesorregião do extremo Oeste da Bahia. Outras representações e práticas socioambientais nos Cerrados baianos. Contudo, ainda é minoria.

Quadro 11: Representações socioculturais dos imigrantes em relação aos Geraizeiros, 2013-2016

“Os baianos são preguiçosos mesmo!”
“Isso tudo estava aí. E esses baianos não tinham e não têm coragem de plantar”
“Até hoje. Você pode pegar uma gleba de terras dessas daí com projetos de irrigação. Colocar água e doar que eles não dão conta de administrar.”

Fonte: Rigonato, 2013 a 2016.

De modo geral, pode inferir-se que há no campo dos espaços de representações, concepções e representações cristalizadas, mesmo depois de quatro décadas de convívio⁸⁷ nos Cerrados baianos. Há, portanto, concepções de mundo, discursos, ideologias e símbolos cristalizados que continuam propagando práticas excludentes na modernização dos Cerrados baianos. Com isso, esse grupo não só continua com essas representações cristalizadas como também mantém o controle por meio dos espaços de representações pelos sujeitos do agro-energias-negócios em prol, principalmente do discurso do progresso econômico ilimitado.

Já no espaço de representações dos Geraizeiros há também contradições e conflitos discursivos. No entanto, predominam as representações socioculturais do presente, lugar de sossego, aconchegante, prosperidade de oportunidades e resistência, conforme quadro 13 a seguir.

Quadro 12: Representações socioculturais dos Geraizeiros no médio vale do iro Guará, 2013 – 2016

<i>“O lugar onde eu moro não tem briga, um lugar sossegado onde a gente planta colhe e sobreviver tranquilo e melhor de tudo temos muita água boa e saudável”.</i>
<i>“É um lugar aconchegante, de clima agradável, com visão plena para a natureza, tem muita abundância em água e a terra é muito boa para o cultivo de alimentos”.</i>
<i>“Daqui eu não saio, aqui é o meu lugar. Só saio se acabar com a água”.</i>
<i>“Aqui agora tá tudo diferente. No passado não tinha trabalho e eu tive de mudar. Agora não, tá bom demais! Trabalho nas fazendas para todo lado!”</i>

⁸⁷ Aqui é importante dizer que muitos dos imigrantes possuem filhos casados com os baianos e até com filhos e filhas dos Geraizeiros baianos. Nem com esse cruzamento familiar consegue diluir essas representações cristalizadas em relação à população local e/ou regional.

Fonte: Rigonato, 2013 a 2016.

Os Geraizeiros, mesmo diante dos conflitos territoriais, do cercamento e aviltamento dos seus territórios vividos no médio vale do rio Guará revelam que englobam apreço pelos lugares vividos. Esse sentimento de pertencimento é um elemento de r-existência dos Geraizeiros. Ao mesmo tempo, que pode revelar que uma parcela dos Geraizeiros ainda está amordaçada pelas visões bucólicas das paisagens rurais as quais já não condizem com a realidade vivida por eles, totalmente. Dessa forma, persistem habitando esses lugares de forma paciente diante das sobreposições dos territórios do agro-energias-negócios.

Peluso (2003) ao analisar o papel dos espaços de representações sobre os imigrantes nas cidades satélites do Distrito Federal em Brasília. A mesma autora assim os caracteriza: “agentes pacientes” em relação às transformações espaciais. Devido acreditar que o progresso encontra-se em desenvolvimento mesmo na exclusão social. De modo geral, os Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará apresentam vivências semelhantes ao “agente paciente” diante da modernização da agricultura nos Cerrados baianos.

Como foi possível identificar, existem diversas representações socioculturais dos Cerrados baianos. Elas são polarizadas na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia por dois grupos. Um grupo ligado ao agro-energias-negócios e o outro que congrega ambientalistas, funcionários públicos, alguns comerciantes e simpatizantes pela defesa da preservação e conservação dos Cerrados com “gente nele”. Desse modo, os Cerrados baianos se tornaram lócus privilegiado para aqueles que buscam por meio das representações socioculturais dominar, impor, formar e compartilhar suas ideias, ideologias.

Diante da análise/tradução dos espaços de representações socioculturais de dois grupos nos Cerrados baianos, na medida em que a modernização da agricultura se diversifica na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, estes espaços se tornam lócus privilegiado para aqueles que almejam dominar, impor as suas representações como verdadeiras.

Talvez por isso que os grupos dominantes economicamente que atuam diretamente no agro-energias-negócios não medem esforços de estender suas práticas espaciais dominar e manipular a mídia local, regional e até nacional, em busca de fortalecer suas representações em detrimento dos grupos subalternizados geohistoricamente nas áreas dos Cerrados. Além disso, ainda tentam responsabilizar os

pequenos agricultores e os Geraizeiros pelas alterações ambientais por residirem nas áreas de proteção permanentes nos fundos dos vales e nas veredas dos Cerrados baianos.

Massey (2009) salienta para o perigo de cristalizar as múltiplas narrativas apenas no espaço de representação e nas próprias representações. Ela nos convoca a tentar superar a ditadura do tempo pela valorização das espacialidades.

A mesma autora Massey (2009, p. 111) enfatiza que:

Nesta leitura o espacial é, crucialmente, o reino da configuração de narrativas potencialmente dissonantes (ou concordantes). Lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado e assim essenciais para a geração do novo.

Diante de tudo isso, há também várias contradições e hegemonias no espaço representacional. Muitas representações permeiam as práticas espaciais nos Cerrados baianos. Outras, simplesmente, reproduzem os anseios, as contradições da sociedade de consumo da globalização econômica.

Nesta conjuntura, os espaços de representações desses múltiplos sujeitos dos Cerrados baianos no front do agro-energias-negócios, influenciam as representações socioculturais. E, elas, por sua vez, reconfiguram signos, significados, imagens e os imaginários geográficos dos Cerrados baianos. Esses imaginários, dessa forma, se tornam “um meio de interrogar o real, confrontando-o com outras possibilidades, de agir sobre o mesmo para fazê-lo parecer a ficção” (ALMEIDA, 1998, p.36). Dessa maneira, por meio do imaginário que os habitantes dos Cerrados o reproduzem os espaços de representações.

Estes com suas representações socioculturais auxiliam, interferem e participam da (re)produção dos Cerrados baianos.

3.2 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS ÀS PRÁTICAS ESPACIAIS

O termo representação é muito conhecido na Filosofia, na Literatura, na Antropologia, na Geografia e em todas as ciências humanas. O dicionário de filosofia “o vocábulo de origem medieval que indica imagem ou ideia”. Além disso, aponta para três dignificados, tais como: “1. Aquilo por meio do qual se conhece algo; 2. Conhecer alguma coisa; 3. O objeto causa o conhecimento”.

Como se percebe, no primeiro caso, representação é a ideia. No segundo, caso é imagem. Já no terceiro, é o próprio objeto. Ambas as definições enfatizam o conhecimento o que diferem é o caminho, o itinerário e/ou o a relação entre o sujeito e objeto, a coisa ou ação.

Com base nestes esclarecimentos básicos do significado do vocábulo representação e correlacionando com o propósito desta pesquisa, pode-se dizer que as representações socioculturais são importantes para analisar/traduzir as práticas espaciais dos diversos sujeitos no espaço geográfico. É o que pretendo fazer no estudo dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Elas são também discutidas em diversas outras áreas do conhecimento científico contemporâneo, tais como: na pedagogia, na sociologia, na história social, na psicologia, na semiótica, na cartografia e, principalmente, na filosofia. Epistemologicamente, as representações socioculturais formam o campo fértil nas ciências sociais. Para Émile Durkheim (1976), as “representações coletivas” mostravam como sociedades sem escrita construíam e expunham a sua realidade. Posteriormente, há vários outros expoentes preocupados com as representações Hall (1997); Moscovici (2003); Bourdieu (2000, 2007); Lefebvre (2006), Claval (2008) e Bhabha (2010).

Esses pesquisadores colaboraram com pesquisas e com o desenvolvimento avanço nas bases epistemológicas tanto do discurso moderno quanto pós-moderno das ciências sociais. Por um campo, as representações são consideradas discursos produzidos pela constatação de uma realidade. Por outro, as representações sociais são consideradas como o próprio objeto do conhecimento.

Nas últimas décadas, houve um crescente interesse pela categoria “representações sociais” em diversas áreas do saber. Já no plano mais ontológico da Geografia há as pesquisas de Cavalcanti (1998); Claval (1999), Peluso (2003), Almeida (2003), Kozel (2001; 2002; 2008; 2013), Serpa (2007), Moreira (2010), Vargas (2011) e Girardi (2013), entre outros que discutem as representações sociais relacionadas com os significados culturais no/do espaço geográfico.

As pesquisas das representações sociais e socioculturais compreendem três vertentes: uma vertente voltada para o papel político, das relações de poder, das identidades sociais; a segunda, para o conjunto de saberes simbólicos do cotidiano vivido dos lugares (KOZEL, 2001). Já Tardif (1996, 2000) e Cadman (2009) apresentam uma terceira vertente que são a “não representações geográficas” que desde

os anos de 1990 questionam o modo dominante de pensamento representacional na Geografia humana e na Geografia cultural.

Nesta tese, faço o diálogo com essas três vertentes no sentido de melhor traduzir as espacialidades humanas, sobretudo dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará. Seemann (2013), ao analisar as duas primeiras vertentes argumenta sobre as presentificações das práticas espaciais e inaugura a terceira vertente no discurso geográfico brasileiro que seria “não representação”. As primeiras vertentes indicam para a superação das abordagens hegemônicas positivistas, estruturais, funcionalistas com possibilidades de ampliação do universo de abordagens da ciência geografia moderna e pós-moderna. Conquanto, a última vertente nos convida a trilhar itinerários para repensar à produção geográfica arquitetada sobre representações estáticas e até estereotipadas.

Como visto anteriormente, há uma maior valorização das primeiras duas abordagens de representação sobre as formas pelas quais os membros de nossa categoria sistematizam os conhecimentos referentes ao espaço geográfico. Mas, elas transcendem o campo científico geográfico. Elas permeiam a produção dos espaços pelos sujeitos e grupos sociais, uma vez que adoto da concepção sociocultural que valoriza a relação objetiva, subjetiva e intersubjetiva entre os sujeitos, os seus grupos, as suas ações e os objetos.

As representações socioculturais são fundantes na organização sociocultural dos lugares vividos. Elas podem escamotear o real, conformá-lo, elucidar as utopias, motivar e desmotivar as ações humanas conforme os interesses dos grupos socialmente, economicamente e politicamente dominantes.

Claval (1999) também se manifesta ao analisar as espacialidades dos lugares vividos pelos grupos etnogeográficos salientando que:

Grande número de representações são imaginárias para justificar o real, confortar o funcionamento da sociedade, reproduzir suas desigualdades e salvaguardar os privilégios daqueles que a dominam (CLAVAL 1999, p. 73)

Não se trata, portanto, de negar o papel das representações socioculturais e sim de buscar transcender a partir das práticas espaciais para traduzir nos lugares vividos por essas populações. Esses privilégios podem colocar em risco a sobrevivência e a alteridade dos diversos grupos sociais, principalmente, dos Geraizeiros diante da

exaustão dos bens naturais: água, solos e da biodiversidade pelo processo de uso e ocupação dos Cerrados baianos.

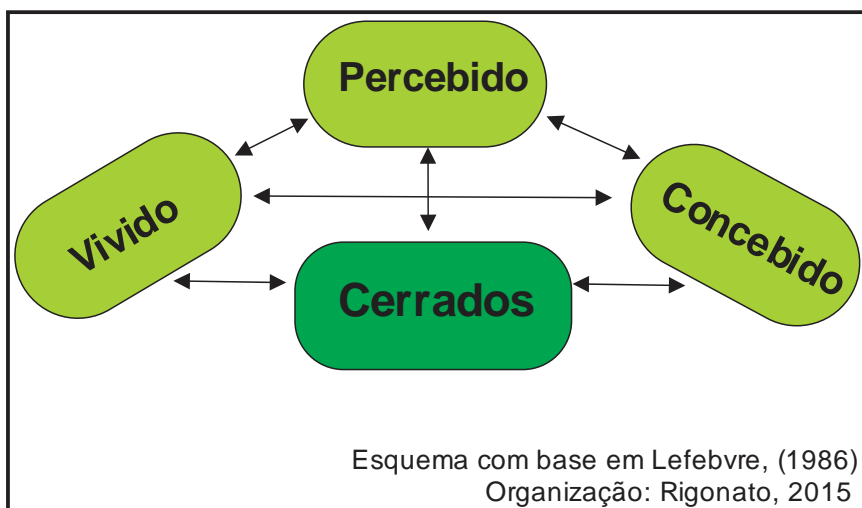
Em uma preocupação com as formas de representações Kozel (2001; 2002; 2008; 2013) destaca o significado das representações socioculturais como possibilidades de valorizar os signos e as linguagens por meio de mapas mentais na Geografia. Ela colabora ao afirmar:

As representações em geografia constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados. (KOZEL, 2004, p. 216)

Desse modo, os sujeitos e grupos sociais são os criadores de suas representações socioculturais. Com essa assertiva da autora, nesta tese, as representações socioculturais constituem as práticas espaciais. Mas, elas só permitem transcender se valorizar a leitura do espaço geográfico no passado, do presente e no futuro.

Aqui, cabe convocar novamente os estudos de Lefebvre (2006). Embora suas pesquisas abordassem o espaço urbano, ele colabora com a leitura do lugar enquanto linguagens contidas nas relações sociais ausente ou presentes, absorvidas e expressas nos espaços vividos, percebidos e concebidos pelos Geraizeiros. Sugere-se a observar a (figura 25).

Figura 25: Geraizeiros nos Cerrados no médio vale do rio Guará e suas manifestações, 2016



Com base nesse esquema, a análise da produção do espaço nas áreas dos Cerrados baianos necessita de abordagens que realcem as práticas espaciais. Ressaltando o que o próprio Lefebvre (2006, p. 218) esclarece “as representações são produtos que não derivam diretamente de nenhum dos comportamentos da prática senão de suas interferências”.

Neste contexto, a reflexão também de Almeida (2003, p. 71) quando se embasa no conceito de representações sobre “as modalidades de apreensão do mundo e do status do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade”. As interferências e o problema de adequação que os autores destacam se deve a nossa tentativa de desconsiderar que essas práticas espaciais ocorrem em espaços “enquanto trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora.” (MASSEY, 2009, p. 49).

Em ressonância com tal perspectiva do espaço vivido, percebidos e concebidos é por considerar as suas multiplicidades e interconectividades (MASSEY, 2000, 2008). Em outra importante abordagem, Vargas (2011, p. 106) defende que as manifestações socioculturais podem interpelar os sujeitos “as populações rurais” de duas maneiras diferentes: “Pelo agenciamento de práticas do passado e presentes e, ao mesmo tempo, através de projetos formadores de práticas futuras”.

Diante dessas considerações teóricas, destaco que elas são significativas para analisar/traduzir as inter-relações dos espaços de representação, das representações socioculturais e das práticas espaciais vividas no médio vale do rio Guará pelos Geraizeiros diante da agro-energias-negócios.

Almeida (2008, p. 321) já havia salientado que: “Os Geraizeiros e/ou Cerradeiros possuem uma forma singular de apropriação da natureza, regida por um sistema de representações, códigos e mitos”. Desse modo, parto do pressuposto que os Geraizeiros baianos perpassam por transformações não só no plano subjetivo e intersubjetivo mas, também pelas simplificações da sua biodiversidade devido a expansão do agro-energias-negócios.

Como apontei no capítulo anterior, o projeto da modernidade interligado com a expansão da fronteira agrícola nas áreas dos Cerrados criou racionalidades espaciais e, com elas propagar os mitos da modernidade. O resultado nas áreas dos Cerrados baianos foi a mudança de signos da realidade, criando descompasso entre o mundo real e os discursos cristalizando imagens, símbolos e ideologias (RAFFESTIN, 2007).

Os espaços concebidos que recebem essa tríade, é neles que emergem os novos discursos, signos e nos sistemas de representações visuais na produção do espaço dos Cerrados baianos. Retomando à Lefebvre (2006), a base de sustentação das representações socioculturais está ancorada na ideologia, nas imagens e símbolos (figura 26)

Figura 26: Tríade para tradução das representações socioculturais dos cerrados baianos



Com base nessa concepção, as imagens, os símbolos e as ideologias são elementos da vida cotidiana contidos no sistema de representações socioculturais dos lugares vividos pelos Geraizeiros, nem sempre decodificados por eles. Para análise/tradução a experiência dos sujeitos e dos grupos deve ser considerada em relação a sua subjetividade e intersubjetividade com as paisagens dos Cerrados baianos.

Hall (2011, p. 167) alerta sobre a ideologia:

[...] somos constituídos pelos processos inconscientes da ideologia, naquela posição de reconhecimento ou fixação entre nós mesmos e a cadeia de significados sem a qual nenhum significado ideológico seria possível. (HALL, 2011, p. 167).

É nesse interstício entre as objetividades espaciais dominantes e as manifestações subjetivas, muitas vezes intersubjetivas, que há possibilidade dos Geraizeiros constituírem suas práticas espaciais com menos interferências das

ideologias transmitidas a partir das representações estereotipadas da modernidade nas áreas dos Cerrados.

Diante do papel das ideologias, Marilena Chauí salienta que:

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tornar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quanto na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas (CHAUI, 1993, p. 10-11)

Como se percebe, as ideologias nas representações socioculturais são expressões das objetividades que ocorrem nas áreas dos Cerrados. Com base nessas representações socioculturais os sujeitos e grupos sociais explicam o espaço vivido, sem, muitas vezes, perceberem que elas não são autoexplicáveis.

Outrora, a primeira ideologia, símbolo e imagem criada no campo representacional foi o topônimo: Cerrado. Como aponta Boaventura Santos (2010), a carga da ideologia colonialista presente nas produções científicas das instituições de pesquisa, ensino e extensão propagaram discursos singulares, eliminando a diversidade geológica, as toponímias locais e regionais. Em virtude disto, uma diversidade de lugares relacionados às unidades geológicas das paisagens dos Cerrados foi substituída pela unidade das fitofisionomias dos Cerrados.

Com isso, há ressignificações dos adjetivos, códigos, dos valores socioculturais atribuídos pela cultura local aos lugares. Estas também são direcionadas para a esfera material com desapropriações dos posseiros, sobretudo, dos Geraizeiros, como apontadas no capítulo anterior.

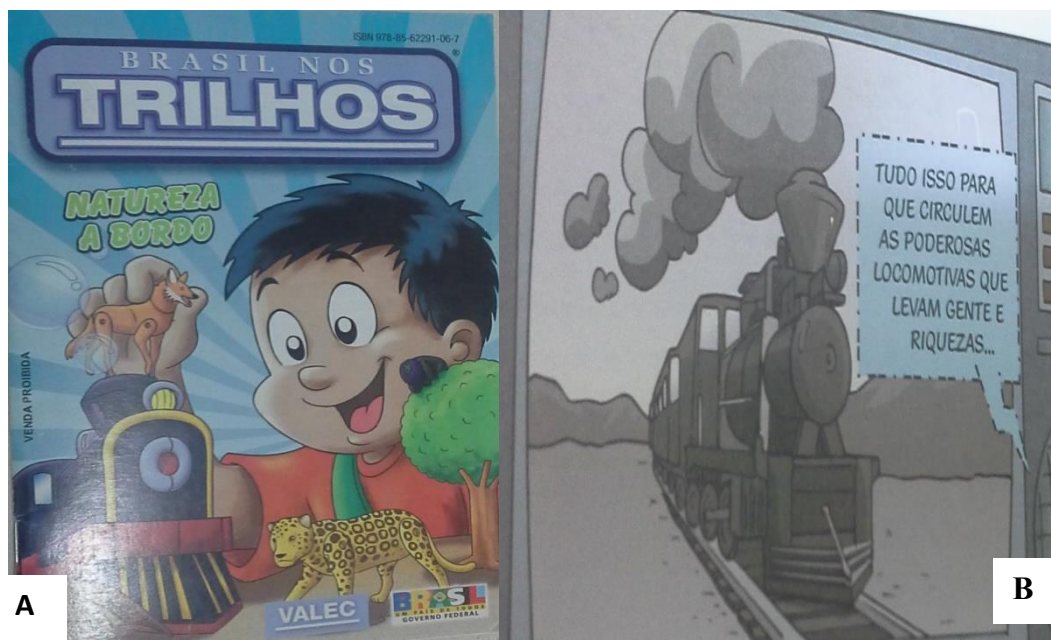
Em relação aos Geraizeiros do médio vale do rio Guará o exemplo mais relacionado ao campo do simbólico foi com o próprio topônimo Cerrado. Ao longo do desenvolvimento desta tese foi possível observar que esse termo é ainda pouco usual ou desconhecido pelos sujeitos entrevistados, sobretudo os Geraizeiros da terceira idade. Dentre eles, há inclusive sujeitos que simplesmente o chamam de “mato” e de “Gerais”⁸⁸. Eles o habitam e criam valores e representações socioculturais com os quais estabelecem suas interrelações com os vales, veredas e terraços. Estes sujeitos ocupam os Cerrados baianos não foram aviltados pelo agro-energias-negócios.

⁸⁸ Esse último é interessante no campo das representações como r-existência de suas identidades territoriais das famílias Geraizeiros.

Para os mais jovens e, principalmente, os estudantes Geraizeiros, o termo Cerrado já é mais comum. Por um lado, isto revela a inserção dos conceitos científicos, sobretudo, da ciência moderna que ao invés de aproximar os seres humanos da natureza, pode é distanciá-los dos signos e significados existentes nestes locais. Por outro lado, explicita que o modelo de escolarização ao invés de contextualizar a vida a partir das vivências nos lugares pelos estudantes, acaba impondo representações hegemônicas da modernidade sobre a geocologia de saberes dos Geraizeiros.

No caso específico do médio vale do rio Guará, percebe que isso ocorre devido às imposições de políticas educacionais oriundas da própria Secretária Municipal de Educação, pela inserção do programa PERMANECER e também pelas empresas interligadas com as obras do Programa de Aceleração do Crescimento. A título de exemplo, em 2014 os técnicos e engenheiro da VALEC Engenharia, Construções e Ferrovias S.A - passaram demarcando o traçado da ferrovia Leste-Oeste nas proximidades do povoado de Ponte de Mateus. Na oportunidade, eles distribuíram cartilhas divulgadoras na Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza⁸⁹ (figura 27).

Figura 27: A) Capa da Cartilha Natureza a Bordo; B) Recorte da página 04 da mesma cartilha.



Fonte: VALEC, Brasil nos Trilhos: Natureza a bordo (2009)⁹⁰

⁸⁹ Destaco que estávamos desenvolvendo o projeto Saberes Ambientais nesta escola. Entre uma visita e a outra deparamos com os professores utilizando a cartilha desde as séries iniciais até o ensino médio. Ao serem questionados a respeito do uso. Eles responderam que não tinham atentado para o conteúdo das mesmas. Mas, devido à falta de livro didático, muitos deles estavam utilizando a mesma em sala de aula.

⁹⁰ Apesar de ter sido distribuída em 2014. Ela foi publicada em 2009.

Torna-se evidente como as instituições e as empresas utilizam as representações socioculturais para manipular os Geraizeiros e populações rurais com as ideologias desenvolvimentistas. Tal fato ilustra não só o descompasso entre o conhecimento técnico e científico sobre a geoecologia de saberes dos Geraizeiros, mas também denuncia o desrespeito para com a inteligência das pessoas do campo, uma vez que os Geraizeiros sabem que a ferrovia não seria destinada a transporte de pessoas e menos ainda para salvar a natureza dos Cerrados baianos.

Ao mesmo tempo pode-se inferir que, atualmente, as estratégias discursivas no plano representacional são voltadas para criar representações socioculturais que acomodem as ideologias, os discursos e as imagens que focam na produtividade dos grãos para as *commodities*⁹¹ agrícolas nos fronts agrícola, como aponta Federico (2010).

No caso específico dos Cerrados baianos é inegável o referido aumento da produtividade. Contudo houve poucos avanços no sentido de diminuir as desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas e muito menos inibi-las.

Já nos últimos anos deste século, percebe-se a vinculação dessas estratégias discursivas com os discursos ambientais como possibilidade do capital nacional e internacional diversificar a produção de energias para as *commodities* de energias nos Cerrados baianos, como foi abordado no capítulo anterior.

No âmbito do cotidiano, pode-se afirmar que os Geraizeiros detém o acesso aos meios de comunicação e transporte o que lhes proporcionam interatividade com a comunicação de massa e, por sua vez, com as representações socioculturais da globalização econômica. O hábito de ouvir rádio, apesar de retomar tempo idos, caiu em desuso e, atualmente, as casas são equipadas com antenas parabólicas, televisões. A maioria das famílias possui pelo menos um aparelho de celular para ligações e acessar a internet, quando vão aos lugares próximos que dispõe de sinal: Inhaúma, Correntina e São Desidério, BA.

No passado recente, do médio vale do rio Guará o principal meio de comunicação era o rádio. Além disso, os Geraizeiros relatam que os boiadeiros que passavam de tempo em tempos sempre traziam e/ou levam notícias⁹². Tal fato comprova

⁹¹ É um termo inglês que representa mercadoria e/ou produto de baixo valor. No caso especial dos Cerrados baianos são os produtos agrícolas: soja, milho, algodão e outros produtos que são exportados sem ou com pouca agregação de valor.

⁹² Relato em conversa informal com o Sr. Angelo, Geraizeiro da melhor idade do povoado de Ponte de Mateus.

que eles não são grupos sociais isolados pela comunicação de massa no território brasileiro desde tempos idos.

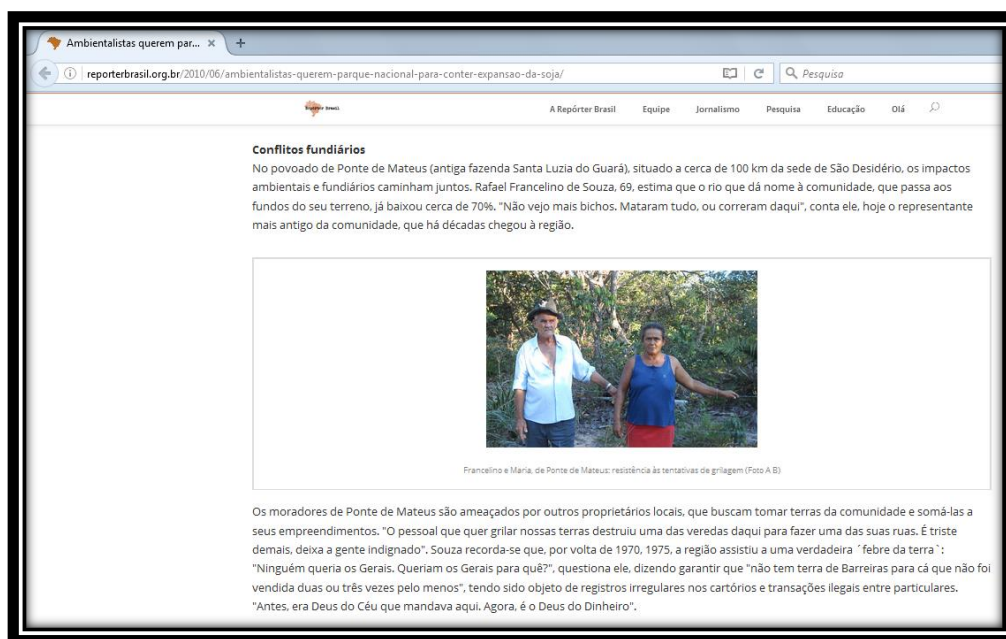
Com o advento dos meios de comunicação, o acesso à energia elétrica e aos meios de transporte é possível inferir que há inserção de signos e significados por meio das representações socioculturais do espaço urbano sobre o mundo rural vivido pelos Geraizeiros. Com isso, os lugares vividos pelos Geraizeiros são influenciados pelas representações socioculturais que propagam pelos meios de comunicação.

Claval (2002) questiona os vários sentidos da comunicação:

A comunicação tem muitas vezes um conteúdo prático e técnico. Nesse caso, o problema é o de assegurar a transferência de uma quantidade importante de informações. A comunicação também pode ter um conteúdo simbólico. Nesse caso, um sinal breve basta para fazer ressoar os corações de muitas pessoas ao mesmo ritmo e dar um sentido de identidade compartilhada. (CLAVAL, p. 25).

Neste início do século, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará estão com mais acessos aos meios de comunicação. Eles possuem mais mobilidade correspondente ao acesso aos meios de transporte, estradas, telefones e outros serviços. Tais realidades os colocam com mais visibilidade, mesmo residindo nas franjas dos Cerrados baianos (figura 28).

Figura 28: Página do Jornal online Repórter Brasil com entrevista de moradores do povoado de Ponte de Mateus, São Desidério, BA



Fonte: <http://repórterbrasil.org.br>. Acesso: 24 de jun. de 2016 Organização: Rigonato, 2016

Neste contexto é importante destacar o papel da comunicação também para divulgar as perversidades do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos. De um lado, a mídia de massa propaga imagens, ideologias e símbolos mais ligados ao agronegócio e as questões ambientais, sobretudo relacionadas às mortes das nascentes dos rios. Do outro lado, a mídia alternativa abre espaço virtual para denúncias dos conflitos territoriais que os Geraizeiros foram submetidos devido à expansão do território do agro-energias-negócios.

De modo geral, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará estão inseridos de forma subalternizados ao “meio-técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1997, p. 112). Com exceção das residências que ainda não possuem acesso à energia elétrica, nas demais há presença de aparelhos tecnológicos: rádios, televisões, sons, antenas parabólicas, chuveiros elétricos, motocicletas, automóveis, celulares e outros. Em relação aos celulares, são poucos os lugares no referido vale que conseguem conectar aos sinais das operadoras que fazem a cobertura desta região.

Para isso, houve a inserção de energia elétrica, som, freezer, geladeiras, perpassando pelo acesso à televisão, carros, motocicletas e o uso dos celulares e da internet, quando vão as cidades e lugares que conseguem se conectarem. Esses últimos com as suas especificidades e limitações de sinais.

Por essa via, pode-se dizer que as práticas espaciais e as representações socioculturais dos Geraizeiros, mesmo no passado, nunca foram localistas e essencialistas dos lugares de vivência.

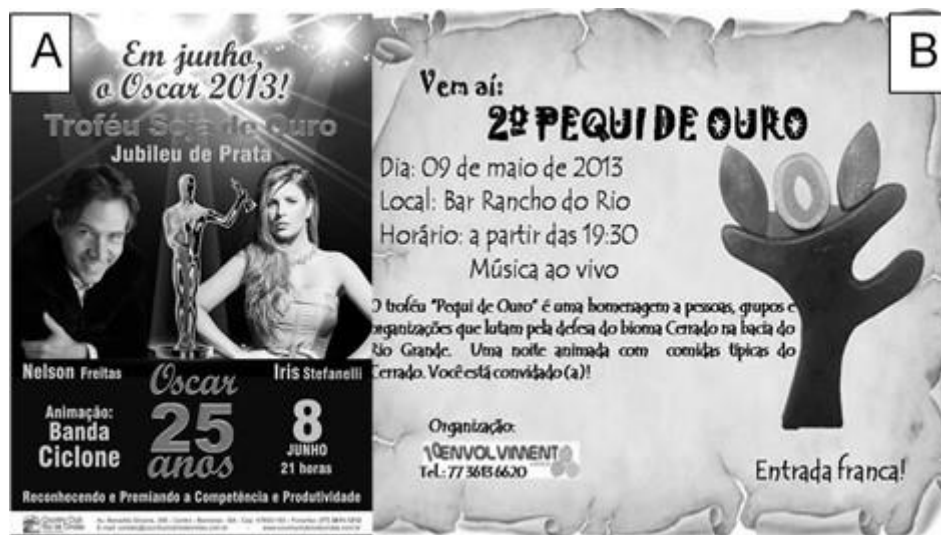
No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará pode-se perceber a inserção deles em outros fóruns e, principalmente, passaram a se comunicar com mais frequência familiares, amigos, movimentos sociais, ambientais e com os projetos das universidades em seus territórios vividos. Além disso, intensificaram idas e vindas aos distritos e sede municipais próximos e distantes para fazerem compras, tratamento de saúde e outros.

As disputas territoriais nos Cerrados baianos são travadas também com o domínio das representações socioculturais. Na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia pode se dizer que há grupos que buscam por meio dos discursos “progresso econômico” que tentam *versus* “ambientalista” conscientizar e/ou alienar a população.

Estes dois grupos antagônicos buscam por meio das representações socioculturais contextualizar o processo de uso e ocupação dos Cerrados baianos na

mesorregião do Extremo Oeste da Bahia representações socioculturais estas auxiliam na invenção de novas manifestações culturais, conforme figura 29:

Figura 29: A) Cartaz de divulgação do Troféu Soja de Ouro; B) Promoção do Troféu Pequi de Ouro



Fonte da Figura A): <http://diariodooeste.com.br/trofeu-soja-de-ouro,22759/> Acesso em: 30 de jan. de 2017. Fonte da Figura B): <http://www.diocesedebarreiras.org.br> Acesso em: 30 de jan. de 2017.

Há 25 anos na Mesorregião do Extremo Oeste da Bahia havia a festa: Troféu Soja de Ouro. Nela, os representantes do agro-energias-negócios realizavam uma premiação para aqueles interligados a modernização da agricultura e, principalmente, aos líderes em produtividade agrícola. De modo particular, uma forma de enaltecer e elogiar no campo representacional midiático local e regional as pessoas selecionadas anualmente.

Em contrapartida, a organização não governamental “Agência 10envolvimento” criou o prêmio “Pequi de Ouro”. Como uma das organizadoras do evento destaca o seu contexto:

Aqui na região tinha aquele premio o Soja de Ouro. Eles premiam os empresários, os agricultores. Então, agente sentiu necessidade de valorizar o pessoal dos Gerais. Com esse grande símbolo que é o Pequi. Então, esse troféu premia as pessoas simples da sociedade, da diferente esfera da sociedade: da academia, do poder público que defende a biodiversidade, água e os Gerais. Com isso, a gente sempre premiamos as pessoas do campo, pessoas que lutam pelo meio ambiente. Então foi uma forma para valorizar a resistência. Então, foi uma forma atenção da sociedade local e regional para importância do Cerrado, do pequi e

também das ações que estão acontecendo na bacia do rio Grande em defesa das águas e do meio ambiente. Temos visto que tem valorizado as comunidades.

(Edite Lopes de Souza. Agrônoma e coordenadora de projetos da 10Envolvimento. Entrevista: 18 dezembro de 2016)

De modo geral, a premiação se tornou um momento de encontro dos sujeitos e dos grupos que atuam resistindo e/ou em prol da conservação dos bens naturais e dos grupos subalternizados diante do avanço e das perversidades⁹³ já comentadas.

Os grupos ligados à resistência, à defesa dos bens naturais muitas vezes são sufocados pelo controle da mídia local, regional e até nacional que defendem declaradamente a lógica do *front* agrícola nos Cerrados e, principalmente nos Cerrados baianos⁹⁴. Esses grupos também gradualmente ganham mais adeptos e simpatizantes os rumores e as evidências da exaustão dos bens naturais na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, com já apontei no capítulo anterior.

O evento já premiou diversas pessoas, conforme (Quadro14) a seguir.

⁹³ Perversidade aqui é vista com base em Santos (2000).

⁹⁴ A título de exemplo, temos a série de propagandas Agro é pop de ampla divulgação na rede Globo de televisão. <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/> Acesso: 15 de jan. de 2017.

Quadro 13: Quadro das Premiações de personalidades e ações desenvolvidas pela conservação dos Cerrados e Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia – 2012 a 2016

2012		2013		2014		2015		2016	
Premiados(as)	Ações	Premiados(as)	Ações	Premiados (as)	Principal ação	Premiados(as)	Principal ação	Premiados(as)	Principal ação
Balbina Maria de Jesus	Funcionária da SEMA/BA - Responsável pela Estação Ecológica do rio Preto. Pelas ações de fiscalização ambiental no Oeste da Bahia.	Gerência Regional do IBAMA		Andreia Duarte, Bianca Duarte e Carolina Duarte	Radialismo ambiental – programa “Voz do rio Grande”	Daniel Melo Barreto	Ambientalista do Conselho de Entidades Sócio-Ambientais da Bahia – COESA, pela defesa do Cerrado baiano em colegiados regionais, estaduais e nacionais;	Lucely Morais Pio	Quilombola, raizeira e professora de saberes tradicionais da Rede Pacarí, pelas contribuições nas comunidades geraizeiras na Bacia do Rio Grande
Articulação São Francisco	Pelos programas de rádio em prol da conservação e preservação das matas ciliares e matas galerias dos rios afluentes do rio São Francisco.	Dr. Estácio Marques Dourado	Procurador Jurídico da CDA, Salvador.	Antônio Batista Gomes	Geraizeiro de Formosa do Rio Preto que luta contra a grilagem de suas terras comunidade do Gatos pela fazenda Estrando	Deusdete Souza Santiago	Empresário e ambientalista, pela criação da “Fundação Mundo Lindo Meio Ambiente”	Altair Sales Barbosa	Professor emérito da Universidade Católica de Goiás, pelas desvendadas científicas e poéticas da origem, da diversidade e dos encantos do bioma Cerrado;
Sr. Alberto	Geraizeiro do povoado de Água Boa. Pela luta em prol da preservação das águas dos afluentes do rio Grande.	Edson José de Souza	Guardião da Gruta dos Tapuias São Desidério	Custódio Lopes de Oliveira	Comunidade de Várzea Cumprida – luta pelas soltas	Lindaura Rodrigues da Silva	– Pequena produtora e líder comunitária no Sítio da Barriguda, pela militância incansável em prol de nascentes, matas e do povo geraizeiro;	O Grupo de Mulheres Artesãs da comunidade de Cacimbinha, município de Formosa do Rio Preto	Pelo uso sustentável das fibras e frutos do Cerrado;

Candido Ferreira Freitas	Geraizeiros em luta pela preservação das nascentes dos rios.	Maria Lourdes Carvalho Miranda	Presidente da ONG “Tapuia Sarapó”, Riachão das Neves	Durval Nunes	Engenheiro Agrônomo, artista e ambientalista e um dos fundadores da ANIMA	Miguel Souza Neto	Assentado do Projeto de Reforma Agrária “Rio Branco”, pelo protagonismo e pela criatividade na defesa da vida no bioma Cerrado;	A comunidade Porteiros de Santa Cruz	Defensoras do seu território tradicional Fecho da Larga, entre os municípios de Baianópolis, Tabocas do Brejo Velho e Serra Dourada
Edite Lopes de Souza	Agrônoma e coordenadora do Projeto Veredas Vivas pela 10Envolvimento	Iremar Barbosa	Professor e Artista Geraizeiro, Correntina	Gisélio Farias Serpa	Geraizeiro, Carpinteiro e presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Formosa do rio Preto	Miram Hermes	Jornalista do Jornal “A Tarde”, pela constante atenção ao quadro socioambiental na Bacia do Rio Grande.	Os irmãos Rocha da Sorveteria Vinicius de Cristópolis	Pelo aproveitamento sustentável e criativo de frutas nativas dos Gerais
		Movimento das Mulheres Trabalhadoras na Luta	Tabocas do Brejo Velho	Instituto Sociedade, População e Natureza	Busca o desenvolvimento sustentável com maior equidade social e equilíbrio ambiental das populações tradicionais no Cerrado	Valney Dias Rigonato	Professor de Geografia da Universidade Federal do Oeste Baiano, pelas pesquisas e projetos voltados à causa Geraizeiras.	Marcos Rogério Beltrão dos Santos	Natural de Correntina, a justa homenagem pelas pesquisas populares e documentações cinematográficas em torno da causa geraizeira do Oeste da Bahia
Ministério Público	Pelas ações desempenhadas na proteção do meio ambiente e questões agrárias			Vilma Santos da Silva	Comunidade do Bareiro, São Desidério. Participou ativamente do programa “Nosso Rio, Nossa Terra, Nossa Vida”	Vera Regina Machado Trindade	Advogada, pela defesa de comunidades tradicionais nos conflitos de terra no Oeste Baiano.		

Fonte: Arquivos da Agência 10Envolvimento, 2016

Organização: Rigonato, 2016

Em contrapartida, o agro-energias-negócios instalado nas áreas dos Cerrados baianos ganha dimensões nacionais e internacionais. Desse modo, os seus representantes deixaram de realizar o referido evento Soja de Ouro o qual privilegiava apenas as lideranças econômicas locais e regionais interligadas com esse setor. Todavia, transportaram essas homenagens para a feira de agronegócio que ocorre anualmente no município de Luís Eduardo Magalhães: Bahia Farm Show.

Atualmente, ela é considerada pelo mesmo setor uma das maiores feiras de negócios agropecuários das áreas dos Cerrados, tendo, no ano de 2016, o principal foco representacional, a divulgação das expectativas com o projeto do MATOPIBA pelos políticos regionais e pelas elites ligadas ao agro-energias-negócios para discutir as estratégias para o desenvolvimento econômico sobre as áreas de remanescentes dos Cerrados (figura 30).

Figura 30: A) Slogan da Bahia Farm Show; B) Espaço físico da feira no ano de 2016



Fonte: <http://bahiafarmshow.com.br/> Acesso: 30 de jan. de 2017. Organização: Rigonato, 2016

Desse modo, o setor do agro-energias-negócios cria feiras e eventos para propagações discursivas de suas representações socioculturais. Assim, influenciam e buscam o domínio das imagens e das imaginações geográficas regionais. Suas imagens e discursos atuam para salvaguardar os privilégios daqueles que as dominam em prol do boom da economia globalizada, interligada com o agro-energias-negócios nos Cerrados baianos.

Com esses dois exemplos de criação de eventos que se utilizam das representações socioculturais para valorizar, conscientizar e enaltecer aqueles que compõem as práticas espaciais nos Cerrados baianos, pode-se afirmar que os espaços de representações, muitas vezes, são moldados pelas representações destes mesmos espaços. Elas são propagadas pelos grupos sociais que atuam direta e indiretamente nessas áreas dos Cerrados baianos.

Para Moreira (2010), as representações são o mundo construído na dialética da imagem e da fala. Tanto as imagens quanto as falas têm significados denotativos e conotativos. Sendo assim, polissêmicas.

No caso específico dos Geraizeiros, essa dialética vem sendo desconsiderada na produção, uma vez que os seus saberes, suas práticas espaciais e, principalmente os seus modos de vida são desconsiderados nos espaços concebidos no *front* do agro-energias-negócios, principalmente nessas primeiras décadas desse século XXI.

Rua (2003, p. 46) afirma que “[...] qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um lugar de relações, de apropriações e dominações”. Talvez seja por isso que Raffestin (2010) afirme que a imagem não é somente um instrumento de representação, ela é também para a conservação e para a restauração da realidade vivida, no caso aqui, nos Cerrados baiano.

Por isso, é importante a geocologia dos saberes dos Geraizeiros como uma possibilidade de elucidar as imagens, os símbolos, os signos nos lugares vividos os “signos culturais disjuntivos” (BHABHA, 2010), como já foi apontado na primeira seção deste capítulo.

Conforme Tuan (1980) os seres humanos apresentam capacidade elevada para o mundo simbólico. Por isso, que é importante nas representações socioculturais apropriar-se desse potencial para análise/tradução das manifestações socioculturais desse grupo social. Os símbolos internalizados são revelados de em suas manifestações cotidianas, nas suas práticas espaciais e até nos mitos ditos “modernos”. O mesmo autor afirma que a vivência dos seres humanos é, “uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa” (TUAN, 1980, p.15).

Como o leitor já o leu anteriormente, a própria construção do termo, palavra e conceito de Cerrado é também considerada nesta tese uma construção de

“geosímbolos”, (BANNEMAISON, 2002). Assim, os Geraizeiros passaram a viver com a reconstrução dos geosímbolos de suas paisagens na perspectiva de negar a sua própria identidade, imposta pelas representações socioculturais da modernização da agricultura. Diante desta imposição de representações, “os símbolos são aquilo através do que transformamos um solo de terra em um chão de sentidos, e algumas pedras em um alicerce humano de identidades.” (BRANDÃO, 2009, p. 21)

Em resumo, as representações socioculturais só são possíveis de análise/tradução se levar em consideração as imagens, os símbolos e as ideologias dos sujeitos e grupos sociais que as propagam e que as recebem em seus lugares vividos. Diante dessa constatação, ainda há fendas interpretativas que a Geografia de/em Transição, proposta vislumbra contextualizar nas práticas espaciais nos lugares vividos pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará.

Para isso, retomo neste texto-tese a terceira abordagem apresentada no início deste capítulo. Aqui se recupera a terceira abordagem das “não representações geográficas” na perspectiva de traduzir as práticas espaciais cotidianas no espaço vivido pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará.

Para Cadman (2009), as práticas são tomadas pela Geografia da não representação em quatro direções, tais como:

- 1) por meio de sua compreensão histórica e espacial revela as suas especificidades;
- 2) não é concebida como a propriedade dos indivíduos com intenções anteriores, mas como dialógica e processual;
- 3) enquanto expressão e experimental potencial de práticas corporais;
- 4) pode conduzir para epistemologias que não só busque explicar, mas busque engajar e expandir o espaço vivido.

Com essas considerações há leques de possibilidades para analisar, interpretar e, principalmente de traduzir as práticas espaciais. Essas quatro dimensões propostas pelo autor anteriormente não eliminam as contribuições de Lefebvre (2006), pelo contrário, auxiliam para a análise/tradução das práticas espaciais e, principalmente, para revelar as suas performances⁹⁵ no presente vivido.

Possivelmente foi por isso que Massey (2009) afirmou:

⁹⁵ O trabalho dos Geraizeiros é tanto uma atividade produtiva como uma obra criativa e uma situação comunicativa, com base Wolf-Dietrich Sahar (2009, p. 279)

Por um lado, a representação do espaço como uma superfície e, por outro, a imaginação da representação (aqui, novamente, na forma específica de escrita, como representação científica) em termos de espacialização. Juntas, elas conduzem à estabilização de outras, sua privação de uma história. É uma cosmologia política que nos permite visualizar, privar outros de suas histórias, mantê-los imóveis para nossos próprios propósitos, enquanto nós nos movemos. Crucial para essa operação é o domínio do espaço. (MASSEY, 2009 p. 180-181).

É no campo das práticas espaciais que o domínio dinâmico do espaço ocorre. Os lugares vividos são constituídos de suas territorialidades as quais conformam as teias da vida⁹⁶ dos Geraizeiros assim as suas práticas espaciais são moldadas também pelas forças das representações socioculturais a respeito das diversas manifestações da vida, envolvendo o passado, o presente e o futuro.

De modo geral, reafirmo que venho dizendo, neste texto tese, as principais práticas espaciais dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará são na lavoura de rego, no extrativismo, na produção do artesanato, na pequena criação de gado e, mais recentemente, no trabalho assalariado e/ou diarista.

Os Geraizeiros do médio vale do rio Guará, as principais práticas espaciais são compartilhadas com as seguintes manifestações espaciais os quais compõem os seus modos de vida em plena ressignificação, tais como:

- a) **A interrelação:** os Geraizeiros estabelecem a partir da geocologia de saberes as práticas espaciais no médio vale do rio Guará como possibilidade de r-existência mas, também a partir da abertura para o trabalho assalariado no agro-energia-negócios nos Cerrados;
- b) **Sociabilidade:** permanência da sociabilidade nas práticas espaciais cotidianas, sobretudo, familiares. No caso específico, dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará ela torna mais evidente nas atividades interligadas com o fazer farinha, capinar, limpar o rego de água e até para fazer os artesanatos. Então, a sociabilidade se concentra “arte de fazer” (DE CERTEAU, 1994).
- c) **(Re)naturalização:** as famílias Geraizeiros ao implementar o Centro de Referência dos Cerrados, sobretudo do povoado de Ponte de Mateus passaram a participar de cursos de culinária, biojóias e artesanato. Com isso, há uma

⁹⁶ O termo “Teia da vida” é oriundo do livro com o mesmo nome de Frijot Capra. Ele colabora com a ideia de que os seres humanos sempre estiveram no fluxo contínuo de processos vivos que podem afetar individualmente e coletivamente com as suas ações e, mormente as práticas espaciais.

revalorização dos saberes e dos sabores da biodiversidade do Cerrado. Outro ponto, é o aumento da dupla moradia e da migração de retorno que revela uma prática espacial crescente de Geraizeiros que tinham migrado no século passado:

d) (Re)terreção: com o advento dos meios de comunicação e transporte há maior interconectividade territorial dos Geraizeiros com os grupos organizados, movimentos sociais e ambientais os quais colaboram com a capacidade de organização e formação política em relação que podem potencializar a transição agroecológica e extrativista pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

Retomando Cadman (2009), poderia afirmar que as práticas espaciais dentro das não representações é modo de existência espacial dos grupos que usam e ocupam os Cerrados baianos. No caso especial aqui dos Geraizeiros que os qualificam pelas suas manifestações espaciais.

Como já citei no capítulo anterior, Domingues (1947), Guimarães Rosa (1994) Geiger (2014), referem aos sujeitos dos Gerais que tem em suas práticas espaciais diárias o trabalho produtivo com as terras, o extrativismo nas chapadas e na criação de animais a solta. Eles têm assim, um conjunto de práticas e/ou estilos de vida que englobam valores e os identificam sua solidariedade, relações com os bens naturais dos Cerrados, suas relações de vizinhanças que englobam os familiares, povoados dos Cerrados.

Assim ao valorizar também as práticas espaciais pela teoria da não representação me conduz a analisar/traduzir os signos e os significados contidos nas representações socioculturais, mas também buscar a interrelação deles nas suas próprias práticas em constante transformação nos Cerrados baianos.

Harvey (2010, p. 200) alerta para o risco de “invocar certos mitos e impelir as representações espaciais e temporais como parte integrante do seu impulso de implantar e reforçar o seu controle sobre a sociedade”. O mesmo autor adverte para os riscos de tentar enquadrar apenas o papel das representações na produção e na reprodução do espaço. Ele destaca a importância da análise das práticas espaciais contextualizadas com o vivido e o concebido.

A importância das não representações é abrir lacunas para análise/tradução sem estacionar no espaço de representação e, nas próprias representações socioculturais.

Dessa forma, revelar a geograficidade dos Geraizeiros nos lugares, nas paisagens e nos territórios vividos.

Diante disso, Lefebvre (2006), Bourdieu (1977), apresentando “habitus”, De Certou (1984) sobre “arte de fazer” já tinham iniciado as contribuições que se caracteriza uma não-representação, ou melhor, “mais do que de representação” nas palavras de Seemann (2015, p.44). Depois deles, outros autores, inclusive geógrafos(as) endossam o perigo da Geografia continuar circunscrito pelas representações visíveis e estáticas, segundo Kozel (2001), Serpa (2008), Massey (2009). Buscando uma via para ir além delas, afirmo encontrar nas práticas espaciais moldadas pelas representações socioculturais a percepção forças e/ou as alienações dos sujeitos e grupos sociais, no caso especial aqui os Geraizeiros.

Massey (2009), enfatiza em sua análise que os lugares são abertos, dinâmicos e que as representações não podem reforçar apenas as especificidades, os localismos e muito menos o entendimento que o espaço é somente recortes temporais. Diante disso, ela propõe as geometrias de poder. Essa noção pode emergir a partir das experiências organizacionais do Centro de Referência do Cerrado no povoado de Ponte de Mateus, dos movimentos sociais e ambientais e, inclusive espontâneas como Geraizeiros.

No caso específico, dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará a construção dessas geometrias do poder precisa ser reconstituída na relação território-cultura-unidades geoecológicas das paisagens. Também na valorização dos resquícios de solidariedade que existem nos momentos de trabalho coletivo e mutirões, mas, também, em relação as suas práticas desenvolvidas no lugares distantes. Neles, os quais os Geraizeiros estão mais envolvidos com a divisão territorial do trabalho no âmbito do território brasileiro.

Ao fazer o itinerário desta tese, ao adentar no campo das vivências, das práticas espaciais e, portanto das não representações, gradativamente, foi ficando mais descortinado a influência das representações socioculturais sobre as práticas espaciais cotidianas dos Geraizeiros dos Cerrados baianos.

Percebi também que os Geraizeiros conforme as transformações socioculturais dos Cerrados baianos se consolidam, eles são submetidos à lógica da monocultura das mentes (SHIVA, 2002). Essa monocultura da mente atua diretamente no campo das representações socioculturais estabelecendo, símbolos, ideologias e imagens em busca de transformar os modos de vidas plurais, sobretudo dos Geraizeiros, em práticas espaciais unidimensionais.

Para tanto, saliento que as representações socioculturais são fluídas, de possibilidade de recriar, anunciar, revelar identidades, sentimentos de pertencimento, de não pertencimento dessa parcela da população com os Cerrados baianos. Para isso, se considera que as práticas espaciais estão recheadas de ideologias, de imagens e de símbolos do mundo contemporâneo. Para melhor interpretar os espaços de representação e as representações socioculturais destes espaços vividos pelos Geraizeiros, é necessário debruçar sobre os mapas mentais de povoados rurais, tais como se segue no item 3.3.

3.3 OS MAPAS MENTAIS: REPRESENTAÇÕES, SIGNOS E SIGNIFICADOS

O conceito de mapa mental é polissêmico. Há diversos conceitos e significados. Eles são elaborados e utilizados pelas mais diferentes pessoas, profissionais e grupos humanos no planeta Terra.

No campo científico ocidental, há evidências que foi utilizado por Kevin Lynch (1960) em seu livro *The image of the city* para asseverar como as formas da cidade eram percebidas pelos seus habitantes. Sua pesquisa motivava os entrevistados a representar o ambiente urbano a partir da memória espacial.

A literatura científica sobre os mapas mentais é vasta. Nas ciências humanas, as produções científicas apontam que eles são multifuncionais. No caso especial da ciência geográfica, os mapas mentais são utilizados por uma parcela significativa de geógrafos, geógrafos-educadores e profissionais de Geografia Humana, Geografia Humanística, Geografia Cultural e pela Geografia Escolar.

Para Tuan (1975), os mapas mentais detêm as seguintes funções: comunicar informações espaciais; revelar o raciocínio espacial da mente dos indivíduos e grupos; são dispositivos mnemônicos (memorizar eventos, pessoas, coisas e localização dos mesmos); são meios de sistematização de conhecimento espacial e passaporte para o mundo imaginário, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas.

Lívia de Oliveira (1976, p. 13) foi também uma das precursoras da inserção dos mapas mentais na Geografia brasileira. Ela afirmava que os mapas mentais não ficam circunscritos ao processo cognitivo, “também é preciso compreender e explicar o processo representativo”. Aqui, a autora já nos convidava para adentrar no universo das representações socioculturais, inclusive de sua elaboração.

Nas décadas subsequentes, os mapas mentais ficaram circunscritos na Geografia da Percepção a qual buscava mensurar o comportamento humano no espaço geográfico, segundo Alvarez (1981). Já nos anos de 2000, há o aumento das pesquisas e dos usos dos mapas mentais como procedimentos metodológicos e possibilidades de produzir a Geografia Cultural, Humanística e Escolar.

Neste início do século XXI, há vários autores na Geografia brasileira: Kozel (2000; 2002); Kimura (2008); Seemann (2002); Richter (2011) e outros eles comungam basicamente três vertentes de abordagens dos mapas mentais. Para a primeira, os mapas mentais são recursos e meios da linguagem cartográfica fundamental para a sistematização dos saberes espaciais pelos diversos grupos humanos e, mormente, da mensuração da percepção humana das paisagens, lugares e territórios vividos. Também da sistematização dos elementos objetivos, subjetivos e intersubjetivos da percepção de indivíduos e/ou grupos sociais em diferentes lugares geográficos.

Denis Richter (2011) assegura que os mapas mentais: “[...] representam um recurso fundamental para constituir um processo de ensino e aprendizagem capaz de juntar o conhecimento dos espaços de vivência com os saberes sistematizados.” (RICHTER, 2011, p. 133)

Nesta primeira vertente, ressalta-se o papel dos mapas mentais na sistematização das representações socioculturais do lugar vivido pelos Geraizeiros. Considerei a instituição escolar ambivalente. Isto é, dependendo do seu projeto didático e pedagógico a escola potencializa e/ou dificulta os estudantes a transcender o plano representacional⁹⁷.

Na segunda vertente, há supremacia da cartografia racional e moderna. Nela há uma maior concentração de geógrafos(as) positivistas e neopositivistas. Estes, em nome da racionalidade do alfabeto cartográfico cartesiano - linhas, pontos e áreas -, desconsideram o conteúdo representacional dos mapas mentais em suas análises.

Já na terceira vertente, os mapas mentais, independentemente da racionalidade da cartografia moderna, do alfabeto cartográfico, são fundamentais para enaltecer as percepções, o imaginário geográfico, as imagens, os signos das vivências profundas dos sujeitos e sociais nos lugares vividos. Nesta, os mapas mentais são chaves

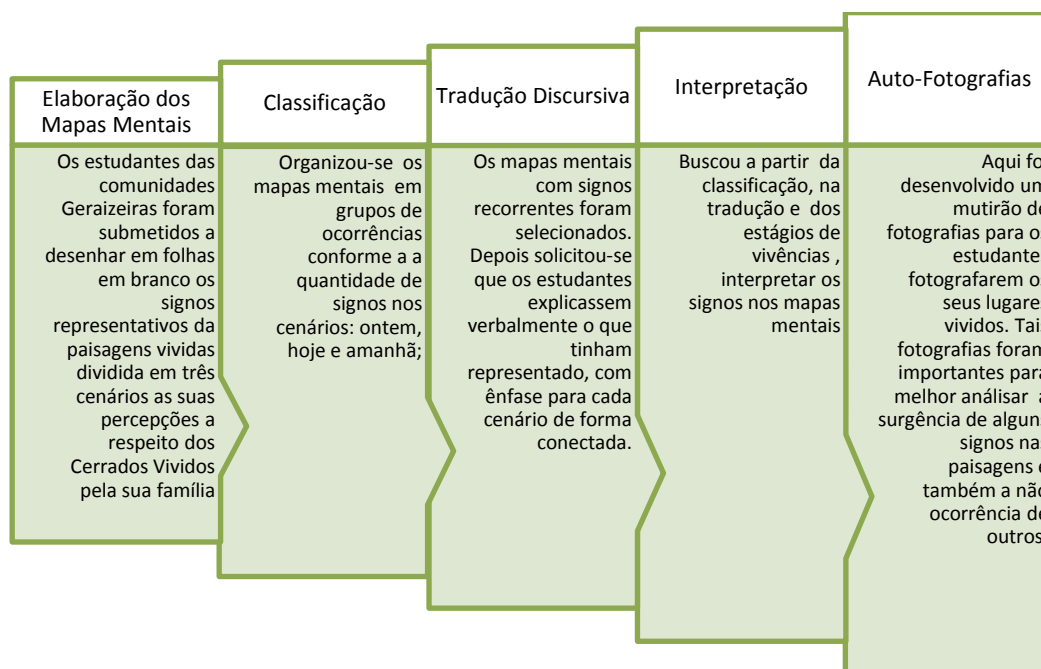
⁹⁷ Isso ficou evidente na pesquisa durante o doutorado sanduíche em Moçambique no distrito de Chibuto, Gaza. Em pesquisa nas comunidades rurais desprovidas de currículo de Geografia nas escolas acarretou mapas mentais do ontem, hoje e amanhã com número reduzido de signos representados pelos estudantes. Eles eram das escolas rurais dos cinco povoados pesquisados.

interpretativas que valorizam o imaginário geográfico dos sujeitos em suas vivências e experiências frente às metamorfoses socioculturais da sociedade contemporânea.

Diante disso, considera-se, neste texto-tese, que os signos e os significados que os jovens Geraizeiros expressam nos mapas mentais são essenciais para analisar/traduzir suas representações socioculturais. Eles podem interpretar o “invisível e o intangível” nas paisagens, nos lugares e nos territórios vividos nos Cerrados baianos (ALMEIDA, 2013, p. 45).

Para aplicar os mapas mentais utilizou-se as orientações metodológicas de Kozel (2001) e de Kimura (2008). Assim, busquei avançar na metodologia com os seguintes procedimentos (quadro 15).

Quadro 14: Esquema de tradução/análise dos mapas mentais dos estudantes Geraizeiros do médio vale do rio Guará



Fonte: Pesquisa de Campo. 2013-2016 Organização: Rigonato, 2016.

Com base nestes procedimentos, metodológicos se concentraram na análise/tradução de 120 mapas mentais desenvolvidos pelos jovens estudantes Geraizeiros do Ensino Fundamental⁹⁸ e Médio. Concomitantemente, e com a posse dos mapas, das falas, dos discursos sobre as representações dos mapas mentais, das

⁹⁸ Destaco que aqui trabalhei apenas com os mapas dos últimos anos do ensino fundamental e do ensino médio devido ao recorte feito com os jovens Geraizeiros.

fotografias tiradas pelos próprios estudantes junto com as suas famílias e da minha inserção nos estágios de vivência se iniciou a análise/tradução dos mapas mentais.

Para tentar superar a tradição de apenas interpretar as representações contidas nos mapas mentais realizei seis estágios de vivências⁹⁹. Também busquei leituras sobre as não representações as quais me auxiliou a visualizar, sentir e internalizar os espaços de representações. Elas me influenciam a percepção e a própria convivência e experiência nas paisagens dos Cerrados pelos Geraizeiros.

Destaca-se aqui que nos estágios de vivências tive oportunidade de ouvir, de presenciar e de participar de representações verbais, conversas informais e entrevistas significativas para interpretar a relação dos signos contidos nestes mapas mentais, compartilhando e vivenciados junto com as práticas espaciais desenvolvidas pelas famílias e grupos de jovens Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

Para Berque (1998, p. 98), a paisagem como representação sociocultural é revelada de duas maneiras:

Por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência.

As paisagens vividas pelos Geraizeiros são o amálgama representacional dessa população nas áreas remanescentes “franjas” dos Cerrados Baianos. Por isso, sendo representações socioculturais elas constituem e são constituídas pelas práticas espaciais, mas também são engendradas de potenciais imaginativos.

Por essa via, as paisagens não são apenas representações socioculturais diretas e até ingênuas dos grupos sociais que as habitam. Elas são e podem ser carregadas de intencionalidades subjetivas e intersubjetivas que moldam as consciências e as experiências dos sujeitos e grupo sociais. Entretanto, essas paisagens como representações auxiliam e ajudam também a construir as realidades vividas, imaginadas e simbólicas.

De posse dessas leituras e dos mapas mentais, busquei organizar os mapas mentais por grupos de ocorrências de signos semelhantes por eixos temáticos genéricos,

⁹⁹ Os estágios de vivência consistiram em permanência nas comunidades de uma a seis dias ininterruptos desde 2013 a 2016. Neles desenvolveu atividades no espaço escolar que congrega os estudantes das comunidades Geraizeiras aqui envolvidas na pesquisa e também visitas, conversas, entrevistas e pequenas participações nas práticas cotidianas dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará.

junto com os jovens Geraizeiros do médio vale do rio Guará. De modo geral, organizou-se um quadro síntese quantitativo para melhor interpretação dos conjuntos de signos os quais formaram três constelações de signos (Quadro 16).

Quadro 15: Síntese das três constelações de signos nos mapas mentais dos estudantes Geraizeiros, 2013-2016

Signos	Ontem	Hoje	Amanhã
Biodiversidade	97	65	64
Seres Humanos	03	18	12
Ruralidades	16	53	47
Modernização da agricultura	0	12	51

Fonte: Mapas mentais dos adolescentes/jovens dos povoados do médio vale do rio Guará, São Desidério, Bahia – 19/03/2014

A partir dessa classificação quantitativa foi feita a análise/tradução quantitativamente das ocorrências de signos e significados representados e verbalizados pelos jovens Geraizeiros. Por esta metodologia foi possível constatar que os signos representados, sobretudo do presente há vínculos com a realidade paisagística vivida pelos Geraizeiros.

A concepção de Jean-Marc Besse (2006) sobre paisagem me auxiliou a traduzir essa conexão:

A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de se ler a paisagem. (BESSE, 2006, p. 64)

Com esse entendimento, os mapas mentais são mais do que simples desenhos pictóricos. São sinais que revelam os signos, os significados os sentidos, a memória, o imaginário, as imaginações geográficas e as próprias práticas espaciais cotidianas dos Geraizeiros. Em virtude disto, os mapas mentais são representações socioculturais significativas para análise/tradução das paisagens dos Cerrados. E, também para percebermos como a modernização da agricultura a partir da materialização dos seus territórios ressignifica o imaginário e/ou as imaginações geográficas do futuro. Além disso, mapas mentais – passado-presente-futuro – revelaram também como os signos e a

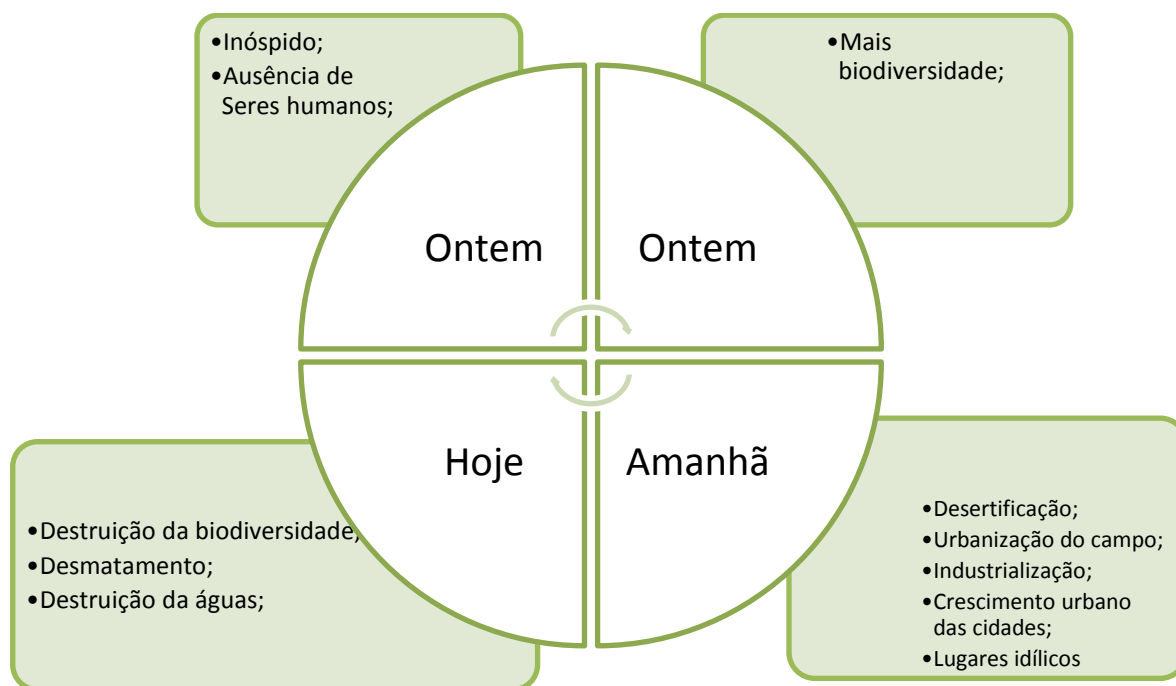
interpretação dos seus significados pelos interlocutores desta tese influenciam nas práticas espaciais e até na ressignificação dos modos de vida no presente.

Nesta pesquisa de tese, os mapas mentais foram utilizados como ferramentas metodológicas que permitiram mergulhar no universo das representações socioculturais dos Geraizeiros. Eles, aliados aos procedimentos desta pesquisa, possibilitaram identificá-los conectados com as suas espacialidades vividas.

Os signos, significados e símbolos contidos nesses mapas mentais constituem e são constituintes do imaginário e das práticas espaciais dos Geraizeiros em seus espaços vividos. Estes moldados pelos signos da racionalidade das atividades cotidianas interligadas com a arte de viver. Dessa maneira, os mapas mentais foram e são passaportes para adentrar nos desejos, nos anseios, alienações, contradições e as imaginações geográficas do mundo vivido pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará.

Como já mencionei, para melhor analisar/traduzir esses signos os mapas mentais nesta tese os jovens estudantes da Escola Municipal Francelino de Souza Silva foram meus parceiros. Em grupos a fazer os seus relatos orais sobre os signos representados em seus mapas mentais, como já foi mencionado na metodologia desta tese, (figura, 31).

Figura 31: Síntese das explicações verbais dos jovens Geraizeiros dos mapas mentais¹⁰⁰



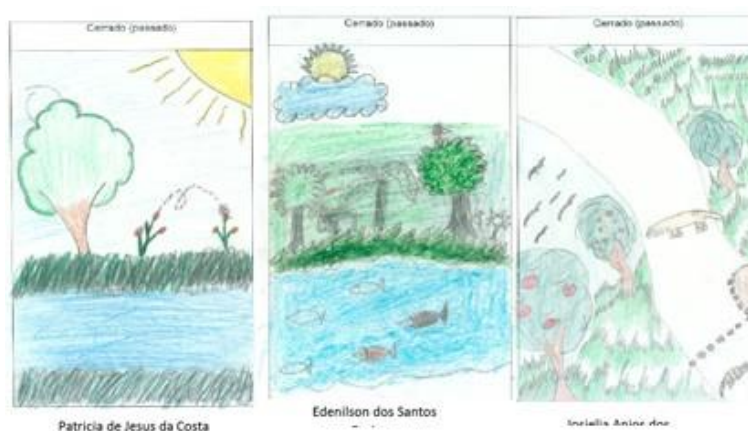
¹⁰⁰ Os Jovens Geraizeiros ficaram tímidos em apresentar os mapas mentais e descrever o que foram representados neles. Entretanto, durante a realização da dinâmica foi possível identificar os significados dos mapas mentais contextualizado com as paisagens vividas por eles.

Fonte: Rigonato, 2013-2016

De modo mais detalhado, as expressões orais e explicações dos jovens Geraizeiros sobre os signos representados sobre as paisagens do presente, do passado e do futuro dos Cerrados apontaram para as seguintes ocorrências discursivas¹⁰¹:

- a) **Ausência dos seres humanos nas paisagens vividas, principalmente relacionadas com o passado** (figura 32): “Eu nunca estudei sobre isso”. (Anjos, S.A). “Aqui não tinha ninguém no passado não”. (Anjos, F);

Figura 32: Signos do passado sem a presença humana, 2014



Fonte: Oficina de mapas mentais, 19/03/2014. Organização: Rigonato, 2016

- b) **Ruralidades em transformação com fortes simplificações na relação sociedade e natureza no mundo rural no presente e no futuro** (figura 33):
“Quando começou a aparecer às lavouras ocorreram o desmatamento dos Gerais. Além de comprometer com o nível das águas dos rios com os pivôes”. (Hora, O.) “As vezes pra tirar lenha, madeira de casa e outras vezes por destruição mesmo (Rocha, S.).

Figura 33: Ruralidades em transformações classificadas pelos estudantes, 2014

¹⁰¹ Destaco que coloquei as falas mais expressivas dos grupos de jovens estudantes Geraizeiros da Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza.



c) **Urbanização e verticalização dos espaços vividos representados no futuro** (figura 34): “A comunidade é boa, mas não oferece tantas oportunidades como no meio urbano” (Souza, G.). “Ah, no campo não traz benefício nenhum para a gente. No campo é bom. Mas a gente, eu pretendo ter um futuro melhor na cidade, pois isso, desenhei a cidade” (Anjos, S. A).

Figura 34: Signos da Verticalização e urbanização classificado pelos Estudantes, 2014



Fonte: Oficina de mapas mentais, 19/03/2014. Organização: Rigonato, 2016

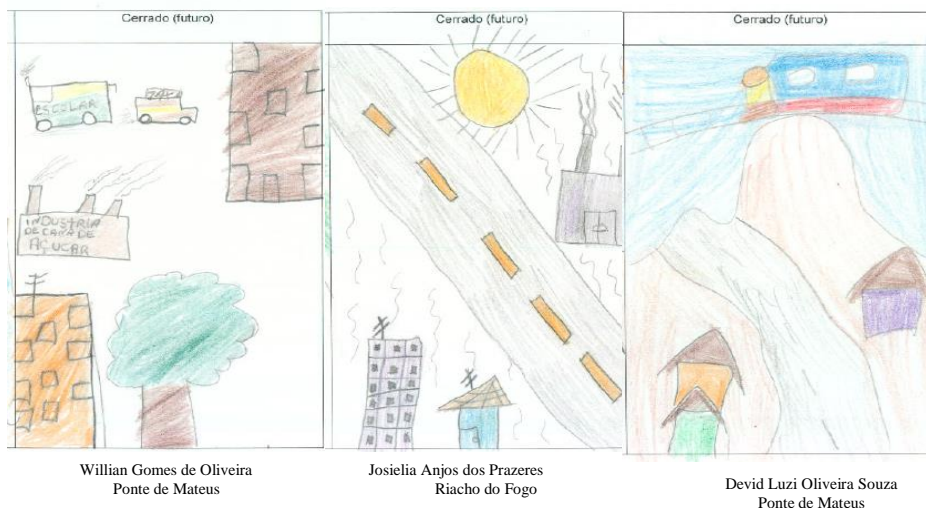
d) **Industrialização dos lugares vividos no futuro** (figura 35): “Lembro das paisagens das pessoas em máquinas e em suas plantações de milho, feijão e outros” (Anjos, F). “Depois da ferrovia vai ter muitas indústrias e empresas” (Souza, D).

Figura 35: Signos da industrialização das paisagens dos Cerrados no futuro, 2014



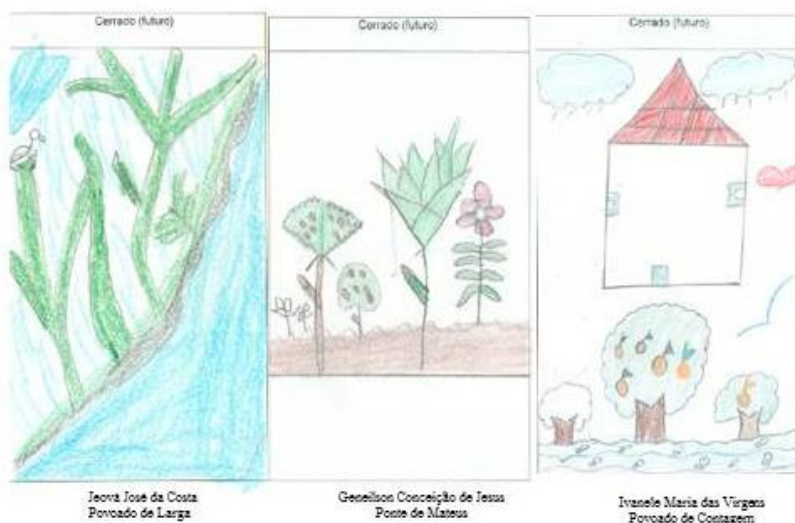
- e) Desertificação e simplificação das paisagens do presente e futuro (figura 36);
 “Eu lembro que estão queimando para plantar e construir, por isso mais da metade da área já tem sido destruída. (Silva, C.).

Figura 36: Signos da destruição e desertificação dos Cerrados presente e futuro, 2014



- f) Lugares idílicos, preservados/conservados e sossego (figura 37): “Eu gosto muito do lugar onde eu moro. Aqui é o meu lugar. (S. Silva) Eu imagino muita arvores e uma rede e muita tranquilidade e as pessoas deitadas. (Santos, S). “Eu gostaria de voltasse tudo ao passado” (Santos, I. O dos).

Figura 37: Signos dos lugares idílicos, preservados/conservados e sossegados classificados pelos estudantes, 2014.



Fonte: Oficina de mapas mentais, 19/03/2014. Organização: Rigonato, 2016

Essas contribuições discursivas contribuíram para melhor analisar/traduzir as os signos e os significados das representações socioculturais expressas por meio dos mapas mentais, sobretudo as pretéritas e as futuras. De modo geral, pode-se afirmar que os jovens Geraizeiros revelaram uma multiplicidade de signos e significados dos seus lugares vividos. Entretanto, é importante ressaltar que eles, ao representarem, podem escamotear as trajetórias vividas nesses lugares devido à força das representações hegemônicas da modernidade que se faz presente pelas transformações recentes nas paisagens dos Cerrados no médio vale do rio Guará.

Há sobreposição de signos da modernidade sobre os lugares vividos dos Geraizeiros: urbanização, verticalização das habitações e industrialização do campo pelas agroindústrias. Em outras palavras, essa constelação de signos mesmo apontando para a totalidade das espacialidades e temporalidades vividas por eles, há fissuras em relação à assegurar seu futuro nas paisagens dos Cerrados.

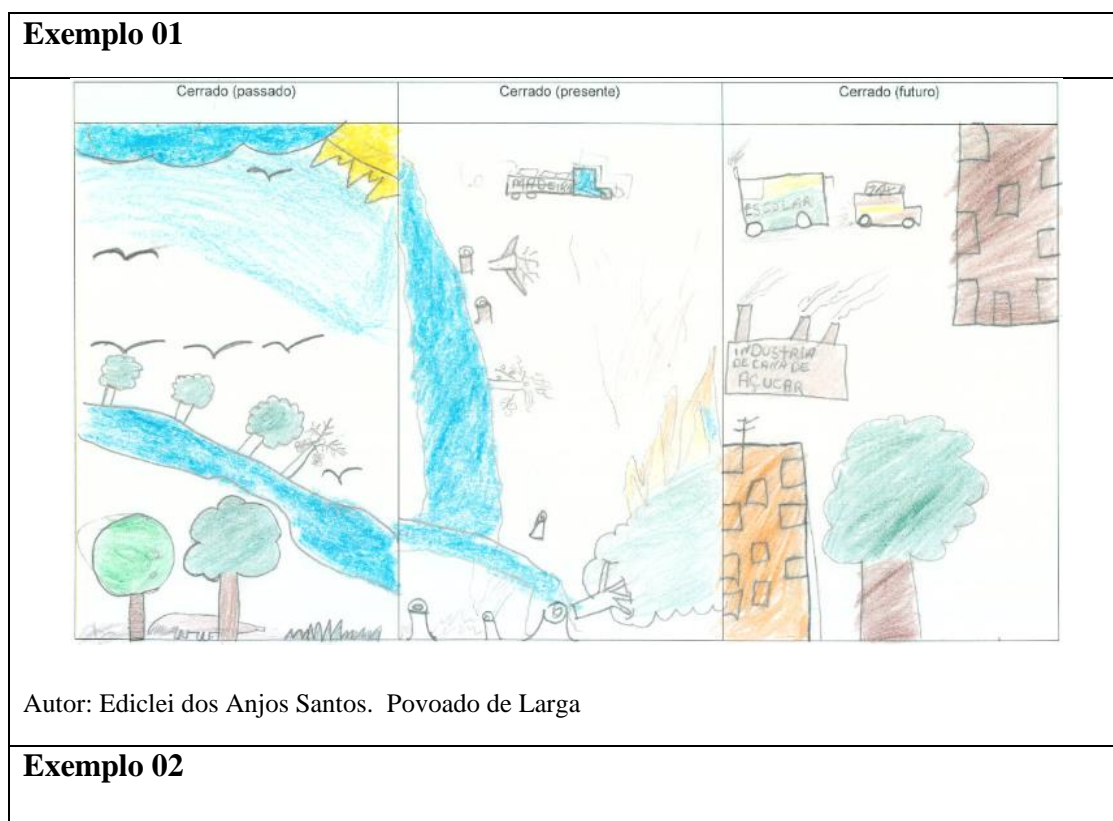
Dessa maneira, os signos contidos nos mapas mentais e a apresentação deles pelos sujeitos envolvidos corroboraram para a identificação da existência da multidimensionalidade de signos, de significados e símbolos compartilhados nas paisagens e lugares vividos no médio vale do rio Guará pelos Geraizeiros.

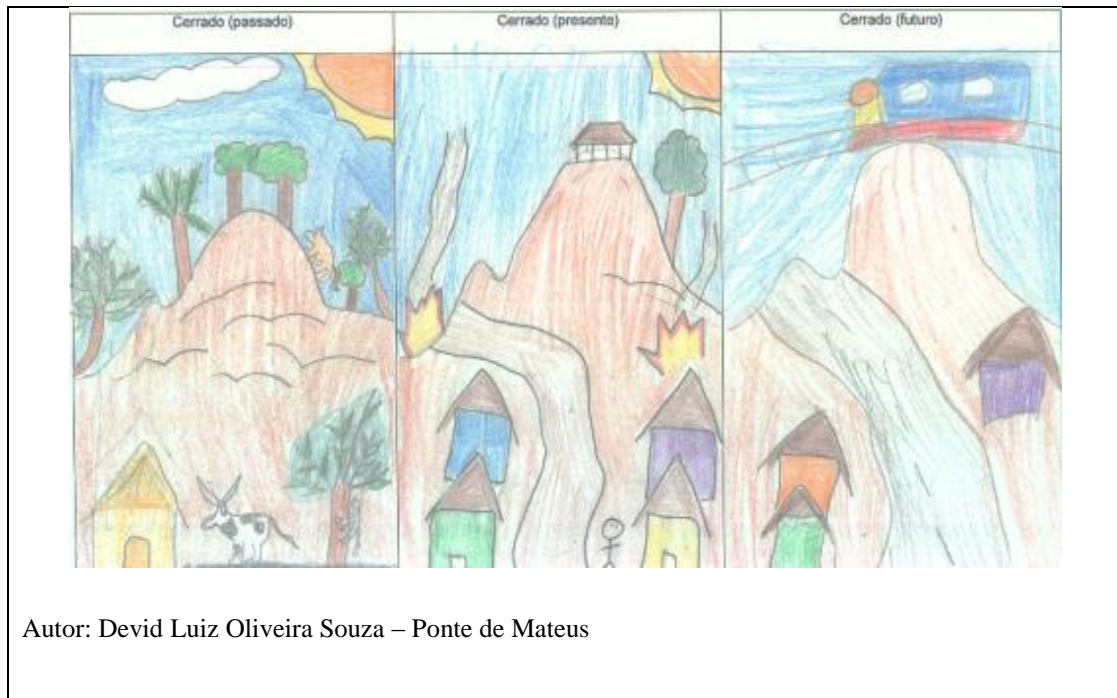
Essa constatação nos remete a abordagens culturais mais integradoras e reflexivas. Uma concepção importante de cultura quando ela é considerada um conjunto de valores e/ou significados (HALL, 2007). Aqui, entende-se que a cultura

compartilhada pelos Geraizeiros envolve um conjunto de práticas, de fazeres que sejam estruturados pela produção e intercâmbio de significados entre os seus modos de vida e os novos signos das paisagens vividas nos Cerrados baianos.

Neste contexto, Seemann (2001, p. 63) afirma que: “o mapa mental não aparece como mera ilustração, mas consiste em uma representação que, igual a um código genético, precisa ser lida e interpretada”. Com essa orientação, apresentarei 04 exemplos de mapas mentais mais representativos, segundo o posicionamento do grupo de jovens Geraizeiros que participaram da análise/tradução discursiva, conforme (Figura 38)

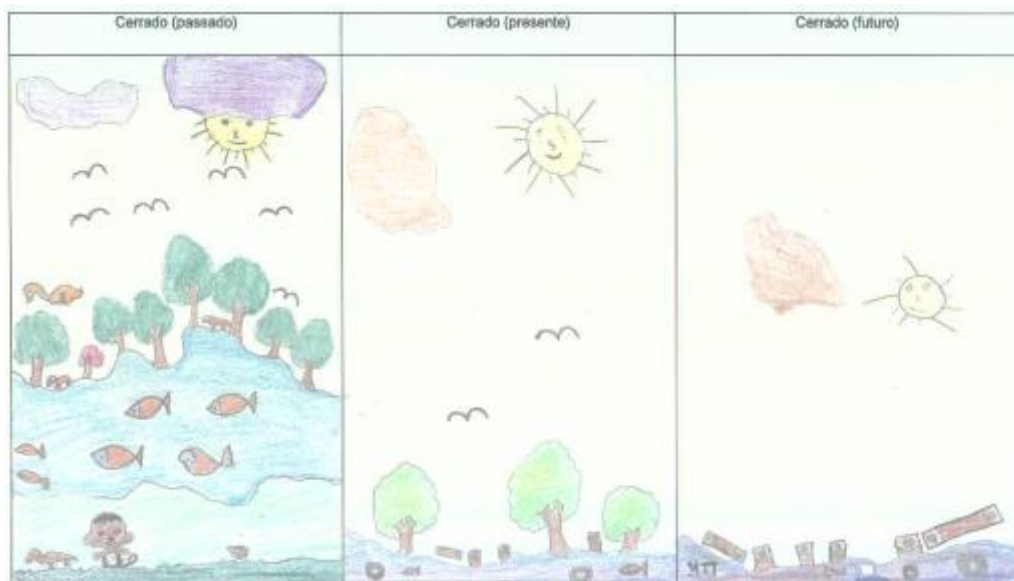
Figura 38: Mapas mentais dos jovens Geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério





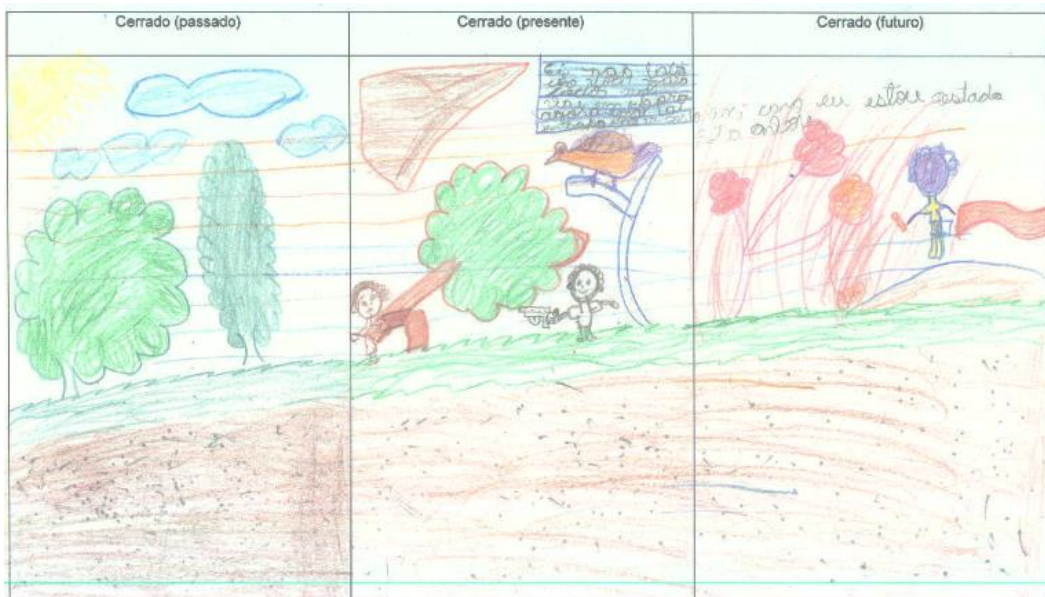
Autor: Deivid Luiz Oliveira Souza – Ponte de Mateus

Exemplo 03



Autor: Ediclei dos Anjos Santos. Povoado de Larga

Exemplo 04



Os mapas mentais revelam, por meio de suas representações socioculturais, três constelações de signos dos cerrados baianos:

No passado, o desconhecimento dos processos geo-históricos dificultou que os jovens Geraizeiros representassem os seres humanos no passado dos Cerrados baianos. Como se vê, no quadro 14, apenas 03 jovens do universo de 190, representaram o ser

humano no passado dos Cerrados. Também apontaram para o distanciamento em direção da separação do homem/natureza (Cerrados). Uma conquista por buscar separar o que é inseparável (homem-natureza), principalmente na cosmovisão dos Geraizeiros.

No presente, houve capacidade dos jovens estudantes Geraizeiros de perceberem e assimilarem as transformações, a devastação das áreas de Cerrados que se intensificaram nos últimos anos no médio vale do rio Guará. Também em toda região do Extremo Oeste da Bahia. Entretanto, eles revelaram signos estereotipados em relação aos seus modos de vida, as suas práticas de extrativismo e de lavoura de rego e ao artesanato.

Os jovens, mesmo sendo conhecedores e sujeitos ativos no cotidiano vivido de suas práticas do extrativismo, lavoura de rego e do artesanato, sobretudo, depois da instalação do Centro de Referência do Cerrado no povoado de ponte de Mateus, não conseguiram representa-los em relação às simplificações das paisagens imposto pelo desmatamento e simplificação das paisagens pelo agro-energias-negócios.

No futuro, os estudantes representaram os signos que predominaram a desertificação, à verticalização, à industrialização, porém há ocorrências de signos que assinalam a presença da biodiversidade com tímida presença do homem nas paisagens do futuro. Porém, uma presença mais expressiva do que no passado. Os signos atribuídos e as falas explicitam a força dos mitos da modernização da agricultura em inserir na produção de representações homogeneizadoras em relação à diversidade de paisagens ainda presente e vivida pelos jovens Geraizeiros sujeitos neste estudo.

Dito com outras palavras, mesmo os jovens Geraizeiros no âmbito da diversidade de práticas espaciais vividas no presente não conseguiram representa-las de forma mais aproximativa com os seus modos de vida. Contudo, os signos das construções verticalizadas, das indústrias, das escolas e universidade já revela no presente, os anseios, as imaginações geográficas no presente e talvez já sinalizando que processo de “desruralização” (PORTO-GONÇALVES, 2006) ocorre primeiro pela desapropriação e deslocamento dos signos dos lugares vividos próximos para signos imaginados dos lugares distantes.

Em síntese, a análise/tradução faz ver que a modernização da agricultura não ocasiona apenas o cercamento, o aviltamento dos seus territórios vividos mas, o distanciamento dos signos de suas espacialidades e práticas vividos do presente e aniquilamento de suas projeções para o futuro.

A photograph showing a person's hands holding small white flowers in a field of tall grass. The person is wearing blue jeans. The background is a dense field of green grass with some small white flowers scattered throughout. The lighting is bright, suggesting a sunny day.

4. Os territórios vividos e as territorialidades em rede dos Geraizeiros baianos do Médio Vale do rio Guará

Aqui tudo era nosso! Toda larga, ninguém preocupava. Os antigos dizia que podia plantar em qualquer lugar. Agora está tudo cercado. O nosso povo tá tudo espalhado.

*Sr. João Alegre, Geraizeiro
Morador de Vereda Grande,
04/05/2016*

4. OS TERRITÓRIOS VIVIDOS E AS TERRITORIALIDADES EM REDE DOS GERAIZEIROS BAIANOS DO MEDIO VALE DO RIO GUARÁ

Neste capítulo, procuro perscrutar os territórios vividos e as territorialidades em rede dos Geraizeiros nos Cerrados baianos diante do advento do agro-energia-negócios na mesorregião do Extremo Oeste Baiano.

A noção de território vivido pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará transcende a noção de recursos a ser apropriado e apenas explorado. Para eles, os bens naturais dos Cerrados estão conectados com a contemplação, com os valores de uso artesanal, medicinal e alimentar os quais entrelaçam as suas teias da vida em seus lugares. Para eles é o território e um itinerário de lugares.

As territorialidades em rede definem as manifestações espaciais. Para estes Geraizeiros baianos, a sustentação do fluxo das redes se dá pelas relações de amizade e parentesco as quais lhes asseguram na mobilidade em busca de oportunidades de trabalho e qualidade de vida nas cidades, inclusive da família que permanece habitando os povoados do médio vale do rio Guará nos Cerrados baianos. Os vínculos familiares e as relações de amizade são fundamentais para que eles estabeleçam suas territorialidades em lugares distantes, sem perderem os vínculos e sem deixarem de projetar suas territorialidades nos lugares próximos.

Porto Gonçalves (2006, p. 457) ao analisar essas territorialidades de grupos semelhantes às dos Geraizeiros baianos colabora com o debate ao asseverar que:

A configuração de novas territorialidades não só nos coloca diante da necessidade de repensar novas grafias (geo-grafias) a partir das atuais, sobretudo os Estados Nacionais mas, também nos concita a buscar outros limites para além dos que estamos habituados, como limites entre o rural e o urbano, entre conhecimento científico e outros saberes, tudo isso, diga-se de passagem, em íntima relação com a questão dos direitos dos poderes, das culturas.

Para tanto, o conceito de território é ampliado do sentido apenas jurídico-político como base ou “tábula rasa” do Estado e incorpora as territorialidades na forma de um novo léxico político que começa a ser escrito pelas populações tradicionais, pelos Geraizeiros, pelos Cerradeiros, pelos Atingidos por Barragens, pelos Assentados, indicando que não há território sem territorialidade (PORTO-GONÇALVES, 2015).

De modo geral, mesmo diante das ressignificações de vários elementos do seu modo de vida, percebe-se que suas territorialidades ultrapassam as projeções territoriais

Diante disto, os seus territórios nos próximos vinte anos, perpassaram por fortes pressões fundiárias e correm o risco de exaustão dos bens naturais. Em virtude disto, seus territórios vividos nos Cerrados baianos e, principalmente, no médio vale do rio Guará transcorrem pela inserção das infraestruturas do *front* agrícola (FEDERICO, 2010).

Atualmente, encontra-se em construção o trecho da rodovia federal BR-135 que intercepta a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, a Ferrovia Leste-Oeste (FIOL) e implementação de duas Usinas Termoelétricas ambas financiadas pelos recursos do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC¹⁰³, como já foi mencionado no capítulo 03. Além disso, recebem intervenções pontuais do governo municipal¹⁰⁴ graças a maior arrecadação fiscal oriundo da comercialização das *commodities*.

Os Geraizeiros baianos enredados nessa realidade projetam suas territorialidades nos Cerrados baianos. Para isso, fortalecem suas redes territoriais e conformam os seus territórios vividos. A noção de rede é constituída pelas conexões entre os Geraizeiros que ainda residem e trabalham nos lugares próximos a partir de informações, relações de trabalho e vínculos de amizade que lhes permitem deslocar e conectar dentro dos “aglomerados de exclusão” (HAESBAERT, 1995). Mas, também, por aqueles que saíram e se estruturaram em outros lugares diante das territorialidades dos espaços urbanos e de outras fronteiras agrícolas nas áreas dos Cerrados e Cerrados/transições com outros biomas.

Para eles, os seus territórios vividos nos Cerrados do passado eram de dimensões vastas nas paisagens dos Cerrados baianos. Segundo os Geraizeiros da terceira idade, no início do século XIX, quando os seus antepassados chegaram nesta região “tudo era deles”. Eles tinham práticas semelhantes aos nômades. Coletavam, caçavam e passaram a plantar nas proximidades das veredas e brejos úmidos e se deslocarem quando necessário. De modo geral, eles constituíam suas territorialidades em vastas áreas territoriais que incorporavam desde os baixos vales dos rios principais Guará, Éguas, Fêmeas, Grande e rio Preto - do médio rio São Francisco até os limites das Gerais na Serra Geral. Atualmente, eles se espalham por territórios nas áreas limítrofes com o estado de Goiás, Tocantins e Piauí.

¹⁰³ PAC – Programa de Aceleração do Crescimento pelo Ministério do Planejamento que influencia as políticas dos estados e municípios a atender a expansão do agro-energias-negócios no território brasileiro. <http://www.pac.gov.br/>. Acesso: 05 de jan. de 2017.

¹⁰⁴ Importante salientar que muitas dessas intervenções são de cunho assistencialista voltadas para doações individuais de materiais de construção, pagamento de passagens para tratamento de saúde e outros auxílios.

Povoados por sujeitos e grupos subalternizados pelas territorialidades do Estado-Nação brasileiro: ascendentes de Canudos (GEIGER, 2014) imigrantes das grandes secas e das questões fundiárias do semiárido brasileiro (SANTOS FILHO, 1989) e dos ciclos de exploração da borracha de mangaba (BRASIL, 1958). Estabeleceram os seus modos de vida e consolidaram uma geocologia de saberes integrada com as unidades geocológicas das paisagens dos Cerrados.

Depois do advento da modernização da agricultura nas áreas dos Cerrados baianos na década de 1970 iniciou o cercamento dos seus territórios vividos. Neste período, eles além de perderem as áreas das chapadas que eram sazonalmente exploradas por meio do extrativismo do látex da mangabeira, área de caça e áreas para pastagem a “solta”.

Friso que houve uma iniciativa do governo federal diante da importância da borracha na economia internacional que tentou revigorar durante 1979 a 1981 (figura 39).

Figura 39: A) Cartão da Empresa local Geraldo Belfort-Indústria e Comércio LTDA, sediada na época em Barreiras, B) Folder as SUDHEVEA (Superintência da Borracha), 1981.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Inês Pitta, 2016.

A Bahia, entre 1889 a 1912, foi uma das maiores exportadoras de borracha de mangabeira no Brasil. Com essa tentativa de revigorar do governo federal no município de Barreiras e região mesorregião do Extremo Oeste da Bahia que chegou a produzir mais de dois mil quilogramas do látex em um mês (WISNIEWSKI, 1982).

De acordo com o relato da professora Inês Pitta de Almeida:

O programa não obteve a licença do governo do estado da Bahia, o então Antônio Carlos Magalhães em período da ditadura militar. Eu

penso que teria sido uma iniciativa que teria freado parte dessa ocupação nas chapadas das mangabeiras, principalmente nas proximidades do povoado de Roda Velha, onde tinha muita mangaba. (Entrevista concebida por Inês Pitta de Almeida, 11/2016)

Depois disso, como já foi apontado no capítulo 02, os seus territórios vividos que ficavam nas áreas de solos mais agricultáveis que coincidem com as algumas áreas das maiores ocorrências das mangabeiras foram rapidamente desmatados para instalação dos projetos de reflorestamento e em *plantation*: cana de açúcar pelo programa do Proálcool, plantações de caju e reflorestamento com eucalipto pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE e apoiados pelas políticas territoriais do estado da Bahia (CLOVIS SANTOS, 2012). O resultado foi à redução drástica da extensão territorial de seus territórios vividos e, sobreposição das relações de poder das instituições estatais.

Com a instalação dessas instituições e empresas os Geraizeiros presenciaram a incorporação de valores econômicos, sociais, políticos e culturais aliados ao projeto de desenvolvimentismo do território brasileiro.

É importante frisar que o território brasileiro perpassava por redefinições de suas territorialidades as quais acarretou desapropriações pela construção dos lagos artificiais de Itaipu e Sobradinho, provocou desapropriações e aumento o valor das terras na região Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiro. Tudo isso, concomitantemente, ocasionou a chegada dos grupos de imigrantes sulistas, paranaenses, mineiros, goianos e pernambucanos nos Cerrados baianos.

Situação territorial que os levaram a redefinir os locais de suas moradias, passando a se concentrarem nos distritos, vilas, povoados e localidades pelos Cerrados baianos. Além disso, aqueles que ficavam nas áreas de chapadas foram violentamente expulsos ou mortos durante as décadas de 1970, de 1980 e de 1990.

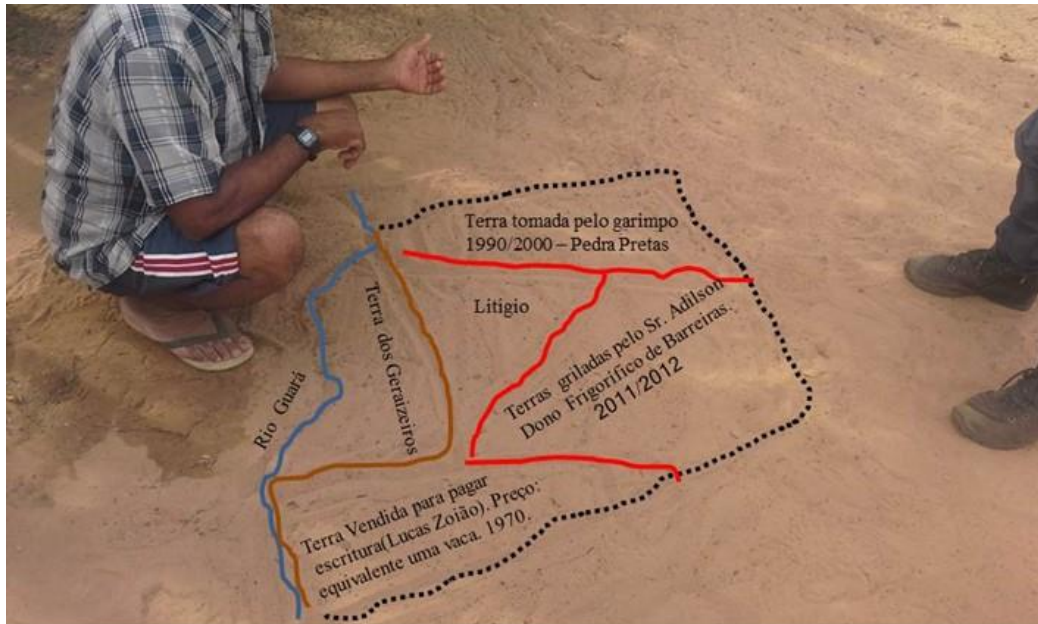
Como assinala Martin Mayr (2016) no prefácio do livro “Saberes Ambientais do Cerrado”:

Na década de 1980, o Padre Gunter Gnadlinger percorria o Gerais de São Desidério. Como membro da Comissão Diocesana da Pastoral da Terra, Padre Gunter sensibilizou-se muito com o sofrimento das comunidades tradicionais, causado pelas truculentas manobras de grilagem na região. Ele registrava os relatos de opressão, e encorajava as comunidades a resistirem contra a usurpação dos seus territórios. Uns geraizeiros da região de “Ponte de Mateus”, localizada num cerrado belíssimo na bacia do Rio Guará, deram uma resposta exemplar: firmaram um pacto entre si de não cederem às pressões dos grileiros. E conseguiram se impor, ao menos parcialmente. Não obstante, à

vergonhosa realidade, a região de “Ponte de Mateus” continua sendo alvo preferencial da cobiça de grileiros (um dos mais conhecidos é Marcos Valério, publicitário que orquestrou o escândalo dos “Mensalões”) e até nos dias atuais, muitas famílias persistem em sua jornada geraizeira na “Ponte de Mateus” e redondezas. (MARY, 2016, p 10)

Nestas últimas décadas, nota-se a redefinição das territorialidades dos Geraizeiros em seus territórios vividos nos vales, veredas e terraços, com concentração nos povoados e projeção de suas relações socioculturais nos lugares distantes. Todavia, os conflitos e as grilagens não cessaram o que, muitas das vezes, instaura instabilidade territorial em seus territórios vividos nos Cerrados baianos. E, no caso especial, nos territórios vividos dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará. No mapa mental de um senhor Geraizeiro, demonstra, nas areias do seu quintal, o processo de degradação da antiga fazenda de sua família constituída em 1815, onde hoje localiza-se o povoado de Vereda Grande no médio vale do rio Guará (figura 40).

Figura 40: Mapa mental da grilagem de terras da antiga Fazenda Vereda Grande



Fonte: Pesquisa de Campo, 04/05/2016. Rigonato, 2016.

Essa instabilidade territorial iniciou com a desapropriação dos Geraizeiros e dos pecuaristas locais e regionais de suas áreas de pastagem natural nos Gerais (HAESBAERT, 1995) e (SOUZA SOBRINHO, 2015). Os Geraizeiros perderam não só as áreas de pastagem como também o trabalho que desenvolvia para esses pecuaristas locais e regionais. Depois disso, os conflitos fundiários continuaram, pois na medida em que as fazendas configuravam uma nova geografia do Cerrado baiano, os Geraizeiros foram sendo comprimidos no fundo dos vales “boca dos Gerais¹⁰⁵”. Desse modo, é possível observar persistência territorial diante desta instabilidade e da ausência assistida do Estado ao longo de décadas de 1970 a 2017.

Já neste início do século XXI, o agro-energias-negócios ganha respaldo e anistiados pelos crimes ambientais até 22 de julho de 2008, com a aprovação do novo Código Florestal. Depois disso, o agro-energias-negócios passa a promover o maior aviltamento dos territórios vividos dos Geraizeiros. Em outras palavras, as áreas territoriais - vales, veredas e terraços - que outrora não tinham sido incorporadas ao território do agro-energias-negócios, tornaram cobiçadas para compensar o passivo ambiental das *plantation* de grãos e de eucalipto a montante dos territórios ancestrais dos Geraizeiros. Além disso, todas essas áreas, ao serem transformadas em reservas

¹⁰⁵ Termo utilizado pelos próprios Geraizeiros no médio vale do rio Guará.

legais, transformam o agroextrativismo desenvolvido pelos Geraizeiros em atividades territoriais ilegais.

O meu conhecimento territorial me fez perceber que se torna possível não só por causa da manobra do capital internacional revertido dos ideais da economia verde, como aponta Mendonça (2015). Isso ocorre também pela fragilidade das titulações das terras, pela falta de acessória jurídica especializada voltada para regularização fundiária dos Geraizeiros e, principalmente, pela sobreposição do valor de troca sobre o valor de uso para algumas famílias Geraizeiras que habitam os Cerrados baianos.

Outra questão institucional é a permanência de técnicos das instituições públicas ambientais municipais e estaduais que consideram os Geraizeiros “intrusos”, de maneira semelhante aos expoentes do agro-energias-negócios. Ou simplesmente, promovem a ausência assistida por não conseguir (não quererem) aceitar a inter-relação dos Geraizeiros como uma das formas de r-existência entre natureza-cultura e/ou natureza-sociedade. Essa afirmação justifica-se, uma vez que, as evidências empíricas nas paisagens demonstraram que os territórios vividos dos Geraizeiros nos Cerrados baianos e, principalmente, no médio vale do rio Guará estão menos destruídos do que os territórios do agro-energias-negócios nas chapadas “Gerais”. Este último, ocupa atualmente uma faixa latitudinal que se estende desde a divisa com Minas Gerais, Goiás, Tocantins até a divisa do Piauí, totalmente desmatado, com monoculturas e pivôs centrais (Mapa 03).

Tudo isso dificulta, em todas as áreas dos Cerrados baianos, a implantação de Unidades de Conservação de Uso Comum Sustentável. Com tal impedimento, a apropriação e expansão dos territórios do agro-energias-negócios sobre os territórios vividos dos Geraizeiros baianos.

Mesmo diante dessa tragédia territorial, os Geraizeiros baianos cultivam e ampliam suas territorialidades com outras configurações territoriais, inclusive em lugares distantes. Eles em consequência de seus hábitos, costumes embreados em suas práticas espaciais construídas na inter-relação homem-natureza (Cerrados), muitas vezes, ignoram as restrições prescrita pelas áreas de reservas legais dos condomínios rurais e continuam utilizando dessas áreas para o extrativismo.

Em virtude disso, demonstram r-existência com suas territorialidades a essa noção de “natureza intocada” (DIEGUES, 1996, p. 53) imposta ao território brasileiro comprometendo os territórios de vida das populações tradicionais. Refiro-me aos povos Cerradeiros e, no caso especial dos Geraizeiros, na sua “ilegalidade ambiental”. Ao

mesmo tempo são criminalizados pelo IBAMA, SEMA, Secretária do Meio Ambiente e instituições privadas brasileiras, que ainda atuam com uma legislação estreitamente preservacionista (LEROY, 2011).

As pesquisas de Daryrell (2000), Haesbaert (1995), Mazzetto (2006), Santos (2008), Almeida (2008), Brandão (2009) e Souza Sobrinho (2015) nas entrelinhas também apontam para essas resistências territoriais, para a busca de autonomia territorial e também para conflitos territoriais semelhantes. Contudo, nesta tese entende-se que, mesmo diante desses conflitos territoriais há a permanência, a emergência e o surgimento de práticas espaciais que revelam emergência da r-existência e de r-habitação pelos Geraizeiros baianos, como será aprofundado no próximo capítulo.

Haesbaert (1995 p.181), ao analisar as territorialidades nos Cerrados baianos, já apontava para a mobilidade dos grupos mais pobres nos “aglomerados humanos de exclusão” dentro da lógica das desterritorializações e reterritorializações. Já Daryrell (2000) destaca os desafios dos Geraizeiros ao perderem os seus territórios das chapadas “Gerais”. Para ele, a força das territorialidades dos Geraizeiros do norte de Minas depende da vitalidade dos ecossistemas dos Cerrados devido eco-evolução nos Cerrados. Em virtude disto, as suas territorialidades não se estendem à Bahia para que sejam guardiões dos bens naturais dos Cerrados baianos. Elas lhes permitem perceberem os seus ecossistemas, as unidades geoecológicas das paisagens e os bens naturais como condição para sua r-existência e, mormente para sua sobrevivência. Destarte, em seus territórios vividos os Cerrados são base de sustentação e de reprodução do seu modo de vida, mesmo em ressignificação.

Mazzetto (2006) também ao pesquisar os Geraizeiros da região norte de Minas Gerais e do Sul do Maranhão revela o encurralamento de seus territórios. Porém, ele enfatiza a resistência silenciosa e persistente deles em seus territórios vividos nestes Cerrados. Nesta mesma linha, Brandão (2009) assevera que os valores de uso, a convivência e co-evolução dos Geraizeiros com os ecossistemas são os elos das territorialidades mais sustentáveis.

Já Almeida (2008), em sua etnogeografia, enfatiza a emergência das identidades territoriais e a importância das representações socioculturais destes grupos nos sertões/sertões modernos. A mesma autora (2009, p. 189), ao estudar os territórios das diásporas dos brasileiros na Espanha, colabora ao afirmar que:

[...] os territórios tornaram-se prática passageiras de indivíduos que por eles transitam, atuam e os reconstróem, simultaneamente com grupos portadores de suas práticas e territorialidades, sem portanto, deixar de ser a matriz e o produto destas ações individuais. (ALMEIDA, 2009, p.189)

Essa concepção de território, mesmo considerando que a diáspora dos Geraizeiros no território brasileiro possui uma menor intensidade geográfica, é muito apropriada para pensar as práticas, as espacialidades vividas entre os lugares vividos pelos Geraizeiros.

Por último, Souza Sobrinho (2015), ao analisar as territorialidades dos Geraizeiros no município de Correntina, BA, demonstrou a resistência deste grupo nos Cerrados baianos. Entretanto, o autor não aponta que essa resistência se dá pela relação intensa que os Geraizeiros possuem entre os lugares próximos e distantes onde os Geraizeiros passam a se territorializar nos Cerrados e no território brasileiro.

Diante destas pesquisas e das constatações do modo de vida dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará que, mesmo de forma subalternizados, ao invés de enfraquecerem, estão ressignificando economicamente, socialmente e culturalmente seus territórios. Mesmo que para isso assimilam e acolhem elementos da cultura urbana em seus modos de vida influenciados pelas “urbanidades no rural”, conforme Rua (2003, p. 54), e os tornando “desruralizados” (PORTO-GONÇALVES, 2010). Saquet (2014, p.03) discute as territorialidades entre campo-cidade e assegura: “a articulação entre o rural e o urbano ocorre por meio das relações e das redes de circulação e comunicação, como mediadoras de um amplo processo de territorialização”.

Ao contrário do que se podem imaginar, eles, ao invés de saírem das áreas dos Cerrados diante “(...) das desigualdades e das diferentes formas de exclusão da modernidade ocidental”, salientada pelo Boaventura Santos (2010, p.285), fortalecem, reformam e constroem suas residências, adquirem meios de transporte próprios, estudam, reinventam suas tradições como a cavalgada nos territórios próximos. E, de forma interligada, eles promovem o alargamento de suas territorialidades com base nas relações de amizade, vizinha e da confiança para as relações sociais, econômicas, sociais, políticas e culturais com os territórios distantes.

Neste ínterim, a noção de territórios próximos e distantes (MÉRÉNNE-SHOUMAKER, 2002) colaborou para análise/tradução dos seus territórios vividos e as territorialidades em rede dos Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e,

especialmente, no médio vale do rio Guará. Para esse autor, os seres humanos no mundo mundializado projetam suas territorialidades em lugares diversos.

A noção de território próximo e distante já foi utilizada por Rigonato (2005), na sua dissertação de mestrado¹⁰⁶. As populações tradicionais do reverso da Chapada dos Veadeiros estabelecem os seus modos de vida nas relações sociais próximas e distantes com Brasília e outros lugares. Almeida (2009), em suas pesquisas Etnogeográficas das populações tradicionais do Cerrado goiano, compartilha desta noção. Ao constatar essas territorialidades, a autora assevera que os sujeitos e os grupos sociais projetam as suas relações socioculturais em rede de lugares, conformando territórios próximos e distantes. Já na abordagem de Marafon (2011), isso é um processo imanente ao campo brasileiro, pois, gradativamente, torna-se híbrido e seus sujeitos conectados e inserido em redes transescalares.

A partir desta realidade, que demonstra r-existência das populações subalternizadas nos Cerrados e, principalmente, dos Geraizeiros do médio vale do rio Gaurá, com suas espacialidades e temporalidades específicas, busquei analisar/traduzir como eles, na sua realidade cotidiana, projetam suas territorialidades em seus territórios próximos e distantes (quadro 16):

Quadro 16: Dimensões dos territórios vividos pelos Geraizeiros São Desidério, BA -2016

Lugares	Tipos de territorialidades (Próximas ou distantes)	Localidades de referência	Manifestações espaciais
Povoados	TP*	Casa; quintais; Escola;	Espaço doméstico de uso familiar e de convivência familiar, vizinhos; Tempo ócio; trabalhos domésticos e serviços públicos locais;
Roças de brejo (veredas)	TP	Mata ciliares e veredas	Espaço da produção agroextrativista; Espaços de uso e trabalho familiar.
		Trilhas e trieiros; Cercas; limites;	Espaços de extrativismo, de caça e pesca e do ócio criativo;

¹⁰⁶ O modo de vida das populações tradicionais e a inter-relação com o Cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros: o distrito de Vila Borba. 2005.

Paisagens do médio vale do rio Guará	TD*/TP	locais de coletas de frutos e raízes Cerrado stricto sensu e veredas e campo limpo	Contemplação das paisagens; Pastagem dos animais; Litígio agrário e divisas das terras.
Sítios Urbanos	TD/TP	Outros povoados, distritos, cidades e metrópoles	Compras semanais e mensais; Lugares de tratamento médio; Festividades cívicas, familiares e religiosas.
Familiares e amigos em outros Estados e localidades	TD	Residência os familiares ou amigos	Ponto de apoio para possível mobilidade; Recurso em momento de crise familiar (vice-versa);
Atividades trabalhistas em outras localidades	TD	Fazendas; empresas do agronegócio; Casas e comércios	Fonte de renda e de experiências diversas;
Lugares imaginados pelos Geraizeiros	TD/TP	Espaços midiáticos e auditivos. Oralidade de amigos e parentes	Fonte de utopias; imaginações geográficas;
*(TP) – territorialidades próximas; *(TD) – Territorialidades distantes;		Observação: todas as informações é fruto de diagnósticos participativos com as populações Geraizeiras no médio vale do rio Guará em 2014, 2015 e 2016.	

Fonte: Trabalhos de campo 2013-2016. Organização: Rigonato, 2016.

Neste contexto, os territórios vividos dos Geraizeiros se configuram em territorialidades em rede. Estas se replicam em lugares e localidades de referências os quais constituem as manifestações e as projeções espaciais deste grupo face às territorialidades do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos.

Além das pressões já salientadas, as representações socioculturais da modernidade interligadas com “a produção de fabulações” (SANTOS, 2000, p. 19) exercem um papel para lança-los em mobilidade. Eles projetam suas territorialidades à procura de sonhos e utopias nos lugares distantes, desconhecidos mais motivados pelas imagens e símbolos do progresso econômico e da qualidade de vida, sobretudo, nos grandes centros urbanos e áreas de fronteira agrícola.

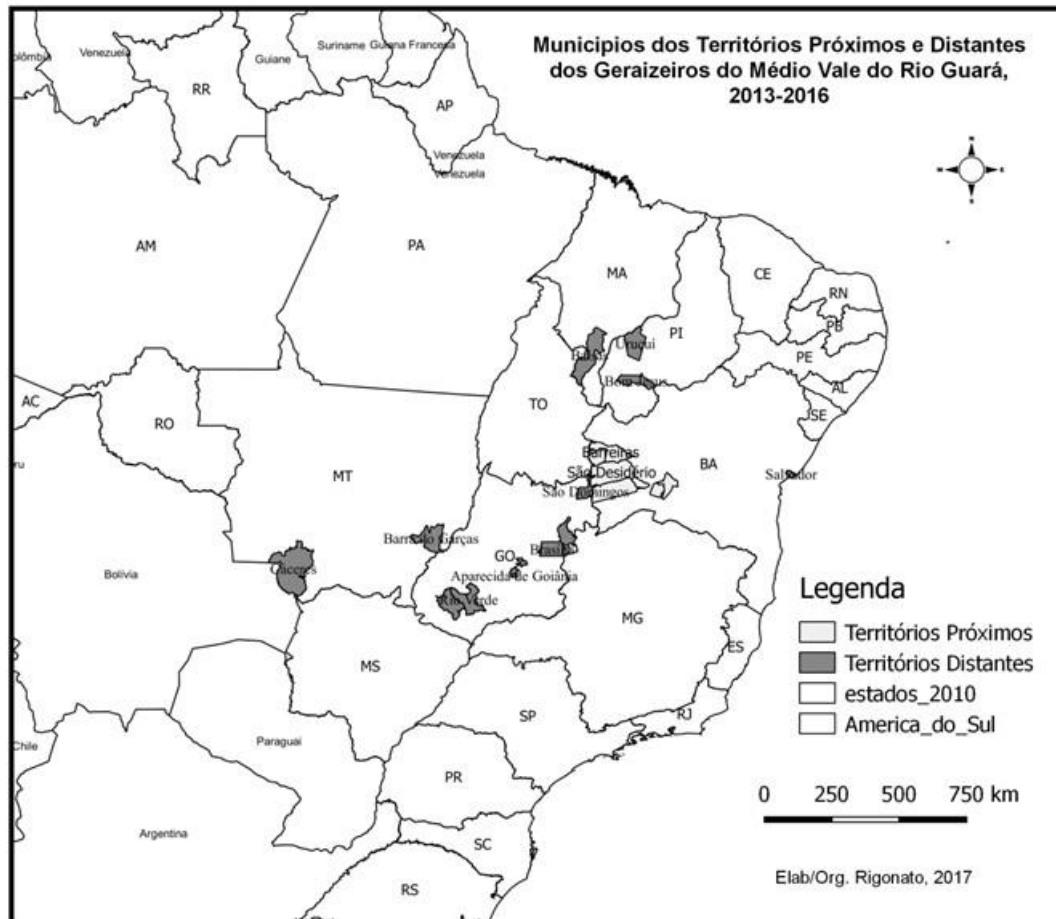
Nesta linha de investigação Bonnemaïson (2002), ao estudar as territorialidades das populações tradicionais da Oceania, nos assegura:

[...] toda análise de territorialidade se apoia sobre uma relação interna e sobre uma relação externa: a territorialidade é uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel, entre o território ‘que dá segurança’, simbólico de identidade, e o espaço que se abre para a liberdade, às vezes também para alienação. (...) A territorialidade se situa na junção destas duas atitudes; ela engloba simultaneamente aquilo que é fixação e o que mobilidade – Dito de outra maneira, os itinerários e os lugares. (BONNEMAISON, 2002, p. 99)

Com essa afirmação o autor se remete ao caráter de alternância das territorialidades das populações tradicionais a qual se assemelha muito com as territorialidades dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará. Estes apontam em seus relatos orais “eu lembro que o meu pai tinha outras casas, inclusive filhos mais no alto deste vale” (Relato da Dona Preta, setembro de 2014). É evidente que uma das estratégias territoriais dos Geraizeiros desde os tempos idos é a mobilidade e dupla moradia e até a estrutura plurifamiliar.

Para os Geraizeiros que permaneceram no médio vale do rio Guará suas territorialidades conformam-se nas redes de lugares que se unem hoje em lugares próximos e distantes e, às vezes, amanhã e depois em outros lugares, nos dizia Bauman (2003). Para melhor visualizar as suas territorialidades em rede (figura 41)

Figura 41: Croqui dos Municípios dos Territórios Próximos e Distantes dos Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará, 2013 a 2016.



Fonte: Rigonato, 2013 a 2016.

Diante das manifestações espaciais dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará as várias idas aquele vale tornaram possível identificar que eles projetam suas territorialidades em diversos lugares municípios. Como se observa no cartograma acima, os territórios vividos dos Geraizeiros são constituídos na mobilidade em itinerários de lugares à procura de empregos, condições de sobrevivência e tratamento especializado de saúde.

Com os seus territórios cercados e aviltados pelo agro-energias-negócios, sobretudo os jovens e aqueles em idade economicamente ativa tiveram de se aventurar nas oportunidades de trabalho nos territórios distantes. Embora, parte dos Geraizeiros estabelecem essas relações com os territórios distantes apenas para tratamento de saúde.

No século passado, migravam-se para Goiânia e Brasília motivados pelos mitos da modernidade do progresso e sucesso econômico nas cidades do Centro Oeste brasileiro. Ou então para trabalhar em fazendas em Posse, GO. Atualmente, a procura de subempregos no *front* da fronteira agrícola das áreas dos Cerrados brasileiros. Cabe frisar que muitos deles buscam trabalho em Jataí, GO, Rio Verde, GO, Posse, GO Uruçui, PI, Bom Jesus, PI, Balsas, MA, Barra das Garças e Cacéres, MT. Contudo, são trabalhos existentes na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Tal realidade revela a lógica de colocar os trabalhadores em mobilidade de seus lugares de origem para possivelmente torná-los mais fragilizados para exploração das relações de trabalho. No caso, específico das empresas da mesorregião do extremo Oeste da Bahia, estas preferem os trabalhadores oriundos do nordeste goiano e das regiões semiáridas brasileiras.

Em contrapartida de territórios próximos e distantes para os Geraizeiros não é cartesiana que se manifesta apenas na materialidade do espaço geográfico. Para eles, envolvem valores afetivos, teias de sociabilidade, confiança nas pessoas do mesmo grupo que já se aventurou em lugares com oportunidade de trabalho e vida apontados no depoimento:

Aqui quando saímos sempre há pessoas, um amigo que consegue oportunidade de trabalho. Ai liga aqui. Reunimos os homens, algumas mulheres para fazer a comida. Às vezes não precisa lá tem os galpões/alojamentos. Quando não há alguém conhecido é muito perigoso. Há gatos que leva as pessoas e não pagam. Por isso, que agente vai apenas quanto conhecemos alguém. Se não é fria! Às vezes ficamos semanas, um mês até seis meses. Ai, quando sobra mando dinheiro para família. Mas, aqui há pouco emprego. Cata raiz aqui acola e alguns trabalhos de vaqueiro mais nada!

(Relato de grupo de jovens Geraizeiros¹⁰⁷. Comunidade Vereda Grande, setembro de 2015)

Os saberes locais e a confiança entre as pessoas se tornam elementos que atribuem um pouco de segurança para se aventurar nas territorialidades distantes. Dessa, forma, por mais que eles estabelecem relações com as atividades trabalhistas distantes eles não se desterritorializam completamente dos lugares vividos nos Cerrados baianos.

¹⁰⁷ Observação: encontrei com esse grupo às três horas da tarde de uma terça-feira. Eles tinham acabado um trabalho de limpar uma roça de rego na forma de mutirão nas proximidades do povoado de Vereda Grande. Eles estavam às margens da estrada contando e bebendo garrafa de pinga 51, acompanhados com um pequeno acordeão, um violão e um cilindro improvisado. Aqui é importante destacar que o alcoolismo torna-se muito presente entre esses Geraizeiros que se aventuram nos trabalhos dos territórios distantes.

Em virtude, disso a noção de territorialidades distantes, na maioria das vezes, está relacionada ao tempo que os sujeitos permanecem em outros lugares fora das áreas dos Cerrados baianos.

Já os territórios próximos são lugares das práticas espaciais cotidianas, da mobilidade entre aglomerados rurais, entre distritos, vilas e lugarejos devido à procura de lugares de menor conflito territorial. Há também neles aqueles que inserem na divisão territorial do trabalho interligado nas lavouras e projetos do agro-energias-negócios. Além disso, os territórios próximos são os lugares mantidos pela tradição familiar, pela ressignificação dos seus modos de vida, tradições festivas e reinvenções delas, tais aspectos serão mais discutidos nos tópicos seguintes. Entretanto, já é possível encontrar as perversidades do mundo contemporâneo em seus territórios próximos, pois presenciei relatos de jovens Geraizeiros que já estavam consumido crack nos povoados do médio vale do rio Guará.

A interatividade e a conectividade proporcionada pelo advento das melhorias e acesso as estradas, aos meios de transporte e pelas novas tecnologias de comunicação foram e são essenciais para a projeção de suas territorialidades em rede. Mas, também os colocam vis-à-vis as perversidades do local-global do mundo globalizado.

Diante deste contexto, há ampliação das territorialidades em diversos lugares próximos e distantes. A noção de lugar para eles em seus territórios vividos torna-se mais aberta, efêmera e em constante reelaboração. Em relação à esta constatação, a noção de lugar do mundo globalização tem o auxílio de Massey (2004; 2009):

[...] é o produto de relações-entre, relações que são práticas materiais necessariamente embutidas que precisam ser efetivadas, ele está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito – nunca está finalizado, nunca se encontra fechado (MASSEY, 2004, p.8).

Com essa noção espacial, as territorialidades que conformam os territórios vividos pelos Geraizeiros se dão e se constituem em movimento. A mobilidade é uma característica que lhes permitem o controle de seus territórios próximos e, mais recentemente a projeção mesmo de forma subalternizado para os territórios distantes. Defronte disso, e com base em suas representações socioculturais, afirmo que suas territorialidades são fluídas, integradas e contextualizadas nas espacialidades e nas temporalidades do passado, do presente e incorporam as imaginações geográficas do futuro.

Entretanto, em frente às pressões e ampliações dos territórios do agro-energias-negócios nas áreas dos Cerrados baianos “[...] há uma persistência de identidades, sócios territoriais em formas modificadas e se configurando em novas identidades.” (ALMEIDA, 2004, p. 13). No caso especial dos Geraizeiros, nem chega alcançar a configuração de novas identidades, mas a retomada da sua identidade que, mesmo não evidenciada pelo discurso científico e pelas representações socioculturais relacionadas à mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, continuou existindo em suas práticas cotidianas na reprodução e ressignificação do seu modo de vida.

Há, dentre eles, vários sujeitos que já assumem a identidade de Geraizeiros, incluindo os sujeitos que estão nas territorialidades em rede nos territórios distantes. Apesar deles ainda assumirem várias identidades como estratégica de sobrevivência diante das territorialidades da modernização da agricultura. Neste contexto analisado, observa-se que a identidade territorial dos Geraizeiros contém e constituem práticas e valores socioculturais de suas paisagens unidades geocológicas conforme o disse várias vezes. Há também, no cotidiano, intercalações dessas práticas com as crenças, os mitos e os valores simbólicos tradicionais e ressignificados (VARGAS, 2011).

De fato, no âmbito dos territórios vividos no médio vale do rio Guará nota-se o início (re)afirmação da identidade dos Geraizeiros. Eles perpassam pelo processo de ressemantização (RATTS, 2000), semelhante às comunidades quilombolas no território brasileiro. A autodefinição ganhou folego com as políticas públicas de demarcação das terras das comunidades quilombolas, neste início do século XXI, inclusive nas áreas dos Cerrados. Em frente a essas constatações, os próprios Geraizeiros buscam a consolidação de sua identidade pela autoassimilação e/ou autodefinição (MONTENEGRO, 2012).

No decorrer da elaboração desta tese, a autoassimilação da identidade territorial “Eu sou Geraizeiro” ganhou força representacional entre os Geraizeiros do meio vale do rio Guará e na mesorregião do Extremo Oeste. A autoatribuição ocorreu por meio do apoio, ações políticas e da assistência da 10envolvimento, Pastoral da Terra de Santa Maria da Vitória, BA, Rede Cerrado e pelo Movimento de Atingidos por Barragens – MAB. A atuação dessas instituições nos territórios vividos dos Geraizeiros convidando, motivando, defendendo e mobilizando-os são fundamentais para a resistência deles e para despertá-los da importância da identidade para permanência em seus territórios vividos.

Essas instituições, dentre outras coisas, lhes proporcionam possibilidades de debate mensais, anuais na Romaria das Águas e da Terra, na Romaria do Cerrado, nos encontros e reuniões do Movimento dos Atingidos por Barragens, no evento do Pequi de Ouro, anualmente em Barreiras, no Grito das Águas em Baianópolis, BA, são Encontro Locais e Regionais dos Geraizeiros com apoio da Agência 10Envolvimento, filiada à rede dos Povos dos Cerrados.

Como foi possível analisar os territórios vividos, as territorialidades e a identidade dos Geraizeiros são amparadas, motivadas e acomodadas pelas redes familiares, redes de amizades, rede de instituições não governamentais, eclesiásticas. Estas instituições na medida em que os conflitos territoriais se avolumam, elas também se intensificaram suas atuações junto os Geraizeiros nos Cerrados baianos. Desse modo, suas territorialidades ultrapassam a noção político-administrativa do Estado e também a noção de território sedo recipiente ou receptáculo (STUART, 2016). Escobar (2005) também argumenta que não é mais possível pensar os lugares e os territórios de forma essencialistas e naturalistas. Os lugares sem a leitura naturalista e essencialista, aponta, para as territorialidades fluídas, itinerários, redes as quais os Geraizeiros buscam e/ou adentram pelo menos no plano discursivo na autoafirmação individual e coletiva: “eu sou geraizeiros” diante da globalização imaginada (CANCLINI, 2001).

Ao projetá-las, os Geraizeiros estabelecem a interculturalidade crítica (WALSH, 2009). A mesma autora afirma que “é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização” (2009, p. 21-22). Já para Haesbaert (1995; 2007), eles apenas projetam suas territorialidades nos aglomerados de exclusão e/ou como precarização territorial.

Nessa mesma linha, Massey (2008, p. 93) já chamava a atenção para a importância das “trajetórias tempo-espaciais”, pois tendo arraigamento espacial os territórios vividos passam a serem concebido como entidade multidimensional que resulta das práticas espaciais e das relações de poder. Ao mesmo tempo, estabelecem vínculos entre os sistemas simbólicos/culturais e as práticas produtivas (ESCOBAR, 2005).

No caso específico dos territórios vividos pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, a multidimensionalidade do mosaico de suas experiências nos lugares próximos com as paisagens e unidades geocológicas, os conflitos territórios e deles com os lugares distantes, realmente constituem os territórios vividos. Neles, os Geraizeiros convivem com múltiplas espacialidades e temporalidades: passadas,

presentes e futuras. Como bem nos assegurou Silva (2012, p. 27) “[...] as determinações e indeterminações do passado se tornam motivações do presente. E o presente aglutina o passado e o futuro na vivência do fluxo vivido”.

De acordo com as contribuições de Escobar (2005), Almeida (2008; 2009), Stuart (2016) e das evidências empíricas do convívio nos territórios vividos dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, pode-se afirmar que, para eles, o território vivido engloba a terra (posse) “de painho ou de mainha” (o que foi e/ou pertenceu). A terra é base para a existência e de projeção para a rede de lugares distantes. Mas é também repleto de lugares, geosímbolos, signos e significados que lhes atribui o sentimento de pertencimento. Nestes lugares próximos, eles ainda desenvolvem os seus modos de vida junto às unidades geoecológicas dos Cerrados, constituindo em terreno o qual suas territorialidades fixas e móveis lhes permitem reproduzir materialmente e simbolicamente (roça de rego, o agroextrativismo e a medicina popular) com base na geoecologia de saberes de seus modos de vida em plena ressignificação diante da “desruralização” do campo.

4.2 TERRITÓRIOS PRÓXIMOS DOS GERAIZEIROS

Neste início do século XXI, os territórios vividos pelos Geraizeiros nos Cerrados baianos, embora em transição, persistem e reexistem à expansão e diversificação da modernização da agricultura nos Cerrados baianos. Os territórios próximos são projeções das territorialidades política, social, ambiental, cultural e econômica dos Geraizeiros nos Cerrados baianos. Eles formam os territórios vividos conectados pelas redes, inclusive de itinerários de lugares o que já foi discutido no capítulo anterior.

Há nestes territórios a presença de diversos sujeitos: Geraizeiros, trabalhadores rurais, gerentes de fazendas, técnicos ambientais, funcionários públicos municipais, representantes de ONGs, empresários rurais, grileiros de terras, pastores das novas igrejas, entre outros. Essa presença de outros sujeitos, mesmo que efêmera, colaboram também para fortalecimento das relações e representações idílicas dos territórios distantes.

Com o advento da modernização da agricultura e com a sua diversificação em agro-energias-negócios ampliou as pressões, os conflitos territoriais sobre os territórios próximos dos Geraizeiros.

A primeira investida em seus territórios vividos devido à modernização da agricultura nos Cerrados baianos foi na distribuição territorial de seus habitats. Os relatos e as rugosidades nas paisagens revelam habitações de forma espalhada às proximidades do rio e brejos úmidos até o início da década de 1980. Com abertura das primeiras fazendas nos Gerais (Chapadas) houve o cercamento, instaurou os conflitos e a violência no campo se intensificou. Diante dessa situação territorial, os Geraizeiros abandonaram as margens dos rios e foram habitar os terraços nas proximidades das estradas em povoados, aglomerados rurais e localidades com mais equipamentos urbanos.

Para os Geraizeiros de melhor idade, a redefinição territorial dos seus lugares de moradia foi uma estratégia de sobrevivência em busca de maior segurança e proteção perante à instabilidade territorial ocasionada pela modernização da agricultura durante o século XX. O resultado dessa estratégia foi o aumento do contato entre as famílias de Geraizeiros e, mormente maior sociabilidade com os vizinhos, iniciando o processo de “urbanidades no rural” nas palavras (RUA, 2003, p. 54), permitindo-lhes a permanência e a resistência deles nos Cerrados baianos.

Mais recentemente, houve interferências materiais e políticas da administração pública municipal. Elas aconteceram, principalmente, nas últimas gestões que o município de São Desidério passou a ter maior arrecadação devido a sua alta produtividade, principalmente de algodão¹⁰⁸. Além dessas interferências nos territórios próximos, houve a inserções de ações ambientais com a criação da Associação da Comunidade Geraizeiras de Ponte de Mateus (COMGEPOM) e, principalmente, a construção do Centro de Referência do Cerrado no povoado de Ponte de Mateus.

Contraditoriamente, à medida que o agro-energias-negócios avilta parte dos territórios vividos, há inserção de novos elementos materiais e políticos nos lugares vividos por aqueles Geraizeiros baianos do médio vale do rio Guará, criando condições de sobrevivência nos povoados e aglomerados rurais.

De modo geral, os povoados do médio vale do rio Guará receberam as seguintes materialidades (Quadro 17).

Quadro 17: Quadro de materialidades da paisagem nos territórios próximos dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2013 a 2016.

¹⁰⁸ Produto de alto valor na balança comercial em relação a soja e o milho.

Povoados	Materialidade das políticas públicas Federais, Estaduais canalizadas pelo Município de São Desidério, BA¹⁰⁹
Pedras	Construção de 08 casas populares; Água para Todos; Eletrificação Rural
Larga	Construção de casas populares ¹¹⁰ ; Água para Todos; Eletrificação Rural Sistema de Armazenamento de água;
Currais	Reforma e ampliação da escola rural de 1 a 4 ano do Ensino Fundamental; Eletrificação Rural Água para Todos; Sistema de Armazenamento de água;
Ponte de Mateus	Construção de Escola com 6 salas de aula. Ensino Fundamental ao Médio; Construção do posto de Saúde/ Ambulância/ Médico do Programa Mais médico; Água para Todos;
Lagoa dos Buritis	Construção de 06 casas; Sistema de Armazenamento de água;
Cera	Eletrificação rural Água para Todos; Sistema de Armazenamento de água;
Contagem	Eletrificação rural Água para Todos; Sistema de Armazenamento de água;
Riacho do Fogo	Eletrificação Rural; Água para Todos. Sistema de Armazenamento de água;

Fonte: Trabalho de Campo, 2013-2016; Jornal de São Desidério, 2010. Informações da Secretária de Saúde, 2015. Organizado: Rigonato, 2016

Todas impactaram as territorialidades cotidianas nos territórios próximos. Entretanto, a instalação do modelo convencional de energia elétrica foi o que mais impactou as territorialidades dos seus territórios vividos. Junto com os benefícios do acesso à energia elétrica, instaura a necessidade da economia em dinheiro para o

¹⁰⁹ Ressalto que não foi objetivo pesquisar a influência das políticas públicas nas territorialidades dos Geraizeiros, mas que, durante essa pesquisa, mostrou-me um campo de pesquisa a ser explorado para analisar/traduzir nas territorialidades cotidianas a ausência assistida das políticas públicas em áreas consideradas territórios de exclusão nas fronteiras agrícolas, inclusive ampliar para a região do MATOBIBA;

¹¹⁰ A respeito da construção de casas de alvenaria no Povoado de Cera, recebi uma reclamação da senhora Geraizeira Maria de Fátima de Jesus Ferreira que afirmava: “Depois que recebi essa casa meu filho, nunca mais a minha perna parou de doer de reumatismo. Quando eu tinha a minha de folha de buriti eu vivia melhor”. Tal relato me fez e me faz refletir constantemente os reais impactos positivos e negativos das obras de engenharia padronizadas e geralmente construídas em vários lugares urbanos e rurais sem considerar as condições geográficas locais e regionais.

pagamento das contas de luz. Apesar da maioria das famílias receberem Bolsa Família e já ter acesso a dinheiro, há aqueles que viviam de pequenos escambos, inclusive de troca de dias e de gêneros alimentícios. Com a instalação da eletrificação rural instaura em suas territorialidades o valor monetário e necessidade mensal de pagar a conta de luz¹¹¹.

Outra interferência indireta nas territorialidades cotidianas provocada pela Secretária Municipal de Educação foi à nucleação de escolas em alguns povoados e o fechamento de outras. Com essa nucleação, instaura-se uma rede de transporte escolar rural precária para o deslocamento dos estudantes entre os povoados até Ponte de Mateus. Este fato ocasiona a concentração de estudantes e com ela o surgimento de supermercados e mercearias no referido povoado. Além disso, houve a concentração de funcionários públicos, professores, merendeiras e porteiros. A maioria com contrato temporário e oriunda de São Desidério, Barreiras e Santa Maria da Vitória, BA.

Desse modo, de 2013 até 2017, pesquisando, vivenciando pessoas e o lugar considerados nesta tese, foi possível observar a rápida transformação das características deste povoado. Houve a instalação de mercearias, supermercados, comercialização de lotes e chácaras, aumento do número de casas e de pessoas. Essas ações e materialidades oriundas de maior renda, mais recursos financeiros oriundos de programas relacionadas às políticas públicas inseridas em áreas de territorialidades cotidianas dos Geraizeiros colaboraram para as ressignificações dos seus modos de vida.

Embora os Geraizeiros tenham passado e venham passando por transformações socioculturais, como a mudança nas atividades produtivas (de agroextrativistas para trabalhadores assalariados), ainda há o elo que os une. Nos povoados e entre os povoados há relações de parentesco, de vizinhança, as (re)invenções das tradições religiosas e culturais continuam sendo sustentadas por seus habitantes moradores, garantindo, assim, a reprodução das práticas e relações sociais existentes.

Diante disso, saliento que os territórios vividos pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, conforme apresentado (figura 42), as suas territorialidades transcendem a dimensão dos povoados, abrangendo a escala do espaço vivido. Abrangendo, portanto, as suas posses de terras, as pequenas propriedades, as áreas de

¹¹¹ Aqui é importante frisar que não compartilho da ideia idílica que os sujeitos do campo não podem e não devem ter acesso as inovações tecnológicas. Pelo contrário, sou a favor que eles tenham acesso a tecnologias e produtos tecnológicos que possam lhes proporcionar melhor qualidade de vida e autonomia territorial.

franjas dos Cerrados¹¹² e os próprios povoados, mas também a projeção de suas relações socioculturais nos municípios próximos: Santa Maria da Vitória, Barreiras, Bom Jesus da Lapa e Serra do Ramalho. Nestes municípios e nas sedes municipais, os Geraizeiros realizam as vendas dos produtos excedente do artesanato, da polpa de buriti, gado, farinha, feijão e outros para as despesas de serviços bancários, do abastecimento de combustível nas motocicletas, carros e até trabalhos semanais. Também efetuam suas compras em supermercados, farmácias, açougues e sacam os benefícios da Bolsa Família, salários maternidade e aposentadorias.

Essas territorialidades se intensificam simbolicamente nos períodos festivos das folias de reis, das festas juninas, das festas urbanas cívicas e, principalmente, na festa de Bom Jesus e na Romaria das Águas e da Terra. Há também no campo simbólico religioso as festas interligadas as igrejas Adventistas, Presbiteriana e Assembleia de Deus. Geralmente, nas festas e cultos especiais, os Geraizeiros são convidados a participarem nos povoados próximos e cidades vizinhas.

Sendo assim, suas práticas espaciais que constituem as territorialidades próximas são recheadas pelas crenças religiosas do catolicismo popular, pelo evangélico no campo e pelos mitos e pelas lendas populares do nego de água, da mãe do ouro, dos perigos das cobras sucuri do mal. As crenças são levadas a sério pois, por exemplo, os Geraizeiros só adentram as unidades geocológicas dos Cerrados para retirar raízes e/ou para procurar buriti depois de uma oração e/ou uma prece como “licença à natureza”¹¹³.

Todavia, elas estão sendo ressignificadas pelos valores socioculturais da sociedade contemporânea veiculados à comunicação de massa. Também pelas representações socioculturais hegemônicas do agro-energias-negócios e pelas influências das crenças e dogmas de outras religiões, com destaque para a presbiteriana que se encontra no médio vale do rio Guará desde o início do século XX.

As territorialidades próximas dos Geraizeiros são marcadas também pela valorização diferenciada dos bens naturais. De acordo com as suas cosmovisões, os Geraizeiros expressam sua geocologia de saberes nas paisagens dos Cerrados. Com isso, eles revestem as localidades com “geosímbolos” o que já comentei anteriormente, (BONNEMAISON, 2002, p. 109). Nas palavras deste autor: “Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas,

¹¹² Essas áreas são áreas geralmente de remanescentes dos Cerrados que se estendem dos vales dos rios até os terraços com vegetação.

¹¹³ Como demonstra o vídeo: <http://g1.globo.com/pop-arte/videos/t/todos-os-videos/v/faca-um-passeio-pela-comunidade-ponte-de-mateus-na-regiao-oeste-da-bahia/4345160/>. Acesso em: 23 de mar. de 2017.

políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade.” (2002, p. 109).

Dessa maneira, os bens naturais - água, flora, fauna, solo - dos seus territórios próximos tornam se extensão valorativa de suas territorialidades cotidianas. Para eles, os rios, os regos de água, os lugares de coleta de capim dourado, de pesca, de lavar as roupas, os lugares de tomar banho de rio que compõem inúmeros lugares e itinerários nos povoados Geraizeiros no referido vale constituem os seus geosímbolos nos territórios vividos (figura 42).

Figura 42: A) O ato de fazer a barba nas águas do rio Guará; B) Lavadeiras de Roupas do povoado de Currais; C) Jovem Geraizeiros tomando banhos a tarde no rio Guará; D) Vereda com área de coleta de capim dourado nas proximidades do povoado de Ponte de Mateus.



Fonte: Projeto Saberes Ambientais, 2013-2016. Rigonato, 2013-2016.

De modo geral, para os Geraizeiros do médio vale do rio Guará a interação deles com os lugares nas diversas unidades geocológicas das paisagens dos Cerrados é “existencial que é ao mesmo tempo teórica, prática, afetiva, simbólica, e que delimita justamente o que é o mundo”, tal como afirmou Dardel (2011, p. 114).

Eles possuem saberes envolvendo o domínio da declividade os sistemas de irrigações por declividade, construções dos regos de água, perpassando pelas toponímias, temperaturas, coloração dos solos, épocas para o plantio, previsões do tempo e do clima a partir da dinâmica da floração da flora do Cerrado. Além disso, seus saberes ainda são entremeados de histórias de mãe do ouro, crenças nas orações aos pés das cruzeiras para chamar chuva e os medos das encruzilhadas das estradas e de assombrações nelas.

A noção de território próximo para estes Geraizeiros do médio vale do rio Guará envolve inter-relações entre os seus valores socioculturais e a natureza (Cerrados) e, por sua vez, estabelecem os seus vínculos territoriais. Estes vínculos, “são resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida.” (HEIDRICH, 2009, p. 276). Diante dessa assertiva do autor, e o que venho discutindo, reafirmo que os Geraizeiros constituem suas territorialidades nos territórios próximos na interface dos espaços de representação, as representações socioculturais e as práticas espaciais (LEFEBVRE, 2000), como apresentado no capítulo anterior.

Os seus territórios próximos com a instalação do telefone público com placa de energia solar, com a chegada da energia elétrica e com o maior acesso à cultura de consumo. Com isso, há mudanças dos hábitos, costumes e condutas, principalmente, pelos mais jovens e o envolvimento deles com a televisão vem atrapalhando a frequência e permanência na escola

Diante disto, foi possível observar que há mudanças nas práticas espaciais interligadas ao lazer nestes territórios vividos. Há uma troca do sentido do lazer nos lugares vividos pelos Geraizeiros. Antes, jogar bola, nadar no rio e até jogar bilhar se tornava um ponto de encontro. Atualmente, percebe-se que os jovens e parte das famílias estão mais circunscritas ao ato de assistir televisão e, principalmente, as telenovelas da rede Globo e/ou Record e os programas de finais de semana.

Neste interim, há ainda aqueles que não querem e não conseguem emprego. Outros trabalham apenas nos períodos de colheitas de grãos e em suas roças de rego. Em vista disso, ainda há Geraizeiros nestes territórios próximos que diante deste contexto cultivam o “ócio criativo” (DE MASI, 2000 p. 159) no campo: o ato de criar instrumentos para pescar, caçar, jogar futebol às sextas e aos sábados, tirar uma sesta depois do almoço e ao acordar e pensar com tranquilidade o que irá fazer no final da tarde. Essa é uma prática espacial recorrente para os Geraizeiros do médio vale do rio Guará. Há, na verdade, uma outra lógica do trabalhar para eles “*bién vivir*”.

De maneira geral, as territorialidades cotidianas são ritmadas mais pela dinâmica da natureza (Cerrados) para uma parcela significativa dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, quando não estão inseridos no mundo do trabalho diarista e/ou assalariado. Embora já tenham as interferências temporais e espaciais das ações das instituições públicas – escolas, posto de saúde, agentes de saúde –, pelas racionalidades do mundo do trabalho do território do agro-energias-negócios.

Há também, dentre eles, aqueles que já trabalharam no projeto de irrigação em Serra do Ramalho e em Bom Jesus da Lapa nas lavouras de banana no projeto irrigado. A inserção deles na lógica de trabalho assalariado e diarista interfere diretamente na projeção das relações de trabalho na definição das territorialidades cotidianas nos lugares vividos. Atualmente, parte da mão de obra masculina do médio vale do rio Guará é absorvida sazonalmente no trabalho das lavouras de eucalipto¹¹⁴, nas fazendas de gado, na produção feno nas proximidades do referido vale no município de São Desidério e Correntina. Entretanto, muitas dessas empresas não gostam de contratá-los e também os empregos oferecidos são insuficientes e/ou eles não possuem capacitação para tal.

Diante disso, os Geraizeiros em seus territórios próximos ainda desenvolvem práticas espaciais (cultivo nas lavouras de rego, fazer farinha, participar das romarias e outras) que não foram ritmadas pela sociedade agroindustrial, inclusive na maioria dos territórios vividos pelas populações tradicionais no campo brasileiro. Elas são mais organizadas pelo tempo das estações do ano nos Cerrados baianos, pelas relações de compadrio, de mutirão e outras. A título de exemplo: a resistência das relações de compadrio perpetuando, mesmo depois da mudança de religião. Entretanto, devido às necessidades impostas pela modernidade do campo há menos resistência dos Geraizeiros em relação aos trabalhos assalariados nas grandes fazendas, os horários das aulas, ao atendimento no posto de saúde local, os horários das telenovelas e dos programas religiosos na televisão (figura 43).

Figura 43: Sala típica de uma família Geraizeira que ainda reside em casas de palha de buriti.

¹¹⁴ Segundo informações do gerente da empresa terceirizada “Granflor”, entre o ano de 2014 e 2016, eles chegaram a empregar 125 homens e três mulheres do médio vale do rio Guará. Esse número é insuficiente em relação à disponibilidade de mão de obra. Além disso, os contratos são temporários e nem sempre conseguem ficar empregados mais de três meses ininterruptos.



Fonte: Mutirão de Fotografias, 2015-2016.

O relógio passa a ter uma importância reguladora do tempo da família. Entretanto, muitas de suas rotinas estão se redefinindo nas territorialidades cotidianas. Essas metamorfoses são significativas se elas forem assimiladas com autonomia pelos sujeitos e grupos em suas experiências vividas em seus territórios próximos (FIGUEROSA, 2013).

Todavia, com a inserção de sujeitos, de familiares que já não compartilham das vivências e experiências profundas com os territórios próximos dos Geraizeiros, há a emergência de pequenas querelas locais. Estas são comuns sobretudo em relação aos usos dos brejos úmidos para o desenvolvimento das lavouras de rego. Cabe salientar que a solidariedade entre eles ainda resiste, primordialmente nas situações que necessitam do trabalho coletivo tais como: nas casas de farinha para fazer farinha de mandioca, na limpa dos regos d'água, no trabalho de capinar e cultivar nas roças de rego, nas cavalgadas, nos cultos e nas festas de quadrilha na escola municipal.

Os Geraizeiros do médio vale do rio Guará, aqueles que ainda permanecem na religião católica, possuem a tradição de participar da Romaria de Bom Jesus e da Romaria das Águas e das Terras no município vizinho de Bom Jesus da Lapa. Eles também resinificaram atividades cotidianas como o hábito de deslocar-se a cavalo em datas festivas tais como: a cavalgada dos Geraizeiros (figura 44).

Figura 44: Momentos do percurso da “Cavalada dos Geraizeira: rasto dos tropeiros” Ponte de Mateus no ano de 2015.



Fonte: Mutirão de Fotografias, 2015-2016. Organização: Rigonato, 2013-2016.

Essas ressignificações simbólicas ocorrem também na festa do povo, na feira do pequeno agricultor e na festa agropecuária que ocorrem anualmente na sede do município de São Desidério, em Santa Maria da Vitória e em Correntina, BA. Nas paisagens do médio vale do rio Guará, rotinas de vida com a dinâmica dos povoados, nas lavouras de rego (veredas), com as áreas de pastagens do gado e também com a biodiversidade dos cerrados. Os Geraizeiros se referem aos saberes da frutificação das espécies nativas, da distribuição das espécies frutíferas e de poder medicinal que servem para alimentação diária e para medicina popular. Mas, há também saberes relacionados com a negociação territorial, aos conflitos agrários e querelas locais.

Essas territorialidades foram alteradas e potencializadas com a instalação do Centro de Referência do Cerrado no território próximo, especificamente, no povoado de Ponte de Mateus. A partir dessa iniciativa e do desenvolvimento do projeto Veredas Vivas foram oferecidos diversos cursos para a população local. De posse do centro, dos equipamentos e da reinvenção dos seus saberes, há ressignificação do uso da biodiversidade do Cerrado. Os frutos que eram consumidos *in natura* são processados e melhor aproveitados na dieta alimentar das famílias envolvidas. Iniciou a produção de biojoias e da medicina popular.

Tais territorialidades, no âmbito dos territórios próximos, vêm demonstrando potencialmente valores socioculturais significativos para r-existência dos Geraizeiros. Pode-se exemplificar a partir da manutenção de formas comunitárias de aproveitamento dos bens naturais mesmo diante do aviltamento de suas áreas de coleta no médio vale do rio Guará.

Ao projetar, essas territorialidades, eles (re)estabelecem seus vínculos territoriais materialmente e simbolicamente. São a partir de suas representações socioculturais e de suas práticas espaciais dos/nos lugares e paisagens vividas que os Geraizeiros baianos exprimem a autoassimilação da sua identidade nos territórios próximos. Essas identidades exercem influências na projeção das relações socioculturais de poder em seus territórios vividos. Da mesma forma, essa identidade constitui e, é constituída pelo conteúdo cultural dos Geraizeiros em sua inter-relação com os ecossistemas, com as unidades geoeologias das paisagens utilizadas por eles e, principalmente, pelas relações e territorialidades próximas nos Cerrados baianos. Mas, também ganham reconhecimento com o advento da cultura ecológica (ALMEIDA, 2009) na sociedade brasileira contemporânea.

Pode-se afirmar que as relações de poder nos territórios próximos se vinculam com identidade territorial dos Geraizeiros. Desse modo, pode-se inferir que os encontros, reuniões, debates daqueles que participam criam uma atmosfera territorial que vem motivando esses sujeitos e grupos a autoassimilação da sua identidade territorial. Afinal, “[...] a identidade é sempre uma construção histórica e relacional dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo” (CRUZ, 2007, p. 15).

Essa identidade se constitui nas territorialidades cotidianas a intensidade da sociabilidade local. As primeiras são estabelecidas pelos saberes da biodiversidade pelos Geraizeiros, dos sistemas de plantio nas lavouras de brejo (veredas), pela sociabilidade familiar e pelas relações de amizade e compadrio, ainda existentes. Mas, elas também fortalecem com as redes de relações dos familiares dos Geraizeiros com os territórios distantes. Estas ultrapassam as relações funcionais, destacadas nas abordagens territoriais, segundo Saquet (2005). Dessa maneira, pode-se dizer que são dessas manifestações e/ou práticas espaciais vividas que os Geraizeiros dominam os territórios próximos e r-existem nos Cerrados baianos.

De modo geral, as territorialidades dos territórios próximos dos Geraizeiros baianos no médio vale do rio Guará são constituídas pelas suas experiências e

existências nos lugares vividos nas franjas dos Cerrados baianos. Nesse sentido, essas territorialidades próximas dos Geraizeiros projetadas a partir da geocologia de saberes parecem desempenhar r-existência à modernidade forasteira e global (ESCOBAR, 2000).

Em síntese, ao longo do desenvolvimento desta tese foi possível conviver com as territorialidades cotidianas nos territórios próximos. A meu ver, elas são projetadas com valores, significados e materialidades ainda com resquícios de não modernidade que se pode inserir, inclusive nas perspectivas do pós-desenvolvimento (ESCOBAR, 2000) e da transmodernidade (SANTOS, 2010). Enfim, essas territorialidades cotidianas destes territórios próximos mais fluídas entre os territórios distantes são itinerários não apenas para a ressignificação dos modos de vida, mas para a consolidação da sua identidade territorial. Diante das alterações impostas pelo agro-energias-negócios, talvez ainda haja muito em aprender com a geocologia nos territórios próximos, mas também para respeitar a diversidade, cultivar a solidariedade e repensar o modo de vida, as territorialidades dos Cerrados baianos.

4.3 TERRITÓRIOS DISTANTES DOS GERAIZEIROS

Como já foram discutidos nesta tese, no Capítulo 02, os relatos dos Geraizeiros de melhor idade do médio vale do rio Guará apontam que, inicialmente, houve a migração da população masculina das áreas do semiárido brasileiro para as áreas dos Cerrados baianos. Outros vieram à procura da borracha de mangaba e dos conflitos fundiários, inclusive de Canudos.

Na situação de migrantes, os Geraizeiros já projetavam suas territorialidades nos lugares distantes. Atualmente, eles mantêm e intensificaram suas interconectividades por meio de contatos esporádicos, pelas notícias por telefone também pelas suas representações socioculturais com as quais potencializam a imaginação geográfica para com os lugares distantes.

Domingues (1947), em expedição de pesquisa, deduziu que os Geraizeiros eram nômades nas vastas áreas dos Gerais. Pierson (1972), em comissão de estudo no médio São Francisco na década de 1950, relata o encontro com várias famílias em viagem em direção à Goiânia e Brasília. Em virtude disso, pode-se afirmar que a relação dos Geraizeiros com os territórios distantes iniciou com a inserção da modernidade do território brasileiro que antecede a modernização da agricultura nos Cerrados baianos

como uma face da colonialidade do poder. A outra face, vinculada a concentração das políticas públicas na criação de fatores locacionais e simbólicos na urbanização.

A territorialidade com os territórios distantes se intensificara com o cercamento e aviltamento de parte dos territórios vividos pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará pela expansão dos territórios do agro-energias-negócios. De maneira geral, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará sempre estabeleceram suas relações, econômicas, culturais, ideológicas e políticas com inúmeros lugares distantes. Contudo, territorialidades dos Geraizeiros projetadas nestes lugares distantes eram esporádicas, efêmeras e até sazonal.

Recentemente, é possível afirmar que eles projetam suas territorialidades em vários municípios do território brasileiro. Dentre os mais destacados pelos Geraizeiros são: Brasília, entorno de Brasília, Goiânia, Anápolis e Salvador, BA. Geralmente, eles vão trabalhar nestas cidades e/ou em áreas de chácaras. Há também aqueles que deslocam apenas para visitas esporádicas e tratamentos de saúde, sempre apoiados por uma rede de amigos, parentes e/ou de pessoas conhecidas.

Já os Geraizeiros com menor qualificação profissional são mais inseridos na divisão territorial do trabalho imposta pelo agro-energias-negócios nos municípios das áreas de fronteira e *front* nas áreas dos Cerrados. Dentre os entrevistados, não houve relatos de Geraizeiros que habitam outros países. Entretanto, os jovens Geraizeiros estudantes sonham em conhecer, trabalhar e morar em Barreiras, Brasília, Goiânia e outros. Nesse sentido, Haesbaert (2014), ao analisar teoricamente mobilidade semelhante a esta pela categoria território, afirma: vivemos em múltiplos territórios.

Alves e Rolim (2015) pesquisaram a mobilidade da região de Cerrados do Centro Norte do Brasil e apontaram o quanto essa região tornou-se, ao mesmo tempo, receptora de trabalhadores como fornecedora de mão de obra, mas também um estoque de trabalhadores sem trabalho, devido ao modelo de modernização do campo que exige maior qualificação profissional. No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará essa realidade demonstrada pelos dados estatísticos pode ser comprovada pela migração de retorno das microrregiões da Bahia (tabela 03) e pelos anseios dos jovens em saírem.

Tabela 3: Bahia: migração de retorno no decênio 1990-2000 (efeitos diretos e indiretos) por microrregião que compõem a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, 1990/2000

Microrregião	Código	Efeito direto	Efeito indireto	Efeito total	Razão-efeito indireto e direto
Barreiras	29001	2.393	5.450	7.843	2,28
Cotegipe	29002	905	2.219	3.124	2,45
Santa Maria da Vitória	29003	1.659	3.887	5.546	2,34

Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 2000 (microdados)

Já os trabalhadores Geraizeiros detentores de baixa qualificação profissional são assimilados na expansão da fronteira agrícola em outras áreas dos Cerrados e áreas de transição.

Os Geraizeiros jovens, apesar de gostar dos lugares, sentem pertencentes e possuem apreço pelos lugares próximos são migrantes em potencial para os territórios distantes, como diz uma jovem Geraizeira “é certo que não ficarei aqui”¹¹⁵.

Neste contexto, os Geraizeiros baianos configuram múltiplas territorialidades: “inter-territórios e intra-territórios”, segundo Almeida (2009 p. 180). Essas múltiplas territorialidades com o advento da globalização econômica e, por sua vez, das territorialidades nos últimos anos sobre os territórios próximos desse grupo social, propiciaram territorialidades fluídas. Para Almeida (2009), essa concepção efetiva nestes territórios vividos, inclusive influenciados pelas práticas passageiras dos sujeitos que transitam pelos os lugares vividos pelos Geraizeiros baianos nas áreas dos Cerrados baianos.

Nesta lógica territorial, os Geraizeiros passaram a compor o itinerário de vivência efêmera nos lugares próximos e também nos lugares distantes na busca de trabalho, tratamento de saúde e lazer.

Em virtude desta concepção de território, há os Geraizeiros que vivem em múltiplas territorialidades, inclusive aqueles que possuem dupla moradia e/ou são migrantes de retorno e passaram a residir no médio vale do rio Guará. Esses, geralmente

¹¹⁵ Essa fala é representativa dos anseios dos jovens Geraizeiros que cursam o Ensino Médio na Escola Municipal no povoado de Ponte de Mateus. Contudo, a realidade aponta eles, primeiramente, sendo inseridos nos subempregos das fazendas de eucalipto que irá abastecer a Termoelétrica e, posteriormente, aventurando-se nos trabalhos sazonais com familiares e amigos em outras fronteiras agrícolas.

são sujeitos aposentados e/ou com a vida economicamente mais (in) estável e ecologicamente mais justa.

Estes Geraizeiros, vivem em dupla territorialidade com práticas efêmeras nos dois lugares próximos e distantes. Esses literalmente vivem duplas territorialidades. Geralmente, eles possuem residência no médio vale do rio Guará e outra residência em Brasília, Posse GO, Santana, BA e outros lugares, conforme as falas a seguir:

Eu fico lá e aqui. Em Brasília eu vou sempre. Tenho a minha família lá e os meus negócios. Aqui eu fiz essa casa de palha de buriti até eu conseguir fazer a outra. Eu gosto muito daqui. Dona Neta, 2014.

Aqui agora há oportunidade de emprego. Mas, ninguém imaginava que iria ficar assim. Se fosse assim no passado não teria saído daqui. A gente que sai (lagrimas nos olhos) enfrentou muita coisa. Aquilo que aparece tem que fazer para sobreviver. Agora estou lá e cá. Aqui no futuro pode ser que via virar uma cidade. Mas, não é lugar de investimento para lucro. (Sr. Manuel F. Souza, 2016)

Os Geraizeiros que se aventuraram na lógica dos territórios distantes do passado tiveram de enfrentar os “aglomerados de exclusão” distantes da (in)segurança dos lugares próximos. Já o retorno é motivado pela permanência de seus familiares, pelo advento das novas tecnologias, pela oferta de trabalhos assalariados e, principalmente, pelo recebimento de posses como heranças de terras¹¹⁶ e pelo sentimento de pertencimento.

No médio vale do rio Guará, há famílias Geraizeiras que passaram a manter as relações com os territórios distantes e próximos por meio da dupla moradia. Ampliando, desse modo, a conectividade entre os territórios próximos e distantes nas áreas dos Cerrados baianos. A dupla moradia é uma das manifestações espaciais cuja conectividade territorial permite a r-existência e a (re)habitação dos Geraizeiros nas áreas dos Cerrados diante da modernização da agricultura nas últimas décadas.

Porém, Haesbaert (2007, 66) adverte:

A precarização (para alguns “exclusão”) social que lança de forma crescente milhões de pessoas na miséria faz com que eles revalorizem seus vínculos básicos com o “território” mesmo no seu sentido mais elementar – como terra, terreno, base primeira da reprodução social,

¹¹⁶ Durante a realização da pesquisa houve relatos de Geraizeiros que tinham migrado com todos os familiares para Brasília. Venderam o seu direito de posse para os fazendeiros na década de 1980. Agora, voltaram e estão reivindicando o direito de suas terras, ou melhor, aos seus territórios vividos junto ao Estado da Bahia.

como abrigo e fonte de sobrevivência. Mas, do mesmo modo como o ser humano, mesmo na condição econômica mais precária, não se reduz a um indivíduo biológico, podendo se tornar alvo dos identitarismos mais radicais, o território também envolve sempre, em diferentes níveis, uma dimensão simbólica-identitária. (HAESBAERT, 2007 p. 66)

Os Geraizeiros com esses seus itinerários possuem saberes detalhados de vários lugares e muitas histórias de vida. Eles também mantêm mobilidade entre os lugares de um mesmo município. Entretanto, a maioria de suas experiências nos territórios distantes se torna efêmera, por causa da precarização das relações de trabalho, das condições de moradias, principalmente precárias, sendo fator que intensifica ainda mais a inter-territorial e intra-territorial (ALMEIDA, 2009). De forma geral, o que lhes fazem a retornar dos territórios próximos são as precariedades, os vínculos familiares, de amizade e trabalhistas aliados as dificuldades de conseguirem emprego e renda nas lavouras do agro-energias-negócios do médio vale do rio Guará.

Para os Geraizeiros esses territórios distantes compõem as condições para sua autoafirmação nos territórios próximos em face ao cercamento e aviltamento dos territórios vividos provocados pela expansão dos territórios do agro-energias-negócios nos Cerrados baianos. Ao saírem, eles conseguem mesmo de forma subalternizada trabalho, renda para as despesas diárias e até para reformas e construções de suas casas. Em virtude disso, muitos deles vivem em constante mobilidade sazonal e projetam suas territorialidades em redes conforme a dinâmica do ciclo do trabalho nas lavouras, na construção civil, no trabalho doméstico e em outras atividades. Assim, os territórios distantes são também funcionais, simbólicos e imaginados pelos Geraizeiros, neste início do século XXI.

Tais territorialidades, por um lado, são consolidadas pela interconectividade de suas espacialidades nos lugares de vivência e, por outro lado, pela abertura para espaços mais distantes. Assim, os territórios próximos e distantes são relacionais. Para os Geraizeiros é relacional no sentido de incluir ações no espaço material, mas também é movimento, fluidez para os Geraizeiros que migram e/ou saem para trabalhar nos territórios distantes (ALMEIDA, 2009).

Dessa forma, a fluidez territorial torna-se um fenômeno social que impulsiona os Geraizeiros a se deslocarem de seus territórios próximos para os distantes são motivados pelas representações socioculturais do presente e do futuro. Ao se retirarem se deparam devido as suas condições de qualificação profissional com a precarização e os aglomerados de exclusão apontada pelo Haesbaert (1995, 2007).

Villalobos (2012 p. 55) discutiu a condição das populações rurais que são forçadas a conviver com os territórios mais vastos. Aqui, nesta tese, compreendidos territórios distantes, pois são fastos, fluidos e efêmeros para os Geraizeiros. Esses territórios são compostos pelas espacialidades de diversos grupos de trabalhadores em mobilidade pelo território brasileiro os quais os Geraizeiros projetam também suas territorialidades.

Como bem aponta Claval (2012 p. 33) “[...] os grupos só existem pelos territórios com os quais se identificam”. No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, eles projetam suas relações socioculturais e, portanto, espaciais nestes lugares distantes. Eles são levados a isso por causa da presença de familiares, amigos, mas, também pela condição de inserção nos subempregos que podem lhe apoiar em suas necessidades do mundo da vida. Por isso, buscam se inserirem mesmo de forma subalternizada ao mercado de trabalho. Como a maioria é renegada pelas empresas do agro-energias-negócios, os Geraizeiros são empurrados para o *front* da fronteira agrícola nacional.

Diante desta constatação, se percebe que os territórios distantes dos Geraizeiros envolvem manifestações espaciais que ultrapassam os lugares vividos pelos Geraizeiros nos Cerrados baianos. Os territórios envolvem os anseios, as vontades, as utopias, sobretudo dos grupos mais de jovens e dos sujeitos em idade e condições para exercer dos Geraizeiros. Para Shiva (2003 p.11), essas territorialidades do agro-energias-negócios provocam a “monocultura das mentes” minimizando a percepção da diversidade a qual se revelam para alguns como falta de alternativa nos territórios próximos. Tais situações, são comprovadas pelas representações socioculturais (capítulo 3) as quais demonstram a força da modernidade em apagar os signos que podem reconectar os sonhos, o imaginário e as imaginações geográficas com as práticas espaciais vividas.

No caso específico do médio vale do rio Guará, alia-se a isto a contínua mobilidade de novos sujeitos, de tecnológicas e da supervalorização das terras, impulsionando pela abertura do Novo Código Florestal, pela Construção da Ferrovia Leste-Oeste, a rápida retirada da vegetação nativa de Cerrado. Além disso, houve a eliminação da biodiversidade dos Cerrados para ampliação das áreas de pastagem e para agricultura, com destaque para as áreas de eucalipto para abastecer as Termoelétricas que entrará em funcionamento neste ano de 2017.

Dessa maneira, o médio vale do rio Guará, a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, mormente os Geraizeiros incluem-se na maior investida de capitais nacional, internacional por meio do agro-energias-negócios. Diante disso, os territórios vividos dos Geraizeiros entre os lugares próximos e distantes enfrentam a inserção de territorialidades fluídas. Com isso, talvez eles consigam, com as suas territorialidades próximas e distantes, continuarem resistindo às territorialidades do agro-energias-negócios, com mais autonomia territorial. Inclusive, com a titulação e/ou criação de unidades de conservação.



AS R-EXISTÊNCIAS E A (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ

*No campo eu vivo No
campo vou morar Daqui
ninguém me tira Porque
aqui é o meu lugar*

Neuran Souza dos Santos

5. AS R-EXISTÊNCIAS E A (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ

A ideia de r-existência emerge da “observação participante” ao longo do desenvolvimento desta tese. Conforme já foi discutido, os Geraizeiros são populações que ocupam, permanecem e reexistem nas áreas dos Cerrados desde o século XIX. Depois do advento da modernização da agricultura os seus modos de vida se ressignificaram, suas territorialidades expandiram pelos territórios próximos e distantes. Além disso, eles com os seus modos de vida resistiram às perversidades da modernização da agricultura e, principalmente, da sua nova face híbrida: agro-energias-negócios. Desse modo, os Geraizeiros reexistem e (re)habitam as paisagens, os lugares e projetam suas relações socioculturais nos territórios vividos dos Cerrados baianos.

Diante deste contexto, os Geraizeiros são testemunhas da destruição dos Cerrados baianos, de forma subalterna à força do capital nacional e internacional. Nesta realidade vivida há erosão das espécies nativas e dos seus saberes que compõem a geoeologia de saberes, dificultando a r-existência e, por sua vez, resistência dos Geraizeiros neste início do século XXI.

A r-existência na leitura sartreana-existencialista, é estar submetido às situações espaço-temporais. A r-existência e a (re) habitação dos Geraizeiros são suas reafirmações dos territórios vividos como espacialidades vividas e percebidas e, também de autoassimilação e autoidentificação de sua(s) identidade(s) de Geraizeiro(s).

Diante desse esclarecimento, nas duas subseções a seguir (5.2 e 5.3) irei tratar, de forma específica, das lavouras de rego, do agroextrativismo, do artesanato e das práticas espaciais de r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Enfim, a estratégia de r-existência dos Geraizeiros é assumir de acordo com a sua trajetória espacial múltiplas identidades. E, também, ressignificar o seu modo de vida com práticas “rurbanas”. Mas, também da resistência de valores, de práticas inter-relacionadas com a natureza (Cerrados).

Contudo, a r-existência e a (re) habitação dos Geraizeiros é o resultado de práticas espaciais que tiveram (têm) resistência subalternizada e que permitiram a habitação desses sujeitos locais face às das perversidades do agro-energias-negócios para com os Cerrados baianos.

5.1 R-EXISTÊNCIA E (RE)HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS DIANTE DO AGRO-ENERGIAS-NEGÓCIOS

A r-existência e (re)habitação dos(as) Geraizeiros(as) terão melhor compreensão a partir da tradução das geografias pós-coloniais, conforme concebem Porto-Gonçalves (2006), Azevedo (2007) e Almeida (2009). Uma geografia de/em transição que busca no “terceiro-espço” (AZEVEDO, 2007 p. 59) os feixes de abertura, de ressignificação e de r-existência nos Cerrados baianos.

Porto-Gonçalves (2006) assevera que:

Aqui, mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior e, assim sempre uma ação reflexa, temos r-existência, é dizer, uma forma de existir, uma determinação matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de um *topoi*, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, age entre duas lógicas. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 165)

O autor propõe uma nova leitura de resistência, considerando os saberes, às vivências das populações que estruturaram suas territorialidades entre lógicas impostas pelas territorialidades de “(des)ordem moderno-colonial” (SANTOS, 2010) e as territorialidades mais autóctones, as quais as essências de seus modos de vida constituem-se ressignificações do existir.

Mendonça (2004) e Barcellos (2008) já empregaram e/ou pegaram emprestado o conceito r-existência, porém o mesmo ainda foi pouco contextualizado em relação às territorialidades dos Geraizeiros baianos diante do agro-energias-negócios.

No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, a r-existência é uma nova manifestação territorial de resistência que eles estabelecem desde o início das suas habitações nos Cerrados baianos. A r-existência é constituída de territorialidades insurgentes que emergem da modernidade/colonialidade e são práticas espaciais que tornam no modo de vida dos Geraizeiros outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e habitar (WALSH, 2009).

A r-existência constitui a essência das raízes socioculturais dos Geraizeiros os quais os projetam nos lugares em suas territorialidades próximas e distantes diante da expansão agro-energias-negócios. Nessas raízes, perpassam fluidos de saberes, de

práticas espaciais que se resinificam constantemente, mas que também os garante o bem viver nas paisagens dos Cerrados.

A r-existência dos Geraizeiros repousa sobre o pensamento de lógica de convivência dos grupos e sujeitos com os Cerrados, com base em abordagens que buscam uma reconstrução radical da base cultural interligada ao desenvolvimento econômico vigente. Desse modo, o bem viver remete à teoria e/ou proposta de descolonização de Anibal Quijano (2003) e Boaventura Santos (2010) os quais demonstram a importância dos saberes dos povos latino-americanos na r-existência. Ao mesmo tempo em que bem viver demonstra muita proximidade com as teorias do pós-desenvolvimento (ESCOBAR, 2005).

O bem viver encontra-se ancorado sobre um pensamento lógico de convivência dos grupos socioculturais com a natureza. No caso dos Geraizeiros, eles são detentores de direitos de unidade na diversidade, isto é, representa (...) “a complementariedades das particularidades sociais, em uma nova ordem de estruturas próprias cujo caminho futuro é a convivência do passado com transição do presente” o que reflete Yampara (1995, p. 78)

A r-existência consiste também na reapropriação social dos Cerrados. Essa reapropriação se dá pela permanência e pela reinvenção de suas práticas espaciais nas paisagens e lugares vividos pelos Geraizeiros. Dentre elas, destacam as interligadas ao extrativismo ao artesanato, na combinação de cultivos consorciados de suas pequenas roças de rego na perspectiva de aumentarem a produtividade e a fertilidade das suas terras. Estas últimas, depois do “cercamento¹¹⁷” dos seus territórios vividos pelo agro-energias-negócios ficaram circunscritas aos fundos dos vales ou veredas úmidas.

Diante dos últimos cinco anos convivendo direta e indiretamente com o Geraizeiros dos Cerrados baianos constato que a partir das práticas espaciais de plantar, de colher, de caçar, de pescar, de festejar e (não) reagir às perversidades do agro-energias-negócios, o cultivar e o ócio criativo do campo são manifestações territoriais de r-existência.

Neste interim, a (re) habitação é muito mais que localizar em um lugar, resguardar da sociedade moderno-colonial e/ou conviver com a pressão territorial. A (re) habitação é ressignificar o seu habitat com permanência territorial mesmo diante do agro-energias-negócios.

¹¹⁷ Termo utilizado pelos próprios Geraizeiros para exemplificar a perda de suas terras e territórios nas áreas de planalto e chapadões que compõem as paisagens da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Com base em que Claval (2010, p.41) diz sobre habitar: “É também encontrar pessoas, levar a vida social.” A (re) habitação dos Geraizeiros se constitui nas suas territorialidades em rede nos territórios próximos e distantes. Muitos estabelecem dupla moradia mesmo que seja efêmera, conforme a temporada de trabalho. Outros, com moradias mais permanentes por causa do tempo em que residiram em Goiânia ou em cidades satélites de Brasília-DF.

Para Brandão (2009, p. 17) inspirado no geógrafo Yi-Fu Tuan (1976) habitar os lugares é uma forma e nós criamos interiormente em nós mesmos.

Brandão ainda afirma:

É uma “cartografia da pessoa” haveria de entrever que cada um de nós habita e é habitado por espaços e lugares, terras e territórios, regiões e paisagens interiores. E também, ao construí-las criamos entre nós, interativa e socialmente, nossos sistemas de ações e de coisas, de signos, símbolos e palavras que conduzem em nossas diversas culturas os nossos saberes, nossos significados, nossas sensibilidades e nossas sociabilidades, (BRANDÃO, 2009 p. 17).

Vê-se que (re) habitar é construir o espaço habitado de significados, de formas, de funções, de signos e significados. Assim, transformá-lo em espaço de representação repleto de suas representações socioculturais os quais (re) criam os modelos mentais usados para perceber o mundo, o espaço, os lugares e os territórios. Para isso, o espaço de representação compartilha os signos e os significados socialmente com o grupo e sujeitos Geraizeiros. Dessa forma, a (re) habitação dos Geraizeiros é muito mais do que o processo de reconstrução de suas moradias, fixação em distritos, aglomerados e localidades rurais. (Re) habitar é reconstituir o seu modo de vida em seus lugares vividos próximos e distantes.

Os Geraizeiros ficaram antes da década de 1970, nos vales e gerais e nos Chapadões. Posteriormente, as (re) habitações estiveram circunscritos aos vales, terraços e veredas. Neste início do século XXI, eles estão restritos apenas nos vales e veredas. Parte da extensão territorial de seus territórios vividos foi transformada em Áreas de Preservação Ambiental, das grandes fazendas, como já discutido anteriormente nesta tese. É também pela adaptabilidade de vivências em territórios próximos e de territórios distantes os quais estabelecem rede de relações familiares, comerciais e, inclusive apoio político e financeiro. Mesmo assim, os Geraizeiros por meio de suas territorialidades seletivas nas paisagens dos Cerrados, ainda desenvolvem o seu modo de vida ecologicamente mais adaptado às unidades geológicas dos Cerrados baianos.

Diante do que já foi exposto, torna-se necessário o exercício de síntese para demonstrar graficamente as r-existências e a (re)habitação dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará:

As principais diretrizes de r-existência dos Geraizeiros no plano subjetivo e intersubjetivo são:

- a) pluralidade de práticas espaciais que ainda compõem o seu modo de vida em constante ressignificação;
- b) geocologia de saberes que lhes permitem a socialização com a natureza, isto é, os Cerrados;
- c) resistência, solidariedade e sociabilidade existente entre as famílias em suas práticas espaciais cotidianas e diante do aviltamento dos seus territórios pelo agro-energias-negócios;
- d) subalternidade passiva, ou melhor, negociação territorial subalternizada que lhes permite a permanência em suas posses, mesmo diante de tantas pressões fundiárias;
- e) força das tradições do catolicismo popular que via romarias ainda consegue reunir e mobilizar pessoas geograficamente bem distribuídas na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia;

O conhecimento adquirido no convívio durante a realização da tese me leva a afirmar que essas diretrizes se concretizam nas territorialidades de r-existência e de (re) habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará são (figura 46)

Figura 45: Principais elementos de r-existência e reurbanização dos Geraizeiros no baixo vale do rio Guará, 2016.



Fonte: Trabalho de campo no vale do rio Guará. Rigonato, 2013-2016

A r-existência e a (re) habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará se apresentam pela pluriatividade de aes, de territorialidades e práticas espaciais que os Geraizeiros mesmo ressignificando-as, vêm incorporando outras. Brandenburg (2017) ao analisar a ecologizao e ruralidade da agricultura familiar corrobora para traduzir a r-existência dos Geraizeiros.

Para ele

Uma das principais práticas relacionadas  diminuio da vulnerabilidade socioeconmica  a pluralidade. A diversificao da atividade ocorre tanto no âmbito interno e externo da unidade produtiva, podendo-se identificar um conjunto de atividades de natureza agrícola e não agrícola. (BRANDENBURG, 2017, P. 157).

Essa pluriatividade e dinamicidade dos Geraizeiros estão interligadas as suas territorialidades vividas nos Cerrados baianos. Embora, elas não tenham se exaurido das práticas espaciais cotidianas dos Geraizeiros. Diante disso, há famílias Geraizeiras em todos os povoados com vulnerabilidade econômica, social, ambiental e política no médio vale do rio Guará. Entretanto, como há solidariedade e os programas assistencialistas do governo local, essas famílias r-existem tmbm, porém mais dependentes.

No caso do médio vale do rio Guará, os povoados de Pedras, Cera, Lagoa dos Buritis e Contagem possuem mais famílias vulneráveis economicamente, sendo que a totalidade das famílias com filhos na idade escolar recebia Bolsa Família em 2014, 2015 e 2016.

A r-existência dos Geraizeiros está tmbm interligada com as suas cosmovisões para com os lugares e os seus territórios vividos. Essas suas cosmovisões incorporaram ao longo dos anos elementos do catolicismo popular e das crenças populares. Desse modo, para os Geraizeiros as romarias da Terra e das águas, as Festas de Folias¹¹⁸ em Bom Jesus da Lapa e a Festa de Bom Jesus da Lapa são mais que momentos festivos. Elas são tmbm encontros de mobilizao cultura e, conseqüentemente, de política.

Para os Geraizeiros do médio vale do rio Guará e de toda mesorregião do Extremo Oeste da Bahia as romarias são manifestaes socioculturais de r-existência e de religiosidade. Esta valorizao permanece, mesmo diante do avanço das religiões evangélicas nos Cerrados Baianos. Nestas festas, eles debatem, eles socializam, eles

¹¹⁸ Essas já não existem nos povoados do médio vale do rio Guará. Eles, geralmente, participam das folias de reis de Correntina, BA.

reivindicam os seus direitos e tecem suas estratégias de r-existências diante do avanço do agro-energias-negócios.

Recentemente, com o aumento das territorialidades do agro-energias-negócios sobre os territórios vividos interligados com destruição e/ou redução dos bens naturais dos Cerrados baianos em toda mesorregião do Extremo Oeste da Bahia a pressão territorial ampliou. Em contrapartida com o maior acesso a comunicação, informações e meios de circulações ampliou o fluxo dos Geraizeiros nos territórios próximos e distantes e, mormente, ampliou as possibilidades de r-existência.

O exemplo dessa mobilização política que propicia conscientização individual e coletiva ocorre durante as comemorações das Semanas dos Cerrados. Nestas Semanas, os organizadores aproveitam a força da tradição cultural das romarias e as transformam em estratégias para reunir, discutir os romeiros Geraizeiros, lideranças políticas, acadêmicos, ambientalistas e outros em prol da conservação/preservação dos bens naturais dos Cerrados (figura 46)

Figura 46: Cartazes das Três Semanas dos Cerrados da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, 2016.



Fonte Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-do-cerrado/3448-3-semana-e-romaria-do-cerrado-acontecem-no-oeste-baiano>. Acesso em: 28 de fev. de 2017.

A participação dos Geraizeiros nessas Semanas e das manifestações ambientais passou a compor as suas novas territorialidades voltadas para a r-existência. Como já apontei no capítulo 02, essa mobilização nasce no seio da desordem e da crise ambiental ocasionadas pela rápida alteração das paisagens naturais dos Cerrados e pelas perversidades humanas provocadas pelo agro-energias-negócios.

Durante estes 04 anos junto aos territórios Geraizeiros, foi possível acompanhá-los e observar que há emergência de lideranças Geraizeiras nos Cerrados baianos, principalmente no médio vale do rio Guará. Ressalto que as mulheres vêm se apresentando como protagonistas mais participativas e aguerridas em relação às causas ambientais (figura 47)

Figura 47: Presidente da Associação da Comunidade Geraizeira de Ponte de Mateus (COMGEPOM) em passeata ostentando os produtos do artesanato de capim dourado na 2ª Romaria do Cerrado em Correntina, BA, 2016.



Fonte: Disponível em: <http://www.correntina.ba.gov.br/portal/dia-nacional-do-cerrado-reune-centenas-de-pessoas-na-2a-romaria-em-correntina-ba/#comment-1188>. Acesso em: 23 de ago. de 2016.

Como se nota na imagem anterior, a presidente da Associação Extrativista de Ponte de Mateus se destaca não só pela satisfação em demonstrar a produção de artesanato do Centro de Referência do Cerrado no povoado de Ponte de Mateus. Também ela representa um exemplo de valorização do papel do gênero feminino, inclusive que é muito expressivo nas famílias Geraizeiras do médio Vale do Guará. Em virtude disso, há a incorporação dessa agenda de luta em defesa dos Cerrados e, mormente pela luta à sua cultura.

De forma geral, na medida em que a desordem ambiental se acentua e o aumento da conectividade dos Geraizeiros acontece com os novos meios de comunicação e transporte, há maior inserção deles, sobretudo aqueles do médio vale do Guará em eventos locais, regionais e nacionais: Pequi de Ouro em Barreiras, Semana do Cerrado em São Desidério, Romaria da Terra e das Águas em Bom Jesus da Lapa, Encontro dos Povos do Cerrado em Brasília e, principalmente, nas Romarias do Cerrado em Correntina, Cocos e Canápolis, BA.

Ressalto que a participação não é numerosa, porém significativa. Todavia, aqueles que participam voltam e popularizam as informações, as reivindicações, as datas das próximas reuniões. Com isso, emerge a mobilização e os Geraizeiros ficam atentos para com os movimentos e articulações políticas em defesa dos Cerrados. Também depois do acesso aos sinais de telefone fixo, celulares e depois o *WhatsApp* sempre quando conseguem o sinal, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará ficam informados. Entretanto, o apoio e a motivação com divulgação, incentivo com passagens, convites especiais para a participação das lideranças locais são, geralmente, promovidos pela Pastoral da Terra de Santa Maria da Vitória, BA, pela Agência 10envolvimento em Barreiras e pelas lideranças sindicais do município de São Desidério, BA. Na maioria das vezes é financiamento próprio dos Geraizeiros.

O ponto máximo dessa participação dos Geraizeiros foi a ida de 04 pessoas para o “Encontro regional dos Povos e Comunidades do Cerrado¹¹⁹”. Ele contou com a participação de outras 36 pessoas da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia (figura 48)

¹¹⁹ O encontro aconteceu entre 23 a 25 de novembro de 2015 na cidade de Araguaína, TO.

Figura 48: Cartaz do Encontro Regional dos Povos e Comunidades do Cerrado, 2016.



Fonte: <https://www.ecodebate.com.br>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

Para Germani (2001) no caso específico do estado baiano são os movimentos sociais que obrigam o estado a enfrentar mesmo de forma tímida as questões agrárias e ambientais. Além disso, nos últimos anos eles também que rebocam e forçam as mudanças de posturas políticas em enfrentamento aos conflitos agrários e socioambientais.

Durante de minha busca da compreensão das territorialidades dos Geraizeiros, mesmo que indiretamente, observei a participação dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará nesses eventos. De modo geral, pode-se afirmar que há ainda uma tímida participação dos jovens. Contudo, aqueles que participam possuem outra postura política.

Com aponta Svampa (2010) há possibilidade de conquistar uma r-existência com novas formas de militância, de participação, de representação e de outra autonomia neste mundo de transição e de desordem socioambiental. Diante dessa gênese participativa dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, há possibilidades de formação e socialização das informações e interconhecimento entre os saberes, conhecimentos científicos e a geociologias de seus saberes correlacionadas aos Cerrados baianos.

Embora nas últimas cinco décadas tenha prevalecido a modernização da agricultura ela não conseguiu desterritorializar totalmente as famílias Geraizeiras, porém os colocaram cercadas fisicamente e subjetivamente em relação ao desenvolvimento econômico do *front* do agro-energias-negócios. Já as leis estaduais e federais – Novo Código Florestal, o decreto N° 8.447 de 6 de maio de 2015 que instituiu o MATOPIBA, ignorando população existente nas franjas dos Cerrados.

Constata-se que os empresários e grupos de empresários rurais, amparados pela nova legislação e tentando cumpri-la muitos passaram a adquirir terras nos fundos de vales e na transição cerrado/caatinga. A razão é, principalmente, devido aos menores valores financeiros destas terras, para alocação de suas APPs – Área de Proteção Permanente. Nesta segunda década do século XXI, revigorou a grilagem de terras, aqui denominada popularmente na região como “grilagem verde”, já caracterizada anteriormente nesta tese.

Diante do exposto, os Geraizeiros mesmo com os seus territórios de vida reduzidos e “cercados” combinam o seu uso da biodiversidade dos Cerrados com aposentadorias, bolsas famílias, renda de trabalho diarista, aposentadorias, renda da venda de artesanatos, de garrafadas e os assalariados nas fazendas do agronegócio-negócios-energia para sobreviverem e, também para reformar e reconstituir suas casas, quintais e até roças de rego.

Neste ínterim, os Geraizeiros reinventam o seu modo de vida a partir dos seus saberes (geoecologia de saberes) e práticas socioambientais diante das territorialidades do capital nacional e internacional. Ao mesmo tempo em que eles passam a participar de eventos, buscam a autoassimilação e autoidentificação de sua identidade de Geraizeiros, neste referido médio vale.

Mazetto (2009, p. 223) estudou o movimento dos povos dos Cerrados e já apontava que:

Os povos do Cerrado, menos estridentes talvez, mas tão fortes quanto os amazônidas, seguem elaborando a sua resistência no território. No seu saber podem residir preciosos ingredientes para reorientar a forma de ocupação e apropriação dos diversos ecossistemas presentes nesse bioma, tendo como perspectiva uma concepção de sustentabilidade que seja ecologicamente consequente, culturalmente diversa e socialmente incluyente e democrática.

Diante disso, afirmo esse conteúdo presente na geoecologia de saberes dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, juntamente com a emergência de manifestações

políticas/ambientais vêm fortalecendo a autoassimilação e a autoidentificação dos Geraizeiros baianos. Neste a participação, fortalece a (re)elaboração da sua identidade e também de suas práticas espaciais juntamente com a ressignificação dos seus modos de vida na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Por último, é importante frisar que a r-existência e a (re) habitação possuem conteúdo sociocultural e político amparado na geocologia de saberes que é fortemente influenciada pelas suas cosmovisões como sujeitos e grupos mais inter-relacionados com suas espacialidades vividas, sobretudo no campo (BÓRQUEZ & RODRÍGUEZ, 2015). Tais aspectos os garantem visões de mundo diferenciadas mesmo diante das pressões do agro-energias-negócios

Afinal, diante das novas territorialidades do capital nacional e internacional não basta apenas resistência, é preciso ultrapassá-la com a ressignificação de suas práticas espaciais, intensificar os itinerários, as redes entre os territórios próximos e distantes para buscar novas (outras) formas de existência, sem perder a essência do viver nas áreas dos Cerrados baianos. Desse modo, talvez nas próximas décadas os Geraizeiros empreendam a r-existência em defesa dos direitos territoriais e, conseqüentemente, da sua cultura, dos bens naturais nos Cerrados baianos.

5.2 A LAVOURA DE REGO, O EXTRATIVISMO E O ARTESANATO: elementos de r-existência dos(as) geraizeiros(as)

A organização do trabalho dá-se na lavoura de rego, no extrativismo de frutos, folhas, raízes, entrecasca e casca das plantas dos Cerrados. Os Geraizeiros possuem uma geocologia de saberes que trata da fertilidade, umidade e microrganismos dos solos, da biodiversidade, das potencialidades alimentares, medicinais e artesanais das espécies nativas que compõem as unidades geológicas das paisagens dos Cerrados.

Almeida (2003 e 2008) pondera que os saberes denotados pelos povos dos Cerrados permitem afirmar que há uma relativa dissociabilidade do mundo biofísico, humano e espiritual. Há também relações sociais aproximativas e formas de uso, saberes da natureza mediados pela dimensão cultural. A mesma autora (2009), como já pontuei nesta tese, contribui ao caracterizar essa dimensão de cultura ecológica.

Todavia, a nova lógica de apropriação dos Cerrados baianos pelo agro-energias-negócios traz imbuído nela o discurso de sustentabilidade amparado pelas leis ambientais tecnocratas e imbecilizantes. Estas mais ocasionam desordem ambiental

(HAESBAERT & PORTO-GONÇALVES, 2006) do que possibilidades de cultivo da cultura ecológica, (ALMEIDA, 2009). Com isso, torna-se desafio a r-existência da cultura ecológica e, conseqüentemente dos Geraizeiros baianos.

Por um lado, a sociedade contemporânea promove a erosão da biodiversidade das áreas de chapadas “gerais” e por outro lado, utiliza-se da legislação ambiental vigente para converter as áreas úmidas dos vales dos rios e veredas em Áreas de Proteção Permanentes (APPs) dos projetos de produção de *commodities* agrícolas e de produção de energias, chamadas limpas e/ou ecologicamente aceitas pela sociedade contemporânea. Neste contexto, pode se afirmar que maior ameaça a r-existência dos Geraizeiros é a erosão dos saberes, dos signos e dos significados que compõem a cultura ecológica.

Já foi amplamente discutido nesta tese, sobre o revigoração da grilagem das áreas de “Cerrados em pé” e, principalmente, dos vales e das veredas úmidas onde localizam os habitats destas populações. Também, reforço a constatação que é junto com a percepção da redução dos bens naturais a maior ameaça à r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros.

No entanto, ao invés de diminuir o número de habitantes nos povoados no médio vale do rio Guará, há seu o acréscimo e, por sua vez, de número de moradias¹²⁰. Ao mesmo tempo em que há uma retroalimentação e troca de saberes constantes, existe também a organização do trabalho familiar. Para os Geraizeiros, o trabalho é familiar. E as crianças e adolescentes já crescem auxiliando os pais em suas atividades práticas, interligadas com a sobrevivência nas unidades geoecológicas dos Cerrados baianos

Nesse caso, é possível afirmar que:

[...] as informações que compõem as culturas transitam sem cessar de indivíduo para indivíduo. Elas passam de uma geração para outra, de modo que a sociedade permanece ainda que seus velhos desapareçam e sejam substituídos pelos jovens. As informações circulam entre vizinhos, entre amigos, entre parceiros de trabalho ou de negócios. Cada um recebe, ao longo dessas trocas, *know-how*, conhecimentos e descobre atitudes e crenças que lhes eram estranhas; retém-se e interioriza-se uma parcela mais ou menos larga. O conteúdo das mensagens trocadas não pode geralmente se compreendido fora do contexto onde se encontram os parceiros (CLAVAL, 2006, p.95).

¹²⁰ A título de exemplo: Ponte de Mateus, nestes últimos quatro anos, passou de 42 para 68 residências e famílias.

Neste aspecto específico, há as maiores possibilidades de r-existência e (re)habitação dos Cerrados baianos e, especialmente, no médio vale do rio Guará. Como bem aponta Claval, há troca frenética de saberes entre o núcleo familiar e as demais famílias. Estas trocas garantem e projetam no presente e para o futuro a resistência dos saberes que compõem a geocologia de saberes como um elemento de resistência dessas práticas em seus territórios próximos.

Lavoura (roça) de Rego¹²¹

Há relatos dos Geraizeiros que essa prática de lavoura iniciou no referido médio vale do rio Guará no século XIX com migrantes da região semiárida por causa das sucessivas secas. Esse processo apontei no Capítulo 02 desta tese. Mas, suas origens partem do seu conteúdo da forma de cultivar retomam saberes indígena, como discutiram Ribeiro (2000) e Barbosa (2008).

As roças de rego cultivadas nos solos hidromórficos dos vales e das veredas dos Cerrados baianos são a principal atividade agrícola dos Geraizeiros baianos. Apesar de ser ainda pouco estudadas, estas roças se tornaram ilegais pela legislação ambiental. E, regionalmente a roça é usada como álibi para os representantes do agro-energias-negócios acusarem os Geraizeiros de destruidores dos Cerrados, principalmente, das matas ciliares e veredas. Ou seja, paradoxalmente, esta prática agrícola eles a denunciaram justificando contrariarem as leis ambientais.

Dayrell (1998) no norte de Minas, caracteriza essa prática agrícola dos Geraizeiros:

agricultura desenvolvida por essas populações consiste no plantio de lavouras diversificadas de mandioca, feijões, milho, cana, abóboras, batata-doce, associado com a criação na solta de gado bovino, aves e suínos. Os cultivos guardam uma rica diversidade de espécies e variedades e os cerrados (com seus tabuleiros, espigões e chapadas) fazem parte da estratégia produtiva fornecendo, de forma extrativista, forragem para o gado, caça, madeira, frutos, folhas, mel e medicamentos. Além de fornecer alimentos e remédios para o autosustento familiar, passa a desempenhar, cada vez mais, um papel importante na geração de

¹²¹ Toponímia própria dos Geraizeiros baianos.

renda pela comercialização de frutos, óleos, plantas medicinais e artesanatos. (DAYRELL, 2012, p.8).

A lavoura (roça) de rego é para aqueles do médio vale do rio Guará uma totalidade de práticas espaciais que lhes permitem a pluriatividade e a agrobiodiversidade dos Cerrados baianos.

Elo & Lúcio (2013) discutem o manejo do fogo nas veredas do Jalapão e demonstram que não há comprovações que as lavouras de rego impactam o ambiente. Contudo, eles destacam a importância do manejo integrado com as práticas de controle de fogo propostas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade¹²² (ICMBio). Além dessas pesquisas, Souza Sobrinho (2012) enfatiza no rio Arrojado a importância dos regadios (roças de rego) para a dieta e produção agrícola dos Geraizeiros.

A dimensão ecológica permeia as atividades socioeconômicas, compõe o modo de vida dos Geraizeiros que, por sua vez, intercalam com as atividades diárias e semanais. Essa dimensão é manifestada também pelo forte envolvimento com o ciclo produtivo com as unidades geológicas de paisagens dos Cerrados. Devido a isso e à falta de recursos financeiros para adquirir os insumos industrializados ainda há o reduzido uso de venenos agrícolas, inseticidas, fungicida e fertilizantes¹²³ devido aos altos custos e também por serem conhecedores e ainda utilizam das formas naturais de manejo: rotação de cultura, cordão sanitário com espécies naturais para diminuir a infestação de pragas¹²⁴.

Entretanto, os Geraizeiros já conhecem os inseticidas das fazendas as quais já trabalharam de diaristas ou assalariados. Eles também relatam as formas de utilizar esses agrotóxicos. Entretanto, os agricultores (as) Geraizeiros (as) ainda acreditam na força da lua, nas previsões observando a dinâmica e floração das plantas dos Cerrados para determinar o período de iniciar o plantio de cada ano, porém diante das variações climáticas uma frase recorrente nas conversas é “só esgotar o brejo que planto! Agora, no quintal e no terraço só chover! Não dá para esperar a lua mais!”.

¹²² ICMBio já reconhece a importância do fogo controlado nas áreas de reserva legal e/ou reservas dos Cerrados.

¹²³ Aqui é importante destacar que os Geraizeiros conhecem quase todos os tipos de venenos agrícolas disponíveis no mercado, ao trabalharem nas fazendas quando estabelecem o contato com esses produtos, conforme relato de campo. 2013-2016.

¹²⁴ Mesmo com essas técnicas naturais ao longo do desenvolvimento da tese houve relatos do aumento da mosca branca, cigarrinhas e gafanhotos nas roças de rego.

Geralmente, os Geraizeiros do médio vale do rio Guará utilizam os vales úmidos, as áreas úmidas no entorno das veredas e os terraços. Essas três unidades de paisagem estão entremeadas de lavouras de rego, pequenas áreas de pastagens do gado e quintais repletos de plantio de mandioca, cana-de-açucar, hortaliças, plantas medicinais e árvores fruteiras¹²⁵.

Além das diversas árvores dos Cerrados, permanecem nos vales e veredas os buritizeiros no meio das lavouras de rego e às margens dos regos de gua. Essa prática agrícola dos Geraizeiros  desenvolvida nos brejos na linguagem local. Em áreas de veredas e vales úmidos dos Cerrados baianos. Utiliza-se o fogo controlado para o manejo. Geralmente, a lavoura de rego  desenvolvida na passagem da estação chuvosa para a estação seca das áreas dos Cerrados baianos. Segundo, informações dos próprios Geraizeiros do médio vale do rio Guará, esse período ocorre por causas da menor quantidade de água nos brejos e, por sua vez, menor umidade dos solos dessas áreas. Observe o mosaico da (figura 49).

¹²⁵ Há famílias Geraizeiras do médio vale do rio Guará que são aposentados e já não possuem força física para o plantio das roças de rego. Outras famílias ao concentrarem suas mordias nas proximidades dos terraços não cultivam nos quintais pela falta de gua. Porém, a maioria possui as roças de rego nos brejos próximos. Tal fato paisagístico pode levar o observador desatento a dizer que Geraizeiros não produzem quase nada, pois não vem suas plantações camufladas dentro das veredas.

Figura 49: (A). Evidência da presença de espécie macaúba um dos indicadores para os Geraizeiros abrirem uma roça de rego. E, também de drenos no plantio consorciado de mandioca, feijão, banana e cana-de-açúcar. (B). Destaque para o trabalho familiar e o plantio de milho e feijão. (C) Dreno ou rego maior feito pelos Geraizeiros tanto para drenar quanto para irrigar as lavouras de rego. (D) Conservação do buriti nas lavouras de rego.



Fonte: Projeto: Mutirão de fotografias, 2013-2016. Organização: Rigonato, 2016

Essa prática agrícola é encontrada nas proximidades de todos os povoados do médio vale do rio Guará. As lavouras de rego são recorrentes em várias outras comunidades Geraizeiras em Baianópolis, Formosa do Rio Preto, Buritirama, BA.

Nessas lavouras (roças) de rego os Geraizeiros ainda cultivam a diversidade: Geralmente, produzem feijão, arroz, mandioca, milho cana-de-açúcar, banana, abacaxi, melancia, abobara e hortaliças. Além disso, há o aproveitamento dos cocos de buriti, goiaba, caju, raízes e entrecascas. Essa realidade é muito similar a caracterização de Dayrell, sendo que a lavoura de rego é um complexo possibilidades da vida no qual os Geraizeiros combinam diversas atividades para garantir a sua sobrevivência.

Geralmente, os Geraizeiros plantam em pequenas porções nos brejos úmidos. Planta-se consorciado com várias espécies misturadas, uma verdadeira agroecologia inter-relacionada com as unidades paisagem geocológicas dos Cerrados. Com a pluriatividade dessas áreas os Geraizeiros conseguem retirar a sua subsistência. Embora cresça o número das famílias de jovens e de migrantes, sobretudo os migrantes de retorno não possuem o direito e/ou lugares disponíveis para plantar devido às impossibilidades de abrirem outras lavouras de rego.

Essa impossibilidade já foi discutida no capítulo 02. Mas ainda há aqueles que conseguem cultivar na “meia” com outros Geraizeiros nas roças de rego já feitas ou melhor já cultivadas. Há também entre eles aqueles que cedem as áreas para os amigos e parentes plantarem. Durante as visitas e campos feitos no médio rio Guará foi possível observar que eles também fazem doações de áreas para as famílias com dificuldades alimentares.

Contudo, mantém-se as relações de trabalho de base familiar, há a prática do mutirão e a troca de dias. Uma realidade importante de r-existência, inclusive diante da agricultura familiar no Brasil que se encontra com dificuldade de permanência dessas práticas espaciais de sociabilidade.

Cabe ressaltar que os mutirões acontecem em períodos de maior intensidade na demanda de trabalho, tais como: na capina, no plantio e na colheita. Desse modo, eles revelam a tessitura de solidariedade e sociabilidade ainda presente no seu modo de vida. Há ainda o sentido de bem comum alimentado entre os Geraizeiros que habitam o médio vale do rio Guará¹²⁶. Ele ocorre na organização das roças de rego demonstrando um importante estratégia de organização social das comunidades tradicionais.

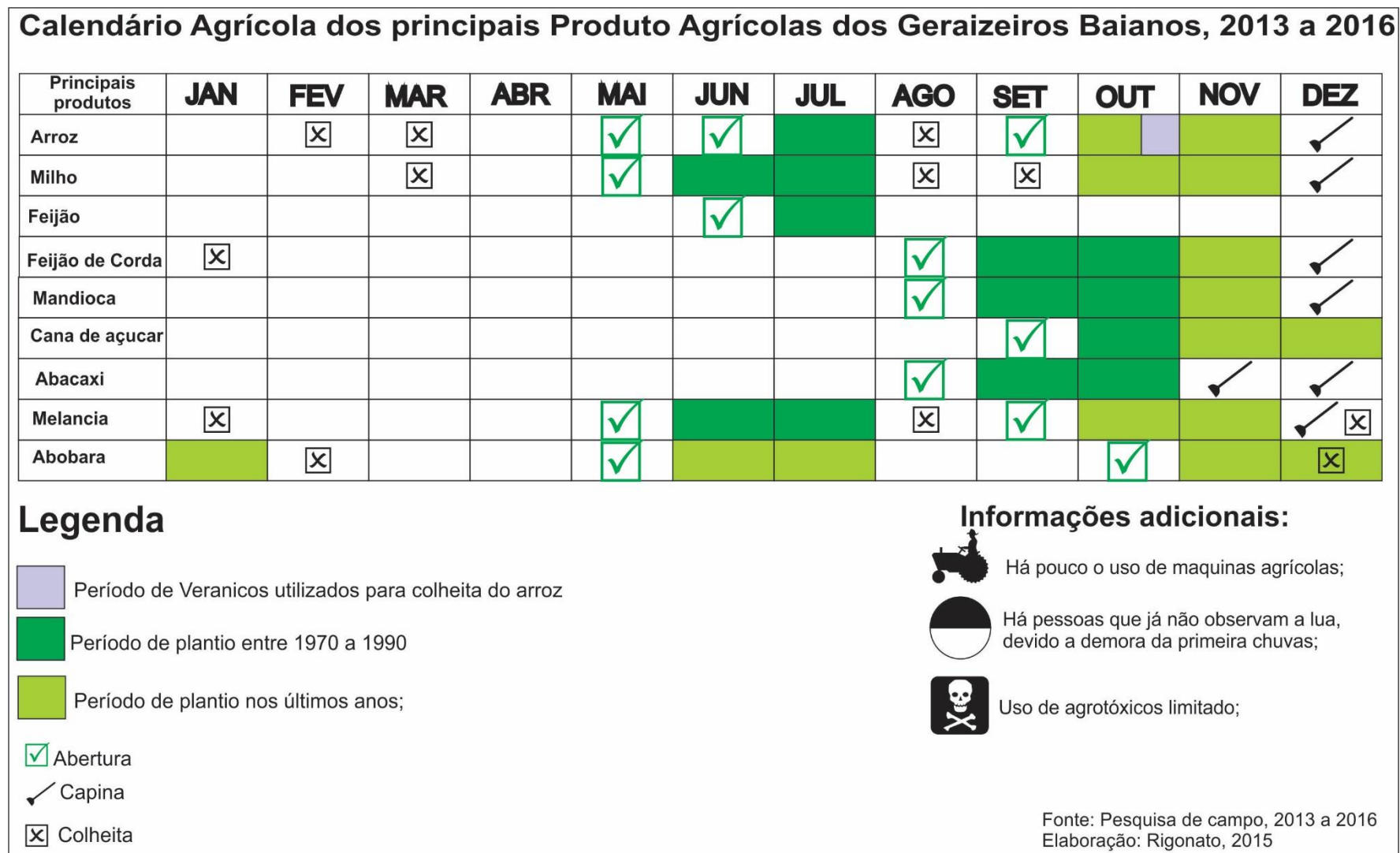
Outra característica importante é o *know-how* na definição de uma roça de brejo. Os agricultores escolhem as áreas com terra fofa, molhada e preta (popularmente lama). Também observam se há buritizais, espécies de embaúba e pindaíba, pois estas são um sinal de terra fértil. Além disso, a área precisa possuir uma pequena declividade para melhor organizar os “regos” os quais posteriormente servirão de drenos para escoar a água excedente em partes do solo e também para irrigar quando a estiagem se prologa.

Aqui, é importante frisar, a partir das mudanças do calendário agrícola, do *know-how*, da resignificação da cultura na consolidação da dinâmica sociocultural dos

¹²⁶ Aqui é importante dizer que o sentido de bem comum para o uso ainda permanece. Mas, já há famílias que já não abrem mão ao direito de propriedade particular das terras. Essas permitem o uso, mas já não aceitam a posse das áreas produtivas.

Geraizeiros, há sempre a renovação das estratégias deles para garantir a produção nas roças de rego (figura 50).

Figura 50: Calendário Agrícola dos principais produtos produzidos pelos Geraizeiros baianos, 2013 – 2016



As mudanças no calendário agrícola dos Geraizeiros são mais temporais. Elas estão relacionadas com as mudanças do ciclo das chuvas nas últimas décadas nos Cerrados baianos. Eles desenvolviam e ainda desenvolvem dependendo do ciclo das chuvas dois plantios anualmente. Um no período chuvoso entre novembro a março de cada ano e o outro, no período de estiagem nas “terras frescas”, ou melhor, nos brejos úmidos.

Outro fator interessante em observar é o impacto do agro-energias-negócios nas lavouras de rego por causa de coincidir o período de preparo das terras para as grandes lavouras com o período de maior demanda nas lavouras de rego. A modernização da agricultura juntamente com as mudanças do ritmo das chuvas na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, principalmente, no médio vale do rio Guará provocaram a redução do plantio por parte de algumas famílias que passaram a vender a sua mão-de-obra. Ela não acabou com as roças de brejos e, muito menos, com a agricultura dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará¹²⁷. Desde a década de 1970 ela passou a oferecer outros itinerários, inclusive o diarista e o trabalho assalariado. Com isso, muitos deles deixaram de praticar a agricultura tradicional em busca de rendimentos financeiros nas fazendas próximas e distantes do referido médio vale o rio Guará. Outros, já utilizam esses recursos para comprar sementes, arame e outros elementos necessários para garantir a sustentabilidade das lavouras de rego.

Pode-se afirmar que a lavoura de rego é um aspecto da cultura Geraizeira de existência, porém ameaçada pela diminuição do nível de água dos rios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Essa redução é observada na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, no médio vale do rio Guará. Registra-se que a diminuição, principalmente, nos últimos anos devido a perfuração de poços artesianos de profundidade e o plantio de lavouras de eucalipto a montante das áreas dos brejos e dos povoados Geraizeiros

Diante deste quadro, os conflitos pelo uso da água no vale do rio Guará começam a emergir. Em 2016, houve um abaixo assinado que recolheu assinatura para o Ministério Público, denunciando a “Fazenda Cerrado” que iniciou a perfuração de poços artesianos de alta profundidade. Essa ação coletiva demonstrou o posicionamento político-ambiental e enfrentamento dos Geraizeiros.

¹²⁷ Aqui é importante ressaltar que os Geraizeiros que atualmente habitam o médio vale do rio Guará tiveram muito enfrentamento para não perderem suas terras. Os relatos e os rumores revelam que na década de 1970 e 1980 tiveram membros assassinados.

Por último, as lavouras de rego mesmo sendo submetidas a outras lógicas são elementos da cultura Geraizeiras. Como disse elas buscam se adaptar às mudanças dos ritmos das chuvas, da disponibilidade de trabalho, é um elemento cultural r-existência para a sobrevivência nos Cerrados baianos. Contudo, a sua permanência no futuro dependerá da mudança de interpretação dos órgãos e instituições ambientais do papel desta agroecologia inter-relacionada com os Cerrados para a produção de alimento saudável, sem o uso de agrotóxico.

O (Agro)Extrativismo:

Como já foi apontado na tese, o extrativismo é um dos elementos do modo de vida dos Geraizeiros dos Cerrados baianos. Foi o extrativismo no látex da mangaba, um dos fatores de atração dos ascendentes dos Geraizeiros e do povoamento da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Os Geraizeiros utilizavam (utilizam) dos bens naturais a partir dos seus saberes para as construções das habitações, das construções voltadas para a produção agrícola em seus quintais, equipamentos e instrumentos de trabalho até utensílios domésticos, (DAYRELL, 1998). Atualmente, para os Geraizeiros do médio vale do rio Guará o extrativismo é um complemento da renda família que contribui e/ou está presente em quase todas as atividades cotidianas dos Geraizeiros.

Os frutos, raízes, folhas, carnes de animais silvestres complementam a dieta alimentar e também são utilizados na medicina popular. A madeira é utilizada para construção civil e para a produção de diversos utensílios domésticos: cabos, vassouras, pilões, peneiras.

Apesar de os Geraizeiros já passarem por um processo de (re)habitação que inclui a mudança arquitetônica de suas residências, redistribuição espacial e, principalmente, a ressignificação do seu modo de vida com elementos da cultura urbana ainda é possível encontrar casas de enchimento (argila, madeira) e recoberto com folhas de buriti e buritirama (figura 51). Além disso, mesmo nas casas construídas de alvenaria, os Geraizeiros fazem, geralmente, um anexo e/ou uma cozinha com palha de buriti, madeira branca local e enchimento de argila.

Figura 51 Aspectos paisagísticos dos Geraizeiros no baixo vale do rio Guará. A) Cozinha típica Geraizeira no povoado de Pedras; B) Máquina de ralar mandioca feita com madeira local e com motor elétrico; C) Carro de boi com pneus de automóveis e madeira local; D) Casa de enchimento e folhas trançadas de buriti com antena parabólica no povoado de Pedras.



Fonte: Pesquisas de Campo 2013 a 2016. Rigonato, 2016

Os Geraizeiros combinam os elementos do extrativismo com as inovações tecnológicas em suas práticas vividas. Desse modo, conseguem desenvolver suas atividades produtivas de forma que promovem a revalorização dos lugares vividos (SANTOS, 2008).

Outros exemplos da utilização dos bens naturais por meio do extrativismo podem ser encontrados nos quintais produtivos dos Geraizeiros. Geralmente, eles utilizam da palmeira buriti consorciada com outras madeiras para fazer toda infraestrutura de chiqueiros e galinheiros para a criação de porcos, galinhas e outros animais (figura 52).

Figura 52: A) Ninhos suspensos para galinhas com ponta de talo de folha de buriti; B) Galinheiros suspensos para proteger dos animais silvestres; C) Chiqueiro para porcos com casca do caule do buriti; D) Sanitário e banheiro extra da residência cercado com folhas de buriti e bambu.



Como se observa nas figuras A e B, os ninhos e os galinheiros são construídos em lugares mais altos para evitar que os animais silvestres dos Cerrados ataquem os animais domésticos, sobretudo as criações de galinha. Com essas construções demonstra adaptabilidade e convívio com a biodiversidade nativa dos Cerrados. Já na figura D, é demonstrativo dos banheiros “fossas seca” utilizadas na maioria das residências. Estas, geralmente são construídas com madeiras e folhas de buriti demonstrando também dificuldades com acesso ao saneamento rural.

Tais ocorrências revelam a força dos hábitos e das tradições nas práticas cotidianas, pois mesmo com banheiros sanitários em algumas casas eles preferem utilizar esses banheiros “tradicionais”.

Como se vê, para os Geraizeiros a atividade extrativista é conectada com outras atividades. Ao agregar o extrativismo com as atividades dos quintais, com a criação de porcos, galinhas e na construção de casas nas roças de rego eles interligam o extrativismo com o agrícola compondo o agroextrativismo.

O (agro) extrativismo é essencial para as suas práticas espaciais nos Cerrados baianos. Eles o utilizam para as atividades domésticas, agrícolas, na pecuária, na alimentação e habitação. Recentemente, com a criação do Centro de Referência do Cerrado parte deste (agro)extrativismo passou a ser potencializado para a produção de artesanatos. Estes são atualmente revalorizados pela da geoecologia de saberes da população local como elemento de r-existência e manutenção da pluriatividades de Geraizeiros.

Cabe ressaltar que eles conhecem as plantas nativas, sua ocorrência, sua distribuição e frutificação (quadro 18). Essas espécies são apenas aquelas que tiveram cinco ou mais ocorrências relatadas pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará. O interessante é que as crianças, os jovens e os adultos todos conhecem as espécies nativas dos Cerrados.

Ressalto que os conhecimentos deles, não se restringem apenas ao tipo de espécies. Eles sabem identificá-las dentre as demais, sabem as épocas do ano que eles ocorrem e estão disponíveis para a alimentação e outros usos. Além disso, conhecem suas propriedades medicinais voltadas para curar os possíveis males dos Geraizeiros.

A partir do extrativismo eles demonstram saberes profundos com a biodiversidade dos Cerrados. Uma geoecologia de saberes moldada pelas suas cosmovisões com as paisagens dos Cerrados, semelhantes a outros povos das Américas, com bem destacam Bórquez & Núñez (2014).

Quadro 18: Espécies nativas dos Cerrados mais conhecidas e utilizadas pelos Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2016.

Nome Popular	Ocorrências nos mês do ano												Povoados do Médio vale do rio Guará							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	P. Mateus	Larga	Cera	Pedras	Currais	R. do Fogo	Contagem	Vereda grande
Pequi	x	X									x	x								
Buriti	x	X																		
Cagaíta									x	x	x									
Capim dourado						x	x	x												
Cajú							x	x	x											
Murici			x	x	x	x	x	x												
Jatobá									x	x	x									
Cascudo		X	x	x	x															
Mangaba	x										x	x								
Cabelo de nego						x	x	x												
Pacari								x	x	x										
Goiaba	x								x	x	x	x								
Barbatimão	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x								
Quina do campo				x	x	x	x													
Vergateza							x	x	x											

Legenda	
	Mais de 5 ocorrências
	Menos de 5 ocorrências

Fonte: Rigonato, 2013 a 2016.

A resistência do (agro) extrativismo é uma manifestação de sua r-existência. Ela não só garante a sobrevivência dos valores socioculturais como também a perpetuação do trabalho familiar, coletivo e, conseqüentemente, da solidariedade entre as famílias Geraizeiras.

Recentemente, com a criação do Centro de Referência do Cerrado os Geraizeiros passaram a se servir dele para comercializar doces de caju, mangaba, polpa de buriti. Além disso, há a fabricação de biojoias com capim dourado e fibra de catulé (Quadro 20).

Quadro 20: Principais espécies utilizadas pelos Geraizeiros no Centro de Referência do Cerrado no povoado de Ponte de Mateus.

Espécie	Utilidade		Destino		Regeneração
	Parte da Planta	Produto	Consumo	Venda	
Buriti	Olho	Rede, esteira	x		
	Palha	Cobertura, paredes e esteira	x		
	Fruto	Alimento, In natura, raspa, desidrata, doce	x	x	
	Semente	Lenha	x		
	Talo	Móveis, peneira, porta, janela	x	x	
	Tronco	Galinheiro, chiqueiros, jirau,	x		(nula) ¹²⁸
	Raiz	remédio	x		
Pequi	Fruto	Alimento, sabão, óleo e medicina popular	x		
	Tronco	Lenha e cercar	x		
Cagaíta	Fruto	Alimento in natura			
Caju	Fruto	Alimento In natura, doce, castanha	x	x	
	Tronco	Lenha	x		
Mangabá	Fruto	In natura, suco, doces	x		
	Látex	Remédio e utensílios	x		
Catolé (Palmeirinha)	Fruto	Alimento in natura	x		
	Talo	Artesanato	x	x	
	Palha	Cobertura	x		
Murici	Madeira	Lenha, cercas	x		
	Fruto	Cachaça	x		
Cascudo (araticum)	Fruto	In natura	x		
Capim dourado	Talo	Artesanato	x	x	
Barbatimão	Casca	lenha	x	x	
	Casca	remédio	x		
Jatobá	Casca	remédio	x		
	Fruto	Alimento	x	x	
Murici	Fruto	Alimento	x		
	Casca	Remédio, cachaça	x	x	

¹²⁸ Obs.: Durante os três anos de vivências no médio vale do rio Guará não conseguir evidências de corte de pés de buriti. Os Geraizeiros aproveitam os caules das palmeiras que caem ou morrem naturalmente.

Goiaba	Fruto	Alimento in natura, doces e geleias	x		
	Casca	Remédio			
Vergateza	Casca	Rémedio (viagra natural)	x	x	
Pacari	Fruto		x		
Legenda:		Alta	Média	Baixa	

Fonte: Rigonato, 2013 a 2016. (Modelo inspirado em Dayrell, 2012)

Ressalto que antes do advento do Centro e da CONGEPOM essas espécies eram utilizadas apenas *in natura* pelas famílias Geraizeiras para alimentação, artesanato e medicina popular doméstica. Atualmente, há famílias principalmente do povoado de Ponte de Mateus que conseguiu aumentar a renda familiar com a venda de artesanato e biojoias (Quadro 21).

Quadro 21: Tabela dos valores dos Artesanatos (Biojoias) no médio vale do rio Guará, 2016.

Artesanato (biojoias)	Valores Unitários ¹²⁹
Brincos	20,00
Colares	50,00
Bolsas	100,00
Supla – 6 peças	250,00
Cestas	70,00
Pulseiras	10,00
Chapeus	100,00

Fonte: 10Envolvimento, 2016 e COMGEPOM, 12/2016. Organização: Rigonato, 2016

Nos últimos quatro anos, com a agregação de outros conhecimentos, com a troca de experiência entre os Geraizeiros do médio vale do rio Guará com outras experiências de (agro)extrativismo e artesanato com a rede dos Povos dos Cerrados, houve uma forte ressignificação no sentido de potencializar a produção de artesanato, de medicina popular e alimentos enriquecidos com as espécies nativas dos Cerrados tanto para o consumo próprio quanto para a comercialização nos territórios próximos e distantes.

Contudo, os Geraizeiros mesmo com o seu modo de vida em transformação devido as territorialidades do capital interligado a modernização da agricultura e a agro-energias-negócios que tem como principal ação o cercamento territorial, há existências nas paisagens dos Cerrados utilizadas para o desenvolvimento de suas práticas espaciais. Sendo assim, a r-existência transcende as práticas utilitaristas e incorporam os valores socioculturais em constante ressignificação. Como aponta Escobar (2005), o

¹²⁹ Esses valores envolvem artesanatos e biojoias de capim dourado e de catolé.

grau de sua r-existência vai depender do pós-desenvolvimento do extrativismo o desenvolvimento humano integrado com a geocológica de saberes com a biodiversidade nativa dos Cerrados. Mas, também ele decorre da relação entre os territórios próximos e distantes que eles estabelecerem.

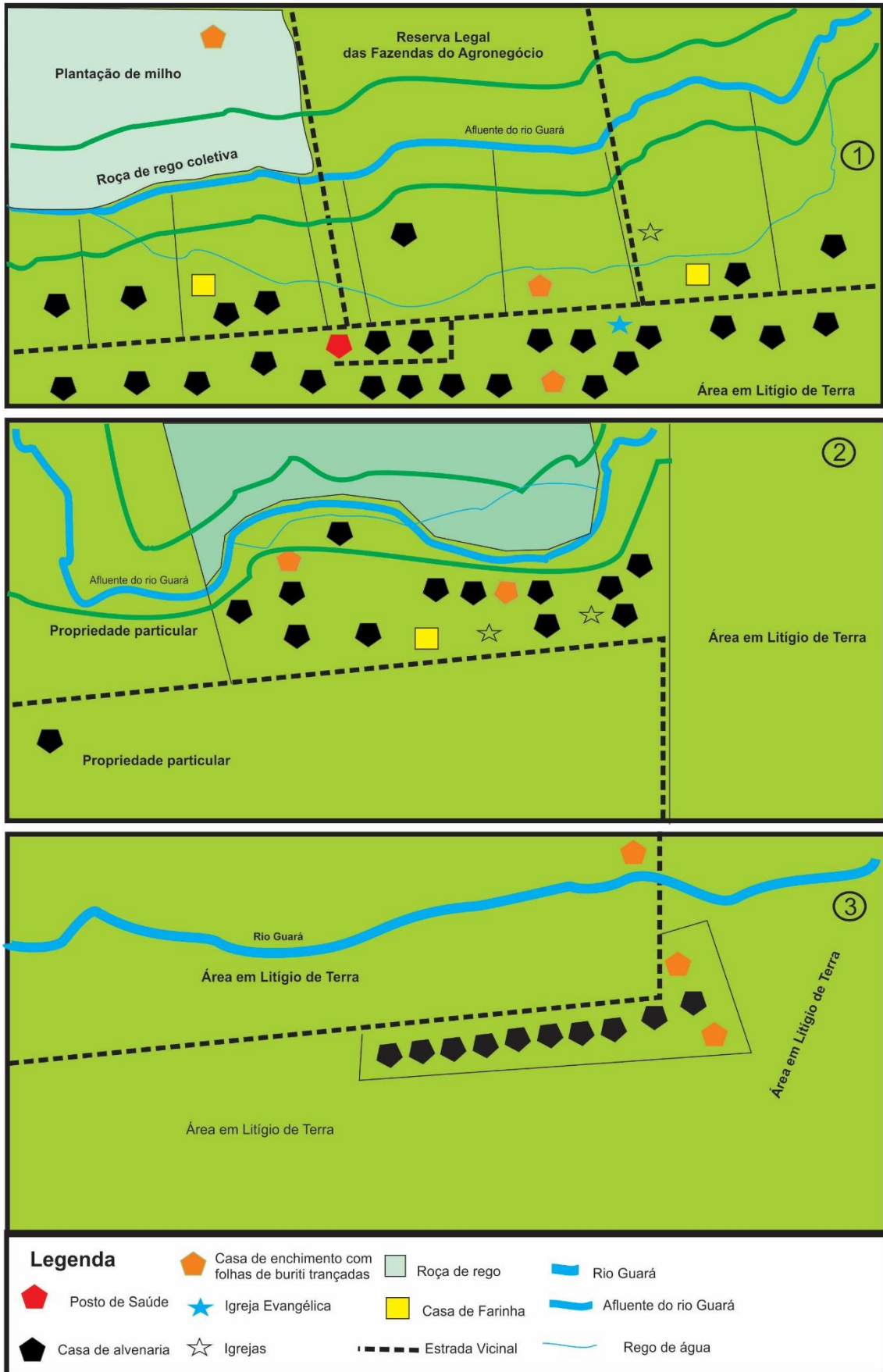
5.3 AS PRÁTICAS ESPACIAIS DE (RE) HABITAÇÃO DOS GERAIZEIROS

A ocupação humana dos Geraizeiros nos Cerrados baianos passou por diversas transformações devido à modernização da agricultura no século XX e neste início do século XXI. O meu conhecimento adquirido ao longo da elaboração desta tese me leva a afirmar que os povoados rurais enfrentam o processo de “rurbanização”. Isso se intensificou com o avanço do *front* do agronegócio (FREDERICO, 2012) que na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia se consolida pela hibridização do capital nacional e internacional em agro-energias-negócios diversificando o uso e a ocupação dos Cerrados.

O propósito desta tese foi o de analisar/traduzir a ocupação dos Geraizeiros sob a luz da geocologia de saberes; também, as práticas espaciais interligadas com os seus habitats diante da racionalidade técnica-científica-informacional da globalização econômica, revertida nos Cerrados baianos.

No médio vale do rio Guará, há oito povoados. De modo geral, os oito povoados estudados apresentam as seguintes espacialidades:

Os tipos três tipos de habitat dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará 2016



Fonte: Rigonato, 2013 a 2016.

Neles, há diversos tipos de habitats. Esses habitats enfrentam também diversas transformações nas áreas dos Cerrados baianos. O *habitat* contém a estrutura espacial e, por isso as dimensões socioculturais dos Geraizeiros que os habitam. Nas estruturas residências os quintais e os povoados estão imbuídas de manifestações objetivas, subjetivas e intersubjetivas deles. Em outras palavras, os elementos de coesão e de contradição entre o modelo do agro-energias-negócios e o espaço vivido dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Essa configuração espacial já é resultado da pressão que o processo de modernização da agricultura provocou desde a década de 1970, forçando os Geraizeiros que moravam espalhados linearmente às margens dos principais rios a se agruparem em povoados, conforme foi discutido no capítulo 4.

Para discutir o processo de (re)habitação é preciso analisar e traduzir as espacialidades vividas pelos Geraizeiros em seus lugares vividos. E, principalmente, compreender o processo de habitação dos lugares pelos Geraizeiros. Com isso, buscar refletir as suas espacialidades como forma de valorizar os lugares vividos as múltiplas territorialidades do grupo nas áreas dos Cerrados baianos. Mas, também levar em conta que muitas famílias possuem experiências, recursos financeiros e até dupla habitação com os territórios distantes.



Nos Cerrados do passado, o habitar envolvia o caçar, pescar e o cuidar do gado nos Gerais e/ou Chapadões.

Tal como Max Sorre salientou no século passado:



Se as formas do habitat representam as expressões concretas mais características dos gêneros de vida, as reflexões que precedem implicam, para o geógrafo, algumas conseqüências práticas. Os gêneros de vida baseados na exploração do solo, profundamente arraigados, comportam tipos variados de habitat que respondem a todas as suas exigências. Teremos, pois, de definir uma primeira série de tipos: os que são habitualmente agrupados sob a rubrica de habitat rural e que compreendem desde fazenda isolada até o grande burgo agrícola. (SORRE, 1952, p. 122).



Para o autor, os tipos e práticas espaciais materializadas nas paisagens eram intimamente relacionados com o modo de vida dos grupos rurais. Já os habitats do Geraizeiros nos Cerrados baianos há várias transformações em curso, conforme quadro 22 a seguir:

Quadro 22: Vista panorâmica dos habitats nos povoados do médio vale do rio Guará, 2016.

MORADORES	POVOADO	CARACTERÍSTICAS	IMAGEM
<p>Rafael Prazeres dos Angelos/Joelma de Souza Santos</p>	<p>Ponte de Mateus</p>	<p>Diarista em várias fazendas do agronegócio/ recebe bolsa família; Casa de três cômodos de palha de buriti; Ele é imigrante de Posse-GO</p>	
<p>Dalva Sofilha de Jesus</p>	<p>Pedras</p>	<p>Dalva trabalha em casa; Bolsa Família; Medição de água para empresa de consultoria; Casa de enchimento, construção típica dos Geraizeiros no século XX;</p>	

<p>Lucimeire dos Anjos Conceição</p>	<p>Pedras</p>	<p>Bolsa Família; O esposo trabalha na fazenda de eucaliptos; Casas construídas pela prefeitura municipal com o Fundo de Moradia Rural; Caixa de água do programa “Água para todos”;</p>	
<p>José Maria Pereira dos Santos</p>	<p>Larga</p>	<p>Produz lavoura de rego; Comprou 5 hectares há 12 anos no vale do Guará; Marava próximo ao povoado de Roda Velha;</p>	

<p>Maria Barbosa dos Anjos Santos</p>	<p>Larga</p>	<p>Meeiros nos brejos da larga; Bolsa família; Possuem 06 vacas;</p>	
<p>Deuzelia dos Anjos Santos</p>	<p>Vereda Grande</p>	<p>Casa de Alvenaria; Casa de farinha de palha de buriti e madeira local; Plantações de mandioca no quintal; Recebeu o Programa de Energia Elétrica; Bolsa Família</p>	
		<p>Casas construídas pela prefeitura municipal a partir do fundo de</p>	

<p>Marcos Moreira Vieira</p>	<p>Lagoa dos Buritis</p>	<p>moradia rural; Aos fundos há construção de uma cozinha ou quarto de palha de buriti e madeira</p>	
<p>Edinaria Jesus da Rocha</p>	<p>Currais</p>	<p>Casa construída com auxílio e doações da prefeitura municipal de São Desidério; Funcionário temporário da Fazenda Cerrado</p>	

De 2012 a 2016 pelo contato direto com o vale do rio Guará percebi que ocorreu o aumento do número de moradias em cada povoado, com destaque para Ponte de Mateus. Durante esse período houve a melhoria das moradias nos povoados com a construo de casas de alvenaria, troca de telhados de palhas de buriti para telhas de argila, a construo de cercas e até a comercializao de lotes.

Há também nesses habitats coexistência de projetos arquitetnicos tpicos com os da cidade, forte insero de equipamentos tecnológicos antenas parabólicas, televisões, bicicletas, motocicletas, automóveis, motosserras, motores elétricos para as casas de farinhas dentre outros, dos meios de comunicao e, principalmente, outros hábitos cotidianos, já apontados nesta tese.

Diante disso, considerei que neles há as práticas em transformaes. Por um lado, aquelas relacionadas a reproduo do seu modo de vida intimamente relacionado com as paisagens dos Cerrados. Por outro lado, aquelas relacionadas a ressignificao dos modos de vida dos Geraizeiros nos Cerrados baianos.

Para Almeida (2013, p. 18)

O habitat e a paisagem de cada sociedade não são, portanto, unicamente consequência da “oferta natural” e de solo, clima, vegetao, altitude, mas sim, o produto de um conjunto de dispositivos sociais, através dos quais algumas espécies se valorizam e se reproduzem, se selecionam e se preservam e outras restam desfavorecidas.

Isso se deve a chegada das políticas públicas voltadas para moradia, acesso ao programa de bolsa família e a oferta de emprego nas lavouras do agronegócio. Mas, também do aumento do emprego público municipal no povoado de Ponte de Mateus, Larga e Currais com o propósito de diminuir os gastos e aumentar os serviços de educao e saúde na zona rural de São Desiderio, BA.

As práticas espaciais dos Geraizeiros em seus habitats revelam os elos socioculturais que eles possuem com os lugares vividos e também com os territórios distantes. O conhecimento adquirido junto com as famílias Geraizeiros no médio vale do rio Guará, me leva a afirmar que as práticas espaciais do habitar das famílias se faz também, tecendo relaes de trabalho, estada, tratamento de saúde, comércio (fazer suas compras) e elas se ampliam por até passear em outros lugares, em outros municípios e estados brasileiros.

Atualmente, Geraizeiros da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, principalmente, do médio vale do rio Guará (re) estruturaram as suas práticas espaciais de moradias, equipando os seus lares de eletrodomésticos e, ressignificando vários elementos do seu mundo da vida. No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará foi possível perceber que eles retornam para os povoados de origem depois dos trabalhos temporários, sazonais e também depois de décadas residindo em Posse, GO, cidades satélites no Distrito Federal, Entorno de Brasília no estado de Goiás e de Goiânia.

Já nos povoados do médio vale do rio Guará, os Geraizeiros que retornaram utilizam duas estratégias para (re) habitação. Primeiramente, eles constroem casas típicas com palhas de buriti imediatamente para demarcar sua posse adquirida pela herança familiar e/ou simplesmente voltam para as localidades que residiram com os seus familiares no passado. A segunda estratégia, adquirir uma posse com o dinheiro do trabalho e/ou da venda da casa na cidade. E, por último, o(a) filho(a) se casa e constrói uma casa de palha no terreno da família, aguardam os recursos do governo federal, estadual e municipal para construção de casas de alvenaria. Dentre estes, mais de cento cinquenta famílias com as quais convivi, encontrei dez que voltaram e compraram terras (posses) e construíram as suas casas com dinheiro próprio.

Outro ponto de transformação nas práticas espaciais dos habitats foi o aumento do trabalho assalariado ou diarista ocorrido com o aumento do empreendimento agrícola no médio vale do rio Guará. Os Geraizeiros também trabalham nas escolas municipais: professores(as), merendeiras e porteiros; postos de saúde com os agentes de saúde e auxiliares de limpeza; nas fazendas em lavouras de eucalipto, vaqueiros, catadores de raízes e na produção de feno. Contraditoriamente, ao trabalhar nos territórios próximos e distantes ao invés de ir para outro lugar, eles preferem é retornar para o médio vale do rio Guará, lugar de migração de retorno.

Diante deste contexto, pode-se afirmar que as práticas espaciais nos habitats dos Geraizeiros nos Cerrados da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, principalmente no médio vale do rio Guará perpassam por uma “desruralização”, (GONÇALVES, 2006, p. 184). O mesmo afirmar que “há um processo de desruralização mais do que urbanização, isto é, estamos diante um desfazer do rural do que conformação do urbano [...]”. Ao contrário do que transparece na afirmação do autor, o rural não deixa de existir, mas, passa a conviver com várias práticas espaciais semelhantes às do mundo urbano.

Por último, os habitats dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará se encontram em transição, mas continuam assegurando em seus aspectos paisagísticos e a inter-relação com os bens da natureza revelam o conteúdo de r-existência. Além disso, incorporaram o agroextrativismo, o artesanato e a lavoura de rego sendo elementos de r-existência fundamentais para garantir as pluriatividades do seu modo de vida diante dos novos tempos e espaços reconfigurando seus territórios vividos.

Se o cerrado é por nós
Quem será contra nós?
Não deixar desmatar

Maria Sofia de Jesus Ferreira

CONSIDERAÇÕES FINAIS: os cerrados no futuro



CONSIDERAÇÕES FINAIS: os cerrados no futuro

“O senhor ache e não ache. Tudo é e não é (...)”

(Guimarães Rosa)

Como bem ilustra Guimaraes Rosa, o futuro é incerto. Independente do nosso achar. Mas, o futuro é uma abordagem significativa para os sujeitos, grupos e instituições que atuam nas áreas dos Cerrado baianos. Desde que considere que os espaços e os lugares são compostos de eventualidades e multiplicidades (MASSEY, 2009).

Essas eventualidades e multiplicidades foram valorizadas pela Geografia de/em Transição para a análise e tradução delas e, também das temporalidades e espacialidades em constante transição. Assim, a Geografia de/em Transição possibilitou o diálogo com as espacialidades e temporalidades pré-existentes, as existentes e as emergentes, dentro da lógica da transição e da fluidez espacial.

Nesse sentido, o passado, o presente e o futuro dos Cerrados não devem ser considerados recortes estanques das espacialidades humanas nas paisagens dos Cerrados baianos. Mas, eventualidades, circunstancialidades e multiplicidades de fenômenos naturais e humanos em constante transformações.

Pensar o futuro ainda é um exercício recente na Geografia mundial e, principalmente, na Geografia brasileira. Acredito que no diálogo entre a modernidade, a pós-modernidade e a transmodernidade, há possibilidades de reconstruções, de explorar as fendas do conhecimento geográfico na perspectiva de contextualizar a vida.

Como bem salienta Claval (2013, p.15), a objetividade do mundo depende do subjetivo e da criatividade humana, ou seja, de atributos extraeconômicos que se relacionam com a vida prática. Diante desta assertiva do autor, afirmo que não só a existência efetiva nos Cerrados baianos, mas, também as formas de os representas, de imaginá-los, de visualizá-los, de atribuí-los valor e significados no presente, no passado e, primordialmente, de projetar o futuro, o transformam em eventualidades abertas.

Essas eventualidades, multiplicam-se nos lugares, nas paisagens e nos territórios vividos pela criatividade humana. Para Ostrower (2011), a criatividade transforma o mundo físico, os contextos culturais e econômicos, assim como a própria condição humana. Essa criatividade contribui para renovação das práticas espaciais, do

imaginário social e das imaginações geográficas no presente, projetando futuros diferentes do “aqui-agora”.

Com esse entendimento, busco transcender as análises que no máximo chegam no “aqui-agora” e os recortes espaciais estáticos, geralmente demarcados pelas temporalidades das coisas ou conjunto de coisas no espaço geográfico.

Neste percurso de análise/tradução das especialidades e temporalidades dos Cerrados percebi que elas são vivenciadas de forma diferente. Todavia, a inserção do agro-energias-negócios capitaneada pelos mitos da modernidade que consubstanciaram a modernização da agricultura não eliminaram a multiplicidade de lugares. Entretanto, parece impor uma lógica do “tempo intemporal” (CASTELLS, 1999 p. 527). Com diz o autor:

O que chamo de tempo intemporal é apenas a forma dominante emergente do tempo social na sociedade em rede porque o espaço de fluxos não anula a existência de lugares. Afirmo que a dominação social é exercida por meio da inclusão seletiva e da exclusão de funções e pessoas em diferentes estruturas temporais e espaciais. (CASTELLS, 1999 p. 527).

Essa realidade é bem ilustrada nas paisagens dos Cerrados baianos em relação as paisagens do agro-energias-negócios com as paisagens habitadas dos Geraizeiros, especialmente, do médio vale do rio Guará. Há dominação social e exclusão pelo acesso desigual ao desenvolvimento do “meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 2006) nos Cerrados baianos. Como o mesmo autor (SANTOS, 2000) já tinha asseverado em seu livro “Por uma outra Globalização” se não for revestido as intencionalidades do uso do conhecimento, das técnicas, das tecnologias e das informações” para construir “aqui-agora” e no futuro a equidade social, haverá dificuldades de alcançar uma outra globalização diante da subalternidade imposta pela sociedade capitalista contemporânea.

No caso especial dos Geraizeiros que ainda retiram parte do seu sustento dos bens naturais dos vales e brejos úmidos das veredas, a sensibilidade objetiva que há mudança do ciclo chuvoso aliado com redução do nível de água nos rios os colocam em alerta imediatamente. Para eles, com suas especificidades nos lugares vividos, há re-existências e ressignificações socioculturais em curso sobre o cultivo de suas tradições, seus ritmos, suas cosmovisões e suas cosmologias as quais compõem suas práticas espaciais. Estas preservam especialidades e temporalidades baseadas no espaço e tempo

cíclico. Porém, depois do advento da comunicação de massa, da inserção da religião, das escolas e do agro-energias-negócios suas práticas que eram cíclicas e/ou em espirais do ontem, hoje e amanhã, estão em plenas ressignificações.

Ao refletir sobre os Cerrados do passado, os Cerrados do presente percebi que essas ressignificações acontecem inicialmente no plano do imaginário social motivado pelas imagens, imaginações geográficas e pelas representações socioculturais dos sujeitos e grupos de sujeitos que habitam os Cerrados baianos.

O entendimento que o imaginário social são ideias, crenças, símbolos, opiniões de uma pessoa ou grupo de pessoas que emergem da multiplicidade de imagens da vida cotidiana no espaço geográfico dos Cerrados baianos. Essa multiplicidade alimenta a imaginação individual e coletiva as quais são responsáveis pela diversidade de símbolos que guardam e renovam os significados, os simbolismos e até as ideologias espaciais.

Por último, o imaginário social é semelhante a uma floresta amalgamada por meio da percepção do mundo real é imaginado pelas pessoas no mundo da vida, sobretudo nos espaços dos Cerrados. Muito embora Silva (2001, p. 82) tenha voltado a sua análise para os espaços rurais, ela contribui ao afirmar que: “o imaginário é como sistemas de ideias e imagens de representação coletiva, teria a capacidade de criar o real”. Diante dessas considerações, e com o intuito de conhecer o imaginário social e as imaginações geográficas do futuro dos interlocutores das paisagens dos Cerrados baianos no presente, busquei valorizar as suas oralidades, de acordo com o quadro 19 abaixo:

Quadro 19: Representações discursivas dos interlocutores que mantem relações diretas com os Geraizeiros no médio vale do rio Guará, 2016

Representantes ¹³⁰	Relatos do Cerrado do Futuro
Geraizeiro 1	Se essas águas diminuir mais e o IBAMA proibir o uso dos brejos, podemos desabar daqui antes de chegar o amanhã.
Geraizeiro 2	Eu trabalho ali na lavoura de eucalipto. Sei e as pessoas falam que ele chupa toda a água do solo. Agente mora aqui muito tempo. Se as águas for diminuindo como vem acontecendo estamos enrolados. Tudo nosso é aqui! Nasci e criei aqui.
Geraizeiro 3	Do jeito que vai o desmatamento (...). Não vai ter mais cerrado. Daqui um tempo não haverá cerrado. Com o desmatamento a caça e a pesca já diminuíram. Com a ferrovia vai melhorar as coisas, mais valor nas terras e mais movimento.

¹³⁰ Coloquei apenas a representações genéricas dos grupos e instituições para preservar a identidade pessoal dos interlocutores da pesquisa.

Setor Técnico/ Sulistas pioneiros	Aqui vai ter duas situações. Só vai ficar plantando não muito longe. Já tá acontecendo. As grandes ou mega-fazendas. Por quê? Você tem de ter uma estrutura de advogados para lhe defender da grilagem. Agrônomos: para tratar a terra; Nutricionista para testar a qualidade da comida. Engenheiros ambientais: para cuidar das questões do meio ambiente. Administradores e economistas: para negociar na bolsa de valor. Quem dá conta disso? Só os grandes produtores, nem os médios dão!
Terceiro Setor/ONG	Desertificação. Olhe a minha preocupação maior é falta de água. Por que a cultura, o seu modo de vida tem muito a ver com os cursos de água, com as veredas. Como será o futuro sem água? A gente vê a valorização da cultura musical, Correntina principalmente. Mas, o que a gente vê na situação econômica atual. Não dá nem para a gente analisar o cenário. Cenário Incerto.
Terceiro Setor/ONG	O Cerrado encontra-se no retorno. Recuando! No lugar dele implementa o espaço econômico. A maioria das espécies não serão nativas. Aqui tudo é muito rápido diferente de outros lugares do mundo e da Europa. Olhar o Cerrado para frente. Se não houvesse a resistência Geraizeiras o Cerrado acabaria mais rápido. O pessoal está assustado com a questão da água.
Setor financeiro/ Instituto São Francisco de Arte e Cultura	Para o futuro se continuar como está, vão acontecer desastres climáticos. Estão começando a exploração intensiva de poços profundos, nos cerrados, para irrigação. Certamente vai causar um dano regional. Isso pode virar um deserto. Isso me preocupa. Certamente, irá mudar as chuvas, ainda mais. (...) Se a gente instigar a juventude a pensar entre diferença entre felicidade e prazer, entre se realizar profissionalmente e ser feliz; ou ganhar dinheiro a qualquer custo! Acredito que funcionará. (...) Se as escolas e as universidades começarem a fortalecer o sentimento de felicidade, a gente vai na fonte do que se busca, o fortalecimento do sentimento de ser parte do ambiente, de sustentabilidade e de termos conforto com isso!
Secretário de Agricultura de São Desidério	Se a ocupação continuar nesse ritmo não teremos mais Cerrado no futuro. O povo do agronegócio faz um discurso para a sociedade, mas na prática! Se você tiver oportunidade de visitar para não dizer que é discurso de sindicalista ou de quem defende o Cerrado. Aqui no povoado do Campo Grande você precisa ver os pequizeiros que foram destruídos na propriedade dos Busatos. Isso é o presidente da AIBA que vai para todos os lados dizer que preserva o Cerrado para gerações futuras. A grande preocupação da gente é que quando essas terras no futuro não produzir mais. Eles vão embora para outros lugares: para Amazônia.
Presidente do IBAMA Unidade	Eu creio que hoje com a maneira que estamos indo aí com esses índices de desmatamento que estamos aí teremos prejuízos de

Regional de Barreiras	todas as ordens. A sociedade como um todo. Barreiras e Luiz Eduardo Magalhaes com crescimento urbano desordenado. Há uma tendência de termos problemas relacionados à água. A própria agricultura que vem sofrendo, que apontam tão somente apenas os eventos ciclos El nino e La nina enquanto responsáveis pelas percas. Na verdade, eles têm uma parcela de culpa nisso aí. A forma desordenada de ocupação do solo do Oeste da Bahia é um dos grandes responsáveis por isso daí. É preciso ter muita cautela nas outorgas em relação a liberação pelos órgãos estaduais. A ocupação vem do para o sentido do Leste. Com isso há um aumento da solicitação de outorgas e nós não temos nenhuma informação a respeito da quantidade das águas subterrâneas. Tivemos também a PCH do Sítio do rio Grande que secou o rio e foi um impacto imenso no rio Grande. A questão da polinização das abelhas. Há áreas da China que para produzir precisa de fazer manualmente a polinização. É uma situação delicada e a própria permanência da agricultura pode ser colocada em risco, inclusive a agricultura produtora de commodities (...)
-----------------------	--

De modo geral, o imaginário, as imagens e as imaginações geográficas são diversas em relação ao futuro. A diversidade de contextos apontados está intimamente interligada com a objetividade do itinerário de vida que esses interlocutores constituem as paisagens dos Cerrados baianos no presente. Entretanto, a diversidade dos lugares vividos diante do tempo influencia os espaços representacionais para externalizarem práticas espaciais homogeneizadoras, inclusive discursivas.

Com bem assegura Shiva (2003) o processo de modernização provoca não só a simplificação da biodiversidade pela monocultura de soja, milho, algodão e eucalipto, o prior são “as monoculturas da mente que fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo” (SHIVA, 2003, p. 15). A mesma autora ainda assevera sobre os perigos da “síndrome” da falta de alternativa que assolam tanto as sociedades urbanas e rurais no mundo contemporâneo. Essa síndrome se encontra presente nas práticas espaciais desses interlocutores e da maioria dos habitantes dos Cerrados baianos. Porém, dependendo das intencionalidades dos sujeitos e grupos elas são escamoteadas e/ou reforçadas pelas representações socioculturais em relação ao uso e ocupação dos Cerrados baianos.

No caso específico dos Geraizeiros do médio vale do rio Guará, eles reexistem entre as especificidades dos lugares vividos e as homogeneidades globais que dialogam

nas multiplicidades espaciais dos Cerrados baianos. No entanto, eles ainda demonstram dificuldades em ressaltar o potencial deles nas paisagens dos Cerrados. Mas, são unânimes em demonstrar preocupação com a exaustão dos bens naturais.

Ao longo da escrita e percepção destes capítulos conclui que os Geraizeiros com suas atitudes, saberes que completam as suas práticas espaciais nos Cerrados. Eles foram, a seu modo, os guardiões das veredas e vales nos Cerrados. Eles ainda possuem apreço por esses lugares mesmo diante da síndrome da falta de alternativa¹³¹. Todavia, com a sua forma de r-existência silenciosa, passiva aceitaram e aceitam essas áreas serem aviltadas de seus usos quando se transformam em reservas permanentes legais do agro-energias-negócios. Mas, se os bens naturais se exaurir eles “podem desabar dali” e também não retornar como muitos já fizeram no passado.

Já os pioneiros da modernização da agricultura vislumbram as dificuldades de manutenção das propriedades¹³² diante das demandas colocadas pela globalização econômica nos Cerrados baianos no presente. Para eles, as instabilidades ambientais serão superadas pelo emprego do conhecimento técnico e ambiental, porém acessível para uma minoria dos produtores dos municípios das áreas dos Cerrados do futuro.

O terceiro setor e junto com o representante do setor financeiro/cultural da bacia do rio Francisco apontam que as alterações dos Cerrados baianos do presente podem acentuar em impactos ambientais irreversíveis. Todavia, eles acreditam no papel dos jovens, da educação com outros valores e, principalmente, com interesse na militância. Eles apostam no papel dos jovens para protagonizar a inserção de outros valores, inclusive de preservação e conservação dos bens naturais dos Cerrados.

Por último, o representante do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) aponta um quadro socioambiental delicado para o futuro dos Cerrados baianos, inclusive para agro-energias-negócios. Ele chama a atenção para a continuidade da ocupação desordenada não só da superfície dos Cerrados baianos, mas, também para as águas subterrâneas e para a simplificação da biodiversidade o que pode colocar em risco permanência humana e todos os negócios ligados a produção de *commodities* nas áreas dos Cerrados baianos.

¹³¹ Síndrome FALAL. Essa é provocada pela falta de adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, segundo Shiva (2003).

¹³² Abaixo de 1000 a 5000 hectares.

Diante dessas representações socioculturais dos Cerrados do amanhã se pode dizer que, face à desordem ambiental imposta nos Cerrados do presente, pode abrir possibilidades diante da monocultura das mentes (SHIVA, 2006). A mesma salienta:

Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço de alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedade de plantas importadas, que leva à substituição e destruição da biodiversidade local. (SHIVA, 2006, p. 25)

Essa monocultura provoca erosão nas diversidades de saberes e assolam os Cerrados do presente e que pode colocar em risco a r-existência e a (re) habitação não só das populações Geraizeiras, mas de todas as populações dos municípios da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e, por consequência, da bacia do rio São Francisco no Nordeste brasileiro.

Enfim, a existência dos Cerrados baianos no futuro depende da (re) projeção das práticas espaciais dos sujeitos, das instituições públicas, dos grupos econômicos, dos grupos sociais engajados nas questões socioambientais diante dos grandes projetos agropecuários, produção de energias - Pequenas Centrais Hidrelétricas e Termoelétricas, Fotovoltaicas - e de ampliação das infraestruturas previstas ou, já em execução.

Oxalá, que a Geografia de/em Transição seja uma “alternativa da alternativa” para análise e tradução das espacialidades e temporalidades dos Geraizeiros nos Cerrados baianos em constante mutação.

REFERÊNCIAS

AB´SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil – potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, M. G. A propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na Geografia Cultural. **Revista da Anpege**. Campinas, v. 9, n. 11, p. 41-50, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/issue/view/RA11> . Acesso em: 14 fev. 2015.

ALMEIDA, M. G.. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. v. 1. 197p .

ALMEIDA, M. G. Uma leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 294- 313..

ALMEIDA, M. G. Uma leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 294- 313

ALMEIDA, M. G. (Org.) **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de.; RATTS, A. (Org.) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia, 2003. p. 71-88.

ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. J.P. (Orgs) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

ALMEIDA, M. G. Cultura Ecológica e biodiversidade. **Mercator: revista de Geografia da UFC**. Fortaleza, CE, ano 01, n 03, jun/jul, 2003.p.71-82.

ALMEIDA, M. G. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator**. Revista de Geografia ALMEIDA, M. G. da UFC, ano 01, número 01, 2002

_____. Filosofia, Geografia e Crise Modernidade. In: Geografia: Pesquisa e Prática social. **Revista Terra Livre** n7. São Paulo, 1990. p. 61-92.

ALMEIDA, A. W. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum, *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, maio 2004, p.9-36.

ALVAREZ, E. J. Problemas de interpretación y valoración de los mapas mentales. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*. Madrid, v., p. 15-39, 1981

ALVES, V. E. L. **Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste**. (Org.). Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ALVES, V. E. L ; ROLIN, L. N. As migrações populacionais internas na década de 2000 a partir do censo demográfico de 2010: o caso da região de cerrados do centro-

norte do Brasil. In: ALVES, Vicente. E. L. **Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste.** (Org.). Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ALVES, V. E. L. Modernização Agropecuária, Ruptura e Permanência do Modo de Vida Camponês nos Cerrado do Sul do Piauí. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 77, São Paulo, Abril/ 2001. p. 7 - 28.

AMORIM, FILHO, O.B. ; A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. Caderno de Geografia (PUC Minas), n.16, p.35-58, 2006.

ANDRADE, M. C. de. **A Terra e o Homem no Nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1964.

AUBERTIN,C. O surgimento do bioma Cerrado. Atelié Geográfico, Goiânia-GO v. 7 n.1 Abril/2013 p. 05-24.

AZEVEDO, A F., Geografias Pós-Coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós-colonial, In J.R. Pimenta, A. F. Azevedo; e J. Sarmento (org.) **Geografias Pós-Coloniais**; Porto: Figueirinhas, Porto Portugal, 2008.

AZEVEDO, A. F. Geografias Pós-coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós colonial. In: PIMENTA, J.R. et al. (Org.) **Geografias Pós-Coloniais.** Livraria Figueirinhas, 2007. P. 31-69.

BARBOSA, A. S. Ocupação Indígena no Sistema Biogeográfico do Cerrado. In: GOMES, H. **Universo do Cerrado I.** Goiânia, Ed. da UCG, 2008. p. 79-165.

BARBOSA, A. S. Elementos para entender a transposição do rio São Francisco. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 227. Jul/set. 2007.

BARBARI, M.; RIBEIRO, M. S.L.de. Evolução da paisagem nas áreas de Cerrado: uma análise no tempo profundo. In: GOMES, H. **Universo do Cerrado. Vol. 1.** Goiânia: Ed. da UCG, 2008. p. 15-78.

BARCELLOS, G. H. Desterritorialização e r-existência Tupiniquim: mulheres indígenas e o complexo agroindustrial da Aracruz Celulose. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BESSE-JEAN, M. **Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e a geografia.** Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.84-91.

BENJAMIN, W. A modernidade. In: _____. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. (Biblioteca Tempo Universitário, 41).

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

BOLLE, W. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. pp. 83-132.

BONO, J. A.M.; MACEDO, M.C.M.; TORMENA, C.A.; NANNI, M.R.; GOMES, E.P.; MÜLLER, M. M. L. Infiltração de água no solo em um latossolo vermelho da região sudoeste dos Cerrados com diferentes sistemas de uso e manejo. *Revista Brasileira de Ciências do Solos*, 2012 p. 1845-1853.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BÓRQUEZ, L. C.; RODRÍGUEZ, V. N.. El “Buen Vivir” en México: ¿fundamento para una perspectiva revolucionaria? In: RAMOS, G. C. D. (Coord.) Buena vida, buen vivir: imaginario alternativos para el bien comum de la humanidad. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2014. BOURDIEU, P. A TV precisa de um contrapoder. *Jornal do Brasil*, Caderno Idéias, 11/09/2000.

BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R. (orgs). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. 2ª ed., Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006.

BRANDÃO, C. R. **“No rancho fundo”: espaços e tempos no mundo rural**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BRANDÃO, C. R. (Org) **Pesquisa participante**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1986

BRANDENBURG, A. Ecologização da agricultura familiar e ruralidade. In: DELGADO, G.C.; BERGAMASCO, S. M. P. (Orgs). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 150-167.

BRASIL, ANA - **Levantamento da Agricultura Irrigada por Pivôs Centrais no Brasil**, 2014. In: <http://arquivos.ana.gov.br/imprensa/arquivos/ProjetoPivos.pdf>. Acesso: 20/01/2017

BRASIL. Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. 2006. In: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292890&search=bahia|sao-desiderio>. Acesso: 05/03/2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Agência de Cooperação Internacional do Japão. Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados. Estudo de Avaliação Conjunta – Relatório Geral, nº 48, Brasília, jan. 2002, p. 2-32).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos

Recursos Naturais Renováveis. **Monitoramento do desmatamento nos Biomas**

Brasileiros por satélite. Brasília: Centro de Sensoriamento Remoto, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE.
<<http://siscom.ibama.gov.br/monitorabiomas/cerrado/>> Acesso: 25, maio de 2016.

Brasília: GIZ/ICMBio. 2013.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: *Escritos sobre a História*. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BARREIRA, Celene C. Monteiro Antunes. **Vão do paranã: a estruturação de uma região/** Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

BOTELHO, M. L. Colonialidade e Forma da Subjetividade moderna: a violência da identificação cultural na América Latina. *Revista ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, RJ, N. 34, P.195-230, JUL./DEZ. DE 2013

BHABHA, H. K. O local da cultura Belo Horizonte: UFMG, 2010

BURKE, P. “O Brasil como um grande caldeirão da cultura globalizada”. Entrevista de Peter Burke ao Zero Hora (Cultura), 07/04/2007

BUTTNER, A., Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. *Geograficidade*, Niterói, v5, n.1, p.1-19, verão de 2015. Disponível: <file:///C:/Users/Usuario/AppData/Local/Temp/Dialnet-LarHorizontesDeAlcanceEOSentidoDeLugar-4996052.pdf>. Acesso: 24 setembro de 2015.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

CANCLINI, N. G. Narrar o multiculturalismo. In: _____ Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 4.ª ed., 2001, p. 143 a 160.

CAPEL, H. Entrevista Horácio Capel. **Boletim Campineiro de Geografia**. V.3 n.1 2013.

CARDOSO, E. S. **Viver entre margens: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas, Barreiras, Bahia**. Goiânia. IESA/UFG. (Tese de Doutorado). 2012.

CARVALHO, L. D. Ressignificação e a reapropriação social da natureza: políticas e programas de Convivência com o semiárido no Território de Juazeiro-Bahia. São Cristóvão-SE, 2010. (Tese de Doutorado)

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 530 p. (Informação, economia, sociedade em rede, 2).2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CASTRO, J. de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CHAVEIRO, E. F. A urbanização do Cerrado: espaços indomáveis, espaços deprimidos. Revista UFG/Dezembro 2010/ ANO XII nº 9. p. 26-30.

CHAVEIRO, E. F. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. Geograficidade: uma revista do grupo de pesquisa Geografia Humanista Cultural v. 5, n. 1, 2015 p. 40-51.

CHAVEIRO, E. O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M.G et al. (Org.) Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008. p. 75- 97.

CHAUÍ, M. Uma opção radical e moderna: democracia cultural. **Polis**, São Paulo, n. 12, p. 9-38, 1993.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro A feche Pimenta. Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CLAVAL, P. Agenda da Geografia. In: ALMEIDA, M.G. de; ARRAIS, T. A. **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 144 a 160.

CLAVAL, P. *Géographie Culturelle. Une nouvelle approche des sociétés et des milieux*. (2ª edição) Paris, Armand Colin, 2012.

CLAVAL, P. **Terras dos Homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, P. *Le Brésil: idées reçues*. Éditions Le Cavalier Bleu, Paris, 2009.

CLAVAL, P. A “volta do cultural” na geografia. *Mercator*, ano 01, n. 01, p.19-28, 2002

CLAVAL, P. A geografia da arte: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999. (Série Geografia Cultural).

CADMAN, L. Nonrepresentational Theory/Nonrepresentational Geographies. Elsevier Inc. All rights reserved. 2009. <https://booksite.elsevier.com/brochures/hugy/SampleContent/Nonrepresentational-Theory-and-Geographies.pdf>. Acesso: 03/02/2016.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural Radical. In: CORRÊA, Roberto. L. e ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224p.

CERTEAU, M. de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNHA, E. da. Os Sertões. Adaptação de Ivan Jaf. 1.ed. São Paulo: Ática, 2009.
- CUNHA, E. da. Os Sertões: campanha de canudos. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- CRUZ, V.C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade, In: BEZERRA, A.C. A. et al. (Orgs). Itinerários Geográficos. Niterói: EdUFF, 2007 p. 13-55
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAYRELL, C.A. Geraizeiros e biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. Tese. Universidade Internacional Andalucia, La Rábida. 1998.
- DAYRELL, C. A, Rebeldia nos sertões. **Agriculturas.** v-8, n.4 dezembro de 2011. p. 9-14.
- DAYRELL, C. A, **AGRICULTURA GERAIZEIRA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO.** Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.21, n.3, p. 99-120, set./dez. 2012
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia.** Trad. Joaquim Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- DE MASI, D. **O ócio criativo.** Rio de Janeiro: Sextante. 2000. 328p.
- DIEGUES, A. C. S. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: SERRANO, C.; M. T.; BRUHNS, Heloísa, T. **Viagem a Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente,** Campinas, SP. Ed. Papirus, 2002, p. 25;
- DIEGUES, A. C.S.A. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo. Ed. Hucitec. 1996
- DIEGUES, A. C.S.A **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil.** São Paulo: NUPAUB/USP, 2000.
- DIEGUES, A. C.S.A. **Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos.** São Paulo: Hucitec, 2000
- DOMINGUES, A. J. P. Contribuição ao Estudo da Geografia da Região Sudoeste da Bahia. In: Revista Brasileira de Geografia. Abril-junho de 1947 p.
- DUARTE, L. G.; THEODORO, Suzi (Orgs.) **Dilemas do Cerrado: Entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo.** Brasília: Garamond, 2002.
- DUARTE, L.M.G.B; SANTANA, M. L. de. **Tristes Cerrados. Sociedade e biodiversidade.** Brasília, Paralelo 15. 1999.

DUSSEL, E. “Europa, Modernidad, Eurocentrismo”. In: LANDER, Edgard (compilador). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Clacso, 2003.

DUSSEL, E. **Ética da libertação. Na idade da globalização e da exclusão**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

DURKHEIM, É..Le Rôle de l'Université dans l'Education Sociale du Pays. *Revue française de Sociologie*, n. 2, v. XVII, abr./jun. 1976

ELIAS, D. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas regionalizações no Brasil. In: ALVES, V.E. (Org) **Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e Leste do Tocantins**. Ed. Consequência. Rio de Janeiro, 2015, p. 25-44.

ELOY, L.; LÚCIO, S. L. B. Caracterização agronômica e socioeconômica das roças de toco e de esgoto na Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins. 2013.

ELDEN, S. Terra, terreno, território. Geografares. Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES, Janeiro-Junho, 2016. p. 42-60

ESCOBAR, A. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: Globalización o posdesarrollo. IN: VIOLA, A. (Comp.) *Antropología del desarrollo: Teorías y estudios etnográficos en América Latina*. Barcelona: Paidós, 2000.

ESCOBAR, A. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?**. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.133-168.

FERRI, M. G. III Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo: Ed. Edgard Blucher e da USP, 1977.

FEYERABEND, P. **Contra o Método**. Editora da Unesp, São Paulo. 2011.

FOUCAULT, M. 2005. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

FREDERICO, S.; BÜHLER, E.A. Capital Financeiro e expansão da fronteira no oeste da Bahia. In: ALVES, Vicente. E. L. **Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste**. (Org.). Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

FREDERICO, S. **O novo tempo do Cerrado: Expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

FREDERICO, S. O novo tempo do Cerrado: Expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos. **(Tese de doutorado)** FLFCH, USP, São Paulo, 2008

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

- GERMANI, G. I.; Reforma Agrária: Ações Públicas e Movimentos Sociais. In: Cadernos de Geociências, Salvador, v.1, n.6, p.11-211; nov. 2001.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.
- GEIGER, P. P. Excursão ao Jalapão: Trechos de um relatório inédito. Terra Brasilis (Nova Série), 3. 2014 p. 01-44
- GIL FILHO, Sylvio. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpx, 2008.
- GIRARDI, G. Política e Potência das Imagens Cartográficas na Geografia. In: CAZETTA, V. JR OLIVEIRA. (Orgs) **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. p. 69-86.
- GODOY, P. R. T de. Paradigmas e Geografia. **Revista da AMPEGE**, v.7 número especial, 2011 p. 67-80.
- GOMES, H. A transposição do rio São Francisco: questões para o debate. Revista do Instituto Trópico Subúmido, v2, Ed. UCG, Goiânia, 2012.
- GOMES, P. C, **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GONZÁLEZ CASANOVA, P. **Colonialismo interno (uma redefinição)**. En publicacion: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. 2005
- GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GREGORY, D.; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. S.de; MENESES, M. P. **Epistemologia do Sul**. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- HAESBAERT, R. TERRITÓRIOS EM DISPUTA: desafios da lógica espacial zonal na luta política CAMPO TERRITÓRIO: revista de geografia agrária Edição especial do XXI ENGA 2012, p. 117, jul 2014
- HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um Debate, *GEOgraphia*, n.17, 2007.
- HAESBAERT, R. Concepções de território para entendera desterritorialização. In: SANTOS, Milton. I. E.de et al (orgs).Território,Territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial. 2ª ed – Rio de Janeiro:DP&A, 2006
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, R. **“Gaúchos no Nordeste: modernidade, Des-territorialização e Identidade”**. São Paulo. USP.FFLCH (Tese de Doutorado). 1995.

HAESBAERT, R. Filosofia, Geografia e crise da Modernidade. *Terra Livre* n. 7. 1990.

HALL, S. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (Org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, S.. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003

HALL, S. “Epilogue: Through the Prism of an Intellectual Life”. In: MEEKS, Brian (org.). Culture, Politics, Race and Diaspora: The Thought of Stuart Hall. Kingston/Londres: Ian Randle Publishers/Lawrence & Wishart, 2007

HARVEY, D. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2010

HARVEY, D. **Spaces of global capitalism**: towards a theory of uneven geographical development. New York: verso, 2006.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola. São Paulo, 2010 (20ª Edição).

HEIDEGGER, M. **Que é isto – A filosofia?**: identidade e diferença. 3 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2013.

HEIDRICH, A. L. Conflitos territoriais na estratégica de preservação da natureza. in: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos. (Org.) Editora Expressão Popular, São Paulo, 2009 p. 271-291.

HISSA, C. E V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HISSA, C. E V. (Org.) . **Conversações: de artes e de ciências**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 1. 315p.

HISSA, C. E V.. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. v. 1. 197p .

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos Municípios**

Brasileiros. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, XX volume, 1958.

IBGE, Brasil. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro: 1991. Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: 03 nov. 2015.

IBGE, Brasil. . **Censo Demográfico 1950/2010**. Até 1991, dados extraídos de Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1994, v. 54. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 03 nov. 2015.

IBGE, Brasil. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default_tab_censoagro.shtm . Acesso em: 01 maio 2015.

IBGE, Brasil. **Confronto dos resultados dos dados estruturais dos Censos Agropecuários Tocantins - 1970/2006**. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default_tab_censoagro.shtm . Acesso em: 12 mar. 2015.

IBGE, Brasil. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: 03 nov. 2015.

IBGE, Brasil. **Cidade**. Agricultura temporária. Soja (em grão) – quantidade produzida (ton.). Acessado em 24 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=172208&idtema=149&search=tocantins|wanderlandia|producao-agricola-municipal-lavoura-temporaria-2014>. Acesso em: 12 mar. 2015.

IBGE, Brasil. **Cidade: Histórico municípios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=171280&search=tocantins|maurilandia-do-tocantins|infograficos:-historico> . Acesso em: 01 jan. 2016.

ICMBio. Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/cerrado/unidades-de-conservacao-cerrado/2068-esec-serra-geral-do-tocantins.html> Acessado dia 02 de outubro de 2013. 2013.

KATZ, C. Neoliberalismo, neodesenvolvimentismo, socialismo. Editora Expressão Popular e Editora Fundação Perseu Abramo. 2016.

KIMURA, S. Geografia no Ensino Básico: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

KOZEL, S.T. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”**. São Paulo. USP. FFLCH (Tese de Doutorado). 2001

KOZEL, S.T. “As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível” 2000. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Methodologico/s/04.pdf>. Acesso: 06/11/2015

KOZEL, S.T. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais/Communicating and representing: maps as socio-cultural constructions. Geograficidade | v.3, Número Especial, Primavera 2013. P. 57-70

KOZEL, S. T. Representação e Ensino - aguçando o olhar geográfico para os aspectos Didático-pedagógicos. In: SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços Culturais - vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p..

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. 1 Ed. Revisada. Curitiba: UFPR, 2009b.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v.22, n.37, p. 65-78, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/3418>>. Acesso em: 05/12/2013.

KRAYCHETE, G.; COMERFORD, J. C. Oeste Baiano: os movimentos sociais face ao novo cenário regional. In: CLÓVIS, C.; RAQUEL, V. (Orgs). *Trilando velhos e novos caminhos do Além São Francisco*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4a Ed. Paris. ÉditionsAnthropos, 2000) Primeira versão: início –fev.2006)

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoria de las representaciones**. Fundo de Cultura Economica, México. 1986.

LEFF, E. **Racionalidade Ambiental** - a reapropriação social da natureza.tradução Luís Carlos Cabral, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade,poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo dos saberes. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. 87f. (Idéias Sustentáveis)

LEROY, J. P. Territórios e bens comuns. **Agriculturas**. v-8, n.4 dezembro de 2011. p. 4-8.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, (Tradução Jefferson Luiz Camargo).1997.

LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado”. Outubro, n. 1, 1998, p. 73-80.

LUZ, C.; DAYRELL, C. A. **Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade**. Montes Claros, MG, 2000

MAIA, Doralice. S. **Tempos lentos na cidade: Permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa - PB**. 2000. Tese (Doutorado) FFLCH-GE – Universidade de São Paulo USP, São Paulo, 2000.

MARAFON, Gláucio. Relações campo-cidade: uma leitura a partir do espaço rural fluminense. In: SAQUET, M.; SUZUKI, J.; MARAFON, G. (Org). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 155-167.

MARANDOLA JR, E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea, *Geograficidade* v. 3 n. 3, Inverno 2013.

MARTINS, José de S. Os camponeses e a política no Brasil Petrópolis: Vozes, 1981.

- MARANDOLA JR., E. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2015. 250p
- MAYR, M. Prefácio. In: RIGONATO, V.D; SANTOS, M. A. Saberes Ambientais do Cerrado. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016. p . 10-11
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. tradução Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 314p.
- MASSEY, D. KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. IN: GEOgraphia. Ano 6 – nº. 12. 2004
- MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- MAZZETO SILVA, C. E. **O Cerrado em disputa: apropriação global e resistências locais**. Brasília: Confea, 2009.
- MAZZETTO SILVA. C. E (2006a). Os Cerrados e a Sustentabilidade: territorialidades em tensão. Tese de doutoramento defendida na Geografia/UFF em março de 2006, 271p.
- MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MENDONÇA, M. A urdidura do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano (Tese de Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, Brasil. 2004.
- MENDONÇA, M. R. O Agrohidronegócio no cerrado goiano: construção das (re) existências. In: **I Encuentro Latino-americano Ciências Sociais y Represas**, 2007, Salvador (BA). CD-Room, Salvador, 2007. p. 1-17.
- MENDONÇA FILHO, Marajá João Alves de. Influências geopolíticas e defesa nacional: quartéis do Exército na região de cerrado de Goiás, Tocantins, Distrito Federal e Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Impresso, 2005.
- MÉRÉNNE-SCHOUMAKER, B. Compétences et savoirs terminaux en géographie. Réflexions et propositions. **Cahiers de géographie**, 43(120), p. 437-449, 1999.
- MÉSZAROS, I. **Para além do capital: rumo a teoria de transição**. Tradução Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MMA. Ministério do Meio Ambiente. Monitoramento do Desmatamento no Bioma Cerrado, 2002/2008. http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/monitoramento_desmate_bioma_cerrado_2002_2008_csr_ibama_rev_72.pdf. Acesso: 30/01/2015
- MODESTO, N. S. D. A “ausência assistida” do poder político na compreensão dos sentidos das ações dos sujeitos sociais na produção do espaço. In: SILVA, C.A. da.; CAMPOS, A.; MODESTO, N. S. D; Por uma geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 67 – 115.

MORAES, M. D. C. de. Um povo do Cerrado entre Baixões e Chapadas: o modo de vida e crise ecológica de camponeses(as) nos Cerrados do Sudoeste Piauiense. In: GODOI, E. P. de; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A. Diversidade do Campesinato: expressões e categorias (Orgs). São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MOREIRA, R. O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras. Vol. 3. São Paulo: Contexto, 2010, 169 p.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, C. A.F.de. Geografia entre os séculos XX e XXI: Minha vivência na 2ª metade do 1º e na entrada do 2º e inquietações sobre o futuro. GEOgraphia. Rio de Janeiro. Número Especial. Novembro de 2012. p. 69-98.

MONTENEGRO, J. Povos e comunidades tradicionais, desenvolvimento e descolonidade: articulando um discurso fragmentado. OKARA: Geografia em debate, v6. n I, p. 163-174.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NETO, A.T. O Território Goiano-Tocantinense no Contexto do Território do Cerrado. In: GOMES, H. Universo do Cerrado. Goiânia: Ed. da UCG, 2008. p.231-270.

NEVES, E. F. Propriedade, posse e exploração da terra: domínio fundiário na região oeste da Bahia, século XIX. In: CLOVIS, C. **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do Além São Francisco**. Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, BA. 2012.

NOGUÉ, J. Sentido del lugar, paisaje y conflicto. Geopolítica(s). Vol.5 núm 2, 2014 p. 155-163.

NOGUÉ, J.; ROMERO, J. (eds). *Las otras geografías*. Valencia: Tirant lo Blanch (Colección Crónica), 2006. 557 páginas [ISBN: 84-8456-663-3]

NUNES, V. R. B. Tema: arte rupestre no município de são desidério – bahia. UCG, 2008

OLIVEIRA, A. U. de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 15, n. 43, p. 185-206, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300015. Acesso em: 22 mar. 2015.

OLIVEIRA, U. A. A questão da aquisição de terras por estrangeiros no Brasil – um retorno os dossiês. Agraria, São Paulo, N. 12 p. 3-113. 2010

OLIVEIRA, Livia de. Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan. In Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica, V.1.Rio Claro, SP.: AGETEO, 1976. V.25.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis, Vozes, 2011.

PAULA, A.M.N.R. Travessias...Movimentos migratórios em comunidades rurais no

Sertão do Norte de Minas Gerais. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. 2009.

PASCAL, B. **Pensamentos**. Ridendo Castigati Moraes. Coleção. 2002.

PELUSO, M. L. O Potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia** 2003, 8(2), 321-327.

PIERSON, D. **O homem no vale do São Francisco**. Ministério do Interior. Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), Rio de Janeiro, 1972.

PINHEIRO, J. P.; PITTA, I. A. **No cerrado entre o malho e o fuzil: o Exército Brasileiro no Oeste Baiano**. Barreiras: Aliança, 2012.

PLOEG, J. D. V.D. Dez qualidades da agricultura familiar. **Agriculturas**: Experiências em Agroecologia. n.1 Fevereiro de 2014 p. 7-14.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A dimensão geopolítica da crise brasileira: uma perspectiva desde os grupos sociais em situação de subalternização. **GEOGrafia** Ano. 18 , Nº37, 2016 p. 9-34

PORTO-GONÇALVES, C. W. Geo-grafias. *Revista Cardinalis*, v. 4, p. 230-263, 2015.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. *Polis (Santiago. en Línea)*, v. 11, p. 1, 2012.

PORTO-GONÇALVES, C. W. ALENTEJANO, P. R. . Geografía Agraria de la crisis de los Alimentos en Brasil. *Mundo Siglo XXI - Revista del Centro de Investigaciones Económicas, Admisnistrativas y Sociales del Intituto Politécnico Nacional*, v. 20, p. 39-54, 2010.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A Globalização da natureza e a natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha. En publicacion: *Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado*. Ceceña, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2006. pp. 151-197.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Espaço e poder em questão: uma perspectiva desde a subalternidade. In: JUNIOR, M.A.M. GARCIA, M.F.; VIANA, P.C.G. (Org.) *A questão agrária no século XXI: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais*. **Globalização da natureza, natureza da globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

PORTO GONÇALVES, C. W. O Latifúndio Genético e a R-existência Indígena-Campesina. *GEOgraphia*, Vol. 4, N. 8 (2002) p. 1-15.

RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: **Teorias e práticas territoriais: análises espaços-temporais**. PEREIRA, S.R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E.B.C. de (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RAFFESTIN, C. E se a representação fosse apenas a invenção da moeda fiduciária do real? **Revista Formação**. Presidente Prudente: UNESP, v. 2, n. 14, p. 8-13, 2007. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao> . Acesso em: 10 fev. 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, A.J.P. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONCSECA, M.N. S. (Org.). **Brasil Afro-Brasileiro**, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000. p. 307-326.

RIBEIRO, F. R. História Ecológica do Sertão Mineiro e a Formação do Patrimônio Cultural Sertanejo. In: LUZ, C.; DAYRELL, C. Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade. Montes Claros, MG, 2000.

RICHTER, D. . **O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 270p .

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa** (tomo 1); tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RIGONATO, V. D. A dimensão sociocultural das paisagens do Cerrado goiano: o distrito de Vila Borba. In.: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Vieira, 2005, p. 63-96.

ROSA, G. Grande Sertão: veredas. Editora Nova Aguilar. São Paulo, 1994

ROCHA, L. B.; ALMEIDA, M. G. de. Cultura, mundo-vivido e território. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA, Londrina, 2005.

RODRIGUEZ, J. M. M. (Org) **Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SAHR, W.D; Portos e Sertões-reflexões sobre uma geografia cultural à la brésilienne. In: MENDONÇA, F.A.de; SAHR-LOWEN, C.L.; SILVA, M.da. (Orgs) **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009. p, 261-280.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, C. C. P Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados – PRODECER: um espectro ronda os cerrados brasileiros. *Revista Estudo Sociedade e Agricultura*. Ano 24 volume 2. Outubro de 2016. p. 384-416.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

SANTOS, R. J. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In. Revista Sociedade & Natureza, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização no oeste baiano**. Recife: SUDENE, 1989.

SAQUET, M. Entender a produção do espaço geográfico para compreender o território. In: Sposito, Eliseu Savério (Org). Produção do espaço e redefinições regionais: A construção de uma temática. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR, 2005, p. 85-116.

SARTRE, J.P. O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológico. Tradução de Paulo Perdigão. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAWYER, D. População, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável no Cerrado. 2002. In: https://www.researchgate.net/publication/267773958_Populacao_Meio_Ambiente_e_Developolvimento_Sustentavel_no_Cerrado. Acesso: 03 de janeiro de 2017.

SEEMANN, Jorn. O fim das representações na Geografia Cultural? In: RAMANCINI, S.R.; ROSSETTO, O.C. NORA, G.D. (Orgs) NEER- As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia. Documento Eletrônico. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015 p. 31-51. https://issuu.com/imprensa.livre/docs/neer_i_e_ii. Acesso: 12/01/2017.

SORRE, Max. **Les Fondements de la géographie humaine**. Tome III, L'Habitat. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.

SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização no oeste baiano**. Recife: SUDENE, 1989.

SEPLAN, Secretaria do Planejamento. <http://www.seplan.ba.gov.br/municipios/sao-desiderio> Acesso: 30/01/2015.

SEPLAN. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia. In: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso: 11/04/2016.

SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SERPA, A. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007.

SGANZERIA, C. R.; BORGES, E. Quem são e onde estão os pobres na Bahia. **Bahia Análise de dados**, Salvador, v. 24, n. 4, p. out/dez 2015. 657-670

SILVA, A., G. S. dos. **Culturas desviantes: andanças amazônicas pelo Vale do Guaporé**. Goiânia: Editora UFG, 2014.

SILVA, J. M.; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra. 2013. 400p.

SOBRINHO, J. S. de. Territorialização e desterritorialização dos camponeses gerapeiros do vale do rio Arrojado, Oeste da Bahia. In: ALVES, V. E. (Org.) **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste do Tocantins**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 269-323.

SOJA, E. O Espaço como questão pessoal. In: OLIVEIRA, M.C. N. C.; CORRÊA, A. M. de. (Org.) **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (I)**. Rio de Janeiro: Lamparina: Anpege, Faperj, 2008.

SOUZA NETO, Manuel F. S. de. Os ventos do norte não movem moinhos. **Boletim Goiano de Geografia**. v. 28, n. 2 p. 15-32 jul/dez, 2008.

SOUZA, M. M.O. de; PESSÔA, V. L. S. Diagnóstico rural participativo (DRP): um instrumento metodológico qualitativo em geografia. In: SOUZA, M. M.O. de; PESSÔA, V. L. S. **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia, MG. Editora Assis. 2009 p. 199-220.

SANTOS CLOVIS, C. M.; VALE, R.; COMERFORD, J.; GUERREIRO DE FREITAS, A; KRAYCHETE, G.; LOBAO, J. S. B.; NEVES, E. F.; REIS, S. L. S.; SANO, E. ; TOMASONI, M. A. (Orgs.) . **Oeste da Bahia: Trilhando Novos e Velhos Caminhos do Além São Francisco**. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. 433p

SPERA, et. al., 2016. Land-use change affects water recycling in Brazil's last agricultural frontier. **Revista Global Change Biology**.

SPERA, S. A., GALFORD, G. L., COE, M. T., MACEDO, M. N., & MUSTARD, J. F. (2016). Land-Use Change Affects Water Recycling in Brazil's Last Agricultural Frontier. *Global Change Biology*. doi:10.1111/gcb.13298

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. Traduzido por Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SPIVAK, G. G. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, M. M. O. de; PESSÔA, V. L. S. Diagnóstico Rural Participativo (DRP): um instrumento metodológico qualitativo em geografia. In: RAMIRES, J. C. L. de; PESSÔA, V. L. S. **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. (Orgs). Uberlândia: Assis, 2009. p. 199 a 220.

SPOSITO, E. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

STROPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Agriculturas**. v. 8 n.1 março de 2011

SVAMPA, M. Movimientos Sociales, matrices sócio-políticos y nuevos escenarios em América Latina. Working Papers 01/2010. In: <https://kobra.bibliothek.uni->

kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:342010110334865/1/OWP_Working_Paper_2010_01.pdf. Acesso: 11/04/2016.

THÉY, Hervé; MELLO, N. A. de; HATO, J.; GIRARDI, E. P. **Atlas do trabalho escravo no Brasil**. São Paulo: Amigos da Terra – Amazônia Brasileira, 2012.

THRIFT, N. **Non-representational geography**. Space, politics, affect. London:2008

VARGAS, M. M. Territórios de identidade nos territórios de planejamento. **Revista da ANPEGE**, Vol. 1 N. 1, 2011. p.99-109.

VERDEJO, M. **Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático**. Brasília, 2006.

VIEIRA, V.S. O governo local e a promoção econômica a partir do Marketing territorial no município de Luís Eduardo Magalhães. 2007 p.170. Dissertação de Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Universidade do Estado da Bahia. 2007

VILLARREAL, L.Z. Las paradojas del desarrollo local y del turismo. Editorial Porrúa/UAEM en imprenta.2012

WALSH, C. “Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e reviver”. In: CANDAU, V. M. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-43.

WERLEN, B. Regionalismo e sociedade política. *GEOgraphia*. Revista da Pós-graduação em Geografia da UFF. Niterói/RJ, UFF/ECG. 2012 p. 73-96

YAMPARA, S. Pachakutt’I –Kandiri en el paytiti [reencuentro entre la búsqueda y retorno a la Armonía originaria], La Paz: ediciones qamañpacha –CADA, 1995.

TAMANTANTI, J. M. D. Cartografía social y geografía comunitaria. In: TAMANTANTI, J.M.D. Hacia una geografía comunitaria geográfica:abordajes desde cartografía social y sistemas de información geográfica. Comodoro Rivadavia: Universitaria de la Patagonia-EDUPA, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia – Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente (Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1976.

TUAN, Yi-Fu. Paisagens do medo. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Entrevistas¹³³

ALEGRE, J. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Povoado de Vereda Grande, São Desidério 10 de julho, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

ARAUJO, M.S. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 03 de dezembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

CAPPEL, H. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 24 novembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

¹³³ Liste apenas aqueles que diretamente o seu depoimento foi importante para o teste tese.

CAPPES, L. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 24 novembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

MARY, M. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 20 dezembro de 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SOUZA, E.L. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 16 de dezembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SOUZA, I. B. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Povoado de Ponte de Mateus, São Desidério 25 de novembro, 2014]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SOUZA, M. B. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Povoado de Ponte de Mateus, São Desidério 8 de julho, 2015]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SOARES, Z. E.F. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 26 novembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SANTANA, J. J. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [São Desidério 25 de novembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

RIBEIRO, J. O. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Povoado de Ponte de Mateus, São Desidério 5 de novembro, 2014]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SILVA, L.C. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Barreiras,. 24 novembro, 2016]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

SOUZA, D. B. de. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Ponte de Mateus,. 18 março de, 2015]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

ANJOS, G. F. dos. Cerrado passado, presente e futuro: entrevista [Ponte de Mateus,. 18 março de, 2015]. Entrevista concedida a Valney Dias Rigonato

Lista de parceiros da pesquisa

LISTA DE PARCEIROS DA PESQUISA¹³⁴ NO MÉDIO VALE DO RIO GUARÁ

Nomes	Identificação
Jaqueline de Oliveira Ribeiro	Diretora da Escola
Iraci Batista de Souza	Geraizeira, raizeira e merendeira
Marcelo Batista de Souza	Geraizeiro e porteiro
Domingos Batista de Souza	Geraizeiro e professor
Genésio Francisco dos Anjos	Geraizeiro e professor
Loslaiâne Cerrano da Silva	Geraizeira e secretaria
Joelma de Souza Santos	Geraizeira
Rafael Prazeres dos Anjos	Geraizeiro
Adelaine Maria dos Santos	Geraizeira/estudantes
Aercio Jaqui dos Anjos	Geraizeiro
Marlene Barbosa do Carmo	Geraizeira
Lucineire dos Anjos Conceição	Geraizeira
Cleidiane do Carmo Conceição	Geraizeira
Sirlene Maria da Virgens Jesus	Geraizeira

¹³⁴ Muitas das contribuições dessas pessoas vieram nas conversar informais durante os estágios de vivências, os trabalhos de campo e as oficinas desenvolvidas no médio vale do rio Guará 2013-2016.

Angelo José dos Santos	Geraizeiro
Elizario Francelino de Souza	Geraizeiro
Lídia Sofia de Jesus	Geraizeira
Canuta Sofia de Jesus	Geraizeira
Rosimeire Conceição de Jesus	Geraizeira

Lista de Funcionários da Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza				
Nº	NOME	CARGO	C.H. MENSAL	Concursado ou Contratado
01	Jaqueline de Oliveira Ribeiro	Diretora	20+20	Concursada
02	Teodomira Maria Leopoldina Neta	Vice Diretora	40	Contratada
03	Loslaiâne Cerrano da Silva	Secretária	40	Contratada
04	Alcinda de Almeida Guimarães	Professora	40	Contratada
05	Alfredo José dos Santos Filho	Professor	40	Contratado
06	Domingos Batista de Souza	Professor	40	Concursado
07	Georgton Barbosa da Silva	Professor	40	Contratado
08	Genésio Francisco dos Anjos	Professor	40	Contratado
09	Givânia Pimentel da Silva	Professora	40	Contratada
10	Leandro Cabral de Almeida	Professor	40	Contratado
11	Luiz Cezar De Jesus	Professor	20+20	Concursado
12	Reginaldo Pereira de Souza	Professor	40	Contratado
13	Shisna Oliveira Barbosa	Professora	40	Contratada
14	Tatiane Guimaraes Barbosa	Professora	40	Contratada
15	Valdinéia da Silva Santos	Professora	40	Contratada
16	Aparecida Souza dos Santos	Merendeira	40	Contratada
17	Iraci Batista De Souza	Merendeira	40	Contratada
18	Dinéria Ferreira Soares	Merendeira	40	Contratada
19	Sinvaldina Maria de Souza	Merendeira	40	Concursada
20	Ivanete Gomes dos Anjos Da Hora	Zeladora	40	Contratada
21	Josely Rosa Curvelo da Silva	Zeladora	40	Concursada
22	Zenaide Rosa de Souza	Zeladora	40	Concursada
23	Adriano Batista Gomes	Porteiro	40	Concursado

24	Marcelo Batista de Souza	Porteiro	40	Concurado
25	Elmiro Rodrigues de Almeida	Aux. de Serviço Geral	20	Contratado
26	Ramon de Souza	Motorista		Terceirizado
27	José Francisco dos Anjos	Motorista		Terceirizado
28	Edmundo Gusmão Filho	Motorista		Terceirizado
29	Odete Xavier de Souza	Motorista		Terceirizado

LISTA DE ALUNOS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DE MAPAS MENTAIS E MULTIRÃO DE FOTOGRAFIAS

TURMA: 8º ANO TURNO: MATUTINO

Nº	ID	DATA DE NASC.	NOME DO ALUNO
1.	113354061153	19/05/1999	ADAILTON FERREIRA DOS SANTOS
2.	111083214020	18/11/1997	ADENILSON SOARES DOS SANTOS
3.	112291257870	15/04/1999	ADILSON COSTA DA SILVA
4.	116799415779	25/01/2000	CARLOS ANDRÉ SANTOS DA GUARDA
5.	119129920867	23/06/2001	DANIEL DA ROCHA SANTOS
6.	118273836907	18/07/2001	DEIVID LUIZ OLIVEIRA SOUZA
7.	112293001554	24/05/1998	DORISMAR JESUS DOS SANTOS
8.	116813190040	03/12/2000	ELIANA FRANCISCA DOS SANTOS
9.		19/02/2001	ELICA DOS SANTOS DE JESUS
10.		20/03/2000	ENIO DE JESUS
11.	110338715320	10/06/1999	GILBERTO JOSÉ DOS SANTOS
12.	119400350901	09/04/2002	GLEIDSON FERNANDO DOS SANTOS
13.	116812007675	19/02/2001	JARDEL COSTA DA SILVA
14.	116812935793	16/10/2000	JEOVÁ JOSÉ DA COSTA
15.		13/12/2001	JOÃO PAULO FERREIRA SOARES
16.	112079028536	29/05/2001	JUCILÉIA DE JESUS RODRIGUES
17.	112970509163	11/03/1999	LORMINO SOARES DOS SANTOS
18.	111848153995	25/09/1999	MARCELO OLIVEIRA DO CARMO
19.	113357495430	25/05/1997	MARCOS MOREIRA VIEIRA
20.	111394726588	05/07/1999	MARIA DO SOCORRO DA SILVA
21.	116785920808	12/01/2001	MARUSAN BRITO DOS ANJOS
22.	120689715420	12/09/1997	MAURICIO DOS ANJOS SANTOS
23.	116812729700	06/03/2001	NEILTON DOS ANJOS DA CONCEIÇÃO
24.	125182919700	08/06/2001	PATRICIA DE JESUS COSTA
25.	113575865409	28/05/1996	SELMA DE JESUS DOS ANJOS
26.	113282187164	28/10/1999	SIMONE CONCEIÇÃO DE ALMEIDA
27.	110036493510	06/06/2001	THIAGO BATISTA DE SOUZA
28.	113800762853	03/05/1999	WESLEI DE JESUS DA COSTA

TURMA: 8ª SÉRIE TURNO: MATUTINO

Nº	ID	DATA DE NASC.	NOME DO ALUNO
1.	116798997596	15/10/1999	ALESSANDRA DE SOUZA SANTOS
2.	116799509161	28/12/2000	ANA LÚCIA DOS ANJOS SANTOS

3.	116812140910	04/07/2000	EDENILSON DOS SANTOS BARBOSA
4.	116813334904	27/08/2000	EDICLEI DOS ANJOS SANTOS
5.	110791270466	27/06/2000	EDMAURA SOUZA DOS SANTOS
6.	116812388105	11/06/1998	EDMILSON JESUS DA ROCHA
7.	113878222091	10/08/1997	GENILSON CONCEIÇÃO DE JESUS
8.	116813266712	14/11/2000	GIMAILZA MARIA DOS SANTOS
9.	110406328071	30/09/1997	GILVANY FERREIRA DOS SANTOS
10.	114505771724	21/08/1999	IVAN OLIVEIRA DOS SANTOS
11.	116813117989	03/04/2001	IVANEIA ANJOS DA HORA
12.	112904461212	07/12/1998	IVANETH MARIA DAS VIRGENS
13.	114811491210	27/03/2000	IVONE FRANCISCA DE SOUZA
14.	116785843048	03/09/2001	JADSON CURVELO DA SILVA
15.	116799544820	01/07/2000	KELLY RAYANE SILVA DE SOUZA
16.	116812550654	15/12/2000	LAURISSE SILVA DO CARMO
17.	111386890765	14/12/1998	LEONARDO DE ALMEIDA RODRIGUES
18.	110932305503	12/02/1999	LUCAS DE ALMEIDA SANTOS
19.	110640090264	30/09/1999	PATRICIA MOREIRA VIEIRA
20.	112442083530	26/10/1997	RAFAEL DOS SANTOS SILVA
21.	112744142882	04/08/1997	RAFAEL OLIVEIRA DO CARMO
22.		20/11/1999	RUTH DOS SANTOS DE JESUS
23.	116813246363	21/03/2001	VANESSA DOS ANJOS RODRIGUES
24.	116799335155	18/06/2001	WILLIAN GOMES DE OLIVEIRA

TURMA: 1ª SÉRIE TURNO: NOTURNO

Nº	ID	DATA DE NASC.	NOME DO ALUNO
1.			ADELAINÉ MARIA DOS SANTOS
2.	113423410310	14/11/1998	ALEXANDRE DOS SANTOS OLIVEIRA Evad.II unid
3.	114732189341	23/02/2000	ANA PAULA DOS SANTOS SILVA
4.		15/01/1999	ANDREIA SANTANA DOURADO trans. II unid
5.	111922965404	22/02/1997	DEMYSON DE SOUZA DAMACENA
6.	110858748001	27/03/1998	ELDA DE JESUS SANTOS
7.		03/05/1996	EDILEIA DE JESUS RODRIUES
8.	113500370607	08/07/1998	FABIANA JESUS DAS VIRGENS
9.		12/09/1989	FLAVIANA MARIA DE ALMEIDA
10.	113584030900	26/10/1999	GEANE DE ALMEIDA DOS SANTOS DE OLIVEIRA
11.	110187333377	26/11/1999	GERALDO BRITO DOS ANJOS
12.	111545617553	10/01/2000	JOÍLMA ANJOS DOS PRAZERES
13.	116786871460	31/01/2000	JOILMA OLIVEIRA DOS SANTOS
14.	110932307972	09/02/1999	JOSIELMA ROCHA DOS ANJOS
15.	113433320607	26/11/1999	JOSIVALDO DOS ANJOS DA SILVA
16.	112829019589	01/10/1998	MARTA BRITO DOS ANJOS
17.	110112467082	06/08/1999	ROMERITO DOS ANJOS CONCEIÇÃO
18.	114656694931	31/03/1999	SUZANA SOUZA DOS SANTOS
19.		26/09/1997	WAGNER CONCEIÇÃO DE ALMEIDA

TURMA: 2ª SÉRIE TURNO: NOTURNO

Nº	ID	DATA DE NASC.	NOME DO ALUNO
----	----	---------------	---------------

1.	114509503295	18/05/1996	ALEX DE SOUSA SANTOS
2.	113047687080	23/01/1997	ANA PAULA JESUS DOS SANTOS
3.		25/02/1999	ALESSANDRO FERREIRA SOARES
4.	110932280918	18/08/1998	CILENE ANJOS DOS SANTOS
5.	125180179415	12/01/1982	CRISTINA DA CRUZ SILVA DE SOUZA
6.	110253269970	26/07/1998	CRISTINA SANTOS DA GUARDA
7.	116787019806	07/07/1996	DELMA DE JESUS SANTOS
8.	110933869168	08/10/1995	EDIVALDO DOS ANJOS RODRIGUES
9.	114425896121	02/05/1999	EDNEIA DE JESUS RODRIGUES
10.	110112293076	30/04/1998	FABIANA DE JESUS DOS SANTOS
11.	110330576061	18/01/1999	FERNANDA BATISTA DE SOUZA
12.	112074600959	07/09/1998	GERSON FRANCISCO DOS ANJOS
13.	114499663228	01/02/1999	GIRLEY DOS ANJOS SANTOS
14.	114501227604	01/08/1998	IANDRA RODRIGUES DA ROCHA
15.		21/05/1990	ISMAILDO DE JESUS ROCHA
16.	113576053238	05/05/1998	IVAN FRANCELINO DE SOUZA
17.	111017338298	28/09/1998	JANAÍNA SOUZA DA SILVA
18.	111158805194	29/07/1997	JANDIRA HORA DO CARMO
19.	113576048749	05/08/1997	JOÃO MARCOS FRANCISCO DOS ANJOS
20.	110177996527	03/09/1992	JOELMA DE SOUSA SANTOS
21.		28/02/1998	JOSIELE FERREIRA SOARES PIRES
22.	113349499804	25/12/1996	KLEBER DOS ANJOS RODRIGUES
23.	116787090187	17/07/1995	LEOMAR DE JESUS SANTOS
24.	111467948607	12/02/1999	LEONICE SILVA DO CARMO
25.	112819650731	14/09/1995	MARINETE SOFIA DA GUARDA
26.	113574285107	07/07/1998	PATRÍCIA LIBERTA DA COSTA
27.	113576051880	17/07/1994	ROMÁRIO OLIVEIRA DA HORA
28.	111234343443	18/04/1997	RONALDO FERREIRA DOS SANTOS
29.			ROSIMEIRE PEREIRA DE SOUZA
30.	114878429614	19/09/1998	TELMA DOS ANJOS DE ALMEIDA
31.	114727807016	17/06/1998	UILIAN SILVA DOS ANJOS
32.	114952211567	06/03/1999	VALDIRA HORA DO CARMO
33.	110932280837	19/09/1998	VANUZA OLIVEIRA DOS SANTOS

TURMA: 3ª SÉRIE TURNO: NOTURNO

Nº	ID	DATA DE NASC.	NOME DO ALUNO
1.	113574285298	17/05/1997	ADEILTA COSTA DA SILVA
2.	114008037488	31/08/1996	ADRIANA DE JESUS DAS VIRGENS
3.	110330542086	04/06/1996	ANDREIA APARECIDA SILVA DOS ANJOS
4.	113047648939	21/08/1997	CLEIDIANE DOS ANJOS DE JESUS
5.	114262346276	17/07/1998	EDILENE BARBOSA DO CARMO
6.	111160390877	17/09/1996	ELIENE DAS VIRGENS DE JESUS
7.	114348651182	26/07/1997	GILMAR JOSÉ DOS SANTOS
8.	111764394568	26/03/1996	GILSON FRANCISCO DOS ANJOS
9.	112142030008	10/03/1997	IVANILDO DOS SANTOS GOMES
10.	110716862750	04/05/1995	LEIDIEL SANTOS OLIVEIRA
11.	112217409971	12/10/1996	LUCIANO FRANCISCO DOS ANJOS
12.	110707741547	09/03/1997	MARIENE BATISTA DE SOUZA
13.	111996438076	15/02/1992	SILVANIA MARIA DOS ANJOS
14.	113807868789	23/05/1994	VANJO SILVA DOS ANJOS

